

Organização: Luciana Calado Deplagne
e Marie Helene Catherine Torres



edições
câmara



*Raízes feministas
em tradução*

FRANCÊS

Câmara dos Deputados

57ª Legislatura | 2023-2027

Presidente

Arthur Lira

1º Vice-Presidente

Marcos Pereira

2º Vice-Presidente

Sóstenes Cavalcante

1º Secretário

Luciano Bivar

2ª Secretária

Maria do Rosário

3º Secretário

Júlio Cesar

4º Secretário

Lucio Mosquini

Suplentes de secretários

1º Suplente

Gilberto Nascimento

2º Suplente

Pompeo de Mattos

3º Suplente

Beto Pereira

4º Suplente

André Ferreira

Secretário-Geral da Mesa

Luís Otávio Veríssimo Teixeira

Diretor-Geral

Celso de Barros Correia Neto

Secretaria da Mulher

Coordenadora-Geral da bancada feminina

Benedita da Silva

1ª Coordenadora Adjunta

Iza Arruda

2ª Coordenadora Adjunta

Laura Carneiro

3ª Coordenadora Adjunta

Sâmia Bomfim

Procuradora da Mulher

Soraya Santos

1ª Procuradora Adjunta

Maria Rosas

2ª Procuradora Adjunta

Any Ortiz

3ª Procuradora Adjunta

Delegada Ione Barbosa



Câmara dos
Deputados

Raízes feministas em tradução

FRANCÊS

Christine de Pizan · Olympe de Gouges
Marie Le Jars de Gournay · Germaine de Staël
Fanny Raoul · Flora Tristan
Julie-Victoire Daubié · André Léo
Maria Deraismes

Organização: Luciana Calado Deplagne e Marie Helene Catherine Torres

Tradução: Alice Maria de Araújo Ferreira, Amanda Bruno de Mello,
Ana Cristina Cardoso, Ana Rieger Schmidt, Arina Alba, Camila Macek,
Cláudia Grijó Vilarouca, Émilie Audigier, Germana Henriques Pereira,
Lavínia Teixeira Gomes, Luciana Calado Deplagne, Marta Pragana
Dantas, Maysa Moraes da Silva Vieira, Marie Helene Catherine Torres,
Ria Lemaire, Sabine Gorovitz, Sheila Maria dos Santos

Prefácio: Norma Telles



Câmara dos Deputados

Diretoria-Geral: Celso de Barros Correia Neto

Centro de Documentação e Informação: João Luiz Pereira Marciano

Coordenação Edições Câmara: Ana Lígia Mendes

Edição: Mariana Moura e Rachel de Vico

Preparação de originais: Tajla Bezerra

Revisão: Daniele Lessa

Projeto gráfico, capa e diagramação: Giselle Sousa

Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenação da coleção: Ana Maria Chiarini, Andréia Guerini e Karine Simoni

2024, 1ª edição.

Linha Legado, Coleção Raízes Feministas em Tradução.

Nota da edição: Alguns dos textos em francês foram reproduzidos conforme a grafia da época, ao passo que as traduções estão em conformidade com as normas gramaticais atuais do português brasileiro.

Coleção Raízes Feministas em Tradução
n. 2 e-book

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.
Gláucia Maria Marques Lopes – CRB1: 978

Raízes feministas em tradução [recurso eletrônico] : francês / Christine de Pizan ... [et al.] ; organização: Luciana Calado Deplagne e MarieHelene Catherine Torres ; tradução: Alice Maria de Araújo Ferreira ... [et. al.] ; prefácio: Norma Telles e Constância Lima Duarte – 1. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2024. – (Coleção raízes feministas em tradução ; n.2)

Versão e-book.

Modo de acesso: livraria.camara.leg.br.

Edição bilíngue.

Disponível, também, em formato impresso.

ISBN 978-85-402-0875-9

1. Mulher escritora, séc. XIII-XIX. 2. Feminismo, sec. XIII-XIX. I. Pizan, Christine de. II. Deplagne, Luciana Calado. III. Torres, Marie Helene Catherine. IV. Série.

CDU 396:82

ISBN 978-85-402-0874-2 (papel)

ISBN 978-85-402-0875-9 (e-book)

Direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem prévia autorização da Edições Câmara, exceto nos casos de breves citações, desde que indicada a fonte.

Venda exclusiva pela Edições Câmara.

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Palácio do Congresso Nacional – Anexo 2 – Térreo

Praça dos Três Poderes – Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5833

livraria.camara.leg.br

Sumário

Apresentação	15
<i>Benedita da Silva e Soraya Santos</i>	
Nota das organizadoras	21
<i>Luciana Calado Deplagne e Marie Helene Catherine Torres</i>	
Prefácio	47
<i>Norma Telles</i>	
Christine de Pizan (1365-c. 1430)	59
<i>Apresentação e tradução: Luciana Calado Deplagne e Ria Lemaire</i>	
Christine de Pizan e a querela das mulheres.....	61
Epístola ao Deus do Amor.....	77
Marie Le Jars de Gournay (1565-1645)	85
<i>Apresentação: Ana Cristina Cardoso e Luciana Calado Deplagne</i>	
<i>Tradução: Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso</i>	
Marie Le Jars de Gournay: a filósofa da igualdade.....	87
Igualdade dos homens e das mulheres.....	95
Olympe de Gouges, Marie Gouze (1748-1793)	109
<i>Apresentação e tradução: Maysa Morais da Silva Vieira e Luciana Calado Deplagne</i>	
Olympe de Gouges e os direitos da mulher e da cidadã.....	111
Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã.....	119
Modelo do Contrato Social do Homem e da Mulher.....	137
Reflexões sobre os homens negros.....	143

Germaine de Staël (1766-1817)	151
<i>Apresentação e tradução: Marie Helene Catherine Torres e Sheila Maria dos Santos</i>	
Germaine de Staël: uma mulher na instituição literária	153
Das mulheres que cultivam as Letras	163
Fanny Raoul (1771?-1833)	183
<i>Apresentação e tradução: Amanda Bruno de Mello e Camila Macek</i>	
Fanny Raoul: uma mulher de opinião	185
Opinião de uma mulher sobre as mulheres	199
Flora Tristan (1803-1844)	221
<i>Apresentação e tradução: Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas</i>	
Flora Tristan: uma trajetória em defesa da mulher e da classe operária	223
As mulheres inglesas	241
Julie-Victoire Daubié (1824-1874)	253
<i>Apresentação e tradução: Cláudia Grijó Vilarouca e Émilie Audigier</i>	
A mulher pobre no século XIX e a educação domiciliar	255
Ensino domiciliar	267
André Léo, Victoire Léodile Béra (1824-1900)	297
<i>Apresentação: Amanda Bruno de Mello</i>	
<i>Tradução: Sabine Gorovitz e Germana Henriques Pereira</i>	
André Léo - Victoire Léodile Béra (1824-1900): defender a república da liberdade e fundar a república da igualdade	299
A maternidade	309

Maria Deraismes (1828-1894)	327
<i>Apresentação: Amanda Bruno de Mello</i>	
<i>Tradução: Alice Maria de Araújo Ferreira e Germana Henriques Pereira</i>	
Maria Deraismes: uma grande oradora feminista	329
A mulher e os costumes	339
Tradutoras	355
Referências	369
Notas	389

Table des matières

Présentation	14
<i>Benedita da Silva et Soraya Santos</i>	
<i>Traduction : Luciana Calado Deplagne</i>	
Note des organisatrices	20
<i>Luciana Calado Deplagne et Marie Helene Catherine Torre</i>	
<i>Traduction : Marie Helene Catherine Torres</i>	
Préface	46
<i>Norma Telles</i>	
<i>Traduction : Marie Helene Catherine Torres</i>	
Christine de Pizan (1365-c. 1430)	59
Christine de Pizan et la querelle des femmes	60
<i>Luciana Calado Deplagne et Ria Lemaire</i>	
<i>Traduction : Ana Rieger Schmidt</i>	
Epître au Dieu d'Amour.....	76
Marie Le Jars de Gournay (1565-1645)	85
Marie Le Jars de Gournay : philosophe de l'égalité.....	86
<i>Ana Cristina Cardoso et Luciana Calado Deplagne</i>	
<i>Traduction : Arina Alba</i>	
Égalité des hommes et des femmes.....	94
Olympe de Gouges, Marie Gouze (1748-1793)	109
Olympe de Gouges et les droits de la femme et de la citoyenne	110
<i>Maysa Morais da Silva Vieira et Luciana Calado Deplagne</i>	

Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne	118
Forme du Contrat Social de l'Homme et de la Femme	136
Réflexions sur les hommes nègres	142
Germaine de Staël (1766-1817)	151
<i>Marie Helene Catherine Torres et Sheila Maria dos Santos</i>	
Germaine de Staël : une femme dans l'institution littéraire	152
Des femmes qui cultivent les Lettres	162
Fanny Raoul (1771?-1833)	183
Fanny Raoul : une femme de conviction	184
<i>Amanda Bruno de Mello et Camila Macek</i>	
Opinion d'une femme sur les femmes	198
Flora Tristan (1803-1844)	221
Flora Tristan : une trajectoire consacrée à la défense des femmes et de la classe ouvrière	222
<i>Lavínia Teixeira Gomes et Marta Pragana Dantas</i>	
<i>Traduction : Ana Cristina Cardoso</i>	
Les femmes anglaises	240
Julie-Victoire Daubié (1824-1874)	253
La femme pauvre au XIX ^e siècle et l'éducation à domicile	254
<i>Cláudia Grijó Vilarouca et Émilie Audigier</i>	
Professorat à domicile	266

André Léo, Victoire Léodile Béra (1824-1900)	297
André Léo – Victoire Léodile Béra (1824-1900) : défendre la république de la liberté et fonder la république de l'égalité	298
<i>Amanda Bruno de Mello</i>	
La maternité	308
Maria Deraismes (1828-1894)	327
Maria Deraismes : une grande oratrice féministe	328
<i>Amanda Bruno de Mello</i>	
La femme et les mœurs	338
Traductrices	354
Notes	381

Présentation

Apresentação

Présentation

C'est avec grand plaisir que nous présentons l'ouvrage bilingue *Racines féministes en traduction : français*, comprenant des textes de remarquables auteures françaises d'une période qui s'étend du Moyen Âge au XIXe siècle. Ce volume est le deuxième de la collection *Racines féministes en traduction* ayant été réalisé par les traductrices Luciana Calado Deplagne et Marie Hélène Catherine Torres.

Cette collection, qui fait partie de la ligne éditoriale "Héritage", a été conçue par un groupe de femmes dédiées à la récupération de la production intellectuelle féminine visant à défendre l'égalité des droits et des chances entre hommes et femmes bien avant de ce qui est considéré comme le jalon initial de la conscience féministe, à la fin du XIX^{ème} siècle.

Contrairement à ce que nous fait croire l'historiographie officielle, les femmes ont toujours écrit, et l'écriture a été l'un de leurs principaux outils pour dénoncer l'oppression subie au fil des siècles.

Malheureusement, une grande partie de cette production n'a jamais été éditée et imprimée, mais ce qui nous est parvenu révèle la force du discours des femmes qui ont osé remettre en question les structures sociales construites pour les maintenir dans une position subalterne dans la société.

Les neuf auteures françaises sélectionnées pour cette anthologie sont très représentatives de la pensée critique féminine et de la puissance des dénonciations portées par les femmes. Leurs biographies révèlent également que discours et pratique étaient indissociables pour chacune. Leurs actions politiques ne se limitent pas à l'écriture, mais s'expriment avec courage dans la rue, dans les assemblées et dans d'autres espaces publics.

Apresentação

É com enorme satisfação que apresentamos a obra bilíngue *Raízes feministas em tradução: francês*, com textos de notáveis autoras francesas de um período que abrange da Idade Média ao século XIX. O volume é o segundo da coleção *Raízes Feministas em Tradução* e foi organizado pelas tradutoras Luciana Calado Deplagne e Marie Helene Catherine Torres.

Tal coleção, que integra a Linha Legado, foi concebida por um grupo de mulheres dedicadas a resgatar a produção intelectual feminina voltada para a defesa da igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres muito antes do que é considerado o marco inicial da consciência feminista, no final do século XIX.

Ao contrário do que a historiografia oficial nos faz crer, as mulheres sempre escreveram, e a escrita foi uma de suas principais ferramentas para denunciar a opressão sofrida ao longo dos séculos.

Lamentavelmente, grande parte dessa produção nunca foi editada e impressa, mas o que chegou até nós revela a força do discurso de mulheres que ousaram questionar estruturas sociais construídas para mantê-las em um lugar subalterno na sociedade.

As nove autoras francesas selecionadas para esta antologia são muito representativas do pensamento crítico feminino e da contundência da denúncia feita por mulheres. A biografia delas revela ainda que, para todas, o discurso e a prática eram indissociáveis. Sua ação política não se limitava à escrita, mas era corajosamente manifestada nas ruas, assembleias e em outros espaços públicos.

De Christine de Pizan a Maria Deraismes, passando por Marie Le Jars de Gournay, Olympe de Gouges, Germaine de Staël, Fanny Raoul, Flora Tristan, Julie-Victoire Daubié e André Léo, todas se valeram da circulação

De Christine de Pizan à Maria Deraismes, en passant par Marie Le Jars de Gournay, Olympe de Gouges, Germaine de Staël, Fanny Raoul, Flora Tristan, Julie-Victoire Daubié et André Léo, toutes ont profité de la circulation de leurs idées pour défendre autant les droits des femmes que la nécessité d'autres luttes pour la justice sociale, associant la dimension de genre à celle de race, de classe et de spiritualité.

Les extraits de la production de ces auteures sont précédés d'une riche présentation de la vie et de l'œuvre de chacune d'elles réalisée par les traductrices des textes, professeures liées aux Programmes de Troisième Cycle de certaines des principales universités du Brésil.

Ce remarquable ouvrage dépasse donc de loin l'exercice de la traduction, car il permet de dévoiler la longue histoire de persécution et de résistance, de censure et de conquêtes qui a précédé le mouvement féministe contemporain.

Nous savons que l'oppression féminine s'étend sur des siècles et nous affecte encore aujourd'hui dans les espaces publics et privés. C'est à nous, femmes, d'avancer sur les traces indiquées par ces courageuses pionnières, et pour cela il est essentiel que nous connaissions toujours plus leur trajectoire et leur héritage.

Nous, représentantes du Caucus des femmes de la Chambre des députés, saluons donc avec enthousiasme la publication de ce volume, certaines qu'il deviendra un ouvrage de référence sur l'histoire du féminisme dans le monde.

Benedita da Silva

Coordonnatrice générale du Caucus des femmes de la Chambre des députés

Soraya Santos

Procureure de la Femme

Traduction en français : Luciana Calado Deplagne

de suas ideias para defender não apenas os direitos das mulheres como também a necessidade de outras lutas por justiça social, associando a dimensão do gênero à de raça, classe e espiritualidade.

Os excertos da produção dessas autoras são precedidos de uma rica apresentação da vida e da obra de cada uma delas feita pelas tradutoras dos textos, professoras vinculadas aos programas de pós-graduação de algumas das principais universidades do Brasil.

Este trabalho primoroso em muito supera, portanto, o esforço de tradução, pois permite a divulgação da longa história de perseguições e de resistência, de censura e de conquistas que antecedeu o movimento feminista contemporâneo.

Sabemos que a opressão feminina perpassa os séculos e nos atinge ainda hoje nos espaços públicos e privados. Cabe a nós, mulheres, avançar nos caminhos apontados por aquelas corajosas pioneiras, e para isso é fundamental conhecermos um pouco da sua trajetória e do seu legado.

Nós, representantes da bancada feminina da Câmara dos Deputados, louvamos, pois, com muito entusiasmo, a publicação deste volume, certas de que ele se tornará obra de referência sobre a história do feminismo no mundo.

Benedita da Silva
Coordenadora-geral da Bancada Feminina

Soraya Santos
Procuradora da Mulher

Note des organisatrices

Nota das organizadoras

Note des organisatrices

À l'occasion du centenaire de la « Semaine d'art moderne de 1922 », célébrée récemment au Brésil, divers articles, conférences et événements ont cherché à mettre en lumière l'héritage des femmes qui ont participé à ce mouvement esthético-culturel et, parallèlement, ont remis en question l'effacement de leurs noms par la critique hégémonique du XX^e siècle. L'invisibilité de la production féminine, comme nous le savons, ne s'est pas uniquement produite au Brésil, et n'est pas non plus l'exclusivité du « modernisme ». Malheureusement, il s'agit d'un phénomène séculaire qui affecte encore aujourd'hui les récits historiques à propos de moments d'effervescence culturelle, configurés comme des phénomènes de « modernité », ainsi que, généralement, tout discours hégémonique sur l'art, la science et la connaissance.

L'un des côtés de ce que l'on appelle conventionnellement la « Renaissance », la « Modernité » ou « les « Lumières », comme nous le savons aujourd'hui, a été occulté : le côté le plus sombre, celui des facettes décoloniales, comme le soulignent les études décoloniales (Mignolo, 2017). La colonialité du pouvoir, du savoir et de l'être qui soutient le discours de la modernité a gagné en visibilité dans les dénonciations des mouvements sociaux qui ont éclaté dans les années 1960 et 1970 : les mouvements noirs, les féminismes, les mouvements paysans, les mouvements LGBT¹ et d'autres minorités sociales non envisagées dans le projet moderne/capitaliste. Au fur et à mesure que les « autres couverts » par le voile colonial étaient dévoilés, les notions de primitif, de sauvage, d'arriéré s'effondraient et la remise en cause de certaines « vérités absolues » émergeait dans la même proportion. La célèbre question « Did Women have a Renaissance ? », posée par l'historienne féministe Joan Kelly (1977), a eu un impact pertinent sur l'historiographie occidentale, contribuant à la réévaluation d'une histoire perçue comme linéaire et de la notion de progrès dans la périodisation traditionnelle, en

Nota das organizadoras

No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, comemorado recentemente no Brasil, diversos artigos, conferências e eventos buscaram pôr em cena o legado das mulheres que participaram desse movimento estético-cultural e, paralelamente, questionaram o apagamento de seus nomes pela crítica hegemônica do século XX. A invisibilidade da produção feminina, como se sabe, não aconteceu apenas no Brasil nem é exclusividade do “modernismo”. Infelizmente, trata-se de um fenômeno secular, que atinge até hoje as narrativas históricas acerca de momentos de efervescência cultural, configurados como fenômenos da “modernidade”, bem como, de modo geral, todo discurso hegemônico sobre arte, ciência e conhecimentos.

Um lado do que se convencionou chamar Renascimento, Modernidade, Iluminismo, sabemos hoje, foi ocultado: o lado mais sombrio, o de facetas coloniais, como nos apontam os estudos decoloniais (Mignolo, 2017). A colonialidade do poder, do saber e do ser que sustenta o discurso da modernidade ganhou mais visibilidade nas denúncias dos movimentos sociais que eclodiram nos anos 1960/1970: movimento negro, feminismos, movimentos camponeses, movimento LGBT¹ e de outras minorias sociais não contempladas no projeto moderno/capitalista. À medida que os “outros encobertos” pelo véu colonial vão se tornando conhecidos, as noções de primitivo, selvagem, de atraso se desfazem, e os questionamentos de algumas “verdades absolutas” surgem na mesma proporção. A célebre questão “*Did Women have a Renaissance?*”, posta pela historiadora feminista Joan Kelly (1977), teve um relevante impacto na historiografia ocidental, contribuindo para a reavaliação de uma história vista como linear e da noção de progresso na periodização tradicional, ao identificar um declínio da condição feminina na entrada da época moderna, comparada ao medievo. Se, na passagem

identifiant un déclin de la condition féminine à l'aube de l'ère moderne, par rapport à la période médiévale. Si, lors du passage des sociétés de collecte aux sociétés patriarcales, la rotation des dirigeants et la relation de complémentarité entre hommes et femmes deviennent des relations de hiérarchie et de pouvoir plus centralisées dans la figure masculine, une asymétrie de genre encore plus grande est observée à la fin du Moyen Âge, avec l'avènement des Universités et l'interdiction d'accès à l'éducation formelle pour les femmes. Cette interdiction touchait principalement l'un des domaines de connaissance les plus notoires parmi les femmes, celui de la médecine. Comme le souligne la féministe Rose Marie Muraro, dans la préface de l'édition brésilienne du *Marteau des sorcières* « depuis la plus lointaine antiquité, les femmes étaient les guérisseuses populaires, les sage-femmes, bref, elles avaient leur propre savoir, qui était transmis de génération en génération » (Muraro, 2014, p. 184), cependant, avec l'exigence d'un diplôme pour exercer la profession, elles ont commencé à agir clandestinement et leurs connaissances sont devenues de plus en plus non discréditées. Dans *La ronde des sorcières*, l'historienne Norma Telles (2021, p. 42) résume bien comment la marginalisation du savoir féminin s'est produite au début de l'ère moderne:

la dissolution des anciennes relations communautaires et l'altération du processus de travail, les conflits sociaux et politiques ont conduit à une modification du rôle et des représentations des femmes qui ont accompagné leur enfermement. Ces facteurs se sont combinés dans la persécution des sorcières. La presse a été un élément fondamental de la marginalisation des femmes, des traditions orales et de la propagation du diabolisme et des nouvelles idées sur la sorcellerie.

Même dans les périodes les plus sombres, les femmes ont toujours résisté et défié les institutions phallogocentriques, que ce soit par l'érudition, le mysticisme, le pouvoir de la parole ou même la lutte armée. L'histoire des femmes est une histoire de persécutions et de

das sociedades de coleta para sociedades patriarcais, o rodízio de lideranças e a relação de complementaridade entre homens e mulheres passam a ser relações de hierarquia e de poder mais centralizado na figura masculina, observa-se uma assimetria de gênero ainda maior no final da Idade Média, com o advento das universidades e a proibição do acesso das mulheres ao ensino formal. Essa proibição atingiu sobretudo um dos campos de saber de maior notoriedade entre as mulheres: o da medicina. Como aponta a feminista Rose Marie Muraro, no prefácio da edição brasileira de *O martelo das feiticeiras*, “desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração” (Muraro, 2014, p. 184), porém, com a exigência de um diploma para exercer a profissão, elas passam a atuar na clandestinidade, e seus conhecimentos vão sendo cada vez mais desautorizados. Em *Ronda das feiticeiras*, a historiadora Norma Telles (2021, p. 42) sintetiza bem como se deu a marginalização dos saberes femininos no início da Era Moderna:

a dissolução das antigas relações comunitárias e a alteração do processo de trabalho, os conflitos sociais e políticos conduziram a uma modificação do papel e das representações da mulher que acompanharam seu cerceamento. Fatores que se combinaram na perseguição das bruxas. A imprensa foi elemento fundamental na marginalização da mulher, das tradições orais e na difusão do diabolismo e das novas ideias sobre a bruxaria.

Mesmo nos períodos mais sombrios, as mulheres sempre resistiram e desafiaram instituições falocêntricas, seja pela erudição, pela mística, pelo poder da palavra ou mesmo pela luta armada. A história das mulheres é uma história de perseguições e de resistências, de censuras e de conquistas; portanto, de enfrentamento às restrições de liberdade,

résistances, de censures et de conquêtes, donc de confrontation avec les restrictions de liberté, le contrôle des corps, la privation d'éducation et les impositions normatives. L'un des principaux outils de lutte utilisés par les femmes a été l'écriture comme moyen de dénoncer les formes d'oppression au fil des siècles. Grâce à des travaux de recherche féministes dans divers domaines, nous avons appris qu'à toutes les époques, des femmes ont écrit, même si tous leurs écrits n'ont pas été édités, imprimés et portés à notre connaissance. On constate également que, dans le cas du territoire français, depuis le XII^e siècle, les manuscrits de femmes sont abondants, dans des genres variés et dans diverses langues régionales. Il convient de rappeler les modes poétiques cultivés par les *trobairitz* dans le sud de la France ; le recueil de « *lais* » et de fables introduit sur le territoire français par l'écrivaine Marie de France au XII^e siècle ; les lettres d'Héloïse à Abélard, celles d'Aliénor d'Aquitaine à sa conseillère Hildegarde von Bingen, au cours du même siècle ; les textes des femmes mystiques, d'une grande valeur parce qu'ils sont souvent les premiers écrits en langues régionales, comme *Le Miroir*, de Marguerite d'Oingt, écrit en franco-provençal, et le subversif *Miroir des âmes simples et anéanties qui ne subsistent que dans la volonté et le désir de l'amour*, de la béguine Marguerite Porète, écrit en picard, tous deux au XIII^e siècle.

Bien que reconnus en leur temps, ces écrits ont été effacés de l'historiographie de la littérature, de la philosophie, de la théologie, etc. Leurs auteures ont vécu à l'apogée de la Renaissance médiévale (XII^e siècle), d'autres dans la période de transition, l'automne du Moyen Âge en France, entre les XIII^e et XIV^e siècles. Bien que nous identifions diverses marques de transgression dans certains de ces écrits, les revendications propres à une conscience féministe, nous les trouverons plus spécifiquement dans les écrits de la dernière grande écrivaine du Moyen Âge en France, Christine de Pizan, au XV^e siècle.

ao controle dos corpos, à privação educativa e às imposições normativas. Uma das principais ferramentas de luta utilizadas pelas mulheres tem sido a escrita como meio de denunciar as formas de opressão ao longo dos séculos. Por meio do trabalho de investigação feminista em várias áreas, tomamos conhecimento de que em todas as épocas as mulheres escreveram, embora nem todos os seus escritos tenham sido editados, impressos e chegado a nosso conhecimento. Observamos também que, no caso do território francês, desde o século XII, são abundantes os manuscritos de autoria feminina, em diversos gêneros e em diversas línguas regionais. Vale lembrar as modalidades poéticas cultivadas pelas *trobairitz*, no sul da França; a coleção de lais e fábulas introduzidas no território francês pela escritora Marie de France, no século XII; as cartas de Heloísa a Abelardo, as de Aliénor d'Aquitaine para sua conselheira Hildegard von Bingen, no mesmo século; os textos de mulheres místicas, de grande valor por serem, muitas vezes, os primeiros registros em línguas regionais, como *O espelho*, de Marguerite d'Oingt, escrito em franco-provençal, e o subversivo *Espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*, da beguina Marguerite Porete, escrito em picardo, ambos no século XIII.

Embora reconhecidos em suas épocas, esses escritos foram apagados da historiografia da literatura, da filosofia, da teologia, etc. Suas autoras viveram no auge do Renascimento medieval (século XII), outras no período de transição; o outono da Idade Média na França, entre os séculos XIII e XIV. Apesar de identificarmos vários traços de transgressão em alguns desses escritos, vamos encontrar as reivindicações próprias a uma consciencialização feminista mais especificamente nos escritos da última grande escritora da Idade Média na França, no século XV: Christine de Pizan.

En effet, même en dépit de l'histoire hégémonique qui considère le mouvement des suffragettes comme le premier jalon de la prise de conscience féministe, il est un fait que depuis le Moyen Âge, les femmes sont autorisées à écrire et cherchent à s'émanciper intellectuellement pour dénoncer les abus de la société patriarcale et défendre l'égalité des droits en matière d'accès à l'éducation.

L'intention de la présente anthologie est de montrer les marques d'une conscience féministe dans les textes écrits par des femmes du Moyen Âge au XIX^e siècle. Dans le sillage de l'historienne Gerda Lerner (2019, p. 411), nous envisageons le contenu féministe de ces écrits en identifiant cinq éléments caractérisant la conscience du monde présente dans ces écrits, à savoir :

- 1) la prise de conscience par les femmes qu'elles appartiennent à un groupe subordonné et qu'en tant que membres de ce groupe, elles ont subi des injustices ;
- 2) la connaissance du fait que leur condition de subordination n'est pas naturelle, mais seulement déterminée par la société ;
- 3) le développement d'un sentiment de sororité ;
- 4) la définition autonome par les femmes de leurs objectifs et stratégies dans le but de changer leur condition ;
- 5) le développement d'une vision alternative de l'avenir.

En effet, les neuf textes en français sélectionnés pour composer cette anthologie sont assez représentatifs de la conscience qu'ont les auteures de la misogynie présente dans les discours philosophiques, scientifiques et religieux depuis l'Antiquité et de la cause de l'androcentrisme : l'exclusion des femmes de l'accès à l'éducation et le processus de création de ces discours. La condition d'infériorité et de subordination des femmes ne serait donc pas quelque chose de naturel, mais une construction sociale. L'écrivaine Christine de Pizan (2012, p. 126) annonçait déjà au début du XV^e siècle, dans l'ouvrage *La Cité des Dames* : « Si l'on avait l'habitude d'envoyer les filles à l'école et de leur enseigner les sciences, comme les

De fato, mesmo a despeito da história hegemônica, que considera o movimento das sufragistas o marco inicial da consciência feminista, é fato que desde a Idade Média mulheres se autorizaram a escrever e buscaram sua emancipação intelectual, a fim de denunciar os abusos da sociedade patriarcal e defender igualdade de direitos quanto ao acesso à educação.

A intenção da presente antologia é mostrar marcas de uma consciência feminista em textos escritos por mulheres da Idade Média ao século XIX. Na esteira da historiadora Gerda Lerner (2019, p. 411, tradução nossa), consideramos o teor feminista desses escritos pela identificação de cinco elementos caracterizadores da consciência de mundo presentes nesses escritos, a saber:

- 1) a percepção das mulheres de que pertencem a um grupo subordinado e que, como membro desse grupo, têm sofrido injustiças;
- 2) o conhecimento de que sua condição de subordinação não está determinada naturalmente, apenas socialmente;
- 3) o desenvolvimento do sentido de sororidade;
- 4) as definições autônomas das mulheres de seus objetivos e estratégias, tendo como fim a mudança de sua condição e
- 5) o desenvolvimento de uma visão alternativa do futuro.

De fato, os nove textos em francês selecionados para compor esta antologia são bastante representativos de uma tomada de consciência das autoras sobre a misoginia presente nos discursos filosóficos, científicos e religiosos, desde a Antiguidade, e sobre a causa do androcentrismo: a exclusão das mulheres ao acesso à educação e ao processo de criação desses discursos. A condição de inferioridade e subordinação das mulheres, portanto, não seria algo natural, mas uma construção social. A escritora Christine de Pizan (2012, p. 126) já anunciava, no início do século XV, na obra *A cidade das damas*: “Se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensiná-las as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles”. Esse argumento,

garçons, elles apprendraient et comprendraient les subtilités de tous les arts et de toutes les sciences aussi parfaitement qu'eux ». Cet argument, contraire à la supposée infériorité intellectuelle des femmes, sera présent dans plusieurs œuvres d'auteures des siècles suivants. Pizan inaugure ainsi un débat pionnier sur la position des femmes dans la société, connu sous le nom de « querelle des femmes », qui sera suivi pendant quatre siècles en France et dans différentes régions d'Europe. Une caractéristique importante de ce débat est la réinterprétation biblique, la sélection d'exemples de femmes qui se distinguent dans l'histoire par leur intelligence, leur force et leurs vertus, afin d'argumenter contre les affirmations misogynes qui prévalent dans le discours canonique.

Le premier texte de cette anthologie correspond à 72 vers de l'œuvre fondatrice de la querelle des femmes, l'*Épître au Dieu d'amour*, écrite en 1399 par Christine de Pizan. Il s'agit d'une épître de 826 vers décasyllabiques dans laquelle l'auteure dénonce la mauvaise foi des poètes, des philosophes et des personnages masculins de la mythologie et de la Bible qui ont profité de leur notoriété pour calomnier les femmes et les tromper. Les positions défendues par l'auteure sur les œuvres d'auteurs canoniques ont provoqué un vif débat parmi les grands noms de l'humanisme français, certains comme partisans de l'auteure, d'autres comme opposants. Il est surprenant d'observer l'avant-gardisme et l'audace de Pizan pour défier les autorités intellectuelles non seulement du passé, mais aussi de son époque. Les versets mentionnés de ce document important pour l'histoire de la conscience féministe ont été traduits par Ria Lemaire et Luciana Calado Deplagne ; Ana Rieger Schmidt a signé la traduction française de la présentation de l'auteure.

Marie Le Jars de Gournay, deuxième auteure sélectionnée pour l'anthologie, est une autre auteure d'une érudition reconnue qui a vécu de l'écriture, a préféré le célibat au mariage et, dans ses écrits, a pris position pour l'égalité entre les sexes. Gournay était une femme cultivée qui a vécu

contrário à suposta inferioridade intelectual das mulheres, estará presente em várias obras de autoria feminina nos séculos posteriores. Pizan inaugura, assim, um debate pioneiro sobre a posição das mulheres na sociedade, conhecido por “querela das mulheres”, que será seguido por quatro séculos na França e em diferentes regiões da Europa. Traço importante desse debate é a reinterpretação bíblica, a seleção de exemplos de mulheres destacadas na história por sua inteligência, força e virtudes, a fim de argumentar contra as afirmações misóginas vigentes no discurso canônico.

O primeiro texto desta antologia corresponde a 72 versos da obra fundadora da querela das mulheres, a *Epístola ao Deus do Amor*, escrita por Christine de Pizan em 1399. Trata-se de uma epístola de 826 versos decassílabos na qual a autora denuncia a má-fé de poetas, filósofos e personagens masculinos da mitologia e da Bíblia que se aproveitaram de sua notoriedade para caluniar as mulheres e enganá-las. As posições defendidas pela autora sobre obras de autores canônicos causaram um contundente debate entre grandes nomes do humanismo francês, alguns como defensores da autora, outros como adversários. É surpreendente observar o vanguardismo e a audácia de Pizan ao desafiar autoridades intelectuais não só do passado, mas também de sua época. Os versos mencionados desse importante documento para a história da consciência feminista foram traduzidos por Ria Lemaire e Luciana Calado Deplagne; Ana Rieger Schmidt assina a tradução para o francês da apresentação da autora.

Marie Le Jars de Gournay, a segunda selecionada para a antologia, é outra autora de reconhecida erudição que teve a escrita como meio de sustento, preferiu o celibato ao matrimônio e se posicionou, em seus escritos, em favor da igualdade entre os sexos. Gournay foi uma mulher culta que viveu entre os séculos XVI e XVII, autodidata em latim e grego e grande admiradora do filósofo Michel de Montaigne. Considerada

entre le XVI^e et le XVII^e siècle, autodidacte en latin et en grec et grande admiratrice du philosophe Michel de Montaigne. Considérée comme la fille adoptive de l'auteur, elle est devenue l'éditrice de ses *Essais*, publiés en huit éditions. Outre son travail d'éditrice et de traductrice d'œuvres classiques telles que *l'Énéide*, Gournay était une écrivaine prolifique, auteure de plusieurs essais, poèmes et correspondances avec des personnalités célèbres de son époque, telles qu'Ana Maria van Shurman. Le traité *Égalité des hommes et des femmes*, publié en 1622, quatre siècles plus tard, gagne une nouvelle traduction en portugais par Marta Pragana Dantas et Ana Cristina Cardoso. Dans ce traité, De Gournay accuse vigoureusement l'arrogance des auteurs misogynes et met en avant le protagonisme de femmes savantes et guerrières, comme Jeanne d'Arc, Marie-Madeleine, les sibylles... contrairement à de nombreuses œuvres de la querelle des femmes, son traité ne défend pas la supériorité des femmes, mais l'égalité inconditionnelle des deux sexes. Arina Alba a signé la traduction française de la présentation de l'auteure.

Au XVIII^e siècle, les débats sur l'égalité de traitement et des chances entre les sexes se sont intensifiés, à la fois pour suivre les idéaux de liberté, d'égalité et d'humanisme du siècle des Lumières, mais aussi pour réagir contre les discours des philosophes des Lumières concernant les droits et la fonction sociale des femmes. Comme le souligne Antonia Criscenti (2021, p. 6), l'émergence de l'espace public, fondé sur le principe universaliste d'égalité par les idéaux des Lumières et de la Révolution, ne permet pas son accès aux femmes, ni « [La pensée des Lumières et de la Révolution] ne leur reconnaît pas la possibilité de bénéficier de droits, de sorte que la moitié du genre humain se trouve exclue de l'horizon égalitaire, tandis que le nouvel ordre politique reste une prérogative uniquement masculine ». Il suffit de se rappeler de l'œuvre *Émile ou de l'Éducation*, écrite par l'un des plus importants philosophes des Lumières, Rousseau, sur le rôle subalterne des femmes et leur destination exclusive au foyer, à la maternité ; l'idéal féminin défendu au siècle

filha adotiva do autor, tornou-se a editora de seus *Ensaïos*, publicados em oito edições. Além do trabalho de editora e de tradutora de obras clássicas, como a *Eneida*, Gournay foi uma prolífica escritora, autora de diversos ensaios, poemas e correspondências com personalidades célebres do seu tempo, como Anna Maria van Schurman. O tratado *Igualdade dos homens e das mulheres*, publicado em 1622, quatro séculos depois, ganha uma nova tradução para o português, por Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso. Nesse tratado, Gournay acusa energicamente a arrogância dos autores misóginos e evidencia o protagonismo de mulheres sábias e guerreiras, como Joana D’Arc, Maria Madalena, as sibilas... ao contrário de muitas obras da querela das mulheres, seu tratado não defende a superioridade das mulheres, mas a igualdade incondicional dos dois sexos. Arina Alba é quem traduziu para o francês da apresentação da autora.

No século XVIII, os debates sobre igualdade de tratamento e de oportunidades entre os sexos se intensificaram, por seguirem os ideais iluministas de liberdade, igualdade e humanismo, e, ao mesmo tempo, por reagirem contra os discursos de filósofos iluministas em relação aos direitos e função social das mulheres. Como bem avalia Antonia Criscenti (2021, p. 6), a ideia de espaço público surgiu com base no princípio universalista de igualdade pelos ideais das Luzes e da Revolução, mas isso não possibilitou o acesso de mulheres, nem “reconhecer-lhes a possibilidade de se beneficiarem de direitos, de maneira que a metade do gênero humano encontra-se excluída do horizonte igualitário, enquanto que a nova ordem política permanece uma prerrogativa unicamente masculina”. Basta lembrarmos a obra *Emílio ou da educação*, escrita por um dos mais importantes filósofos iluministas, Rousseau, sobre o papel subalterno das mulheres e sua destinação exclusiva para o lar, a maternidade; o ideal feminino defendido no século das Luzes. Muitas foram as filósofas iluministas que se revelaram contrárias a

des Lumières. Nombreux sont les philosophes des Lumières qui se sont opposés à cette position : Mary Wollstonecraft, Mme du Châtelet, Sophie Condorcet, Olympe de Gouges, etc. Bien qu'elles n'aient pas obtenu la place qui leur revenait parmi « les penseurs » – les seuls à figurer sur les rayons des bibliothèques, à être étudiés dans les cours universitaires jusqu'à aujourd'hui – les femmes des Lumières ont joué un rôle majeur tant dans la diffusion de la pensée des Lumières, dans les différents salons qu'elles dirigeaient, que dans la promotion de nouvelles idées en faveur d'un modèle de société plus humaniste. Comme le souligne Béatrice Didier (1988, p. 49), « de Mme Dacier à Mme de Staël, la présence des femmes dans la pensée du XVIII^e siècle est fondamentale. Sans ces femmes, les Lumières n'auraient pas été ce qu'elles sont ».

Parmi les penseuses de cette période, nous avons choisi, pour composer cette anthologie, deux importantes philosophes et femmes de Lettres françaises : Olympe de Gouges et Germaine de Staël. La première est une écrivaine militante et l'une des voix les plus importantes de la Révolution française dans la lutte pour les droits des femmes. La trajectoire de De Gouges est inscrite dans plusieurs combats. Outre la défense des femmes, l'écrivaine s'est également battue pour le divorce et pour la défense d'autres minorités laissées-pour-compte, comme les hommes et les femmes réduits en esclavage dans les colonies, les veuves, les mères abandonnées, les enfants sans reconnaissance paternelle, etc. En 1791, deux ans après la Révolution française, elle a présenté la *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne* à l'Assemblée Nationale française, en réponse à la *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen*, dans laquelle les femmes furent exclues des droits selon le faux universalisme du terme « homme ». En 1793, l'écrivaine militante fut guillotinée. La déclaration, traduite et présentée par Maysa Morais da Silva Vieira est accompagnée du « Modèle de contrat social entre l'homme et la femme », proposé par l'auteure.

tal posicionamento: Mary Wollstonecraft, Émilie du Châtelet, Sophie de Condorcet, Olympe de Gouges, etc. Apesar de não terem obtido seu lugar devido entre “os pensadores”, os únicos a constarem nas prateleiras das bibliotecas, a serem estudados nos cursos universitários até hoje, as mulheres iluministas tiveram um papel de relevo tanto na difusão do pensamento iluminista, nos diversos salões por elas administrados, quanto no fomento de novas ideias em favor de um modelo societal mais humanista. Como ressalta Béatrice Didier (1988, p. 49, tradução nossa): “De Mme Dacier a Mme de Staël, a presença das mulheres no pensamento do século XVIII é fundamental. Sem as mulheres, as Luzes não seriam o que são”.

Entre as pensadoras desse período, selecionamos, para compor esta antologia, duas importantes filósofas e literatas francesas: Olympe de Gouges e Germaine de Staël. A primeira é uma escritora ativista e uma das vozes da Revolução Francesa mais relevantes na luta pelos direitos das mulheres. A trajetória de Olympe de Gouges se inscreve em vários combates. Além da defesa das mulheres, a escritora também lutou em favor do divórcio e em defesa de outras minorias injustiçadas, como os escravizados e as escravizadas nas colônias, as viúvas, as mães abandonadas, as crianças sem reconhecimento paterno, etc. Em 1791, dois anos depois da Revolução Francesa, ela apresentou à Assembleia Nacional da França, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, como resposta à *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, segundo a qual a mulher estaria excluída de direitos pelo falso universalismo do termo “homem”. Em 1793, a militante escritora foi guilhotinada. A declaração, traduzida e apresentada por Maysa Morais da Silva Vieira, vem acompanhada do “Modelo do contrato social do homem e da mulher”, proposto pela autora.

La seconde est Germaine de Staël, à la fois historienne, politologue, philosophe, ambassadrice et écrivain de renom. Elle a écrit des romans, des pièces de théâtre, des analyses historiques et des essais philosophiques. En tant que voyageuse, elle prend des notes et écrit sur les coutumes des différents pays qu'elle visite : Angleterre, Suisse, Italie et Allemagne. Influencée par le siècle des Lumières, elle reprend plusieurs points dans ses différents écrits : l'idée du bonheur par le progrès, l'importance de la Raison, le cosmopolitisme et la tolérance religieuse, entre autres. Les traductrices Marie Helene Catherine Torres et Sheila Maria dos Santos présentent ici un chapitre de l'ouvrage *De la littérature*, inédit en portugais, où Germaine de Staël jette les bases de la critique comparative en analysant la formation des canons littéraires et des cultures modernes. Dans le chapitre « Des femmes qui cultivent les Lettres », Germaine de Staël aborde des sujets généralement réservés aux hommes et discourt sur le positionnement des femmes dans le monde littéraire. Elle montre que les femmes ne peuvent se sauver de la servitude des hommes que par l'instruction, par l'éducation.

Opinion d'une femme sur les femmes, de 1801, écrit par Fanny Raoul et traduit par Amanda Bruno de Mello et Camila Macek, est un autre texte d'avant-garde, car il traite des droits civils des femmes et du poids de l'opinion et des préjugés. Publié au début de l'ère napoléonienne, période de nombreuses régressions pour les groupes défavorisés de la société, où l'esclavage est rétabli dans les colonies, où les clubs et associations de femmes furent interdits, ainsi que les organisations ouvrières, le texte de la journaliste militante brosse le portrait dévastateur de la condition féminine de l'époque, opprimée et asservie par le sexe masculin. Bien qu'il fût toujours risqué pour une femme de la fin du XVIII^e siècle et du début du XIX^e siècle d'exprimer publiquement son opinion, Raoul défendait, par exemple, qu'il fallait prouver par des tests éducatifs concrets si les faiblesses des femmes étaient liées

O texto seguinte é da autoria de Germaine de Staël, ao mesmo tempo historiadora, politóloga, filósofa, embaixadora e escritora renomada. Ela escreveu romances, peças de teatro, análises históricas e ensaios filosóficos. Como viajante, tomou notas e escreveu sobre os costumes dos vários países que visitou: Inglaterra, Suíça, Itália e Alemanha. Influenciada pelo Iluminismo, retomou vários pontos da escola de pensamento em seus diversos escritos: a ideia de felicidade através do progresso, a importância da razão, do cosmopolitismo e da tolerância religiosa, entre outros. As tradutoras Marie Helene Catherine Torres e Sheila Maria dos Santos apresentam aqui um capítulo da obra *Da literatura*, inédita em português, em que Germaine de Staël lança as bases da crítica comparativa ao analisar a formação dos cânones literários e das culturas modernas. No capítulo “Das mulheres que cultivam as Letras”, Germaine de Staël aborda assuntos geralmente reservados aos homens e discursa sobre o posicionamento das mulheres no mundo literário. Ela mostra que as mulheres só podem se salvar da servidão aos homens pela instrução, pela educação.

Opinião de uma mulher sobre as mulheres, escrito em 1801 por Fanny Raoul e traduzido por Amanda Bruno de Mello e Camila Macek, é mais um texto de vanguarda, pois discute os direitos civis das mulheres e o peso da opinião e dos preconceitos. Publicado no início da Era Napoleônica, período de muitos retrocessos para grupos desfavorecidos da sociedade, em que a escravidão nas colônias foi restabelecida, os clubes e as associações de mulheres foram proibidos, bem como as organizações de trabalhadores, o texto da jornalista militante traz o retrato devastador da condição feminina da época, oprimida e escravizada pelo sexo masculino. Apesar de sempre ser um risco para uma mulher do fim do século XVIII e início do século XIX manifestar publicamente sua opinião, Raoul defendia, por exemplo, que se comprovasse com teste concreto de educação se as fraquezas das mulheres eram ou não ligadas

ou non à leur nature ou à leur éducation. Elle a également protesté contre la fonction reproductive des femmes qui mouraient beaucoup à cause de complications lors de l'accouchement et a dénoncé les violences faites aux femmes, principalement par leurs maris. Une chose intéressante dans les discours féministes de l'époque, comme on peut l'observer dans ce texte de Fanny Raoul, est la recherche de la mise en relation et de la comparaison de la condition féminine en Europe avec celles d'autres régions plus éloignées, révélant et dénonçant les différentes formes de violence et d'oppression infligées aux femmes dans le monde entier.

Cette perspective internationaliste est également présente dans les écrits de Flora Tristan, une auteure qui s'est consacrée à la dénonciation des injustices imposées aux femmes dans diverses parties du monde, sur la base de ses propres expériences de voyage, à Londres, au Pérou et dans toute la France. Les comptes rendus de ses pèlerinages sont devenus des livres importants tant du point de vue des éléments culturels rapportés par l'écrivain que pour les réflexions critiques sur les injustices sociales du système capitaliste à l'encontre des travailleurs et travailleuses. L'auteure a pu comprendre, grâce à sa méthode de recherche/action, que la lutte pour l'émancipation des femmes devait être conjointe à la lutte pour l'émancipation du prolétariat. Parmi ses nombreux travaux, nous avons sélectionné un extrait du livre *Promenades dans Londres*, traduit et présenté par Marta Pragana Dantas et Lavínia Teixeira Gomes, dans lequel l'auteure décrit les conditions déplorables des travailleurs pauvres, défend le droit des femmes à l'éducation, au divorce, à l'égalité des droits entre hommes et femmes et rend hommage à la féministe Mary Wollstonecraft pour sa conscience féministe. Pour cette précurseuse du socialisme, l'union de la classe ouvrière – hommes et femmes – et son auto-émancipation seraient le principal instrument de lutte contre la société capitaliste. Cependant, en parlant du prolétariat, Flora Tristan rend évident qu'une réflexion sur le genre

à sua natureza ou à educação. Ainda, a autora se insurge contra a função reprodutora das mulheres, que morriam muito por complicações no parto, e denuncia as violências contra as mulheres, principalmente advindas dos seus maridos. Algo bastante interessante nos discursos feministas da época, como se observa neste texto de Fanny Raoul, é a busca por relacionar e comparar a condição feminina da Europa com a de outras regiões distantes, revelando e denunciando as diversas formas de violência e de opressão infligidas às mulheres em todo o mundo.

Essa perspectiva internacionalista também se apresenta nos escritos de Flora Tristan, autora que se dedicou a denunciar as injustiças impostas às mulheres em várias partes do mundo, a partir de suas próprias experiências de viagem para Londres, Peru e ao redor da França. Os registros de suas peregrinações tornaram-se livros importantes tanto do ponto de vista dos elementos culturais relatados pela escritora quanto pelas reflexões críticas sobre injustiças sociais do sistema capitalista contra os operários e operárias. A autora pôde compreender, através de seu método de pesquisa/ação, que a luta pela emancipação das mulheres deveria ser conjunta com a luta pela emancipação do proletariado. Da sua extensa obra, selecionamos um trecho do livro *Um passeio por Londres*, traduzido e apresentado por Marta Pragana Dantas e Lavínia Teixeira Gomes, no qual a autora descreveu as deploráveis condições dos trabalhadores pobres, defendeu o direito das mulheres à educação e ao divórcio, bem como a igualdade de direitos entre homens e mulheres, e homenageou a feminista Mary Wollstonecraft pela sua consciência feminista. Para essa precursora do socialismo, a união da classe operária – homens e mulheres – e sua autoemancipação seria o principal instrumento de luta contra a sociedade capitalista. No entanto, ao falar de proletariado, Flora Tristan deixa evidente que é preciso fazer uma reflexão de gênero, por ser consciente de que, para a maioria da população, ao se falar em igualdade dos proletários, não necessariamente as mulheres estariam incluídas. Eis por que, na sua obra/manifesto *União*

est nécessaire, car elle est consciente que pour la majorité de la population, en parlant de l'égalité des prolétaires, les femmes ne seraient pas nécessairement incluses. C'est pourquoi dans son œuvre/manifeste, *l'Union ouvrière*, l'auteure consacre un chapitre, intitulé « Pourquoi je mentionne les femmes » (Tristan, 2015), à expliquer la double condition de paria des femmes. La catégorie de classe sociale est très présente dans les discours des préceuses socialistes, anarchistes et féministes de la seconde moitié du XIX^e siècle, comme en témoignent les trois derniers textes qui composent cette anthologie. Ana Cristina Cardoso a signé la traduction française de la présentation de l'auteure.

Le chapitre « Femme pauvre au XIX^e siècle », traduit par Cláudia Grijó Vilarouca et Émilie Audigier, est de Julie-Victoire Daubié, première femme à obtenir le baccalauréat en France. À l'âge de trente-sept ans, elle a ainsi réalisé son propre désir d'égalité entre les hommes et les femmes par l'éducation et le travail. Dans ce livre, elle exprime de manière innovante sa plus grande préoccupation : le statut économique, moral et politique des femmes. Et dans le présent chapitre, elle aborde l'enseignement à domicile, en soulignant l'inégalité et la discrimination dont souffrent les femmes. L'auteure française fait une critique cinglante de la société de son temps et défend un système où règneraient la justice et l'indispensable et mutuel devoir de solidarité entre les sexes et entre le capital et le travail.

Victoire Léodile Béra est une autre écrivaine du XIX^e siècle qui s'est fait remarquer à l'époque par la qualité littéraire de ses différents romans, ainsi que par ses idées libertaires en faveur de l'émancipation des femmes, exprimées aussi bien dans des pamphlets, des essais, des articles de journaux. Encore jeune, après la mort de son mari, elle se consacre à l'écriture pour subvenir aux besoins de ses deux enfants, et décide d'adopter le pseudonyme d'André Léo. En partenariat avec d'importantes militantes féministes, socialistes et anarchistes, telles que Louise Michel, Paule Minck, Noémie Reclus, Maria Deraismes, elle

operária, a autora dedica o capítulo intitulado “Por que eu menciono as mulheres?” (Tristan, 2015) a explicar a dupla condição de párias das mulheres. A categoria de classe social está bem presente nos discursos das precursoras socialistas, anarquistas e feministas durante a segunda metade do século XIX, como atestam os três últimos textos que compõem esta antologia. Ana Cristina Cardoso assina a tradução para o francês da apresentação sobre a autora.

O capítulo da obra *A mulher pobre no século XIX*, traduzido por Cláudia Grijó Vilarouca e Émilie Audigier, é de Julie-Victoire Daubié, a primeira mulher a obter um título de bacharel na França. Aos 37 anos de idade, ela cumpriu, assim, seu próprio desejo de igualdade entre homens e mulheres na educação e no trabalho. Nesse livro, ela expressa, de forma inovadora, sua maior preocupação: a condição econômica, moral e política das mulheres. E, no capítulo citado, aborda o ensino domiciliar, apontando a desigualdade e a discriminação sofridas pelas mulheres. A autora francesa faz uma crítica mordaz à sociedade do seu tempo e defende um sistema em que a justiça e o dever imprescindível e mútuo de solidariedade entre os sexos e entre capital e trabalho prevaleceriam.

Victoire Léodile Béra é outra escritora oitocentista cujos escritos se destacaram na época pela qualidade literária de seus vários romances, bem como pelas ideias libertárias em favor da emancipação feminina, expressas igualmente em panfletos, ensaios e artigos de jornal. Ainda jovem, após a morte do marido, dedicou-se à escrita para sustentar seus dois filhos e decidiu adotar o pseudônimo André Léo. Em parceria com importantes militantes feministas, socialistas e anarquistas, como Louise Michel, Paule Minck, Noémie Reclus e Maria Deraismes, criou associações pelos direitos das mulheres, como a Associação para a Melhoria da Educação Feminina e a Sociedade de Defesa dos Direitos da Mulher, filiou-se à Associação Internacional dos Trabalhadores, a

créé des associations pour les droits des femmes, telles que l'Association pour l'amélioration de l'enseignement des femmes et la Société de revendication des droits de la femme, devient membre de l'Association Internationale des travailleurs, la Première Internationale, et, avec d'autres révolutionnaires, fonde des journaux d'opposition à l'Empire et joue un rôle important de résistance dans le mouvement de la Commune.² Comparé en son temps à l'écrivain Georges Sand, André Léo a laissé un héritage littéraire d'une grande pertinence quantitative et qualitative. Nous avons sélectionné pour la présente anthologie, le chapitre intitulé « La maternité » de l'ouvrage *La Femme et les mœurs : liberté ou monarchie*, publié en 1869, dans la revue *Le Droit des femmes*. Germana Henriques Pereira et Sabine Gorovitz signent la traduction du texte d'André Léo et Amanda Bruno de Mello, la présentation de l'auteur.

Nous terminons l'anthologie avec le texte de l'une des principales théoriciennes du féminisme de la seconde moitié du XIX^e siècle, Maria Deraismes. L'auteur était une brillante oratrice, éducatrice, journaliste, philosophe et militante des droits de la femme. En tant que militante féministe, elle fut la fondatrice et la présidente de la Société pour l'amélioration du Sort de la Femme et la Revendication de ses Droits et l'une des promotrices du premier Congrès Féministe International en 1878 à Paris. Les idées de Deraismes furent publiées dans des journaux progressistes comme le *Républicain de Seine-et-Oise*, qu'elle dirigeait, ou *Le Droit des femmes*, dirigé par la féministe André Léo, renforçant les principales revendications exprimées par Olympe de Gouges un siècle plus tôt : le droit des femmes au divorce, à la gestion de leurs biens, le droit à une éducation de qualité, le droit à de meilleurs salaires et plaida contre la prostitution. Dans le chapitre intitulé « Femmes et coutumes » traduit par Alice Maria de Araújo Ferreira et Germana Henriques Pereira et présenté par Amanda Bruno de Mello, nous pouvons lire une intéressante réflexion comparative entre deux formes distinctes de domination masculine en Orient et en Occident.

Primeira Internacional, e, com outros revolucionários, fundou jornais de oposição ao Império e teve um importante papel de resistência no movimento da Comuna.² Comparada, em sua época, à escritora Georges Sand, André Léo deixou um legado literário de grande relevância quantitativa e qualitativa. Seleccionamos, para a presente antologia, o capítulo intitulado “A maternidade”, da obra *A mulher e a moral: liberdade ou monarquia*, publicada em 1869, em seu jornal *O Direito das Mulheres*. Germana Henriques Pereira e Sabine Gorovitz assinam a tradução do texto de André Léo, e Amanda Bruno de Mello, a apresentação da autora.

Finalizamos a antologia com o texto de uma das principais teóricas do feminismo da segunda metade do século XIX, Maria Deraismes. A autora foi uma brilhante oradora, educadora, jornalista, filósofa e ativista pelos direitos das mulheres. Como militante feminista, foi fundadora e presidente da Sociedade para a Melhoria da Sorte das Mulheres e a Reivindicação de seus Direitos e uma das promotoras do primeiro Congresso Feminista Internacional, em 1878, em Paris. As ideias de Deraismes foram publicadas em jornais progressistas, como o *Republicano de Seine-et-Oise*, por ela dirigido, ou *O Direito das Mulheres*, dirigido pela feminista André Léo, como já citado, e reforçaram as principais reivindicações expressas por Olympe de Gouges, um século antes: o direito da mulher ao divórcio, à gestão de seus bens, a uma educação de qualidade e a melhores salários. Deraismes argumentou, ainda, contra a prostituição. No capítulo intitulado “A mulher e os costumes”, aqui traduzido por Alice Maria de Araújo Ferreira e Germana Henriques Pereira e apresentado por Amanda Bruno de Mello, podemos ler uma interessante reflexão comparativa entre duas formas distintas de dominação masculina no Oriente e no Ocidente.

L'ensemble des textes réunis ici doit être compris comme un échantillon de la pensée critique qui a favorisé divers écrits de femmes au cours des siècles, démontrant la présence d'une conscience féministe dans la période antérieure au XX^e siècle. En apprenant un peu de la trajectoire de vie des auteures, nous observons une articulation étroite entre le discours et la pratique. Les discours sont fondés sur leurs expériences, sur leur vie, ils dénoncent la violence, dont certaines en ont elles-mêmes fait l'expérience, ils énoncent des alliances et des stratégies de coopération féminine, ainsi que des revendications de droits qui se manifestent aussi bien dans la rue que dans les clubs, les salles, les assemblées et autres espaces publics. Des mots et de l'action, des mots en action !

Les textes traduits ici nous apprennent que les luttes féministes se sont articulées avec d'autres luttes pour la justice sociale, impliquant le genre et les dimensions de race, de classe et de spiritualité, et qu'au fil des siècles, les penseurs ont cherché à faire circuler leurs idées de manière à impulser un mouvement de politique transculturelle, tel que le féminisme se constitue aujourd'hui. Par conséquent, connaître l'activisme et les efforts des pionnières qui nous ont précédés dans les luttes féministes nous aide à penser à une histoire du féminisme plus inclusive et plurielle. Nous considérons donc que le travail de traduction entrepris ici, bien plus que la transposition d'un sens linguistique d'une langue à une autre, est une action politique. La traduction est d'ailleurs devenue une alliée privilégiée des mouvements féministes, dans la mesure où, comme l'affirme la chercheuse Cláudia Costa Lima (2013, p. 580), elle est « indispensable pour forger des alliances politiques et des épistémologies féministes en faveur de la justice sociale, antiracistes, postcoloniales et anti-impérialistes ».

Luciana Calado Deplagne
Marie Helene Catherine Torres
Traduction en français : Marie Helene Catherine Torres

O conjunto dos textos aqui reunidos deve ser compreendido como uma amostra de um pensamento crítico que fomentou vários escritos de mulheres ao longo dos séculos, demonstrando a presença de uma consciência feminista no período anterior ao século XX. Ao conhecer um pouco da trajetória de vida das autoras, observamos uma estreita articulação entre discurso e prática. Os discursos partem de suas experiências e vivências, denunciando violências, algumas por elas próprias experimentadas, e anunciam alianças e estratégias de cooperação femininas, bem como reivindicações de direitos que são manifestadas igualmente nas ruas, nos clubes, salões, assembleias e em outros espaços públicos. Palavras e ação, palavras em ação!

Os textos aqui traduzidos nos ensinam que as lutas feministas se articulavam com outras lutas por justiça social, envolvendo o gênero à dimensão de raça, de classe e de espiritualidade, e que as pensadoras buscaram, ao longo dos séculos, a circulação de suas ideias, de forma a impulsionar um movimento de política transcultural, como se constitui hoje o feminismo. Portanto, conhecer o ativismo e os esforços das pioneiras que nos antecederam nas lutas feministas nos ajuda a pensar em uma história do feminismo mais inclusiva e mais plural. Consideramos, assim, que o trabalho de tradução aqui empreendido, muito mais que transposição de significado linguístico de uma língua para outra, configura uma ação política. A propósito, a tradução vem se tornando uma necessária aliada dos movimentos feministas, na medida em que, como sustenta a pesquisadora Cláudia Costa Lima (2013, p. 580), é “indispensável para forjar alianças políticas e epistemologias feministas em prol da justiça social, antirracistas, pós-coloniais e anti-imperialistas”.

Luciana Calado Deplagne
Marie Helene Catherine Torres

Préface

Prefácio

Préface

La mémoire explicite ou implicite est [...] plus large que l'histoire : elle recueille et honore les traces du passé sans distinguer entre faire et défaite, entre activité et réceptivité, entre lumière et ombre. L'écriture littéraire est dépositaire de cette mémoire.

Françoise Collin

Ce livre est le deuxième volume d'une collection au titre qui inspire : racines féministes en traduction. Il inspire car il se tourne surtout vers des mouvements, vers une multiplicité d'options. Des racines féministes, des racines qui poussent ou non, des racines qui meurent qui s'étendent ou disparaissent, ou qui réapparaissent, toujours plurielles. En traduction, d'ici, de là, peut-être un peu plus loin, regorgeant d'idées et de récits, ils continuent en traduction. On ne cherche pas des périodes coutumières, de simples variantes de modèles existants, le mouvement expose déjà des options, des choix de chemins et déviations puissants.

Dans la longue histoire, du XII^e au XIX^e siècle – et nous pourrions sans doute atteindre aussi le XX^e – il y a un postulat incontournable : l'infériorité des femmes et leur non-participation aux faits historiques, aux inventions, aux sciences ou aux arts. Au moins dans son principe et sa promulgation. Sinon, voyons, Héloïse d'Argenteuil, au XII^e siècle, fille intelligente et cultivée, qui vit une vie hors normes, comme érudite et philosophe, une femme passionnée, a généré des controverses jusqu'à aujourd'hui discutées parmi les médiévalistes, un cas qui couvre le champ temporel des traductions compilées ici, et avance encore jusqu'à nos jours.

Au cours des dix derniers siècles, les trois lettres d'Héloïse à Abélard ont suscité de vifs débats quant à leur authenticité et leur légitimité. Qu'est-ce que cela signifie d'écrire en tant qu'Héloïse, qu'est-ce que cela

Prefácio

A memória explícita ou implícita é [...] mais ampla que a história: recolhe e honra os vestígios do passado sem distinguir entre fazer e derrota, entre atividade e receptividade, entre luz e sombra. A escrita literária é guardiã dessa memória.

Françoise Collin

Este livro é o segundo volume de uma coleção de título inspirador: *Raízes feministas em tradução*. Inspirador, pois aponta especialmente para movimentos, para uma multiplicidade de opções. Raízes feministas, raízes que brotam ou não, raízes que morrem, que se espalham ou desaparecem, ou reaparecem, sempre plurais. Em tradução, de lá para cá, de cá para lá, talvez um tantinho mais longe, embaladas por ideias e narrativas, seguem em traduções. Não se buscam períodos costumeiros, variante simples de modelos existentes. O movimento já expõe opções, as escolhas de sendas e desvios poderosos.

No longo registro histórico, dos séculos XII ao XIX – e, sem dúvida, poderíamos chegar também ao século XX –, há um postulado incontornável: a inferioridade das mulheres e sua não participação em fatos históricos, invenções, ciências ou artes. Ao menos por princípio e promulgação. Senão, vejamos, Heloísa de Argenteuil, no século XII, moça inteligente e culta, que viveu uma vida fora dos padrões, como estudiosa e filósofa, mulher apaixonada, gerou polêmicas até hoje discutidas entre medievalistas, um caso que abrange o escopo temporal das traduções aqui computadas e avança até nossos dias.

Nos últimos dez séculos, as três cartas de Heloísa para Abelardo têm gerado acirrados debates a respeito de autenticidade e legitimidade. O que significa escrever como Heloísa, o que significa escrever como

signifie d'écrire en tant que femme ? demande Linda Kaufman citée par Newman dans un essai sur le sujet. La question centrale depuis le début de ce débat est la suivante : quelle est, le cas échéant, la légitimité et l'authenticité des écrits d'Héloïse. Écrivait-elle ses lettres elle-même, ou quelqu'un d'autre le faisait-il pour elle ? Est-ce Abélard qui les a écrites ? Ces questions, a-t-on noté à l'époque, ont contrarié l'auteur elle-même. Et, semble-t-il, celles-ci restent sans réponse consensuelle. A la base du questionnement, l'affirmation certaine que les femmes médiévales n'écrivaient pas, que les femmes n'écrivent pas, qu'elles n'agissaient pas de leur propre gré, est un précepte indiscutable au XIX^e siècle. Une misogynie qui traverse les siècles et qui persiste encore. En 1980, un éminent essayiste a déclaré que si quelqu'un a montré aux femmes la place qui leur revient, c'est Abélard ! Pendant longtemps, les arguments visant à discréditer la paternité d'Héloïse étaient toujours d'ordre psychologique, ce qui a fini par être considéré comme des traits innés de la femme. Il semble que cette polémique ne soit pas encore terminée, mais laissons de côté les érudits et leurs paramètres pour nous faire l'écho de Newman qui écrit : « Vraiment, Héloïse en tant qu'abbesse devait être remarquable » (Newman, 1995, p. 57), en tant qu'écrivaine elle l'était, semble-t-il.

La sélection de textes de ce livre édité ici nous montre les relations de pouvoir à différents moments historiques, ce qui nous fait prendre conscience que, bien que diverse selon les dates et les lieux, la misogynie à l'égard des femmes en général, notamment celles du génie et de l'art, ou de toute militance, ouvrières, travailleuses, professionnelle ou non, est millénaire.

« La mémoire dépasse l'histoire, le temps n'est pas que l'histoire, d'autres lieux de mémoire s'inscrivent ». Collin (1995) suggère que d'autres éléments soient ajoutés à l'histoire. L'écho des arts anciens de la mémoire suggère des espaces d'arts, d'expériences diverses, de personnages étranges. Elle

mulher?, indaga Linda Kaufman, lembrada por Newman (1995) em um ensaio sobre o tema. A questão central desde o início desse debate é: qual a legitimidade e a autenticidade, se é que há alguma, dos escritos de Heloísa? Foi ela própria quem escreveu suas cartas, ou alguém fez isso por ela? Foi Abelardo quem escreveu? Essas questões – anotou-se na época – vexaram a própria autora. E, parece, continuam sem resposta consensual. Na base do questionamento, a afirmação segura de que mulheres medievais não escreviam, que mulheres não escrevem e não agem por vontade própria é um preceito indiscutível no século XIX. Trata-se de misoginia que perpassa os séculos e ainda nos atinge. Em 1980, um ensaísta eminente declara que, se alguém mostrou à mulher seu devido lugar, esse alguém foi Abelardo! Por muito tempo, os argumentos para desacreditar a autoria de Heloísa foram sempre psicológicos e acabaram sendo tomados como traços inatos das mulheres. Parece que essa polêmica ainda não acabou, mas deixemos de lado os estudiosos e seus parâmetros para ecoar Newman (1995, p. 57), que escreve: “Realmente, Heloísa como abadessa deve ter sido notável”. Como escritora o foi, ao que parece.

A seleção de textos aqui editados nos mostra relações de poder em vários momentos históricos, o que nos faz perceber que, embora diversa conforme data e local, a misoginia, em geral, em particular contra as mulheres de engenho e arte, ou quaisquer militantes, operárias, trabalhadoras, profissionais ou não, é milenar.

“A memória excede a história, o tempo não é só história, cabem outros lugares da memória”. Collin (1995) sugere que sejam acrescentados outros itens à história. Ecoando as antigas artes da memória, sugere espaços das artes, de vivências diversas, de personagens estranhos. Atinge estreitos caminhos por onde andaram aqueles que escutaram antigas autoras, poetas, ascetas, monjas e seresteiras, guardaram notícias,

rejoint les chemins étroits où ceux qui écoutaient les auteures anciens, les poètes, les ascètes, les religieuses et les sérénades, gardaient des nouvelles, des archives et des livres, des manuscrits, des peintures, des lettres d'Héloïse d'Argenteuil, de sa presque contemporaine Hildegarde von Bingen, des grandes abbesses des XII^e et XIII^e siècles, et tant d'autres femmes encore, au fil des siècles, des reines comme Éléonore d'Aquitaine et ses filles dans les chansons et les vers de l'amour courtois, aux béguines sans liens sociaux, à la paria pèlerine Flora Tristan, présente ici, jusqu'aux ouvrières et socialistes françaises du XIX^e siècle, figures fortes montrées actives comme Julie-Victoire Daubié et Victoire Léodile Béra.

Et parce qu'il y a toujours eu des gens érudits ou ordinaires qui ont écouté, apprécié et gardé en mémoire des femmes de génie et d'art, nombre de matériel est parvenu jusqu'à nous. Nous remercions ces agents inconnus ou pas, bibliothécaires, clercs ou non-spécialistes, pour leurs actions.

Pour Collin, il faut insérer les femmes en action dans les pratiques, les luttes et les scénarios collectifs, découvrir comment élargir ces scénarios en donnant lieu à d'innombrables variantes, toujours à la recherche du sens, et non de vérités préfixées. À travers les sentiers et les brèches de ces chemins, des offres émergent que l'histoire n'a pas permises mais que la vision a, elle, permises, comme l'écrit Llansol (2002, p. 208).

Je rappelle aussi que Bachelard (1971) considère que tant au niveau physique que psychique, la réalité première et absolue du temps n'est pas la durée, mais l'instant. D'où la nécessité de renverser la perspective des historiens traditionnels, d'essayer de comprendre le passé à travers le présent, et non d'expliquer le présent à travers le passé. Il prône une histoire marquée par la discontinuité, par le sens de la rupture, démontrés par la nouvelle science de la physique. Cela conduit à une histoire d'actes, et non d'action. Le temps est divisé en instants que plus tard

registros e livros, manuscritos, pinturas, desde as cartas de Heloísa de Argenteuil, de sua quase contemporânea Hildegarde von Bingen, das grandes abadessas dos séculos XII e XIII, além de tantas mulheres a mais, séculos afora, de rainhas, como Eleonora de Aquitânia e suas filhas nos cantos e versos do amor cortês, às beguinas sem laços societários, à pária peregrina Flora Tristan, aqui apresentada, até operárias e socialistas francesas do século XIX, fortes figuras mostradas ativas como Julie-Victoire Daubié e Victoire Léodile Béra.

E, porque sempre existiram pessoas eruditas ou pessoas comuns que escutaram, apreciaram e guardaram na lembrança as mulheres de engenho e arte, muito material chegou até nós. Agradecemos a esses agentes desconhecidos ou não, bibliotecários, clérigos ou leigos, por seus atos.

Para Collin, é preciso inserir as mulheres em ação nas práticas, lutas e cenários coletivos, descobrir como ampliar esses cenários, dando lugar a incontáveis variantes sempre em busca do sentido, não de verdades prefixadas. Pelas veredas e brechas desses caminhos, surgem ofertas que “a História não permitiu, mas a visão ofertou” (Llansol, 2002, p. 208).

Lembro ainda que Bachelard (1971) pondera que, tanto no nível físico quanto no psíquico, a realidade primária e absoluta do tempo não é a duração, mas o instante. Disso decorre a necessidade de inverter a perspectiva dos historiadores tradicionais, tentar compreender o passado pelo presente, e não explicar o presente pelo passado. Preconiza uma história marcada pela descontinuidade, pelo senso de ruptura, demonstrada pela nova ciência da física. Isso conduz a uma história de atos, não de ação. O tempo divide-se em instantes que, posteriormente, o historiador, o escritor ou o vivente escreve e assim coloca o liame da duração. Bachelard prefere a singularidade ao pormenor, ao acidental, em nome do ato, da doutrina do acidente como princípio, negando a tradição continuísta e dita absoluta da história tradicional. Assim, não

l'historien, l'écrivain ou celui qui le vit écrit et place ainsi le lien de la durée. Bachelard préfère la singularité au détail, l'accidentel, au nom de l'acte, de la doctrine de l'accident comme principe, niant la tradition de la continuité et de l'absolu de l'histoire traditionnelle. Ainsi, nous n'aurions pas une seule histoire, souveraine et gardienne d'un seul sens légitime et nous pourrions appréhender la mémoire comme l'une des formes de générer du sens.

Irigaray (1977), pour sa part, définit le patriarcat comme un système dans lequel les généalogies masculines existent et les généalogies féminines ont été supprimées. La plupart de ce qui se passe dans les registres des contributions est autant une recherche de généalogies d'une tradition de femmes cultivées et de modèles de vertu que des lieux de mémoire féminins, des espaces où une interruption du temps est possible, où un dialogue entre diverses femmes peut avoir lieu dans un espace intermédiaire entre le public et le privé dans lequel elles se réunissent et se séparent, et se distinguent les unes des autres. Un espace de mémoire, comme ceux que Frances Yates a étudiés et nous a légués, qui permettent de méditer et d'en comprendre la pertinence.

Dans l'une de ces brèches, Christine de Pizan, magnifiquement présente dans ce livre avec ses poèmes, a construit une ville et y a fait converser des femmes illustres. Célébrons les généalogies. Pizan, la pèlerine anglaise Margery Kempe (1373-1438), l'ermite poète Julian de Norwich, ont vécu pendant la guerre de Cent Ans et, comme la guerrière d'Orléans, tant loué par Pizan, Jeanne D'Arc, ont brillé par leurs actions. Elles vécurent à une époque de transition, d'affirmation de la bourgeoisie et des débuts du capitalisme. C'est alors que les libertés des femmes furent encore plus restreintes, en France et en Angleterre ; de vieilles lois furent mises à jour et commencèrent à empêcher les femmes de recevoir un héritage, un coup dur qui, avec de nombreuses autres restrictions légales et coutumes, s'impose par la suite.

teríamos uma história única, soberana e guardiã de um único sentido legítimo e poderíamos entender a memória como uma das formas de gerar sentido.

Irigaray (1977), por sua vez, define o patriarcado como sistema no qual existem genealogias masculinas, enquanto as genealogias femininas foram suprimidas. Muito do que atua nos registros de contribuições é tanto busca de genealogias de uma tradição de mulheres cultas e modelos de virtude como lugares femininos da memória, espaços onde é possível uma interrupção do tempo, onde cabe um diálogo entre mulheres diversas em um espaço intermediário entre o público e o privado em que elas se unem e separam, se distinguem entre si: um espaço da memória, como os que Frances Yates estudou e nos legou, que permitem meditação e *insights* sobre a relevância.

Em uma dessas brechas, Christine de Pizan, belissimamente presente neste livro com seus poemas, construiu uma cidade e para ela trouxe mulheres ilustres em conversações. Festejemos as genealogias. Pizan, a peregrina inglesa Margery Kempe e a poeta ermitã Julian de Norwich viveram durante a Guerra dos Cem Anos, e, como a guerreira de Orléans, muito elogiada por Pizan, Joana D'Arc, brilharam por seus feitos. Elas viveram em uma época de transição, de afirmação da burguesia e dos inícios do capitalismo. Foi então que as liberdades femininas foram mais cerceadas. Na França e na Inglaterra, leis antigas foram atualizadas e passaram a impedir mulheres de receberem herança, um duro golpe que se impôs junto a muitas outras restrições legais e de costumes a seguir.

On retrouve chez Marie Le Jars de Gournay, deux cents ans plus tard, un scénario opposé à celui vécu par Pizan. Une jeune femme dévouée à ses études est moquée et persécutée pour ses talents. De Gournay, amie et éditrice de Montaigne, écrivaine et essayiste autodidacte qui a également écrit des traités sur la situation des femmes. Elle a été ridiculisée au cours de sa vie, et, à ce qu'il u paraît, en partie, par les critiques ultérieures répétèrent les stéréotypes. Le cadre du XV^e siècle, montre au XVII^e siècle, que les lieux ont changé et que les femmes ont été reléguées dans des lieux exigus et inconfortables.

D'autres femmes militantes commencent à apparaître, en l'occurrence Olympe de Gouges, célèbre auteure du *Manifeste pour les droits de la femme et de la citoyenne* de 1791, et de plusieurs autres textes et essais. C'est l'année même de la présentation du Manifeste de Gouges que l'écrivaine et philosophe Mary Wollstonecraft arriva à Paris, où son livre invoquant les droits des femmes venait d'être publié. Elle n'a pas eu l'occasion de rencontrer Olympe, mais elle savait que ses demandes d'égalité des droits circulaient largement dans la ville. Et elle était à Paris quand ils la guillotinèrent en 1793.

Ensuite, nous avons Germaine de Staël avec sa vie longue et mouvementée, femme d'apparat, femme politique, théoricienne, femme de lettres, qui a découvert avant tout le monde le caractère tyrannique de Napoléon, un homme qui tremblait à sa vue, petite et puissante, et qui l'a exilée de France plus d'une fois. Ses livres, qui décrivent l'individualisme et la passion, enchantent ; elle fut la première grande Romantique et répandit ce courant artistique dans toute l'Europe. Nous, les femmes, lui devons de nous avoir fourni un modèle d'héroïne/artiste, Corinne, qui guide encore des personnages littéraires, note Ellen Moers (1977). Corinne s'est battue pour la reconnaissance de ses idées et contre la réalité sociale qui l'entourait et la bridait. Elle y parvint, mais si à l'époque cet idéal était une exception, pour de Staël il s'inscrit

Encontramos em Marie Le Jars de Gournay, duzentos e tantos anos depois, um cenário oposto ao vivido por Pizan. Uma jovem dedicada aos estudos é caçoada e perseguida por seus talentos. Gournay, amiga e editora de Montaigne, era uma escritora e ensaísta autodidata que escreveu também tratados sobre a situação da mulher. Foi ridicularizada em vida, assim como, ao que parece, em parte da crítica posterior que repete estereótipos. O cenário do século XV, já no XVII, mostra que os lugares mudaram, e as mulheres foram realocadas em locais apertados e incômodos.

Começam, então, a desfilar mulheres ativistas, nesse caso, Olympe de Gouges, redatora famosa da *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, de 1791, e outros vários textos e ensaios. Foi nesse ano da apresentação da declaração de Gouges que a escritora e filósofa Mary Wollstonecraft chegou a Paris, onde acabara de ser publicado seu livro invocando direitos para as mulheres. Ela não chegou a conhecer Olympe, embora conhecesse suas demandas por direitos iguais que circulavam amplamente pela cidade. E estava em Paris quando a guilhotinaram em 1793.

Em seguida, vemos Germaine de Staël em sua longa e agitada vida; uma mulher de pompa e fama, politicóloga, teórica, mulher de letras, que, antes de qualquer outra pessoa, descobriu o caráter tirânico de Napoleão, um homem que tremia ao vê-la, pequena e poderosa, e que a exilou da França mais de uma vez. Seus livros, descrevendo individualismo e paixão, encantaram. Ela foi a primeira grande romântica e espalhou essa vertente artística pela Europa. Nós, mulheres, lhe devemos um modelo de heroína/artista, descrito no livro *Corinne*, que ainda norteia personagens literárias, nota Ellen Moers (1977). Corinne luta pelo reconhecimento de suas ideias e contra a realidade social que a cerca e cerceia. Ela é bem-sucedida, mas, se nessa época esse ideal era uma exceção,

également dans un projet plus général d'idéal social de possibilités pour les femmes.

Les chapitres se succèdent comme celui sur Flora Tristan, qui se disait paria, socialiste et voyageuse, écrivaine et essayiste de grande renommée ; Julie-Victoire Daubié, au début du XIX^e siècle, devenue la première femme à obtenir un diplôme universitaire en France. Elle était une érudite, journaliste et militante.

Il y a encore le portrait d'André Léo, pseudonyme de Victoire Lédile Béra, romancière, militante socialiste et anarchiste renommée. Chez elle, un groupe se réunissait pour lutter pour l'amélioration de l'enseignement pour les enfants et les droits des femmes.

Pour finir, nous avons des informations à propos de Maria Deraismes, une intellectuelle prestigieuse à Paris, très active dans la ville, faisant partie des francs-maçons et ayant lutté et réussi à installer une Loge mixte.

J'ai terminé le livre avec le sentiment d'avoir une foule autour de moi, des femmes qui vont et viennent, pensant, écrivant et agissant, laissant une trace en foulant le sol. Je salue donc ce livre, si soigné dans ses traductions et ses approches, avec mes compliments à tous ceux qui ont collaboré au recueil et la joie que m'ont procurée les lectures.

Norma Telles

Traduction en français : Marie Helene Catherine Torres

para Staël fazia também parte de um projeto mais geral do ideal social de possibilidades para as mulheres.

A seguir, lemos sobre Flora Tristan, que se dizia uma pária, socialista e viajante, escritora e ensaísta de grande renome; Julie-Victoire Daubié, jornalista e ativista que, no começo do século XIX, se tornou a primeira mulher a se formar em universidade na França.

Temos, ainda, um retrato de André Léo, pseudônimo de Victoire Léodile Béra, romancista, militante socialista e anarquista de renome. Em sua casa, reunia-se um grupo que lutava pela melhoria do ensino infantil e pelos direitos das mulheres.

Por último, temos notícias sobre Maria Deraismes, intelectual de prestígio em Paris, muito ativa na cidade, membro da Maçonaria que lutou e conseguiu instalar uma loja mista dessa sociedade.

Terminei o livro com a sensação de ter uma multidão ao meu redor, mulheres caminhando para lá e para cá, pensando, escrevendo e agindo, deixando uma marca ao pisar o solo. Por isso, saúdo este livro, tão bem cuidado em suas traduções e abordagens, com meus cumprimentos a todos que colaboraram na coleção e alegria que as leituras me proporcionaram.

Norma Telles

Christine de Pizan (1365-c. 1430)



Portrait de Christine de Pizan (1407), anonyme.
British Library, Harley 4431, fol. 4r.

Retrato de Christine de Pizan (1407), autoria anônima.
British Library, Harley 4431, fol. 4r.

Christine de Pizan et la querelle des femmes

Luciana Calado Deplagne
Univesité Fédérale de Paraíba
Groupe Christine de Pizan

Ria Lemaire
Université de Poitiers
Groupe Christine de Pizan

Seulete suy et seulete vueil estre.

Christine de Pizan

Née à Venise de parents italiens, l'écrivaine Christine de Pizan (1365-c. 1430) a pourtant vécu en France dès ses premières années. Elle fut la fille de Tommaso di Benvenuto da Pizzano (Thomas de Pizan) et la petite-fille de Tommaso Mondini, tous les deux médecins italiens de renom et formés à l'Université de Bologne. Peu après sa naissance, le père de Christine reçut une invitation du roi de France, Charles V, pour travailler en tant que médecin et astrologue/astronome de la cour. Ainsi, en 1368, il s'installa à la cour de France avec sa famille. C'est dans cet environnement privilégié, qui abrita la prestigieuse bibliothèque à trois étages du roi Charles V, riche de plus de 900 manuscrits, que l'écrivaine passa son enfance et vécut jusqu'à son mariage, à l'âge de 15 ans.

Le verset cité ci-haut en épigraphe fut écrit au XIV^e siècle par Christine de Pizan. C'est le premier couplet de la Ballade XI, l'une des cent ballades, dans laquelle elle décrit son deuil et ses désirs. Veuve à 25 ans et avec trois enfants, une mère et une nièce à sa charge, Pizan fait de l'écriture son moyen de survie, tout en transformant le deuil en résistance. Comme l'exprime le moi-lyrique du verset transcrit, la décision de l'auteure était de faire face aux difficultés d'une jeune veuve sans ressources,

Christine de Pizan e a querela das mulheres

Luciana Calado Deplagne
Universidade Federal da Paraíba
Grupo Christine de Pizan

Ria Lemaire
Universidade de Poitiers
Grupo Christine de Pizan

Sozinha sou e sozinha quero estar.

Christine de Pizan

Nascida em Veneza, de pais italianos, a escritora Christine de Pizan (1365-c. 1430) viveu, no entanto, desde os primeiros anos da infância, na França. Ela era filha de Tommaso di Benvenuto da Pizzano (Thomas de Pizan) e neta de Tommaso Mondini, reputados médicos italianos, formados na Universidade de Bolonha. Logo após seu nascimento, o pai de Christine recebeu um convite do rei da França, Carlos V, para atuar como médico e astrólogo/astrônomo oficial da corte. Assim, em 1368, instalou-se na corte francesa com sua família. Foi nesse ambiente privilegiado, que abrigava a prestigiosa biblioteca do rei Carlos V, de três andares, com mais de 900 manuscritos, que a escritora passou sua infância e viveu até seu casamento, aos 15 anos.

O verso citado em epígrafe do presente texto foi escrito no século XIV por Christine de Pizan. Trata-se do primeiro verso da Balada XI, uma das cem baladas, nas quais a autora descreve seu luto e seus desejos. Viúva aos 25 anos e com três filhos, mãe e uma sobrinha para sustentar, Pizan faz da escrita seu meio de sobrevivência, transformando luto em resistência. Como expressado pelo eu-lírico do verso transcrito, a decisão da autora foi de enfrentar sozinha as dificuldades de uma jovem

qui s'opposait à se remarier ou à entrer dans la vie religieuse, comme il était courant à cette époque. Des années plus tard, grâce à son talent littéraire et à son habileté singulière à produire des manuscrits richement illustrés, Christine de Pizan obtient le parrainage de nombreux mécènes, devenant la première écrivaine française de profession. Dès lors, il est important de noter qu'au seuil du XV^e siècle, même sans appartenir à la noblesse ni à aucun ordre religieux, Christine a conquis une autonomie et une indépendance financière par son métier, tout en disposant d'une salle d'études privée et d'un atelier de production de manuscrits – l'équivalent, de nos jours, d'une maison d'édition. De fait, des reproductions de son cabinet d'études sont récurrentes dans les belles enluminures de ses manuscrits, probablement comme une stratégie pour mettre en lumière cet espace d'autorité en faveur de l'émancipation féminine par la voie de l'intellectualité. Difficile de ne pas faire référence ici à la discussion de Virginia Woolf sur l'importance pour une femme écrivaine d'avoir « un lieu à soi ».³ Nous pouvons voir à partir de cet exemple que les revendications féministes et leurs accomplissements se poursuivent dans un mouvement continu d'alternance de contextes d'oppression et de résistance. L'œuvre de Christine de Pizan surprend par son extension et par la diversité des genres et thèmes abordés : lettres, ballades, virelais, visions, chroniques, traités politiques, traités d'éducation et miroir des princes. Ses textes reflètent aussi les inquiétudes d'une époque de grande instabilité politique en France, notamment avec la guerre de Cent Ans. Dans ce sens, Christine a conseillé les dirigeants français sur la tactique et les stratégies militaires pendant la guerre, ainsi que sur l'art de bien gouverner. Dans le *Livre des faits et bonnes moeurs du sage roi Charles V*, ouvrage biographique sur Charles V commandée par Philippe Le Hardi en 1404, Christine de Pizan met en lumière les vertus du sage roi : sa tempérance, sa prudence, son goût pour les arts, sa sagesse. En maîtrisant l'art de la digression (Dulac, 1993), elle narre aussi des faits issus de sa propre histoire. De fait, d'autres ouvrages de Pizan apportent également

viúva sem recursos, sendo contrária a um segundo casamento ou a ingressar na vida religiosa, como era de se esperar em sua época. Anos depois, graças ao seu talento literário e à sua singular habilidade em escrever manuscritos ricamente ilustrados, Christine de Pizan consegue muitos patrocinadores e patrocinadoras e torna-se a primeira escritora francesa de profissão. Portanto, é importante observar que, no limiar do século XV, mesmo sem pertencer à nobreza nem a alguma ordem religiosa, a escritora conquistou autonomia e independência financeira através de seu ofício, conseguindo ter não apenas um quarto de estudos só para si, mas também um ateliê de produção de manuscritos, o equivalente, nos dias atuais, a uma editora. Aliás, a imagem do seu gabinete de estudo é recorrentemente retratada nas belas iluminuras dos seus manuscritos, provavelmente como uma forma de pôr em evidência esse espaço representativo de um território de poder, em prol da emancipação feminina através da intelectualidade. Difícil não fazermos referência aqui à discussão de Virginia Woolf acerca da importância para a mulher escritora de ter “um teto todo seu”.³ Percebemos, por esse exemplo, que as reivindicações feministas e suas conquistas seguem em movimento circular de alternância de contextos de opressão e de resistências. O conjunto da obra de Christine de Pizan é surpreendente pela vastidão e diversidade de gêneros e temáticas abordadas: cartas, baladas, virelais, visões, crônicas, tratados políticos, tratados de educação e espelhos de príncipes. Suas obras refletem também as inquietações de um período de grande instabilidade política na França, com a Guerra dos Cem Anos. Nesse sentido, Christine aconselhou os dirigentes franceses sobre táticas e estratégias de defesa durante a guerra e sobre a arte de bem governar. No *Livro de fatos e boa moral do rei sábio*, obra biográfica sobre o rei Carlos V, encomendada por Philippe Le Hardi, em 1404, Christine de Pizan ressalta as virtudes do rei sábio: temperança, prudência, gosto pelas artes, sabedoria. Ao dominar a arte de digressão (Dulac, 1993), ela narra também dados de sua própria

des références importantes à des événements de sa vie. Ses récits biographiques ont fourni une grande partie des informations sur sa vie et son parcours intellectuel. Dans *Le Livre de la mutation de fortune* (1404), par exemple, Christine de Pizan évoque, dans la première partie de ce long poème, ses origines italiennes et le voyage de sa famille en France. Pizan souligne également le caractère singulier et la bonne fortune qui marquent une partie de son parcours, comme dans ces versets où elle mentionne le fait qu'elle fut allaitée par sa mère, et non pas par une nourrice, comme c'était la coutume : « Et bien nourrie et bien aimée/ De ma mere a joyeuse si chiere/ Qui m'ama tant et tint si chiere/ Que elle meismes m'allaiecta,/ Aussitost qu'elle m'enfanta » (v. 401-405).

Cependant, parmi les différents thèmes abordés par Pizan, la défense des femmes contre la culture misogyne qui s'intensifie à son époque constitue, sans aucun doute, le trait le plus marquant de son œuvre, présente depuis l'*Epistre au Dieu d'Amours* (1399), jusqu'à son dernier poème, *Le Ditié de Jeanne d'Arc*, écrit en 1429, un an avant la mort de son héroïne. *La Cité des Dames*, rédigée en 1405, est la plus significative en termes de remise en cause de la supériorité masculine sur les femmes dans divers domaines. L'ouvrage cherche à réévaluer le rôle des femmes au fil du temps, à travers la compilation d'exemples de figures historiques, légendaires, mythologiques, de grandes vertus, qui servent à témoigner de la capacité intellectuelle et de la vertu des femmes. L'histoire des femmes imaginée par Christine de Pizan consistait en un catalogue d'histoires de femmes vertueuses qui peuplent la Cité. L'inspiration est tirée en grande partie de l'œuvre de son compatriote Boccace, auteur renommé de *De Claris Mulieribus* et *Decameron*. À travers une réécriture des biographies de femmes illustres Pizan révèle une interprétation éloignée de la vision de cet auteur, et surtout de toute la culture misogyne caractérisée dans les œuvres des philosophes, clercs, médecins, juristes, lettrés de cette transition du Moyen Âge tardif à la Renaissance et qui se poursuit vers la modernité.

história. De fato, outras obras de Pizan também trazem importantes referências a acontecimentos de sua vida. Seus biógrafos buscaram grande parte das informações sobre sua vida nos próprios escritos da autora. Em *Mutação da fortuna* (1404), por exemplo, Christine de Pizan evoca, na primeira parte de seu longo poema, suas origens italianas e a viagem da sua família rumo à França. Pizan enfatiza ainda a singularidade e a boa fortuna que marcam parte de sua trajetória de vida, como nestes versos da obra citada, em que ela faz menção ao fato de ter sido amamentada pela mãe, e não pela ama de leite, como era costume: “Fui bem criada e bem amada pela minha mãe com alegria, que tanto me amou e me cuidou tão afavelmente que ela mesma me amamentou logo que me deu à luz” (Schmidt, 2020, p. 589) (v. 401-405).

Porém, da diversidade de temas abordados por Pizan, a defesa da mulher contra a cultura misógina que se intensificava em seu tempo constitui, sem dúvida, o traço mais marcante de sua obra, presente desde a *Epístola ao Deus do Amor* (1399), até a sua última produção, *O ditiê de Joana D’Arc*, escrito em 1429, um ano antes da morte da mística guerreira, heroína desse poema épico. *A cidade das damas*, escrita em 1405, é a mais significativa no que concerne ao questionamento da supremacia masculina em relação à mulher em vários domínios. A obra busca reavaliar o papel das mulheres ao longo dos tempos, através da compilação de exemplos de várias figuras históricas, lendárias, mitológicas, de grandes virtudes, que deram prova da capacidade intelectual e física das mulheres. A história das mulheres imaginada por Christine de Pizan constituiu-se de um catálogo de histórias de mulheres virtuosas que compõem a cidade. A inspiração deve em grande parte à obra do seu compatriota Boccaccio, autor renomado de *Mulheres famosas* e *Decamerão*. Através de uma reescrita das histórias das mulheres ilustres, Pizan faz transparecer uma interpretação distanciada da visão desse autor e, principalmente, de toda a cultura misógina caracterizada nas obras de filósofos, clérigos, médicos, juristas, literatos na transição do período medieval ao Renascimento, estendida ao longo da modernidade.

Épître au Dieu d'Amours et la défense des femmes

Pour cette anthologie, quelques vers de l'*Épître au Dieu d'Amours* ont été choisis. L'ouvrage déclenché la fameuse bataille politico-sociale sous forme de débat littéraire, dite « querelle des femmes ». L'objet central de ladite « querelle », qui continua pendant les quatre siècles suivants, consistait en l'évaluation positive ou négative de la nature féminine dans les écrits de l'époque, ainsi qu'en des réflexions sur la condition de la femme au fil des siècles.

L'*Épître au Dieu d'Amours* correspond à une lettre de 860 vers adressée au dieu de l'amour, Cupidon, dans laquelle il est décrit la mise en scène d'un procès au sein de la « Cours d'Amour ». Le moi-lyrique porte en justice des plaintes déposées par diverses femmes de positions sociales différentes contre la misogynie des chevaliers et des écuyers qui les diffament et déshonorent tout le sexe féminin. Cupidon prend la parole en défense des femmes, rappelant les règles de « l'amour courtois », de même que le comportement de loyauté, de respect et de courtoisie que les hommes doivent avoir envers les femmes. On observe dans l'épître que la plupart de recommandations annoncées par Cupidon, bien plus qu'aux chevaliers et écuyers, s'adressent aux clercs, philosophes et écrivains à cause de leurs discours diffamatoires contre les femmes.

Suite à une réflexion plus générale, le moi-lyrique se tourne vers des exemples directs d'écrivains au sein de cette tradition misogyne. Ovide est le premier à être critiqué pour les traités *Remèdes à l'amour* et *L'Art d'aimer* (v. 365-383). Le jugement procède ainsi concernant « un poète de grand talent comme Ovide, exilé plus tard, et Jean de Meun, avec le *Roman de la Rose* » (v. 388-389). La critique de ce dernier ouvrage, l'un des plus lus au Moyen Âge tardif, provoque une vive réaction de la part d'intellectuels influents : les uns pour défendre l'auteur de l'ouvrage misogynne, les autres pour soutenir Christine de Pizan. Le premier débat de la querelle des femmes est ainsi lancé.

Epístola ao Deus do Amor e a defesa das mulheres

Para essa antologia, foram escolhidos alguns versos da *Epístola ao Deus do Amor*. A obra desencadeou a célebre batalha de cunho político-social em forma de debate literário conhecida como “querela das mulheres”. O objeto central da mencionada “querela”, que se estendeu pelos quatro séculos seguintes, consistia na valoração positiva ou negativa da natureza feminina nos escritos da época, bem como reflexões acerca da condição das mulheres ao longo dos séculos.

A *Epístola ao Deus do Amor* corresponde a uma epístola de 860 versos dirigida ao Deus do Amor, Cupido, na qual é descrita a encenação de um julgamento em uma “Corte do Amor”. O eu-lírico leva a julgamento queixas depositadas por várias mulheres de posições sociais diversas contra a misoginia de cavaleiros e de escudeiros que as difamam e desonram o sexo feminino. O Cupido toma a palavra em defesa das mulheres, lembrando as regras do “amor cortês” e o comportamento de lealdade, respeito e cortesia que os homens deveriam ter com as mulheres. Observa-se, na maior parte da epístola, que a recomendação das regras do amor, anunciada pelo Cupido, mais do que aos cavaleiros e escudeiros em questão, está direcionada sobretudo aos clérigos, filósofos e escritores por seus discursos difamatórios contra as mulheres.

Após uma reflexão mais geral, o eu-lírico parte para exemplos diretos de escritores inseridos nessa tradição misógina. Ovídio é o primeiro a ser criticado por seus tratados *Os remédios do amor* e *A arte de amar* (v. 365-383). Prossegue, então, o julgamento a respeito do “também poeta de muito talento como Ovídio, que depois foi exilado, e de Jean de Meun, com o *Romance da rosa*” (v. 388-389). A crítica a essa última obra, uma das mais lidas na Baixa Idade Média, causou uma forte reação por parte de intelectuais influentes, uns para defender o autor da obra misógina, outros para apoiar Christine de Pizan. Estava, assim, lançada a primeira querela das mulheres.

Au cours des deux années suivantes, il y eut un échange de lettres entre Christine de Pizan et les partisans de Jean de Meun (1240-1305). Selon Roy (1891, p. IV), après une discussion orale entre Christine et l'humaniste Jean de Montreuil au sujet du *Roman de la Rose*, ce dernier lui a envoyé, en guise de provocation, une copie d'une lettre faisant l'éloge de Jean de Montreuil à propos de Meun. Pizan alors écrit une réponse à l'humaniste, ce qui provoque le philosophe et secrétaire du roi Gontier Col à entrer dans le débat en la critiquant sévèrement pour son audace à défier des auteurs de si grande réputation. Des mois plus tard, la même critique sera renforcée par l'ecclésiastique Pierre Col. Cependant, comme observe l'éditeur de l'ouvrage poétique de Christine : « elle ne se laisse pas intimider et sait affronter tous ceux qui l'agressent » (Roy, 1891, p. III). Prennent le parti de Pizan le poète et chancelier de l'Université de Paris, Jean Gerson, l'écrivain Guillaume de Tignonville et le maréchal Boucicaut.

Il importe de noter que dans cette pratique rhétorique d'élaboration des épîtres, Christine de Pizan a joué un rôle de critique littéraire dans ses contestations, tout en constituant un dialogue critique avec des œuvres déjà consacrées par la tradition littéraire. Doté d'un talent rhétorique singulier, elle cherchait des arguments persuasifs pour affirmer son autorité face aux attaques misogynes de ses adversaires, comme en témoigne l'extrait suivant adressé à Jean de Montreuil (Brown-Grant, 2003, p. 20) :

Et ne me soit imputé a follie, arrogance ou presompcion d'oser, moy femme, repprendre et redarguer aucteur tant subtil et son euvre admenuisier de louenge, quant lui, seul homme, osa entreprendre a diffamer et blasmer sans excepcion tout un sexe. (Lignes 353-357)

La répercussion de l'écrivaine s'étendit au-delà du territoire français après la diffusion de la traduction anglaise de *l'Épître au Dieu d'Amours*, en 1402.

Nos dois anos seguintes, houve uma troca de cartas entre Christine de Pizan e os defensores de Jean de Meun (1240-1305). De acordo com Roy (1891, p. IV), após uma discussão oral de Christine com o humanista Jean de Montreuil, a respeito do *Romance da rosa*, este lhe enviou, como provocação, a cópia de uma epístola elogiosa a Jean de Meun. Pizan, então, responde ao humanista com outra epístola, levando o filósofo e secretário do rei Gontier Col a entrar no debate, com duras críticas à escritora por sua ousadia em desafiar autores de tão alta reputação. Meses depois, a crítica à escritora é reforçada pelo clérigo Pierre Col. Contudo, como observa o editor da obra poética de Christine, “ela não se deixou intimidar e soube enfrentar todos aqueles que a atacaram” (Roy, 1891, p. III). A favor de Pizan, estiveram o poeta e chanceler da Universidade de Paris Jean Gerson, o escritor Guillaume de Tignonville e o marechal Boucicaut.

Importante observar que, nesse exercício retórico para a elaboração das epístolas, Christine de Pizan desempenhou na querela o papel de crítica literária em suas contestações, trazendo às suas epístolas um diálogo crítico com obras já consagradas pela tradição literária. Com significativa habilidade retórica, buscou argumentos convincentes para afirmar sua autoridade frente aos ataques misóginos de seus opositores, como se observa no trecho a seguir dirigido a Jean de Montreuil (Brown-Grant, 2003, p. 20):

E que não me acusem de desatino, arrogância ou presunção, por eu, mulher, ousar, opor-me e replicar a um autor de tanta sutileza, nem tampouco de desvalorizar a sua obra, quando ele, um único homem, teve a ousadia de difamar e de acusar todo um sexo, sem exceção.
(Linhas 353-7)

A repercussão da escritora se estendeu para além do território francês, após a circulação da tradução inglesa da *Epístola ao Deus do Amor*, em 1402.

Court bilan de la réception de l'œuvre de Christine de Pizan

Après la mort de Christine de Pizan, toujours au XV^e et au début du XVI^e siècle, son nom est mentionné dans la littérature par des figures illustres tels que Martin Le Franc, Guillebert de Metz, Jean Marot, et Clément Marot. Certains ouvrages de Pizan ont été ensuite traduits et édités : les *Proverbes moraux* en moyen anglais ; *Le Livre des fais d'armes et de chevalerie* en moyen anglais et moyen allemand ; *La Cité des Dames* en moyen anglais ; *Le Livre des trois vertus* en portugais. Après une période d'oubli au XVII^e siècle, l'œuvre de Christine de Pizan sera adapté et édité par Louise de Kéralio à la fin du XVIII^e. Un siècle plus tard, Maurice Roy publié l'édition intégrale de son œuvre poétique et, depuis, plusieurs critiques et études sur l'auteure et son œuvre paraissent. Pourtant, c'est seulement dans les années 70 du XX^e siècle, grâce au mouvement féministe et à la recherche d'une révision de l'Histoire dans les années 80 que l'on peut parler de la redécouverte des œuvres de Christine et de la valorisation de son héritage en Europe et en Amérique du Nord. Les traductions successives en langues modernes de son ouvrage le plus important, la *Cité des Dames* (anglais en 1982, français en 1986, allemand en 1986, catalan en 1990, espagnol en 1995, italien en 1997, brésilien en 2006), ainsi que la périodicité des colloques internationaux sur Christine, organisés par des membres de la Société Internationale Christine de Pizan, font preuve de l'intérêt progressif pour les études christiniennes en Europe et dans les Amériques. Depuis 2009, le projet de l'Université d'Édimbourg, *The Making of the Queen's Manuscript*, dirigé par le professeur James Laidlaw, en partenariat avec plusieurs institutions de recherche, a mis en ligne l'ensemble des œuvres de Pizan présentes dans le manuscrit Harley 4431, de la London Library. Toujours en 2009, le film *Christine Cristina* est sorti, réalisé par l'Italienne Stefania Sandrelli, inspirée de la vie de l'écrivaine.

Breve percurso da recepção da obra de Christine de Pizan

Após a morte de Christine de Pizan, ainda no século XV e início do século XVI, seu nome foi referenciado no meio das Letras por figuras ilustres como Martin Le Franc, Guillebert de Metz, Jean Marot e Clément Marot. Algumas das obras de Pizan foram traduzidas e editadas posteriormente: *Provérbios morais*, para o inglês médio; *O livro dos feitos de armas e cavalaria*, para o inglês e alemão médios; *A cidade das damas*, para o inglês médio; e *O livro das três virtudes*, para o português. Esquecida no século XVII, a obra de Christine de Pizan foi adaptada e editada por Louise de Kéralio, no final do século XVIII. Um século depois, Maurice Roy publicou a edição completa das obras poéticas da autora, e, a partir de então, surgem diversas críticas e estudos sobre a autora e sua obra. Porém, é nos anos 1970, quando eclodiu o movimento feminista e a busca pela revisão da história nos anos 1980, que podemos falar em uma redescoberta das obras de Christine e valorização de seu legado na Europa e América do Norte. As sucessivas traduções para línguas modernas de sua principal obra, *A cidade das damas* (inglesa em 1982, francesa em 1986, alemã em 1986, catalã em 1990, espanhola em 1995, italiana em 1997, brasileira em 2006), assim como a periodicidade dos colóquios internacionais sobre Christine, organizados pelos membros da Sociedade Internacional Christine de Pizan, são uma prova do crescente interesse pelos estudos christianos na Europa e nas Américas. Desde 2009, o projeto da Universidade de Edinburgh intitulado *A Confeção do Manuscrito da Rainha*, dirigido pelo prof. James Laidlaw, em parceria com várias instituições de pesquisa, disponibilizou pela internet todas as obras de Pizan pertencentes ao manuscrito Harley 4431, da Biblioteca de Londres. Também em 2009, foi lançado o filme *Christine Cristina*, dirigido pela italiana Stefania Sandrelli, inspirado na vida da escritora.

Au Brésil, à partir de la première décennie du XXI^e siècle, les recherches sur l'œuvre de Pizan se sont multipliées, à partir d'articles scientifiques, d'ouvrages monographiques, de dissertations et de thèses de doctorat. L'intensification des études christiniennes dans divers domaines de la connaissance est l'effet d'une série d'initiatives de chercheuses et chercheurs travaillant principalement dans le domaine des études féministes et de l'histoire des femmes. Plusieurs de ces initiatives viennent du Groupe Christine de Pizan, lié au répertoire de recherche du Conseil National de Développement Scientifique et Technologique (CNPq) depuis 2007. Nous soulignons la promotion du « Séminaire D'études Médiévales à Paraíba » (aujourd'hui dans sa 6^{ème} édition), et au Portugal, l'événement « Printemps médiévales : Séminaire Christine de Pizan et Autres Voix Féminines du Moyen Âge » (dans sa 3^{ème} édition). Tout aussi pertinents sont les cours dispensés en licence, comme ceux qui ont lieu chaque année depuis 2012, dans le cours de philosophie à l'Université de Brasília (UnB), proposé par Ana Miriam Wuensch, ou ceux ministrés en 2021 e 2022 par Ana Rieger Schmidt à niveau de master et doctorat en philosophie à l'Université Fédérale de Rio Grande do Sul (UFRGS). La traduction est également un outil important de diffusion de ses écrits. C'est le cas de la publication de la traduction brésilienne *A cidade das damas*, par la coordinatrice du groupe de recherche, Luciana Calado Deplagne, en 2012, rendant possible plusieurs travaux académiques. D'autres textes ont été traduits récemment vers le portugais brésilien, tant par des membres du groupe, comme la traduction de *Ditié de Jeanne D'Arc*, en 2016, par Nathalya Bezerra, et des extraits de *Mutation de Fortune*, d'Ana Rieger Schmidt, en 2020 ; et par d'autres chercheurs dédiés aux études sur Pizan. En 2020 également deux pièces poétiques de Pizan traduites par Carmen Druciack sont publiées dans une revue scientifique. Il convient encore de mentionner des initiatives visant le public extérieur à l'académie, comme la publication d'un roman sur Christine de Pizan, *Mémoires d'une écrivaine médiévale*, par la chercheuse

No Brasil, a partir da primeira década do século XXI, as pesquisas sobre a obra de Pizan se multiplicaram, originando desde artigos científicos, trabalhos de monografias, dissertações e teses de doutorado. A intensificação dos estudos christinianos em várias áreas do conhecimento se deu, em parte, por uma série de iniciativas de pesquisadoras e pesquisadores, atuantes principalmente na área dos Estudos Feministas e da História das Mulheres. Muitas dessas iniciativas partem do Grupo Christine de Pizan, vinculado ao diretório de pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2007. Destacamos a promoção do Seminário de Estudos Medievais na Paraíba (em sua 6ª edição) e, em Portugal, o evento Primaveras Medievais: Seminário Christine de Pizan e Outras Vozes Femininas da Idade Média (em sua 3ª edição). Igualmente relevante são as aulas ministradas em disciplinas da graduação, como as que acontecem anualmente desde 2012, no curso de filosofia da Universidade de Brasília (UnB) ofertadas por Ana Míriam Wuensch, ou a ministrada em 2021 pela professora Ana Rieger Schmidt, no curso de filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A tradução também é uma importante ferramenta de divulgação dos seus escritos. É o caso da publicação da tradução brasileira de *A cidade das damas*, pela coordenadora do grupo, Luciana Calado Deplagne, em 2012, que originou diversos trabalhos acadêmicos. Aqui, no Brasil, outros textos vêm sendo traduzidos mais recentemente, tanto por membros do grupo – como a tradução de *O ditié de Joana D’Arc*, em 2016, por Nathalya Bezerra, e trechos de *Mutação da fortuna*, por Ana Rieger Schmidt, em 2020 – quanto por outras pesquisadoras dedicadas aos estudos christinianos. Em 2020, foram publicadas em revista científica duas peças poéticas de Pizan traduzidas por Carmen Druciack. Vale ressaltar, ainda, iniciativas que buscam atingir um público externo às universidades, como a publicação de um romance sobre Christine de Pizan, intitulado *Memórias de uma escritora medieval*, de autoria da pesquisadora Lucimara

Lucimara Leite, en 2021, et la réalisation de *Perfomance sur la Cité des Dames*, adaptation de l'œuvre mis en scène dans des lycées ou lors d'événements culturels. Une vidéo enregistrée en 2018 à l'Université Fédérale de Paraíba (UFPB) est disponible sur le site du groupe.⁴ Enfin, en parcourant l'œuvre de cette auteure médiévale, il est impossible de ne pas être impacté par son effort de faire face à la misogynie et les asymétries de genre. Les réflexions en faveur du sexe féminin, la réécriture des mythes sous une perception féministe et critique, la revendication de l'accès des femmes à l'éducation dans les différents domaines du savoir, la valorisation de la production féminine à travers l'histoire, sont des aspects de sa pensée qui justifient la vitalité et l'actualité des études sur la vie et l'œuvre de Pizan actuellement. Que d'autres œuvres à elle soient bientôt traduites !

Traduction en français : Ana Rieger Schmidt

Leite, em 2021, e a realização da *Performance sobre a cidade das damas*, adaptação da obra a ser encenada em sala de aula de ensino básico ou eventos culturais. Um vídeo da adaptação foi produzido em 2018, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e está disponível no site do grupo.⁴ Por fim, ao percorrermos a obra dessa autora medieval, é impossível não sermos tocadas e tocados por sua história de enfrentamento à misoginia e às assimetrias de gênero. As reflexões em defesa do sexo feminino, a reescrita de mitos sob uma percepção crítico-feminista, a reivindicação do acesso da mulher à educação nos vários campos do saber, a valorização da produção feminina ao longo da História, são alguns dos temas que justificam a vitalidade e atualidade dos estudos sobre vida e obra de Pizan em nossos dias. Que mais obras da autora venham a ser traduzidas!

Epître au Dieu d'Amour

v. 259-280

Si se plaignent les dessusdittes dames
De pluseurs clers qui sus leur mettent blasmes,
Dittiez en font, rimes, proses et vers,
En diffamant leurs meurs par moz divers;
Si les baillent en matiere aux premiers
A leurs nouveaulx et jeunes escolliers,
En maniere d'exemple et de dottrine,
Pour retenir en age tel dottrine.
En vers dient, Adam, David, Sanson,
Et Salemon et autres a foison
Furent deceuz par femme main et tart;
Et qui sera donc li homs qui s'en gart?
Li autres dit que moult sont decevables,
Cautilleuses, faulses et pou valables.
Autres dient que trop sont mençongieres,
Variables, inconstans et legieres.
D'autres pluseurs grans vices les accusent
Et blasment moult, sanz que riens les excusent.
Et ainsi font clers et soir et matin,
Puis en françois, leurs vers, puis en latin,
Et se fondent dessus ne sçay quelz livres
Qui plus dient de mençonges qu'uns yvres.

Epístola ao Deus do Amor

v. 259-280

E assim essas damas queixa trazem
dos letrados que lhes censura fazem
com obras em prosa, rimas e versos
que as difamam em termos diversos.

E dão esses livros inoportunos
aos seus novatos e jovens alunos.
Sob forma de exemplo a obra se ensina,

para os jovens reter tal doutrina.

Em verso dizem: Adão, Davi, Sansão,

Cedo ou tarde, e também Salomão,

por mulheres traídos, sem saber

como contra elas se precaver.

Uns dizem que elas são enganosas,

pouco fiáveis, falsas e manhosas.

Outros ainda que são mentirosas

superficiais e mui caprichosas.

De outros grandes vícios as acusam,
sem desculpa nenhuma as caluniam.

E assim letrados, de noite e de dia,
versam em línguas francesa e latina.

Sem fundamento são esses livros,

Com mentiras de bêbado escritos.

v. 365-390

Et de ceulz parle Ovide en son traittié
De l'Art d'amours ; car pour la grant pitié
Qu'il ot de ceulz compila il un livre.
Ou leur escript et enseigne a délivre
Comment pourront les femmes decevoir
Par faintises et leur amour avoir;
Si l'appella livre de l'Art d'amours;
Mais n'enseigne condicions ne mours
De bien amer, mais ainçois le contraire.
Car homs qui veult selon ce livre faire
N'amcra ja, combien qu'il soit amez,
Et pour ce est li livres mal nommez,
Car c'est livre d'Art de grant decevance,
Tel nom li don, et de fausse apparence.
Et comment donc quant fresles et legieres,
Et tournables, nyces et pou entières
Sont les femmes, si com aucuns clers dient,
Quel besoing donc est il a ceulz qui prient
De tant pour ce pourchacier de cautelles?
Et pour quoy tost ne s' 'i accordent elles
Sanz qu'il faille art n'cngin a elles prendre?
Car pour chastel pris ne fault guerre entreprendre.
Et meismement pouëte si subtil
Comme Ovide, qui puis fu en exil.
Et Jehan de Meun ou Romant de la Rose,
Quel long procès ! quel difficile chose !

v. 365-390

E é desses homens traídos que fala
Ovídio, no tratado d'Arte de amar.
Por dó que teve e por compaixão,
fez dos livros deles compilação.
Ensina, sem sua fala moderar,
como podem mulheres enganar,
e, com fingimentos, seu amor ganhar.
E deu ao livro que ensina a enganar
como o título d'Arte de amar.
Mas o livro não ensina leis d'amor,
Seu título é muito traidor.
Homem que quer seguir esse tratado
jamais amará, mesmo sendo amado
Pois seu nome não é nada adequado,
Que ilusão, ser de Arte nomeado!
Se as mulheres são tão fracas e frívolas,
vulneráveis, néscias e corrompidas,
segundo tantos homens de saber,
por que é tão necessário fazer
armadilhas e tantas estratégias?
Por que tantos artifícios e mazelas
e engenhos não conseguem rendê-las?
Em castelo rendido, não se guerreia.
E até mesmo poeta tão refinado
como Ovídio, que depois foi exilado,
e Jean de Meun no Romance da Rosa.
Que longo processo! Que coisa morosa!

v. 407-422

Et s'on me dit li livre en sont tuit plein,
C'est le respons a maint dont je me plain,
Je leur respons que les livres ne firent
Pas les femmes, ne les choses n'i mirent
Que l'en y list contre elles et leurs meurs ;
Si devisent a l'aise de leurs cuers
Ceulz qui plaident leur cause sanz partie,
Sanz rabatre content, et grant partie
Prenent pour eulx, car de legier offensent
Les batailleux ceulz qui ne se deffendent.
Mais se femmes eussent les livres fait
Je sçay de vray qu'autrement fust du fait,
Car bien scevent qu'a tort sont encoulpées,
Si ne sont pas a droit les pars coupées,
Car les plus fors prenent la plus grant part,
Et le meilleur pour soy qui pieces part.

v. 407-422

Se dizem: Os livros disso são cheios!
eis a resposta que a muitos me queixo:

Pelas mulheres não foram escritos
nem os livros, nem as listas de vícios
que contra a natureza delas existem.

Se, tão arbitrariamente, decidem
defender sua causa veemente
sem a parte adversa estar presente,
vantagem levam, pois sem contra-ataque,
indefesa é acusada a outra parte.

Mas, se fossem escritos por autoras
Sei bem que as histórias seriam outras.

Pois, acusadas são injustamente;
sobre isso elas são bem conscientes.
E se as partes não são bem repartidas,
pegam os mais fortes as melhores fatias.

v. 437-444

Que fut jadis Medée au faulz Jason?
Trés loialle, et lui fist la toison
D'or conquerir par son engin subtil,
Dont il acquist loz plus qu'autres cent mil.
Par elle fu renommé dessus tous,
Si lui promist que loial ami doulz
Seroit tout sien, mais sa foy lui menti
Et la laissa pour autre et s'en parti.

v. 437-444

Que fez outrora essa esposa leal,
Medeia, contra Jasão desleal?
Com suas artes lhe fez conquistar
o Velo d'Ouro e fama granjear
De todos os homens o mais louvado,
jurou ser amante fiel, dedicado.
Mas o juramento foi mentiroso
foi embora com outra, enganoso.

Tradução para o português:
Luciana Calado Deplagne e Ria Lemaire

Marie Le Jars de Gournay (1565-1645)



Portrait de Marie Le Jars de Gournay. Couverture de l'œuvre
Les Advis, ou Les Presens de la Demoiselle de Gournay (1641).

Retrato de Marie Le Jars de Gournay. Capa da obra
Les Advis, ou Les Presens de la Demoiselle de Gournay (1641).

Marie Le Jars de Gournay : philosophe de l'égalité

Ana Cristina Cardoso
Univesité Fédérale de Paraíba

Luciana Calado Deplagne
Univesité Fédérale de Paraíba
Groupe Christine de Pizan

L'écrivaine Marie de Gournay (1565-1645) naît à Paris, fille aînée du couple aisé Jeanne de Hacqueville et Guillaume Le Jars. Son patronyme vint de l'endroit où elle vécut à l'adolescence, Gournay-sur-Aronde, en Picardie. Orpheline de son père encore très jeune, Marie de Gournay se consacra à la lecture et à l'étude de langues de façon autodidacte en rejetant l'apprentissage réservée aux adolescentes de son temps : la broderie, la couture, le code d'étiquette pour le mariage ou la vie religieuse. Marie de Gournay fut témoin de la transition du XVI^e au XVII^e siècle, période d'intense hostilité et de dérision à l'égard des femmes, surtout les érudites et les écrivaines, ironiquement appelées « les précieuses ridicules » par Molière (1659). Elle choisit une vie de célibat et la carrière des Lettres.

Comme les humanistes italiennes, Marie de Gournay a eu un vif intérêt pour les textes philosophiques, les langues et la littérature classique. À l'âge de 21 ans, elle décida de s'installer seule à Paris afin de suivre sa carrière des Lettres. Elle fréquente des cercles artistiques et littéraires organisés par la royauté, ainsi que ceux de Marguerite de Valois et de Marie de Médicis, et elle connaît de nombreuses personnalités célèbres, dont Claude Malleville, Guillaume Colletet, les frères Habert, Mathurin Régnier, François Maynard, Philippe Desportes et Honoré d'Urfé. Afin d'assurer sa subsistance, l'écrivaine offra sa plume à des mécènes de la noblesse, surtout à des sponsors comme Marie de Médicis, la Marquise de Guercheville, Marie de Bruneau, dame des Loges, Mlle de Senneterre.

Marie Le Jars de Gournay: a filósofa da igualdade

Ana Cristina Cardoso

Universidade Federal da Paraíba

Luciana Calado Deplagne

Universidade Federal da Paraíba

Grupo Christine de Pizan

A escritora Marie de Gournay (1565-1645) nasceu em Paris, filha mais velha do casal abastado Jeanne de Hacqueville e Guillaume Le Jars. Seu sobrenome foi tirado do local onde viveu na adolescência, Gournay-sur-Aronde, na região da Picardia. Órfã de pai ainda muito jovem, Marie de Gournay se dedicou à leitura e ao estudo de línguas como autodidata, rejeitando o aprendizado reservado às adolescentes de sua época: bordado, costura, regras de etiqueta para o casamento, ou a vida religiosa. Vivendo na transição entre os séculos XVI e XVII, período de intensa hostilidade e desprezo às mulheres, principalmente mulheres eruditas, escritoras, chamadas ironicamente de “preciosas ridículas”, título da peça homônima que Molière escreveu em 1659, a escolha de vida de Marie de Gournay foi o celibato e a carreira das Letras.

Como as humanistas italianas, Marie de Gournay tinha um ávido interesse pelos textos filosóficos, pelas línguas e literaturas clássicas. Aos 21 anos, decidiu se instalar sozinha em Paris, para seguir sua carreira nas Letras. Frequentadora de círculos artísticos e literários organizados pela realeza, como os de Marguerite de Valois e de Marie de Médicis, Marie de Gournay conheceu inúmeras figuras célebres, como Claude Malleville, Guillaume Colletet, os irmãos Habert, Mathurin Régnier, François Maynard, Philippe Desportes e Honoré d'Urfé. Para conseguir seu sustento, a escritora dedicou seus textos a mecenas da nobreza, sobretudo a patrocinadoras, como Marie de Médicis, a marquesa de Guercheville, Marie de Bruneau, dama de Loges, Mlle de Senneterre.

Dans le texte *Apologie pour celle qui écrit*, l'autrice cite l'aide financière reçue de la cour pendant la Régence de Marie de Médicis (Noiset, 1993, p. 195-196).

C'est aussi dans la capitale française que Marie de Gournay connaît le philosophe Michel Montaigne, pour qui elle avait une grande admiration depuis son adolescence. La lecture des *Essais* a produit un impact décisif dans la vie intellectuelle de Gournay. Lorsqu'ils se sont recontrés en 1588, une relation épistolaire solide s'établit entre eux jusqu'au décès du philosophe quatre ans plus tard. Par cette amitié et confiance mutuelles, Marie de Gournay reçoit de Montaigne le titre de « fille d'alliance », la fille par élection.

Après le décès de l'auteur, l'édition posthume de son oeuvre fut confiée par la veuve à Marie de Gournay. En 1595, elle publia la première édition du « livre orphelin », de son « père d'adoption ». Grâce à son travail éditorial dévoué, Marie de Gournay commença sa longue carrière dans ce domaine des Lettres. Même si l'autrice devint plus connue pour son rôle d'éditrice du célèbre humaniste, elle avait d'autres talents. De Gournay est l'autrice de plusieurs traités linguistiques et politiques, de romans, de textes poétiques, de pamphlets... Elle aborde également des thèmes divers dans ses œuvres : la nature humaine, les vertus et les vices, l'hypocrisie, l'amitié, la défense de l'égalité entre les sexes et les réflexions critiques contre les détracteurs et les moqueurs, dont elle a été constamment victime dans sa trajectoire littéraire. Sur *Apologie pour celle qui écrit*, l'autrice fait sa propre défense en énumérant ses qualités.

Marie de Gournay laissa aussi plusieurs écrits sur des questions de style, sur la métaphore, sur les rimes et sur d'autres éléments de littérature et de langage. Elle peut être considérée la première femme à écrire, en français, des traités philologiques qui proposaient des études critiques sur le langage, selon la chercheuse Giovanna Devincenzo (2010, p. 25).

No texto *Apologia para aquela que escreve*, a autora menciona o apoio financeiro que recebeu da corte, durante a Regência de Marie de Médicis (Noiset, 1993, p. 195-196).

Ainda na capital francesa, Marie de Gournay conheceu o filósofo Michel Montaigne, por quem tinha grande admiração desde a adolescência. A leitura dos *Ensaio*s causou um impacto decisivo na vida intelectual de Gournay. Ao se conhecerem pessoalmente em 1588, uma sólida relação epistolar se estabeleceu entre ambos, até a morte do filósofo quatro anos mais tarde. Por essa amizade e confiança mútuas, Marie de Gournay recebeu de Montaigne o título de “*fille d’alliance*”, ou seja, a filha por eleição.

Com a morte do autor, a edição póstuma de sua obra foi confiada pela viúva a Marie de Gournay. Em 1595, ela publicou a primeira edição do “livro órfão”, de seu “pai de adoção”. Graças ao seu dedicado trabalho editorial, Marie de Gournay iniciou sua longa carreira nesse campo das Letras. Embora a escritora tenha ficado mais conhecida pelo papel de editora do célebre humanista, esse não foi seu único talento. Gournay é autora de diversos tratados linguísticos e políticos, romances, textos poéticos, panfletos. Igualmente, diversas são as temáticas abordadas em suas obras: a natureza humana, as virtudes e vícios, a hipocrisia, a amizade, a defesa da igualdade entre os sexos e reflexões críticas contra os maldizentes e zombadores, de quem foi constantemente vítima em sua trajetória literária. Em *Apologia para aquela que escreve*, a autora faz sua própria defesa, elencando suas qualidades.

Marie de Gournay deixou também vários escritos sobre questões de estilo, metáfora, rimas e outros elementos de literatura e de linguagem. Pode ser considerada a primeira mulher a escrever tratados filológicos em francês, propondo estudos críticos sobre a linguagem, segundo a pesquisadora Giovanna Devincenzo (2010, p. 25).

Le maniement du langage et la maîtrise des langues classiques rendirent Gournay l'une des traductrices les plus reconnues de son temps. Dans son article « Marie de Gournay : portrait d'une femme héroïque », Devincenzo souligne l'habileté de Gournay en tant que traductrice. Pour elle, ce serait « une précieuse occasion de se présenter encore une fois comme héritière des grands humanistes du XVI^e siècle ». En 1619, l'autrice publia ses traductions de pièces de Virgile, de Tacite, de Salluste, et poursuivit son travail de traductrice d'œuvres classiques de l'Antiquité, comme *l'Énéide*, et aussi d'œuvres contemporaines, comme la tragédie *Herodes Infanticida*, par le Hollandais Daniel Heinsius, en plus de citations en latin présentes dans les *Essais* de Montaigne.

Dans toutes ses facettes intellectuelles, Marie de Gournay chercha à se définir comme sujet de son histoire, attentive aux soucis de son temps. Le texte choisi pour cette anthologie, *Égalité des hommes et des femmes*, traduit par Marta Pragana Dantas et Ana Cristina Cardoso, dévoile la conscience critique de l'autrice et surtout son activisme, lorsqu'il montre concrètement sa capacité intellectuelle et de réflexion politique et philosophique sur les problématiques de son temps et sur les injustices d'une société misogyne et patriarcale où Gournay était insérée.

Pour Marie de Gournay, la misogynie est liée aux préjugés masculins envers les femmes et à l'abus de la raison :

D'autant qu'ils ont ouï trompéter par les rues, que les femmes manquent de dignité, manquent aussi de suffisance, voire du tempérament et des organes pour arriver à celle-ci ; leur éloquence triomphe à prêcher ces maximes : et tant plus opulemment, de ce que dignité, suffisance, organes et tempérament sont de beaux mots : n'ayans pas appris d'autre part, que la première qualité d'un mal habille homme, c'est de cautionner les choses sous la foi populaire et par ouï-dire. (Gournay, 1622, p. 8)

O manejo da linguagem e o domínio das línguas clássicas tornaram Gournay uma das mais reconhecidas tradutoras de sua época. Devincenzo (2010, p. 25-26) destaca, em seu artigo “Marie de Gournay: retrato de uma mulher heroica”, a habilidade de Gournay com a prática tradutória, que seria para ela “uma preciosa ocasião de se apresentar mais uma vez como herdeira dos grandes humanistas do século XVI”. Em 1619, a autora publicou suas traduções de peças de Virgílio, Tácito e Salústio, e deu prosseguimento ao seu trabalho de tradutora de obras clássicas da Antiguidade, como a *Eneida*, e também contemporâneas, como a tragédia *O massacre dos inocentes*, do holandês Daniel Heinsius, além de citações em latim presentes nos *Ensaio*s de Montaigne.

Em todas suas facetas intelectuais, Marie de Gournay buscou se posicionar como sujeito de sua história, atenta aos problemas do seu tempo. O texto selecionado para esta antologia, *Igualdade dos homens e das mulheres*, traduzido por Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso, é revelador da consciência crítica da autora e, sobretudo, de seu ativismo, ao mostrar, na prática, a capacidade intelectual e de reflexão política e filosófica sobre as problemáticas de seu tempo e as injustiças de uma sociedade misógina e patriarcal na qual Gournay estava inserida.

Para Marie de Gournay, a misoginia está relacionada ao preconceito masculino contra a mulher e ao mau uso da razão, como vemos aqui:

Principalmente porque eles ouviram trombetear pelas ruas que as mulheres carecem de dignidade, carecem também de capacidade, quando não de temperamento e de órgãos para alcançarem esta última; a eloquência deles triunfa ao pregar essas máximas. E isso de forma muito mais exuberante pelo fato de que dignidade, capacidade, órgãos e temperamento são belas palavras, não tendo eles aprendido, por outro lado, que a primeira qualidade de um homem inepto é a de endossar as coisas pela fé popular e por ouvir. (Gournay, 1622, p. 8, tradução de Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso)

Véritable pamphlet contre les institutions et contre tous ceux qui défendaient l'infériorité des femmes et leur subordination au sexe masculin, *Égalité des hommes et des femmes* fut écrit en 1622 et dénota une prise de position de la philosophe dans la polémique qui opposait défenseurs et détracteurs des femmes. Il fait partie d'un recueil de textes de Marie de Gournay, édité par l'autrice et intitulé, d'abord, *L'Ombre de la Demoiselle de Gournay*, puis *Les Advis ou les Présens de la Demoiselle de Gournay*.

L'éloignement temporel du texte source a posé une série de défis aux traductrices, qui ont décidé de produire une traduction qui prendrait en compte les éléments poétiques et éthiques, critères défendus par Berman (1995) dans son texte *Pour une critique des traductions : John Donne*. Pour cet auteur, l'éthique est le respect, ou plutôt un certain respect de l'original. En ce sens, la traduction présentée par Marta Pragana Dantas et Ana Cristina Cardoso cherche à respecter et à préserver, autant que possible, les termes archaïques et les expressions du XVII^e siècle aussi bien que les aspects stylistiques liés à la syntaxe et à la ponctuation.

Traduction en français : Arina Alba

Verdadeiro panfleto contra as instituições e todos aqueles que defendiam a inferioridade da mulher e a sua subordinação ao sexo masculino, *Igualdade dos homens e das mulheres* foi escrito em 1622 e significou uma tomada de posição da filósofa na controvérsia que opunha defensores e detratores do sexo feminino. Ele faz parte de uma coletânea de textos de Marie de Gournay editada pela autora e intitulada, primeiramente, *A sombra da sra. De Gournay* e, em seguida, *Os conselhos ou presentes da Sra. De Gournay*.

A distância temporal do texto-fonte trouxe uma série de desafios para as tradutoras, que optaram por uma tradução que levasse em conta a poeticidade e a eticidade, critérios defendidos por Berman (1995) em seu texto *Por uma revisão das traduções: John Donne*. Para o autor, a eticidade é o respeito, ou melhor, um certo respeito pelo original. Nesse sentido, a tradução realizada por Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso procura respeitar e conservar, tanto quanto possível, termos arcaicos e expressões seiscentistas assim como questões de estilo relativas à sintaxe e à pontuação.

Égalité des hommes et des femmes

A plupart de ceux qui prennent la cause, des femmes, contre cette orgueilleuse préférence que les hommes s'attribuent, leur rendent le change entier : renvoyant la préférence vers elles. Moy qui fuis toutes extrémités, ie me contente de les égaler aux hommes : la nature s'opposant pour ce regard autant à la supériorité qu'à l'infériorité. Que dis-je, il ne suffit pas à quelques gens de leur préférer le sexe masculin, s'ils ne les confinoient encore d'un arrêt irrefragable & nécessaire à la quenouille, ouy même à la quenouille seule. Mais ce qui les peut consoler contre ce mépris, c'est qu'il ne se fait que par ceux d'entre les hommes auxquels elles voudroient moins ressembler : personnes à donner vray semblance aux reproches qu'on pourroit voir sur le sexe féminin, s'ils en estoient, & qui sentent en leur cœur ne se pouvoir recommander que par le crédit de l'autre. D'autant qu'ils ont ouy tromper par les ruses, que les femmes manquent de dignité, manquent aussi de suffisance, voire du temperament & des organes pour arriuer à cette-cy, leur éloquence triomphe à prescher ces maximes : & tant plus opulemment, de ce que, dignité, suffisance, organes & temperament font beaux mots : n'ayant pas appris d'autre part, que la première qualité d'un mal habillé homme, c'est de cautionner les choses sous la foy populaire & par ouyr dire. Voyez tels esprits comparer ces deux sexes : la plus haute suffisance à leur avis où les femmes puissent arriuer, c'est de ressembler le commun des hommes : autant eslongnez d'imaginer, qu'une grande femme se peut dire grandhomme, le sexe chagé, que de consentir qu'un homme se peut esleuer à l'estage d'un Dieu. Gens plus braues qu'Hercules vrayement, qui ne desfit que douze monstres en douze combats ; tandis que d'une seule parole ils desfont la moitié du Monde. Qui croira cependant, que ceux qui se veulent esleuer & fortifier de la foiblesse d'autrui, se puissent esleuer ou fortifier de

Igualdade dos homens e das mulheres

A maior parte daqueles que apoiam a causa das mulheres, contra a presunçosa preferência que os homens atribuem a si mesmos, fazem-no de maneira plena, dando-lhes a preferência. Eu, que sempre fujo dos extremos, contento-me em igualá-las aos homens, pois a natureza opõe-se, a esse respeito, tanto à superioridade quanto à inferioridade. O que estou dizendo? Não basta para algumas pessoas preferir o sexo masculino se, além disso, não condenarem as mulheres, por meio de uma decisão indiscutível e necessária, à roca de fiar: isso mesmo, à roca de fiar exclusivamente. Mas o que pode consolá-las contra esse menosprezo é que ele é exercido apenas pela parcela dos homens com os quais elas menos desejariam se parecer: homens que validam as críticas vomitadas sobre o sexo feminino, quando é o caso, e que sentem no coração que só podem ser reconhecidos por meio do crédito dos outros. Principalmente porque eles ouviram trombetear pelas ruas que as mulheres carecem de dignidade, carecem também de capacidade, quando não de temperamento e de órgãos para alcançarem esta última; a eloquência deles triunfa ao pregar essas máximas. E isso de forma muito mais exuberante, pelo fato de que dignidade, capacidade, órgãos e temperamento são belas palavras, não tendo eles aprendido, por outro lado, que a primeira qualidade de um homem inepto é a de endossar as coisas pela fé popular e por ouvir dizer. Vede tais espíritos compararem esses dois sexos. A mais alta capacidade à qual as mulheres podem chegar, na opinião deles, é assemelhar-se ao comum dos homens: tão longe estão de imaginar que uma grande mulher possa se dizer um grande homem, caso o seu sexo fosse trocado, quanto de consentir que um homem possa se elevar à altura de um deus. Homens, sem dúvida, mais destemidos que Hércules, que desafiou apenas doze monstros em doze combates, enquanto, com uma só palavra, eles desafiam a metade

leur propre force ? Et le bon est, qu'ils pensent estre quittes de leur effronterie à vilipender ce sexe, vñants d'une effronterie pareille à se louer & se dorer eux mesmes, ie dis par fois en particulier comme en general, voire à quelque tort que ce soit : comme si la verité de leur vñterie receuoit mesure & qualité de son impudence. Et Dieu sçait si ie congnois de ces ioyeux vanteurs, & dont les vanteries sont tantost passées en proverbe, entre les plus eschauffez au mespris des femmes. Mais quoy, s'ils prennent droict d'estre galans & suffisans hommes, de ce qu'ils se declarent tels cõme par Edict ; pourquoy n'abestiront ils les femmes par le contrepied d'un autre Edict ? Et si ie iuge bien, soit de la dignité, soit de la capacité des dames, ie ne pretends pas à cette heure de le prouuer par raisons, puisque les opiniaftres les pouroient debattre, ny par exemples, d'autant qu'ils font trop cõmuns ; ains seulement par l'auctorité de Dieu mesme, des arcboutans de son Eglise & de ces grands hommes qui ont seruy de lumiere à l'Vniuers. Rengeons ces glorieux tesmoins en teste, & referuons Dieu, puis les Saints Peres de son Eglise, au fonds, comme le tresor.

Platon à qui nul n'a debattu le tiltre de diuin, & consequemment Socrates son interprete & Protecole en les Escrípts ; (s'il n'est là mesme celuy de Socrates, son plus diuin Precepteur) leur assignent mesmes droicts, facultez & fonctions, en leurs Republicques & par tout ailleurs. Les maintiennent, en outre, auoir surpassé maintefois tous les hommes de leur Patrie : comme en effect elles ont inuenté partie des plus beaux arts, ont excellé, voire enseigné cathedralement & souuerainement sur tous les hommes en toutes sortes de perfectiones & vertus, dans les plus fameuses villes antiques entre autres Alexandrie, premiere de l'Empire apres Hypathia. Rome. Dont il est arriué que ces deux Philosophes, miracles de Nature, ont creu dõner plus de lustre à des discours de grand poix, s'ils les prononçoient en leurs liures par la bouche de Diotime &

do mundo. Quem acreditará, no entanto, que aqueles que querem crescer e se fortalecer a partir da fraqueza do outro possam crescer ou se fortalecer a partir da sua própria força? E o bom é que eles pensam estar quites em relação à própria audácia ao vilipendiar o sexo feminino, usando de audácia semelhante ao se elogiarem e abrihantarem a si mesmos. Eu digo, às vezes, tanto em particular como em geral, e até mesmo parecendo um pouco injusta: é como se a verdade de sua arrogância fosse medida como qualidade de sua desfaçatez. E Deus sabe se conheço esse tipo de bobo arrogante, cujas bravatas em pouco tempo se transformaram em provérbio dos mais hostis para menosprezar as mulheres. Mas, se eles se jactam de serem homens galantes e capazes, declarando-se tal como que por decreto, por que não bestificariam as mulheres, em contrapartida, por meio de outro decreto? E, se julgo corretamente, seja a dignidade, seja a capacidade das damas, não pretendo, neste momento, prová-lo com argumentos, uma vez que os insistentes poderiam debatê-los, nem com exemplos, sobretudo porque estes são comuns demais; mas, antes, somente com a autoridade de Deus mesmo, das bases de sua Igreja e dos grandes homens que serviram como farol para o universo. Guardemos em mente essas gloriosas testemunhas e sirvamos repetidamente a Deus, em seguida aos Santos Pais de sua Igreja, como a um tesouro.

Platão, cuja denominação de divino ninguém contestou, e, consequentemente, Sócrates, seu intérprete e modelo em seus escritos (se não é ele mesmo o modelo de Sócrates, seu mais divino preceptor), conferem às mulheres os mesmos direitos, faculdades e funções em suas Repúblicas e alhures. Sustentam, além disso, que elas superaram várias vezes todos os homens de sua pátria: como, de fato, elas inventaram parte das mais belas artes, atingiram a excelência e até ensinaram catedrática e soberanamente a respeito de todos os homens em todo tipo de perfeições e virtudes, nas mais célebres cidades antigas, entre as quais

d'Alpafie : Diotime que ce dernier ne craint point d'appeller sa maistresse & Preceptrice, en quelques vnes des plus hautes ſciences, luy Precepteur & maiftre du genre humain. Ce que Theodoret releue ſi volontiers en *l'Oraifon de la Foy*, ce me ſemble ; qu'il paroift bien que l'opinion fauorable au ſexe luy eſtoit fort plaufible. Apres tous ces teſmoignages de Socrates, ſur le faict des dames ; on void aſſez que s'il lache quelque mot au *Sympoſe* de Xenophon contre leur prudence, à compairaiſon de celle des hommes, il les regarde ſelon l'ignorance & l'inexperience où elles ſont nourries, ou bien au pis aller en general, laiſſant lieu frequent & ſpatieux aux exceptions : à quoy les deuifeurs dont eſt queſtion ne s'entendent point.

Que ſi les dames arriuēt moins ſouuēt que les hōmes, aux degrez d'excellence, c'eſt merueille que le deffaut de bonne inſtructiō, voire l'affluēce de la mauuaife expreſſe & profefſoire ne face pis, les gardant d'y pouuoir arriuer du tout. Se trouue til plus de difference des hommes à elles que d'elles à elles meſmes, ſelon l'inſtitution qu'elles ont prinſe, ſelon qu'elles ſont eſleuées en ville ou village, ou ſelon les Nations ? Et pourquoy leur inſtitution ou nourriture aux affaires & Lettres à l'egal des hommes, ne rempliroit elle ce vuide, qui paroift ordinairement entre les teſtes des meſmes hommes & les leurs : puis que la nourriture eſt de telle importance qu'vn de ſes membres ſeulement, c'eſt à dire le commerce du monde, abondant aux Françoises & aux Angloiſes, & manquant aux Italiennes, celles cy ſont de gros en gros de ſi loing ſurpaſſées par celles là ? Je dis de gros en gros, car en detail les dames d'Italie triomphent par fois : & nous en auons tiré deux Reynes à la prudence deſquelles la France a trop d'obligation. Pourquoi vrayment la nourriture ne frapperoit elle ce coup, de remplir la diſtance qui ſe void entre les entendemens des hommes & des femmes ; veu qu'en cet exemple icy le moins ſurmonte le plus, par l'aſſiſtance d'vne ſeulement de ſes parcelles, ie dis ce cōmerce & conuerſatiō : l'air des Italiēnes eſtant plus

Alexandria, primeira do Império, depois de Roma. Resultou disso que esses dois filósofos, milagres da natureza, acreditaram dar mais brilho a seus discursos de grande peso, caso os proferissem em seus livros pela boca de Diotima e de Aspásia; Diotima, a quem Sócrates não teme chamar de sua mestra e preceptora em algumas das mais elevadas ciências, ele mesmo preceptor e mestre do gênero humano. Aquilo que Teodoreto enaltece na *Oração da fé*, ao que me parece, ele o faz de tão bom grado, que, aparentemente, a opinião favorável a esse sexo era-lhe bastante plausível. Depois de todos esses testemunhos de Sócrates sobre a questão das damas, vê-se claramente que, se ele deixa escapar algumas palavras no *Simpósio* de Xenofonte contra a prudência delas, em comparação com a dos homens, ele as vê sob o prisma da ignorância e da inexperiência nas quais elas são instruídas; ou então porque, no pior dos casos, em geral ele dá espaço amplo e recorrente às exceções, coisa que os faladores em questão não entendem.

Se as damas alcançam, com menos frequência que os homens, os graus da excelência, é milagre que a falta de uma boa instrução, e certamente o afluxo da má instrução manifesta e professada, não faça pior, impedindo-as totalmente de chegar lá. Encontra-se mais diferença dos homens em relação a elas do que entre elas mesmas, conforme a educação que tenham recebido, conforme educadas na cidade ou no interior, ou conforme as nações de origem? E por que a educação ou instrução delas para os negócios e as Letras em pé de igualdade com os homens não preencheria esse vazio que aparece ordinariamente entre as cabeças dos mesmos homens e as delas, uma vez que a instrução é de tamanha importância que, em apenas um de seus domínios, quer dizer, o comércio mundial, abundando entre as francesas e as inglesas e faltando às italianas, estas últimas são, em grosso, de longe suplantadas por aquelas? Digo em grosso porque, no retalho, as damas da Itália às vezes triunfam, e de lá nós trouxemos duas rainhas à prudência das quais a França deve imensamente. Plutarco, no *Tratado dos feitos virtuosos das mulheres*,

fubtil & propre à fubtilizer les efprits, comme il paroift en ceux de leurs hommes, confrontez communement contre ceux là des François & des Anglois ? [...] Plutarque au *Traicté des vertueux faicts des femmes maintient* ; que la vertu de l'homme & de la femme eft mefme chofe. Seneque d'autre part publie aux *Confolations* ; qu'il faut croire que la Nature n'a point traicté les dames ingratement, ou reftrainct & racourcy leurs vertus & leurs efprits, plus que les vertus & les efprits des hōmes : mais qu'elle les a doüées de pareille vigueur & de pareille faculté à toute chofe honefte & loüable. Voyons ce qu'en iuge apres ces deux, le tiers chef du Triūuirat de la fageffe humaine & morale en les Effais. Il luy femble, dit il, & fi ne ſçait pourquoy, qu'il fe trouue rarement des femmes dignes de commander aux hommes. N'eft ce pas les mettre en particulier à l'egale contrebalance des hommes, & confeffer, que s'il ne les y met en general il craint d'auoir tort : bien qu'il peut excufer ſa reftrinction, ſur la pauvre & difgraciée nourriture de ce ſexe. N'oubliant pas au reſte d'alleguer & releuer en autre lieu de ſon mefme liure, cette autorité que Platon leur depart en ſa *Republique* & qu'Anthiſtenes nioit toute difference au talent & en la vertu des deux ſexes. Quant au Philoſophe Ariſtote, puisque remuant Ciel & terre, il n'a point contredit en gros, que ie ſcache, l'opinion qui fauoriſe les dames, il l'a confirmée : ſ'en rapportant, ſans doute, aux ſentences de ſon pere & grand pere ſpirituels, Socrates & Platō, comme à chofe conſtante & fixe ſoubs le credit de tels perſonnages : par la bouche deſquels il faut aduoüer que le genre humain tout entier, & la raifon mefme, ont prononcé leur arreſt. Eſt il Eraſme Epift : & Colloq. Politia : Epift. Agripa Preſel : du ſexe feminin Courtizan. beſoing d'alleguer infinis autres anciens & modernes de nom illuſtre, ou parmy ces derniers, Eraſme, Politien, Agripa, ny cet honneſte & pertinent Precepteur des courtizans : outre tant de fameux Poëtes ſi contrepoinctez tous enſemble aux meſpriſeurs du ſexe feminin, & ſi partifans de ſes aduantages aptitude & diſpoſition à tout office & tout exercice louable & digne ? Les dames en verité ſe conſolent,

sustenta que a virtude do homem e da mulher é a mesma coisa. Sêneca, por outro lado, publica nas *Consolações* que é preciso acreditar que a natureza não tratou as damas de maneira ingrata, ou restringiu e apenhou suas virtudes e sua inteligência, mais do que as virtudes e a inteligência dos homens; mas, isto sim, que ela as dotou de igual vigor e de igual faculdade para tudo que é honesto e louvável. Vejamos o que pensa a esse respeito, depois desses dois, o terceiro chefe do Triunvirato da sabedoria humana e moral nos seus *Ensaio*s. Parece-lhe, diz ele, sem saber por qual razão, que raramente se encontram mulheres dignas de comandar os homens. Não significa colocá-las, em particular, em igual contrapeso com os homens, e confessar que se ele não as colocar, em geral, nesse lugar, ele teme incorrer em erro? Se bem que ele poderia justificar sua restrição evocando a pobre e desprezada instrução desse sexo. De resto, não se esquece de alegar e destacar, em outro lugar do mesmo livro, a autoridade que Platão confere a elas em sua *República*; e que Antístenes nega qualquer diferença entre o talento e a virtude dos dois sexos. Quanto ao filósofo Aristóteles, posto que moveu céu e terra, ele não contradisse, *grosso modo*, que eu saiba, a opinião que favorece as damas; ele a confirmou, referindo-se, sem dúvida, às sentenças de seu pai e de seu avô espiritual, Sócrates e Platão, como sendo tema constante e fixo consoante a credibilidade de tais personagens, pela boca dos quais é preciso reconhecer que o gênero humano inteiro, e a própria razão, proclamaram seu veredito. Será que é necessário apresentar incontáveis outros antigos e modernos, de nome ilustre, entre estes últimos Erasmo, Poliziano, Ágripa, e esse honesto e pertinente preceptor dos cortesãos, além de tantos famosos poetas, todos juntos tão contrários aos difamadores do sexo feminino e tão partidários de suas vantagens, aptidões e disposição para todo ofício e toda atividade louvável e digna? Em verdade, as damas se consolam com o fato de que esses depreciadores do seu mérito não conseguem se mostrar pessoas sábias, como o são todas essas mentes brilhantes, e que um homem inteligente não dirá,

que ces descricteurs de leur merite ne se peuuent prouuer habiles gens, si tous ces esprits le font : & qu'un homme fin ne dira pas, encores qu'il le creust, que le merite & passeroit du sexe feminin tire court, pres celuy du masculin ; iusques à ce que par arrest il ait fait declarer tous ceux là buffles, affin d'infirmier leur tesmoignage si contraire à tel decry. Et buffles faudroit il encores declarer des Peuples entiers & des plus sublins, entre autres ceux de Smyrne en Tacitus : qui pour obtenir iadis à Rome presseëce de noblesse sur leurs voisins, allegoient estre descendus, ou de Tantalus fils de Iupiter ou de Theseus petit fils de Neptune ou d'une Amazone, laquelle par ce moyen ils contrepoioient à ces Dieux. Pour le regard de la loy Salique, qui priue les femmes de la couronne, elle n'a lieu qu'en France. Et fut inuëtée au temps de Pharamond, pour la seule consideration des guerres contre l'Empire duquel nos Peres secoüoient le ioug : le sexe feminin estant vray semblablement d'un corps moins propre aux armes, par la necessité du Hotman pour l'etymologie des Pairs : du Tillet & Math. Histoires du Roy pour les Dames Rairresses. port & nourriture des enfans. Il faut rémarquer encores neantmoins, que les Pairs de France ayans esté créés en premiere intention comme vne espece de personniers des Roys, ainsi que leur nom le declare : les dames Pairaïffes de leur chef ont seance, priuilege & voix deliberatiue par tout où les Pairs en ont & de mesme estendue. Comme aussi les Lacedemoniens ce braue & genereux Peuple, consultoit de toutes affaires Plut.priuées & publiques avec les femmes. Bien a seruy cependant aux François, de trouuer l'inuention des Regentes, pour vn equiualent des Roys ; car sans cela combien y a il que leur Estat fust par terre ? Nous sçaurions bien dire aujourd'huy par espreuue, quelle necessité les minoritez des Roys ont de cette recepte. Les Germains ces belliqueux Peuples, dit Tacitus, qui apres plus de deux cens ans de guerre, furent plustost triumphez que vaincus ; portoient dot à leurs femmes, non au rebours. Ils auoient au surplus des Nations, qui n'estoient iamais regies que par ce sexe. Et quand Ænee presente à Didon le sceptre d'Ilione, les scoliasfes

ainda que acredite nisso, que o mérito e as vantagens do sexo feminino são poucos perto dos do sexo masculino; até que, por decreto, ele tenha declarado estúpidos todos aqueles autores brilhantes, a fim de anular seus testemunhos tão contrários a tal decreto. E estúpidos seria necessário ainda declarar povos inteiros, inclusive os mais avançados, entre outros os habitantes de Esmirna, os quais, segundo os escritos de Tácito, para obterem, outrora em Roma, a precedência de nobreza face a seus vizinhos, alegavam ser descendentes ou de Tântalo, filho de Júpiter, ou de Teseu, neto de Netuno, ou de uma Amazona, a qual, dessa maneira, era equiparada a tais deuses. No que se refere à lei sálica, que priva as mulheres da coroa, ela só existe na França. Ela foi inventada no tempo de Faramundo, em razão única das guerras contra o Império de cujo jugo nossos pais se libertaram: o sexo feminino sendo, aparentemente, um corpo menos afeito às armas, pela necessidade de carregar e educar as crianças. É preciso observar ainda, entretanto, que, da mesma maneira como os pares de França foram criados, em um primeiro intento, para se tornarem uma espécie de associados do rei, conforme seus nomes o declaram, as damas de França também têm, por sua própria vontade, assento, privilégio e voz deliberativa em todos os lugares onde os pares o têm e com a mesma abrangência. Como também os lacedemônios, esse bravo e generoso povo que consultava, sobre todos os assuntos privados e públicos, suas mulheres. Bem serviu aos franceses, contudo, encontrar o artifício das regentes como um equivalente dos reis, pois, sem isso, há quanto tempo o Estado francês não teria vindo abaixo? Nós saberíamos dizer perfeitamente, hoje em dia, por experiência, qual a necessidade de recorrer a esse expediente para a menoridade dos reis. Os germânicos, segundo Tácito, povos belicosos, os quais, após mais de duzentos anos de guerra, foram antes vitoriosos que vencidos, pagavam dote às suas mulheres, e não o contrário. Eles tinham, além disso, nações que nunca eram regidas senão por esse sexo. E quando Eneias apresenta a Dido o cetro de Ílion, os escoliastas dizem que esse costume provém do

difent, que cela prouient, de ce que les dames filles aînées, telle qu'estoit cette Princeffe, regnoient anciennement aux maisons Royales. Veult on deux plus beaux enuers à la loy Salique, si deux enuers elle peut souffrir ? Si ne mesprisoient pas les femmes nos anciens Gaulois, ny les Carthaginois aussi ; lors qu'estans vnis en l'armée d'Hanibal pour passer les Alpes, ils establirent les dames Gauloises arbitres de leurs differends. Et quand les hommes desfroberoyent à ce sexe en plusieurs lieux, part aux meilleurs aduantages ; l'inegalité des forces corporelles plus que des spirituelles, ou du merite, peut facilement estre cause du larrecin & de la souffrance : forces corporelles, qui sont vertus si basses, que la beste en tient plus par dessus l'homme, que l'homme par dessus la femme. Et si ce mesme Historiographe Latin nous apprend, qu'ou la force regne, l'equité, la probité, la modestie mesme, sont les attributs du vainqueur ; s'estonnera-on, que la suffisance & les merites en general, soient ceux de nos hommes, priuatiuement aux femmes.

Au surplus l'animal humain n'est homme ny femme, à le bien prendre, les sexes estants faicts non simplement, mais *secundum quid*, comme parle l'Eschole : c'est à dire pour la seule propagation. L'unique forme & difference de cet animal, ne consiste qu'en l'ame humaine. Et s'il est permis de rire en passât, le quolibet ne sera pas hors de faisō, nous apprenant ; qu'il n'est rien plus semblable au chat sur vne fenestre, que la chatte. L'homme & la femme sont tellement vns, que si l'homme est plus que la femme, la femme est plus que l'homme. L'homme fut créé male & femelle, dit l'Escriture, ne comptant ces deux que pour vn. Dont Iesus-Christ est appelé fils de l'homme, bien qu'il ne le soit que de la femme. Ainsi parle apres le grād Saint Basile : La vertu de l'homme & Homil. 1. de la femme est mesme chose, puis que Dieu leur a decerné mesme creation & mesme honneur : *masculum & foeminam fecit eos*. Or en ceux de qui la Nature est vne & mesme, il faut que les actions aussi le soient, & que l'estime & loyer en suite soient pareils, où les œuvres sont pareilles. [...]

fato de que as damas primogênicas, tal como era essa princesa, reinavam antigamente nas casas reais. Quereis ainda mais dois belos reveses à lei sálica, se dois reveses ela pode suportar? Nem nossos antigos gauleses menosprezavam as mulheres, tampouco os cartagineses; quando eles estavam unidos no exército de Aníbal para atravessar os Alpes, estabeleceram as damas gaulesas como árbitras de suas desavenças. E quando, em diversos lugares, os homens subtraíram a esse sexo parte de suas melhores vantagens, a causa dessa subtração e desse sofrimento pode facilmente ser a desigualdade da força corporal mais do que a espiritual ou o mérito: forças corporais que são virtudes tão inferiores que o animal leva mais vantagem sobre o homem que o homem sobre a mulher. E se esse mesmo historiógrafo latino, Tácito, nos ensina que, onde a força reina, os atributos do vencedor são a equidade, a probidade e mesmo a modéstia, causar-nos-á surpresa que a capacidade e os méritos em geral sejam atribuídos aos nossos homens, e privados às mulheres.

Ademais, o animal humano não é homem nem mulher, pois, a bem da verdade, os sexos não foram feitos de forma absoluta, mas *secundum quid*, como diz a escolástica, apenas para a procriação. A única forma e diferença desse animal consiste somente na alma humana. E se nos for permitido rir *en passant*, esta piada não estará fora de propósito ao nos ensinar que nada é mais parecido com um gato em uma janela do que uma gata. O homem e a mulher são tão unos, que, se o homem é mais que a mulher, a mulher é mais que o homem. O homem foi criado macho e fêmea, diz a Escritura, valendo esses dois por um só. Donde Jesus Cristo é chamado filho do homem, ainda que o seja somente da mulher. Assim diz, depois disso, o grande São Basílio: a virtude do homem e da mulher é a mesma coisa, uma vez que Deus lhes concedeu a mesma criação e a mesma honra: *in asculum et foemininam fecit eos*. Ora, naqueles cuja natureza é una e a mesma, é necessário que as ações também o sejam, e que a estima e a recompensa dela decorrentes sejam iguais onde as obras são iguais. [...]

[...] Finalement si l'Esécriture a déclaré le mary, chef de la femme, la plus grande sottise que l'homme peut faire, c'est de prendre cela pour passédroit de dignité. Car veu les exemples, auctoritez & raisons notées en ce discours, par où l'égalité des graces & faueurs de Dieu vers les deux especes ou sexes est prouuée, voire leur vnité mesme, & veu que Dieu prononce : Les deux ne [] Finalemen : & prononce encores : L'hōme quittera pere & mere pour suiure sa femme ; il paroist que cette declaration n'est faicte que par le besoin expres de nourrir paix en mariage. Lequel besoin requeroit, sans doubte, qu'une des parties cédaſt à l'autre, & la prestance des forces du malle ne pouuoit pas souffrir que la soubmissiō veſt de sa part. Et quand bien il seroit veritable, selon que quelques vns maintiennent, que cette soubmissiō fut imposée à la femme pour chaſtiement du peché de la pomme : cela encores est bien esloigné de conclure à la pretendue preference de dignité en l'homme. Si lon croioit que l'Esécriture luy commendaſt de ceder à l'homme, comme indigne de le contrecarrer, voyez l'absurdité qui suiuroit : la femme se treueroit digne d'estre faicte à l'image du Createur, de iouyr de la treffaincte Eucaristie, des myſteres de la Redemptiō, du Paradis & de la vision voire possession de Dieu, non pas des aduantages et priuileges de l'homme : seroit ce pas declarer l'homme plus precieux & releué que telles choses, & partant commettre le plus grief des blasphemés ?

[...] Finalmente, se a Escritura declarou o marido chefe da mulher, a maior estupidez que o homem pode fazer é tomar isso como atestado de dignidade. Pois, vistos os exemplos, a autoridade e as razões anotadas neste discurso, por meio dos quais a igualdade das graças e dos favores de Deus para com as duas espécies ou sexos está provada, e talvez mesmo sua própria unidade, e visto que Deus disse: “Os dois serão apenas um”, e disse, ainda: “O homem deixará pai e mãe para seguir sua Mulher”; evidencia-se que essa declaração só é feita devido à necessidade expressa de nutrir a paz no casamento. Essa necessidade requeria, sem dúvida, que uma das partes cedesse à outra, e a aparência imponente da força masculina não podia tolerar que a submissão viesse de sua parte. E ainda que fosse verdade, de acordo com o que alguns sustentam, que essa submissão foi imposta à mulher como castigo pelo pecado da maçã, isso está ainda bem longe de permitir que se conclua pela suposta preferência de dignidade no homem. Se acreditássemos que a Escritura ordenou à mulher ceder ao homem, como indigna de se contrapor a ele, vede o absurdo que se sucederia: a mulher se acharia digna de ser feita à imagem do Criador, de gozar da santíssima Eucaristia, dos mistérios da Redenção, do paraíso e da visão, ou mesmo da possessão de Deus, mas não das vantagens e privilégios do homem. Isso não significaria declarar o homem mais precioso e elevado que tais coisas e, portanto, cometer a mais grave das blasfêmias?

Tradução para o português:
Marta Pragana Dantas e Ana Cristina Cardoso

Olympe de Gouges,
Marie Gouze (1748-1793)



Portrait d'Olympe de Gouges, par Alexander Kucharsky (c. 1787). Collection privée.

Retrato de Olympe de Gouges, de Alexander Kucharsky (c. 1787). Coleção privada.

Olympe de Gouges et les droits de la femme et de la citoyenne

Maysa Morais da Silva Vieira
Univesité Fédérale de Paraíba

Luciana Calado Deplagne
Univesité Fédérale de Paraíba

Au cours des dernières années, les mouvements pour l'égalité des genres ont suivi des voies prometteuses. Nombreuses sont les femmes qui consacrent leur temps à l'étude et à la lutte active visant à reconnaître leurs pouvoirs. Ce sont des expériences collectives et/ou individuelles qui tendent à rendre possible la prise de conscience et, ainsi, peuvent conduire à un réalignement de ces femmes à une place centrale au sein des différentes sociétés.

Les femmes ont été et sont toujours des protagonistes de luttes importantes inventées à travers le monde. En Europe, on met l'accent sur les luttes des femmes confrontées à des restrictions de leurs droits civils et sociaux, tels que l'éducation et le droit au vote. On peut penser aussi aux femmes asiatiques dans leur lutte contre les différents types de violences sexuelles, les femmes africaines et afro-diasporiques qui se sont battues et se battent toujours pour leur survie contre la colonisation, l'esclavage et le racisme, ainsi que les femmes amérindiennes qui étaient en première ligne contre les dominations sur leurs territoires et les nombreuses autres violences et génocides résultant de cet assujettissement.

En commun, les femmes du monde entier portent les souffrances causées par l'oppression, l'effacement et le silence de leur corps par des hommes qui, placés au sommet d'une pyramide sociale, dont ils détiennent la force et le pouvoir, se considèrent comme ayant le droit

Olympe de Gouges e os direitos da mulher e da cidadã

Maysa Morais da Silva Vieira
Universidade Federal da Paraíba

Luciana Calado Deplagne
Universidade Federal da Paraíba

Ao longo dos últimos anos, os movimentos por igualdade de gênero estão trilhando caminhos promissores. Muitas são as mulheres que dedicam seu tempo ao estudo e à luta ativa com vistas a um reconhecimento de seus poderes. São vivências coletivas e/ou individuais que tendem a possibilitar uma consciência e, assim, conduzir a um realinhamento dessas mulheres para um lugar de centralidade dentro das variadas sociedades.

As mulheres foram e ainda são protagonistas de importantes lutas em todo o mundo. Na Europa, destacam-se as lutas das mulheres no enfrentamento às restrições aos direitos civis e sociais, como a educação e o voto. Também deve-se lembrar das mulheres asiáticas e seus combates contra diversos tipos de violências sexuais, das mulheres africanas e afro-diaspóricas que lutaram e continuam lutando por sua sobrevivência à colonização, à escravidão e ao racismo, e ainda das mulheres nativas americanas que estiveram à frente contra a dominação europeia nos seus territórios e as muitas outras violências e genocídios decorrentes dessa subjugação.

Em comum, as mulheres ao redor do mundo carregam os sofrimentos deixados pela opressão, apagamento e silenciamento de seus corpos pelos homens que, colocados como topo de uma pirâmide social, cuja força e poder são detidos por eles, veem-se no direito de inferiorizar as

de fragiliser les femmes, sous prétexte qu'elles ne correspondent pas, en raison de leur condition biologique, les paramètres requis pour le statut de pouvoir social. Cependant, il est intéressant de souligner que certaines sociétés se sont construites sous la forme matriarcale et matrilineaire, comme on peut citer certaines sociétés sur le continent africain. Ces sociétés se sont construites sur des piliers essentiellement matriarcaux, réservant d'importants pouvoirs politiques aux femmes africaines dans la construction des sociétés et dans les relations avec les hommes. Toutefois, ces sociétés traditionnelles africaines, ainsi que d'autres sociétés ayant subi différentes interférences extérieures, telles que les processus de colonisation européenne, ont subi des changements dans leur fonctionnement social et, par conséquent, dans le rôle que les femmes y occupaient jusqu'alors.

De nos jours, le terme *féminisme* est l'un des noms adoptés pour caractériser les revendications des femmes en matière de droits et d'équité dans les sociétés patriarcales. Avant même l'adoption de ce terme, les mouvements collectifs et les manifestations individuelles des femmes étaient importants dans la lutte pour l'accès aux mêmes droits sociaux que les hommes. C'est donc en pensant aux trajectoires de résistance de ces femmes que nous présentons la traduction de deux textes d'Olympe de Gouges : *Réflexions sur les hommes nègres*, traduit par Luciana Calado Deplagne et la rétraduction de la célèbre *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne*, par Maysa Morais da Silva Vieira. L'écrivaine révolutionnaire affirme son rôle prépondérant dans la lutte universelle pour les droits des femmes, puisqu'elle osa, au milieu du XVIII^e siècle, en pleine Révolution française, lancer, dans ce manifeste, adressé à la reine Marie-Antoinette et transmis à l'Assemblée Nationale de France, son mécontentement quant à la situation de la femme dans la société française.

mulheres, pois estas não correspondem, sob pretexto de sua condição biológica, aos parâmetros exigidos para o status de poder social. No entanto, é interessante pontuar que algumas sociedades foram construídas de modo matriarcal e matrilinear, como algumas sociedades do continente africano. Essas sociedades foram edificadas sobre pilares essencialmente matriarcais, reservando às mulheres africanas poderes políticos importantes na construção das sociedades e nas relações com os homens. Porém, essas sociedades tradicionais africanas, assim como outras sociedades que sofreram diferentes interferências externas, tais como os processos colonizatórios europeus, passaram por modificações em seu funcionamento social e, conseqüentemente, no papel desempenhado pelas mulheres até então.

Na contemporaneidade, o termo *feminismo* é uma das denominações adotadas para caracterizar as reivindicações femininas por direitos e equidade nas sociedades patriarcais. Mesmo antes da adoção desse termo, movimentos coletivos e manifestações individuais de mulheres foram importantes para a luta por acesso aos mesmos direitos sociais que os homens possuíam. É, portanto, pensando nas trajetórias de resistências dessas mulheres que apresentamos a tradução de dois textos de Olympe de Gouges que representam bem suas lutas humanitárias: *Reflexões sobre os homens negros*, traduzido por Luciana Calado Deplagne, e a célebre *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, traduzida por Maysa Morais da Silva Vieira. A escritora revolucionária firma seu papel de destaque na luta universal pelos direitos das mulheres, pois ousou, em pleno século XVIII, no seio da Revolução Francesa, lançar, pelas linhas desse manifesto endereçado à rainha Maria Antonieta e encaminhado à Assembleia Nacional da França, sua insatisfação quanto à situação das mulheres na sociedade francesa.

Née en 1748 sous le nom de Marie Gouze, la dramaturge, militante politique et abolitionniste adopta le pseudonyme d'Olympe de Gouges, avec lequel elle signa ses textes. Outre les revendications pour les droits des femmes, elle a également participé activement à la lutte abolitionniste en France, en tant que membre de la Société Amis des Esclaves. Elle est l'auteure de la pièce de théâtre *L'esclavage des noirs*, écrite en 1784, dans laquelle elle raconte l'histoire d'un couple d'esclaves noirs, Zamora et Mirza, qui fuient après que l'un d'eux se soit rebellé et ait tué leur surveillant, ce qui marque l'engagement politique et social d'Olympe, ainsi que son insertion sur la scène littéraire. Bien que cette pièce soit reçue par la Comédie Française en 1785, les acteurs résistent, pendant plusieurs années, à la mettre en scène. En 1788, Olympe de Gouges décida de la publier sous le titre *L'esclavage des nègres*, accompagnée d'une postface, dans laquelle l'auteur expose les changements imposés par la Comédie Française comme condition pour que la pièce soit représentée. Ce texte intitulé *Réflexion sur les hommes nègres* se démarque par son contenu abolitionniste pour aborder et dénoncer les conditions déplorables des esclaves noirs dans les colonies au XVIII^e siècle.

Olympe de Gouges, avec l'anglaise Mary Wollstonecraft, représentent les premières manifestations occidentales de la lutte pour l'égalité entre les hommes et les femmes. Dans l'article « Critique littéraire féministe: Revisiter les origines », Anselmo Peres Alós et Bárbara Loureiro Andreta utilisent le terme de *protoféminisme* pour caractériser ces premières œuvres à caractère féministe, car elles comprennent un groupe d'œuvres, dont les idées et les personnages historiques ont été sauvés par le féminisme comme précurseurs, néanmoins, en raison d'un manque de pensée théorique cohérente, il n'y avait pas de systématisation de leurs textes (Alós et Andreta, 2017, p. 17).

Nascida em 1748, sob o nome de Marie Gouze, a dramaturga, ativista política e abolicionista adotou o pseudônimo de Olympe de Gouges, com o qual assinou seus textos. Para além das reivindicações pelos direitos femininos, ela ainda participou ativamente da luta abolicionista na França, como integrante da Sociedade dos Amigos dos Negros. É de sua autoria a peça teatral *A escravidão dos negros*, que conta a história de um casal de negros escravizados, Zamora e Mirza, que fogem após um deles se rebelar e matar o seu feitor. É essa obra, escrita em 1784, que marca o comprometimento político e social de Olympe, bem como sua inserção no cenário literário. Embora tenha sido recebida pela Comédie Française, em 1785, os atores resistiram por vários anos a encenar a peça. Em 1788, Olympe de Gouges a publicou com o título *A escravidão dos negros*, acompanhada de um posfácio, no qual expõe as alterações impostas pela Comédie Française como condição para que a peça fosse representada. O texto intitula-se *Reflexão sobre os negros*, e destaca-se por seu conteúdo abolicionista ao abordar as condições deploráveis dos escravizados negros nas colônias europeias no século XVIII.

Olympe de Gouges, juntamente com a inglesa Mary Wollstonecraft, representa uma das principais manifestações ocidentais do século das Luzes da luta por igualdade entre homens e mulheres. No artigo “Crítica literária feminista: revisitando as origens”, Anselmo Peres Alós e Bárbara Loureiro Andreta utilizam o termo *protofeminismo* para caracterizar essas primeiras obras de caráter feminista, pois compõem um grupo de obras cujas ideias e personagens históricas foram resgatadas pelo feminismo como precursoras; no entanto, por falta de pensamento teórico coerente, não houve uma sistematização de seus textos (Alós e Andreta, 2017, p. 17).

Dans son manifeste *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne*, Olympe assume un rôle de premier plan dans les luttes des femmes de son temps. Le texte fait directement référence au texte de la *Déclaration des Droits de L'Homme et du Citoyen*, approuvé en 1789 par l'Assemblée nationale constituante de France, et qui devint un symbole de la Révolution française. Les inquiétudes de Gouges découlent du fait que cette déclaration ne comprenait, dans aucun de ses 17 articles, de préoccupations concernant les droits des femmes. Ainsi, le manifeste d'Olympe appelle les femmes à se soulever contre les conditions anciennes et persistantes auxquelles les femmes étaient soumises et, dans ses 17 articles également, elle étend aux femmes les droits déjà reconnus pour les hommes. En plus de défendre l'émancipation des femmes, le texte prévoit un contrat social de mariage, qui pourrait être signé entre mari et femme, et qui vise à garantir l'autonomie sociale et financière des femmes. En cas de divorce, la femme ne serait pas démunie et bénéficierait des mêmes droits que son mari quant à la garde des enfants que le couple pourrait avoir.

Olympe de Gouges a été condamnée à la guillotine, sans droit de défense, le 3 novembre 1793, à Paris, car ses idées étaient considérées comme contre-révolutionnaires. Après avoir gagné les étiquettes de « contre nature » et de « trop dangereux » pour la société, l'écrivaine a été arrêtée, après les accusations portées par Maximilien Robespierre, dit « l'incorruptible », et Jean-Paul Marat, auquel elle a tissé une forte opposition politique. Conduite à sa mort, Olympe de Gouges aurait déclaré, comme elle l'avait déjà écrit dans sa *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne*, que si : « La femme a le droit de monter sur l'échafaud; elle doit avoir également celui de monter à la Tribune ».

Traduction en français : Maysa Morais da
Silva Vieira et Luciana Calado Deplagne

No seu manifesto *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, Olympe assume um lugar de protagonismo nas lutas femininas de sua época. O texto é uma referência direta ao texto *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, aprovado em 1789 pela Assembleia Nacional Constituinte da França, e que se tornou símbolo da Revolução Francesa. A inquietação de Gouges se dá por esta declaração não conter, em nenhum dos seus 17 artigos, preocupações no que dizia respeito aos direitos do gênero feminino. Assim, o manifesto de Olympe conclama as mulheres a se levantarem contra as velhas e persistentes condições às quais elas eram submetidas, e, nos seus também 17 artigos, estende às mulheres aqueles direitos já aprovados para os homens. Além de defender a emancipação das mulheres, o texto conta com um contrato social de casamento, que poderia ser firmando entre o marido e a esposa, e visava a garantir a autonomia social e financeira da mulher. Em caso de divórcio, a mulher não ficaria desamparada, bem como teria os mesmos direitos do marido a respeito da guarda dos filhos que o casal viesse a ter.

Olympe de Gouges foi condenada à guilhotina, sem direito de defesa, no dia 3 de novembro de 1793, em Paris, pois suas ideias foram consideradas contrarrevolucionárias. Ao ganhar rótulos de mulher “desnaturada” e “perigosa demais” para a sociedade, a escritora foi presa, após denúncias feitas por Maximilien Robespierre, conhecido como “o incorruptível”, e Jean-Paul Marat, aos quais ela tecia fortes oposições políticas. Ao ser conduzida à morte, Olympe de Gouges teria afirmado, tal qual já havia escrito na sua *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, que: “A mulher tem o direito de subir ao cadafalso, portanto ela também deve ter o direito de subir à tribuna”.

Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne

Les droits de la femme

Homme, es-tu capable d'être juste ? C'est une femme qui t'en fait la question ; tu ne lui ôteras pas moins ce droit. Dis-moi ? Qui t'a donné le souverain empire d'opprimer mon sexe ? Ta force ? Tes talents ? Observe le créateur dans sa sagesse ; parcours la nature dans sa grandeur, dont tu sembles vouloir te rapprocher, et donne-moi, si tu l'oses, l'exemple de cet empire tyrannique.⁵ Remonte aux animaux, consulte les éléments, étudie les végétaux, jette enfin un coup d'œil sur toutes les modifications de la matière organisée ; et rends-toi à l'évidence quand je t'en offre les moyens. Cherche, fouille et distingue, si tu le peux, les sexes dans l'administration de la nature. Partout, tu les trouveras confondus, partout ils coopèrent avec un ensemble harmonieux à ce chef-d'œuvre immortel. L'homme seul s'est fagoté un principe de cette exception. Bizarre, aveugle, boursoufflé de sciences et dégénéré, dans ce siècle de lumières et de sagacité, dans l'ignorance la plus crasse, il veut commander en despote sur un sexe qui a reçu toutes les facultés intellectuelles ; il prétend jouir de la Révolution, et réclamer ses droits à l'égalité, pour ne rien dire de plus. À décréter par l'Assemblée nationale dans ses dernières séances ou dans celle de la prochaine législature.

Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã

Os direitos da mulher

Homem, você é capaz de ser justo? É uma mulher que lhe faz a pergunta; pelo menos esse direito você não lhe tirará. Diga-me? Quem lhe deu o soberano império de oprimir o meu sexo? Sua força? Seus talentos? Observe o criador em sua sabedoria; passeie pela natureza em toda a sua grandeza, da qual você parece querer se aproximar, e dê-me, se tiver coragem, o exemplo deste império tirânico.⁵ Volte-se aos animais, consulte os elementos, estude as plantas, finalmente dê uma olhada em todas as modificações da matéria organizada, e encontre as evidências quando eu lhe oferecer os meios; procure, folheie e distinga, se puder, os sexos na administração da natureza. Em todos os lugares você os encontrará misturados, em todos os lugares eles cooperam harmoniosamente nesta obra-prima imortal. O homem sozinho agrupou um princípio dessa exceção. Estranho, cego, inchado de ciência e degenerado, neste século de esclarecimento e sagacidade, na mais imunda ignorância, ele quer governar como um déspota sobre um sexo que recebeu todas as faculdades intelectuais; ele afirma desfrutar da revolução e reivindicar seus direitos de igualdade, para não dizer mais nada.

Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne,

A décréter par l'Assemblée nationale dans ses dernières séances ou dans celle de la prochaine législature

Préambule

Les mères, les filles, les sœurs, représentantes de la nation, demandent d'être constituées en Assemblée nationale. Considérant que l'ignorance, l'oubli ou le mépris des droits de la femme, sont les seules causes des malheurs publics et de la corruption des gouvernements, ont résolu d'exposer dans une déclaration solennelle, les droits naturels inaliénables et sacrés de la femme, afin que cette déclaration, constamment présente à tous les membres du corps social, leur rappelle sans cesse leurs droits et leurs devoirs, afin que les actes du pouvoir des femmes, et ceux du pouvoir des hommes, pouvant être à chaque instant comparés avec le but de toute institution politique, en soient plus respectés, afin que les réclamations des citoyennes, fondées désormais sur des principes simples et incontestables, tournent toujours au maintien de la Constitution, des bonnes mœurs, et au bonheur de tous. En conséquence, le sexe supérieur, en beauté comme en courage, dans les souffrances maternelles, reconnaît et déclare, en présence et sous les auspices de l'Être suprême, les Droits suivants de la Femme et de la Citoyenne.



La Femme naît libre et demeure égale à l'homme en droits. Les distinctions sociales ne peuvent être fondées que sur l'utilité commune.

Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã,

A ser decretada pela Assembleia Nacional nas suas últimas sessões ou na próxima legislatura.

Preâmbulo

As mães, as filhas, as irmãs, representantes da nação, pedem para se constituir em assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o esquecimento ou o desprezo pelos direitos das mulheres são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção dos governos, resolvemos expor, em declaração solene, os direitos naturais inalienáveis e sagrados das mulheres, para que esta declaração, constantemente presente a todos os membros do corpo social, lhes faça recordar de seus direitos e deveres, a fim de que os atos do poder das mulheres e os atos do poder dos homens possam ser comparados a cada momento, com o objetivo de qualquer instituição política, devam ser mais respeitados, para que as queixas das cidadãs, fundamentadas doravante em princípios simples e incontestáveis, voltem-se sempre para a manutenção da constituição, dos bons costumes e da felicidade de todos. Consequentemente, o sexo superior tanto na beleza como na coragem, nos sofrimentos maternos, reconhece e declara, na presença e sob as bênçãos do Ser Supremo, os seguintes Direitos da Mulher e da Cidadã.



A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse comum.

II

Le but de toute association politique est la conservation des droits naturels et imprescriptibles de la Femme et de l'Homme. Ces droits sont la liberté, la propriété, la sûreté, et surtout la résistance à l'oppression.

III

Le principe de toute souveraineté réside essentiellement dans la Nation, qui n'est que la réunion de la Femme et de l'Homme : nul corps, nul individu, ne peut exercer d'autorité qui n'en émane expressément.

IV

La liberté et la justice consistent à rendre tout ce qui appartient à autrui ; ainsi l'exercice des droits naturels de la femme n'a de bornes que la tyrannie perpétuelle que l'homme lui oppose ; ces bornes doivent être réformées par les lois de la nature et de la raison.

V

Les lois de la nature et de la raison défendent toutes actions nuisibles à la société ; tout ce qui n'est pas défendu par ces lois, sages et divines, ne peut être empêché, et nul ne peut être contraint à faire ce qu'elles n'ordonnent pas.

VI

La loi doit être l'expression de la volonté générale ; toutes les Citoyennes et Citoyens doivent concourir personnellement ou par leurs représentants, à sa formation ; elle doit être la même pour tous : toutes les Citoyennes et tous les Citoyens, étant égaux à ses yeux, doivent être

II

O objetivo de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis da mulher e do homem: esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, acima de tudo, a resistência à opressão.

III

O princípio de toda soberania na nação consiste apenas na união da mulher e do homem: nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que não emane expressamente dele mesmo.

IV

A liberdade e a justiça consistem em devolver tudo o que pertence aos outros, de modo que o exercício dos direitos naturais da mulher não tem outros limites, senão a perpétua tirania que o homem lhe opõe; esses limites devem ser reformados pelas leis da natureza e da razão.

V

As leis da natureza e da razão proíbem todas as ações nocivas à sociedade: tudo o que não é defendido por estas leis, sábias e divinas, não pode ser evitado, e ninguém pode ser constrangido a fazer o que elas não ordenam.

VI

A lei deve ser a expressão da vontade geral; todas as cidadãs e todos os cidadãos devem contribuir pessoalmente ou por meio de seus representantes, para a sua formação; ela deve ser igual para todos: todas as cidadãs e todos os cidadãos, sendo iguais aos olhos da lei, devem ser

également admissibles à toutes dignités, places et emplois publics, selon leurs capacités, et sans autres distinctions que celles de leurs vertus et de leurs talents.

VII

Nulle femme n'est exceptée ; elle est accusée, arrêtée, et détenue dans les cas déterminés par la loi : les femmes obéissent comme les hommes à cette loi rigoureuse.

VIII

La Loi ne doit établir que des peines strictement et évidemment nécessaires, et nul ne peut être puni qu'en vertu d'une Loi établie et promulguée antérieurement au délit et légalement appliquée aux femmes.

IX

Toute femme étant déclarée coupable ; toute rigueur est exercée par la Loi.

X

Nul ne doit être inquiété pour ses opinions mêmes fondamentales, la femme a le droit de monter sur l'échafaud ; elle doit avoir également celui de monter à la Tribune ; pourvu que ses manifestations ne troublent pas l'ordre public établi par la loi.

XI

La libre communication des pensées et des opinions est un des droits les plus précieux de la femme, puisque cette liberté assure la légitimité des pères envers les enfants. Toute Citoyenne peut donc dire librement,

igualmente admissíveis a todas as dignidades, lugares e empregos públicos, de acordo com as suas capacidades, e sem outras distinções que não sejam suas próprias virtudes e seus talentos.

VII

Nenhuma mulher deve ser excluída; ela é acusada, presa e detida nos casos determinados pela lei. As mulheres obedecem, tanto quanto os homens, a esta lei rigorosa.

VIII

A lei deve estabelecer penas estrita e obviamente necessárias, e ninguém pode ser punido senão em virtude de uma lei estabelecida e promulgada anteriormente ao delito e legalmente aplicada às mulheres.

IX

A toda mulher declarada culpada, todo o rigor deve ser exercido pela lei.

X

Ninguém deve ser incomodado por suas opiniões, ainda que sejam as mais básicas, a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, portanto ela também deve ter o direito de subir à tribuna; desde que suas manifestações não perturbem a ordem pública instituída por lei.

XI

A livre comunicação de pensamentos e opiniões é uma das coisas mais preciosas sobre as mulheres, já que esta liberdade garante a legitimidade dos pais para com os filhos. Então, toda cidadã pode dizer livremente:

je suis mère d'un enfant qui vous appartient, sans qu'un préjugé barbare la force à dissimuler la vérité ; sauf à répondre de l'abus de cette liberté dans les cas déterminés par la Loi.

XII

La garantie des droits de la femme et de la Citoyenne nécessite une utilité majeure ; cette garantie doit être instituée pour l'avantage de tous, et non pour l'utilité particulière de celles à qui elle est confiée.

XIII

Pour l'entretien de la force publique, et pour les dépenses d'administration, les contributions de la femme et de l'homme sont égales ; elle a part à toutes les corvées, à toutes les tâches pénibles ; elle doit donc avoir de même part à la distribution des places, des emplois, des charges, des dignités et de l'industrie.

XIV

Les Citoyennes et Citoyens ont le droit de constater par eux-mêmes ou par leurs représentants, la nécessité de la contribution publique. Les Citoyennes ne peuvent y adhérer que par l'admission d'un partage égal, non seulement dans la fortune, mais encore dans l'administration publique, et de déterminer la quotité, l'assiette, le recouvrement et la durée de l'impôt.

XV

La masse des femmes, coalisée pour la contribution à celle des hommes, a le droit de demander compte, à tout agent public, de son administration.

“eu sou a mãe de uma criança que lhe pertence”, sem que um preconceito bárbaro a force a esconder a verdade; exceto quando tenha que responder pelo abuso desta liberdade nos casos previstos em lei.

XII

A garantia dos direitos da mulher e da cidadã exige uma utilidade maior; essa garantia deve ser instituída para o benefício de todos e não para a utilidade particular daqueles a quem ela foi confiada.

XIII

Para a manutenção da força pública, e para as despesas de administração, as contribuições da mulher e do homem são iguais; ela participa de todos os trabalhos forçados, de todas as tarefas penosas, ela deve, portanto, receber a mesma distribuição dos cargos, dos empregos, dos ofícios, das dignidades e da indústria.

XIV

As cidadãs e os cidadãos têm o direito de verificar por si próprios, ou por meio de seus representantes, a necessidade da contribuição pública. As cidadãs só podem aderir a ela a partir de uma repartição igualitária, não apenas na fortuna, mas também na administração pública, determinando a quota, a base do tributo, a arrecadação e a duração do imposto.

XV

A classe das mulheres, unida por uma contribuição igual à dos homens, tem o direito de pedir contas de sua administração a qualquer agente público.

XVI

Toute société, dans laquelle la garantie des droits n'est pas assurée, ni la séparation des pouvoirs déterminée, n'a point de constitution ; la constitution est nulle, si la majorité des individus qui composent la Nation, n'a pas coopéré à sa rédaction.

XVII

Les propriétés sont à tous les sexes réunis ou séparés : elles ont pour chacun un droit lorsque la nécessité publique, légalement constatée, l'exige évidemment, et sous la condition d'une juste et préalable indemnité.

Postambule

Femme, réveille-toi ; le tocsin de la raison se fait entendre dans tout l'univers ; reconnais tes droits. Le puissant empire de la nature n'est plus environné de préjugés, de fanatisme, de superstition et de mensonges. Le flambeau de la vérité a dissipé tous les nuages de la sottise et de l'usurpation. L'homme esclave a multiplié ses forces, a eu besoin de recourir aux chaînes pour briser ses fers. Devenu libre, il est devenu injuste envers sa compagne. Ô femmes ! Femmes, quand cesserez-vous d'être aveugles ? Quels sont les avantages que vous recueillez dans la révolution ? Un mépris plus marqué, un dédain plus signalé. Dans les siècles de corruption vous n'avez régné que sur la faiblesse des hommes. Votre empire est détruit ; que vous reste-t-il donc ? La conviction des injustices de l'homme. La réclamation de votre patrimoine, fondée sur les sages décrets de la nature ; qu'auriez-vous à redouter pour une si belle entreprise ? Le bon mot du Législateur des noces de Cana ? Craignez-vous que nos Législateurs français, correcteurs de cette morale, longtemps accrochée aux branches de la politique, mais qui n'est plus de saison, ne vous répètent : femmes, qu'y

XVI

Toda sociedade, na qual não seja assegurada a garantia de direitos nem determinada a separação de poderes, não tem constituição; a constituição é nula se a maioria dos indivíduos que compõem a nação não cooperou em sua redação.

XVII

As propriedades, unidas ou separadamente, pertencem a todos os sexos; elas têm, para cada indivíduo, um direito inviolável e sagrado; ninguém pode ser privado de um verdadeiro patrimônio da natureza, exceto quando a necessidade pública, legalmente estabelecida, obviamente o exigir, e nos termos da condição de justa e prévia indenização.

Pós-âmbulo

Mulher, acorde; o soar da razão pode ser ouvido em todo o universo; reconheceis seus direitos! O poderoso império da natureza não está mais cercado de preconceito, fanatismo, superstição e mentiras. A tocha da verdade dissipou todas as nuvens de tolice e usurpação. O homem escravizado multiplicou sua força e precisou recorrer às suas forças para quebrar seus grilhões. Tornando-se livre, ele se tornou injusto com sua companheira. Ó mulheres! Mulheres, quando deixarão de ser cegas? Quais são os benefícios que obtivestes com a revolução? Um desprezo mais marcante, um desdém mais acentuado. Durante os séculos de corrupção, vós reinastes apenas sobre a fraqueza dos homens. Vosso império está destruído; o que vos restou? A convicção das injustiças do homem. A reivindicação de vosso patrimônio, com base nos sábios decretos da natureza; o que teríeis que temer por uma empresa tão bela? A boa palavra do legislador das núpcias de Caná? Vós temeis que nossos legisladores franceses, corretores dessa moral, há muito apegados aos ramos da política, mas que não está mais na época, repitam para

a-t-il de commun entre vous et nous ? Tout, auriez-vous à répondre. S'ils s'obstinent, dans leur faiblesse, à mettre cette inconséquence en contradiction avec leurs principes ; opposez courageusement la force de la raison aux vaines prétentions de supériorité ; réunissez-vous sous les étendards de la philosophie ; déployez toute l'énergie de votre caractère, et vous verrez bientôt ces orgueilleux, non serviles adorateurs rampants à vos pieds, mais fiers de partager avec vous les trésors de l'Être Suprême. Quelles que soient les barrières que l'on vous oppose, il est en votre pouvoir de les affranchir ; vous n'avez qu'à le vouloir. Passons maintenant à l'effroyable tableau de ce que vous avez été dans la société ; et puisqu'il est question, en ce moment, d'une éducation nationale, voyons si nos sages Législateurs penseront sainement sur l'éducation des femmes.

Les femmes ont fait plus de mal que de bien. La contrainte et la dissimulation ont été leur partage. Ce que la force leur avait ravi, la ruse leur a rendu ; elles ont eu recours à toutes les ressources de leurs charmes, et le plus irréprochable ne leur résistait pas. Le poison, le fer, tout leur était soumis ; elles commandaient au crime comme à la vertu. Le gouvernement français, surtout, a dépendu, pendant des siècles, de l'administration nocturne des femmes ; le cabinet n'avait point de secret pour leur indiscretion ; ambassade, commandement, ministère, présidence, pontificat,⁶ cardinalat; enfin tout ce qui caractérise la sottise des hommes, profane et sacré, tout a été soumis à la cupidité et à l'ambition de ce sexe autrefois méprisable et respecté, et depuis la révolution, respectable et méprisé.

Dans cette sorte d'anthithèse, que de remarques n'ai-je point à offrir ! je n'ai qu'un moment pour les faire, mais ce moment fixera l'attention de la postérité la plus reculée. Sous l'ancien régime ; tout étoit vicieux, tout étoit coupable; mais ne pourroit-on pas apercevoir l'amélioration des choses dans la substance même des vices? Une femme n'avoit besoin

vós: mulheres, o que há de comum entre vós e nós? Tudo, vós teríeis que responder. Se eles persistirem, em sua fraqueza, em colocar essa inconsistência em contradição com vossos princípios; opõe corajosamente à força da razão às pretensões vãs de superioridade; uni-vos sob as bandeiras da filosofia; exibi toda a energia de vosso caráter, e vós logo vereis esses adoradores orgulhosos, não sendo apenas servis rastejando aos vossos pés, mas indivíduos orgulhosos de compartilhar convosco os tesouros do Ser Supremo. Quaisquer que sejam as barreiras contra as quais vós vos depareis, está em vosso poder derrubá-las; vós só tendes que querer. Vejamos agora o quadro terrível no qual vós tendes vivido na sociedade; e como se trata, neste momento, de uma educação nacional, vejamos se nossos sábios legisladores pensarão de modo sensato sobre a educação das mulheres.

As mulheres fizeram mais mal do que bem. A coação e a dissimulação têm feito parte de si mesmas. O que a força lhes havia tirado, a astúcia as devolveu; elas recorreram a todos os recursos de seus encantos, e os mais irrepreensíveis não resistiram a elas. O veneno, o ferro, e tudo estavam sujeitos a elas; elas comandavam o crime tanto quanto a virtude. O governo francês, sobretudo, dependeu, durante séculos, da administração noturna das mulheres. O gabinete não tinha segredos para sua indiscrição; embaixada, comando, ministério, presidência, pontificado,⁶ cardinalato; enfim, tudo o que caracteriza a loucura dos homens, profana e sagrada, tudo foi submetido à cobiça e à ambição deste sexo outrora desprezível e respeitado, e desde a revolução, respeitável e desprezado.

Nesta antítese, que mais observações não tenho a oferecer! Eu só tenho um momento para fazê-los, e esse momento prenderá a atenção da posteridade mais remota. Sob o antigo regime; tudo era vicioso, tudo era culpado; mas não poderíamos perceber o aperfeiçoamento das coisas na própria substância dos vícios? Uma mulher não precisa ser bela ou amável; quando ela possuía essas duas vantagens, ela via muitas fortunas

que d'être belle ou aimable ; quand elle possédoit ces deux avantages, elle voyoit cent fortunes à ses pieds. Si elle n'en profitoit pas elle avoit un caractère bizarre, où une philosophie peu commune, qui la portoit aux mépris des richesses ; alors elle n'étoit plus considérée que comme une mauvaise tête; la plus indécente se faisoit respecter avec de l'or; le commerce des femmes étoit une espèce d'industrie reçue dans la première classe, qui, désormais, n'aura plus de crédit. S'il en avoit encore, la révolution seroit perdue, et sous de nouveaux rapports, nous serions toujours corrompus ; cependant la raison peut-elle se dissimuler que tout autre chemin à la fortune est fermé à la femme que l'homme achette, comme l'esclave sur les côtes d'Afrique. La différence est grande ; on le sait. L'esclave commande au maître ; mais si le maître lui donne la liberté sans récompense, et à un âge où l'esclave a perdu tous ses charmes, que devient cette infortunée ? Le jouet du mépris ; les portes même de la bienfaisance lui sont fermées ; elle est pauvre et vieille, dit-on, pourquoi n'a-t-elle pas su faire fortune ? D'autres exemples encore plus touchans s'offrent à la raison. Une jeune personne sans expérience, séduite par un homme qu'elle aime, abandonnera ses parens pour le suivre ; l'ingrat la laissera après quelques années, et plus elle aura vieilli avec lui, plus son inconstance sera inhumaine; si elle a des enfans, il l'abandonnera de même. S'il est riche, il se croira dispensé de partager sa fortune avec ses nobles victimes. Si quelqu'engagement le lie à ses devoirs, il en violera la puissance en espérant tout des lois. S'il est marié, tout autre engagement perd ses droits. Quelles lois restent-il donc à faire pour extirper le vice jusques dans la racine ? Celle du partage des fortunes entre les hommes et les femmes, et de l'administration publique. On conçoit aisément que celle qui est née d'une famille riche, gagne beaucoup avec l'égalité des partages. Mais celle qui est née d'une famille pauvre, avec du mérite et des vertus ; quel est son lot ? La pauvreté et l'opprobre. Si elle n'excelle pas précisément en musique ou en peinture, elle ne peut être admise à aucune fonction publique, quand elle en auroit toute la

aos seus pés. Se ela não se aproveitou disso, ela era uma pessoa estranha; ou tinha uma filosofia de vida incomum, que a levou ao desprezo pelas riquezas; ou ainda ela era considerada uma pessoa com a cabeça ruim; as mais indecentes foram feitas respeitadas como o ouro; o comércio de mulheres era uma espécie de indústria de primeira classe, que, entretanto, não terá mais valor. Se ele ainda tivesse algum valor, a revolução estaria perdida e, de novas maneiras, seríamos sempre corrompidas; no entanto, pode-se ocultar que qualquer outro caminho para a sorte da mulher comprada pelo homem está fechado, como as escravas nas costas da África. A diferença é grande, como sabemos. A escrava é comandada pelo senhor, mas se o senhor lhe dá liberdade sem recompensa, quando essa escrava já está em uma idade avançada, em que perdeu todos os seus encantos, o que será dessa infeliz mulher? Será um sujeito desprezível; até mesmo as portas da caridade estarão fechadas para ela; ela é pobre e velha, irão dizer, por que não conseguiu fazer alguma fortuna? Outros exemplos ainda mais comoventes são apresentados à razão. Uma jovem sem experiência, seduzida por um homem que ama, abandonará seus pais para segui-lo; o ingrato a deixará depois de alguns anos, e quanto mais velha ela ficar com ele, mais desumana será sua inconstância; se ela tiver filhos, ele a abandonará da mesma maneira. Se for rico, acreditará que está perdendo a oportunidade de compartilhar sua fortuna com suas nobres vítimas. Se algum compromisso o vincula aos seus deveres, ele viola seu poder, esperando tudo das leis. Se ele for casado, qualquer outro noivado perde seus direitos. Portanto, quais leis ainda precisam ser feitas para cortar esse mal pela raiz? As leis que regulem a partilha de fortunas entre homens e mulheres pela administração pública. É fácil perceber que quem nasce de família rica ganha muito com uma partilha igualitária. Mas aquela que nasceu de uma família pobre, com méritos e virtudes; qual é a sua parcela? A pobreza e o estigma. Se ela não se sobressai na música ou na pintura, não pode ser admitida em nenhum cargo público, ainda que ela tenha todas as

capacité. Je ne veux donner qu'un aperçu des choses, je les approfondirai dans la nouvelle édition de tous mes ouvrages politiques que je me propose de donner au public dans quelques jours, avec des notes.

Je reprends mon texte quant aux moeurs. Le mariage est le tombeau de la confiance & de l'amour. La femme mariée peut impunément donner des bâtards à son mari, et la fortune qui ne leur appartient pas. Celle qui ne l'est pas, n'a qu'un foible droit : les lois anciennes et inhumaines lui refusoient ce droit sur le nom & sur le bien de leur père, pour ses enfans, et l'on n'a pas fait de nouvelles lois sur cette matière. Si tenter de donner à mon sexe une consistance honorable et juste, est considéré dans ce moment comme un paradoxe de ma part, et comme tenter l'impossible, je laisse aux hommes à venir ; la gloire de traiter cette matière; mais, en attendant, on peut la préparer par l'éducation nationale, par la restauration des moeurs et par les conventions conjugales.

capacidades para fazê-lo. Só quero fazer um panorama das coisas, vou aprofundá-las na nova edição de todas as minhas obras políticas que me proponho a dar ao público daqui a alguns dias, com notas.

Estou voltando ao meu texto sobre boas maneiras. O casamento é o túmulo da confiança e do amor. A mulher casada pode impunemente dar bastardos ao marido e a fortuna que não lhes pertence. Aquele que não é tem apenas um direito fraco: as velhas e desumanas leis recusavam-lhe esse direito sobre o nome e o bem de seu pai, para seus filhos, e não se fizeram novas leis sobre o assunto. Se tentar dar ao meu sexo uma coerência honrosa e justa, é considerado, nesse momento, um paradoxo à parte, e para começar o impossível, para os homens por vir; a glória de lidar com este assunto; mas, entretanto, pode ser preparado pela educação nacional, pela restauração de costumes e por acordos conjugais.

Tradução para o português: Maysa Morais da Silva Vieira

Forme du Contrat Social de l'Homme et de la Femme

Nous N et N, mus par notre propre volonté, nous unissons pour le terme de notre vie, et pour la durée de nos penchans mutuels, aux conditions suivantes: Nous entendons & voulons mettre nos fortunes en communauté, en nous réservant cependant le droit de les séparer en faveur de nos enfans, et de ceux que nous pourrions avoir d'une inclination particulière, reconnoissant mutuellement que notre bien appartient directement à nos enfans, de quelque lit qu'ils sortent, et que tous indistinctement ont le droit de porter le nom des pères et mères qui les ont avoués, et nous imposons de souscrire à la loi qui punit l'abnégation de son propre sang. Nous nous obligeons également, au cas de séparation, de faire le partage de notre fortune, et de prélever la portion de nos enfans indiquée par la loi ; et, au cas d'union parfaite, celui qui viendrait à mourir, se désisterait de la moitié de ses propriétés en faveur de ses enfans ; et si l'un mourait sans enfans, le survivant hériterait de droit, à moins que le mourant n'ait disposé de la moitié du bien commun en faveur de qui il jugeroit à propos.

Voilà à-peu-près la formule de l'acte conjugal dont je propose l'exécution. A la lecture de ce bizarre écrit, je vois s'élever contre moi les tartuffes, les bégueules, le clergé et toute la séquelle infernale. Mais combien il offrira aux sages de moyens moraux pour arriver à la perfectibilité d'un gouvernement heureux ! j'en vais donner en peu de mots la preuve physique. Le riche Epicurien sans enfans, trouve fort bon d'aller chez son voisin pauvre augmenter sa famille. Lorsqu'il y aura une loi qui autorisera la femme du pauvre à faire adopter au riche ses enfans, les liens de la société seront plus serrés, et les mœurs plus épurées. Cette loi conservera peut-être le bien de la communauté, et retiendra le

Modelo do Contrato Social do Homem e da Mulher

Nós, _____ e _____, movidos por nossa própria vontade, unimo-nos até o fim de nossas vidas, e pela duração de nossas inclinações mútuas, sob as seguintes condições: pretendemos e queremos colocar nossas fortunas em comunidade, reservando-nos, no entanto, ao direito de reparti-las em favor de nossos filhos e daqueles a quem poderíamos ter um carinho particular, reconhecendo, mutuamente, que nossos bens pertencem diretamente aos nossos filhos, independentemente dos lugares de onde eles tenham saído, e que todos, sem distinção, têm o direito de levar o nome de seus pais e suas mães que os reconheceram, e nós nos impomos subscrever a lei que pune a abnegação do próprio sangue. Também nos obrigamos, em caso de separação, a dividir nossa fortuna e designar a parte que cabe aos nossos filhos, conforme indica a lei, e, em caso de união perfeita, aquele que viesse a morrer primeiro deixaria a metade de sua propriedade em favor de seus filhos; e se alguém morreu sem filhos, o sobrevivente herdará por direito, a menos que o falecido tenha dado a metade dos seus bens comuns em favor de quem ele achar conveniente.

Eis que aqui está, tentando ser o mais fiel possível, a fórmula para o ato conjugal, cuja execução estou propondo. Ao ler estas incômodas linhas, posso prever os tartufos, os insetos, o clero e todas as consequências infernais levantando-se contra mim. Mas quantos recursos morais ele oferecerá aos sábios para alcançar a perfeição de um governo feliz! Darei a prova física disso em poucas palavras. O rico Epicureu sem filhos acha muito bom ir ao vizinho pobre para aumentar sua família. Quando houver uma lei que autorize a esposa dos pobres a fazer os ricos adotar seus filhos, os laços da sociedade serão mais estreitos e os costumes mais

désordre qui conduit tant de victimes dans les hospices de l'opprobre, de la bassesse et de la dégénération des principes humains, où, depuis long-tems, gémit la nature. Que les détracteurs de la saine philosophie cessent donc de se récrier contre les moeurs primitives, ou qu'ils aillent se perdre dans la source de leurs citations.⁷ Je voudrois encore une loi qui avantageât les veuves et les demoiselles trompées par les fausses promesses d'un homme à qui elles se seroient attachées ; je voudrois, dis-je, que cette loi forçât un inconstant à tenir ses engagements, ou à une indemnité proportionnée à sa fortune. Je voudrois encore que cette loi fût rigoureuse contre les femmes, du moins pour celles qui auroient le front de recourir à une loi qu'elles auroient elles-mêmes enfreinte par leur inconduite, si la preuve en étoit faite. Je voudrois, en même tems, comme je l'ai exposée dans *Le bonheur primitif de l'homme*, en 1788, que les filles publiques fussent placées dans des quartiers désignés. Ce ne sont pas les femmes publiques qui contribuent le plus à la dépravation des moeurs, ce sont les femmes de la société. En restaurant les dernières, on modifie les premières. Cette chaîne d'union fraternelle offrira d'abord le désordre, mais par les suites, elle produira à la fin un ensemble parfait.

J'offre un moyen invincible pour élever l'ame des femmes ; c'est de les joindre à tous les exercices de l'homme: si l'homme s'obstine à trouver ce moyen impraticable, qu'il partage sa fortune avec la femme, non à son caprice, mais par la sagesse des loix. Le préjugé tombe, les moeurs s'épurent, et la nature reprend tous ses droits. Ajoutez-y le mariage des prêtres ; le Roi, raffermi sur son trône, et le gouvernement français ne sauroit plus périr.

Il étoit bien nécessaire que je dise quelques mots sur les troubles que cause, dit-on, le décret en faveur des hommes de couleur, dans nos îles. C'est là où la nature frémit d'horreur ; c'est là où la raison et l'humanité, n'ont pas encore touché les ames endurcies; c'est là sur-tout où la

refinados. Esta lei talvez preservará o bem da comunidade, e manterá a desordem que leva tantas vítimas nos hospícios da vergonha, da baixeza e da degeneração dos princípios humanos, onde, por muito tempo, a natureza prevaleceu. Que os detratores da filosofia são, portanto, parem de clamar contra os costumes primitivos, ou que se percam na fonte de suas citações.⁷ Eu também gostaria de uma lei que beneficiasse viúvas e moças enganadas pelas falsas promessas de um homem a quem elas se apegaram. Eu gostaria, por assim dizer, que essa lei obrigasse um sujeito infiel a manter seus compromissos, ou a uma indenização proporcional à sua fortuna. Eu também gostaria que essa lei fosse severa contra as mulheres, pelo menos para aquelas que teriam a coragem de recorrer a uma lei que elas mesmas haviam violado por sua má conduta, se a prova fosse feita. Gostaria, ao mesmo tempo, como expliquei na *Felicidade primitiva do homem*, em 1788, que as prostitutas fossem colocadas em bairros previamente designados. Não são as mulheres que se prostituem as que mais contribuem para a depravação da moral, são as demais mulheres da sociedade. Ao restaurar estas últimas, modificamos as primeiras. Essa cadeia de união fraterna parecerá, a princípio, uma desordem, mas, ao final, terá um resultado perfeito.

Eu ofereço uma maneira imbatível de elevar as almas das mulheres; é juntá-las em todos os exercícios do homem: se o homem persiste em achar essa maneira impraticável, que compartilhe sua fortuna com a mulher, não por capricho dela, mas pela sabedoria das leis. O preconceito cai, as maneiras são purificadas e a natureza retoma a todos os seus direitos. Adicione a isso o casamento de padres, o rei, fortalecido em seu trono, e o governo francês não pode mais perecer.

Era muito necessário que eu dissesse algumas palavras sobre os distúrbios causados, por assim dizer, pelo decreto em favor dos homens de cor em nossas ilhas. É aqui que a natureza estremece de horror; é a razão e a humanidade que ainda não tocaram as almas endurecidas, é,

division et la discorde agitent leurs habitans. Il n'est pas difficile de deviner les instigateurs de ces fermentations incendiaires : il y en a dans le sein même de l'Assemblée Nationale: ils alument en Europe le feu qui doit embraser l'Amérique. Les Colons prétendent régner en despotes sur des hommes dont ils sont les pères et les frères ; et méconnoissant les droits de la nature, ils en poursuivent la source jusque dans la plus petite teinte de leur sang. Ces Colons inhumains disent: notresang circule dans leurs veines, mais nous le répandrons tout, s'il le faut, pour assouvir notre cupidité, ou notre aveugle ambition.

C'est dans ces lieux les plus près de la nature, que le père méconnoît le fils; sourd aux cris du sang, il en étouffe tous les charmes; que peut-on espérer de la résistance qu'on lui oppose? la contraindre avec violence, c'est la rendre terrible, la laisser encore dans les fers, c'est acheminer toutes les calamités vers l'Amérique. Une main divine semble répandre par tout l'appanage de l'homme, la liberté; la loi seule a le droit de réprimer cette liberté, si elle dégénère en licence; mais elle doit être égale pour tous, c'est elle surtout qui doit renfermer l'Assemblée Nationale dans son décret, dicté par la prudence et par la justice. Puisse-t-elle agir de même pour l'état de la France, et se rendre aussi attentive sur les nouveaux abus, comme elle l'a été sur les anciens qui deviennent chaque jour plus effroyables! Mon opinion seroit encore de raccommoier le pouvoir exécutif avec le pouvoir législatif, car il me semble que l'un, est tout, et que l'autre n'est rien; d'où naîtra, malheureusement peut-être, la perte de l'Empire François. Je considère ces deux pouvoirs, comme l'homme et la femme⁸ qui doivent être unis, mais égaux en force et en vertu, pour faire un bon ménage.

sobretudo, onde a divisão e a discórdia agitam seus habitantes. Não é difícil adivinhar quem são os instigadores dessas fermentações incendiárias: há alguns no próprio seio da Assembleia Nacional: acendem na Europa o fogo que deve incendiar a América. Os colonos afirmam reinar como déspotas sobre os homens de quem são pais e irmãos; e desconsiderando os direitos da natureza, eles perseguem sua fonte, mesmo na menor sombra de seu sangue. Esses colonos humanos dizem: nosso sangue circula em suas veias, mas vamos derramar tudo, se necessário, para satisfazer nossa ganância, ou nossa ambição cega.

São nesses lugares mais próximos da natureza que o pai ignora o filho; surdo aos gritos de sangue, ele abafa todos os seus encantos; o que podemos esperar da resistência que colocamos contra ele? Forçá-lo com violência é torná-lo terrível; deixá-lo ainda acorrentado é canalizar todas as calamidades para a América. Uma mão divina parece espalhar a liberdade por todas as prerrogativas do homem; só a lei tem o direito de reprimir essa liberdade, se ela degenera em licenciosidade; mas deve ser igual para todos, é antes de tudo que deve incluir a Assembleia Nacional no seu decreto, ditada pela prudência e pela justiça. Que ela aja da mesma forma para o estado da França e esteja tão atenta aos novos abusos quanto aos antigos, que se tornam mais terríveis a cada dia! Minha opinião ainda seria conciliar o poder executivo com o poder legislativo, pois me parece que um é tudo e o outro não é nada; disso nascerá, infelizmente talvez, a perda do Império francês. Eu considero que esses dois poderes são como o homem e a mulher⁸ que devem estar unidos, e iguais tanto em força quanto em virtude, para fazer um bom trabalho.

Tradução para o português: Maysa Morais da Silva Vieira

Réflexions sur les hommes nègres

L'Espèce d'hommes Nègres m'a toujours intéressée à son déplorable sort. À peine mes connoissances commençoient à se développer, & dans un âge où les enfans ne pensent pas, que l'aspect d'une Nègresse que je vis pour la première fois, me porta à réfléchir, & à faire des questions sur la couleur.

Ceux que je pus interroger alors, ne satisfirent point ma curiosité & mon raisonnement. Ils traitoient ces gens-là de brutes, d'êtres que le Ciel avoit maudit ; mais, en avançant en âge, je vis clairement que c'étoit la force & le préjugé qui les avoient condamnés à cet horrible esclavage, que la Nature n'y avoit aucune part, & que l'injuste & puissant intérêt des Blancs avoit tout fait.

Pénétrée depuis long-tems de cette vérité & de leur affreuse situation, je traitai leur Histoire dans le premier sujet dramatique qui sortit de mon imagination. Plusieurs hommes se sont occupés de leur sort ; ils ont travaillé à l'adoucir ; mais aucun n'a songé à les présenter sur la Scène avec le costume & la couleur, tel que je l'avois essayé, si la Comédie Française ne s'y étoit point opposée.

Mirza avoit conservé son langage naturel, & rien n'étoit plus tendre. Il me semble qu'il ajoutoit à l'intérêt de ce Drame, & c'étoit bien de l'avis de tous les Connoisseurs, excepté les Comédiens.⁹ Ne nous occupons donc plus de ma Pièce, telle qu'elle a été reçue. Je la présente au Public. Revenons à l'effroyable sort des Nègres ; quand s'occupera-t-on de le changer, ou du moins de l'adoucir ? Je ne connois rien à la Politique des Gouvernemens ; mais ils sont justes, & jamais la Loi Naturelle ne s'y fit mieux sentir. Ils portent un œil favorable sur tous les premiers abus. L'homme partout est égal. Les Rois justes ne veulent point d'Esclaves ; ils sçavent qu'ils ont des Sujets soumis, & la France n'abandonnera pas

Reflexões sobre os homens negros

O destino deplorável da espécie de homens negros sempre me interessou. Quando comecei a ter algum entendimento, em uma idade em que as crianças ainda não pensam, ao ver pela primeira vez uma negra escravizada, isso me levou a refletir e a fazer perguntas sobre sua cor.

Aqueles a quem pude interrogar então não satisfizeram minha curiosidade nem meu raciocínio. Eles tratavam essas pessoas como brutos, seres a quem o Céu havia amaldiçoado; mas, à medida que minha idade ia avançando, vi claramente que foram a força e o preconceito que os condenaram a essa horrível escravidão, que a natureza não tinha nada a ver com ela e que o injusto e poderoso interesse dos brancos fizera tudo isso.

Impactada há muito tempo com essa verdade e com a terrível situação deles, tratei de sua história no primeiro tópos dramático que saiu da minha imaginação. Vários homens trataram da sina deles; procuraram amenizá-la; mas nenhum pensou em apresentá-los no palco com o figurino e a cor, como eu havia tentado fazer, se a *Comédie Française* não tivesse se oposto.

Havia mantido a linguagem natural de Mirza, e nada poderia ser mais afável. Parece-me que aumentara o interesse desse drama, e, de fato, essa era a opinião de todos os conhecedores, exceto os *comédiens*.⁹ Então, não tratemos mais da minha peça, tal como ela foi recebida. Apresento-a ao público. Voltemos à terrível sina dos negros; quando nos daremos ao trabalho de mudá-la, ou ao menos amenizá-la? Não sei nada da política dos governos; mas eles são justos, e nunca esteve tão em evidência o direito natural. Eles veem com bons olhos todos os primeiros abusos. O homem em todos os lugares é igual. Os reis justos não querem escravos; eles sabem que têm súditos leais, mas desde que o

des malheureux qui souffrent mille trépas¹⁰ pour un, depuis que l'intérêt & l'ambition ont été habiter les Isles les plus inconnues. Les Européens avides de sang & de ce métal que la cupidité a nommé de l'or, ont fait changer la Nature dans cet climats heureux. Le père a méconnu son enfant, le fils a sacrifié son père, les frères se sont combattus, & les vaincus ont été vendus comme des bœufs au marché. Que dis-je ? c'est devenu un Commerce dans les quatre parties du monde. Un commerce d'hommes !... grand Dieu ! & la Nature ne frémit pas ! S'ils sont des animaux, ne le sommes-nous pas comme eux ? Et en quoi les Blancs diffèrent-ils de cette espèce ? c'est dans la couleur... Pourquoi la Blonde fade ne veut-elle pas avoir la préférence sur la Brune qui tient au mulâtre ? Cette sensation est aussi frappante que du Nègre au Mulâtre. La couleur de l'homme est nuancée, comme dans tous les animaux que la Nature a produits, ainsi que les plantes & les minéraux. Pourquoi le jour ne le dispute-t-il pas à la nuit, le soleil à la lune, & les étoiles au firmament ? Tout est varié, & c'est-là la beauté de la Nature. Pourquoi donc détruire son Ouvrage ?

L'homme n'est-il pas son plus beau chef-d'œuvre ? L'Ottoman fait bien des Blancs ce que nous faisons des Nègres : nous le traitons cependant pas de barbare & d'homme inhumain, & nous exerçons la même cruauté sur des hommes qui n'ont d'autre résistance que leur soumission.

Mais quand cette soumission s'est une fois lassée, que produit le despotisme barbare des habitans des Isles & des Indes ? Des révoltes de toute espèce, des carnages que la puissance des troupes ne fait qu'augmenter, des empoisonnemens, & tout ce que l'homme peut faire quand une fois il est révolté. N'est-il pas atroce aux Européens, qui ont acquis par leur industrie des habitations considérables, de faire rouer de coups du matin au soir ces infortunés qui n'en cultiveroient pas moins leurs champs fertiles, s'ils avoient plus de liberté & de douceur.

interesse e a ambição foi habitar as mais desconhecidas ilhas, a França não abandonará infelizes que sofrem tormentos até a morte¹⁰ por um súdito. Os europeus ávidos de sangue e daquele metal que a ganância chamou de ouro fizeram com que a natureza mudasse naqueles lugares antes felizes. O pai desconheceu seu filho, o filho sacrificou seu pai, os irmãos combateram entre si, e os vencidos foram vendidos como bois no mercado. O que foi que eu disse? Tornou-se um comércio nos quatro cantos do mundo. Um negócio de homens!... Bom Deus! E a natureza não estremece! Se eles são animais, não somos também como eles? E em que os brancos diferem desta espécie? Nas cores... Por que a loira pálida não quer dar a preferência à morena que vem do mestiço? Essa sensação é tão marcante quanto do negro ao mulato. A cor do homem é matizada, como em todos animais que a natureza produziu, assim como as plantas e os minerais. Por que o dia não disputa com a noite, o sol com a lua e as estrelas com o firmamento? Tudo é variado, e essa é a beleza da natureza. Por que então destruir sua obra?

O homem não é a sua mais linda obra-prima? O otomano faz com os brancos o que nós fazemos com os negros: não o tratamos, porém, como um bárbaro e desumano, e exercemos a mesma crueldade contra os homens que não têm outra resistência senão a sua submissão.

Mas, uma vez esgotada essa submissão, o que faz o despotismo bárbaro dos habitantes das ilhas e das Índias? Revoltas de todos os tipos, carnificinas que o poder repressivo das tropas só leva a aumentar, envenenamentos e tudo o que um homem pode fazer quando se revolta. Não é atroz que os europeus, que adquiriram consideráveis plantações graças à mão de obra deles, mandem espancar de dia e de noite esses infelizes que cultivavam seus campos férteis? E se eles tivessem mais liberdade e brandura?

Leur fort n'est il pas des plus cruels, leurs travaux assez pénibles, sans qu'on exerce sur eux, pour la plus petite faute, les plus horribles châtimens. On parle de changer leur fort, de proposer les moyens de l'adoucir, sans craindre que cette espèce d'hommes fasse un mauvais usage d'une liberté entière ou subordonnée.

Je n'entends rien à la Politique. On augure qu'une liberté générale rendroit les hommes Nègres aussi essentiels que les Blancs : qu'après les avoir laissés maîtres de leur fort, ils le soient de leurs volontés : qu'ils puissent élever leurs enfans auprès d'eux. Ils seront plus exacts aux travaux, & plus zélés. L'esprit de parti ne les tourmentera plus : le droit de se lever comme les autres hommes les rendra plus sages & plus humains. Il n'y aura plus à craindre de conspirations funestes. Ils seront les Cultivateurs libres de leurs contrées, comme les Laboureurs en Europe. Ils ne quittent point leurs champs pour aller chez les Nations étrangères.

La liberté des Nègres fera quelques déferteurs, mais beaucoup moins que les habitans des campagnes françaises. À peine les jeunes Villageois ont obtenu l'âge, la force & le courage, qu'ils s'acheminent vers la Capitale pour y prendre le noble emploi de Laquais ou de Crocheteur. Il y a cent Serviteurs pour une place, tandis que nos champs manquent de Cultivateurs.

Cette liberté multiplie un nombre infini d'oisifs, de malheureux, enfin de mauvais sujets de toute espèce. Qu'on mette une limite sage & salutaire à chaque Peuple, c'est l'art des Souverains, & des États Républicains.

Mes connoissances naturelles pourroient me faire trouver un moyen sûr : mais je me garderai bien de le présenter. Il me faudroit être plus instruite & plus éclairée sur la Politique des Gouvernemens. Je l'ai dit, je ne sçais rien, & c'est au hasard que je soumets mes observations bonnes ou mauvaises. Le fit, je ne sçais rien, & c'est au hasard que je soumets mes observations bonnes ou mauvaises. Le de le présenter. Il me faudroit être plus instruite & plus éclairé.

A sina deles não é das mais cruéis? Seus trabalhos, bastante penosos, mesmo se não fossem exercidos sobre eles os castigos mais horrendos por uma mínima falta? Estamos a falar de mudar o seu destino, de propor os meios para amenizá-lo, sem temer que essa espécie de homens faça mau uso de uma liberdade total ou subordinada.

Eu não entendo nada de política. Prevê-se que uma liberdade geral tornaria os homens negros tão essenciais quanto os brancos: que depois de deixá-los donos de seu destino, sejam donos de sua vontade; que possam criar seus filhos com eles. Serão mais exatos nos trabalhos e mais zelosos. A intolerância não os atormentará mais; o direito de se levantar como os outros os tornará mais sábios e mais humanos. Não haverá mais conspirações funestas a serem temidas. Eles serão os cultivadores livres de suas terras, como os lavradores na Europa. Eles não deixarão seus campos para ir às nações estrangeiras.

A liberdade dos negros fará alguns desertores, mas muito menos do que os habitantes dos campos franceses. Assim que os jovens aldeões logo obtêm idade, força e coragem, partem para a capital para assumir o nobre trabalho de lacaio ou chaveiro. Há cem servos para uma vaga, enquanto nossos campos carecem de cultivadores.

Essa liberdade multiplica um número infinito de ociosos, de infelizes, enfim, de maus súditos de todo tipo. Que coloquemos um limite sábio e salutar a cada povo; é a arte dos soberanos e dos Estados republicanos.

Meus conhecimentos naturais poderiam me levar a encontrar um caminho certo; mas terei o cuidado de não o apresentar. Eu precisaria ser mais instruída e mais esclarecida sobre a política dos governos. Eu já disse, não sei de nada, e é ao acaso que submeto minhas observações, boas ou ruins. Com a sina desses infelizes, devo preocupar-me mais do que ninguém, pois este é o quinto ano que concebi um tema dramático, baseado na sua história deplorável.

Je n'ai qu'un conseil à donner aux Comédiens François, & c'est la seule grace que je leur demanderai de ma vie : C'est d'adopter la couleur & le costume negre. Jamais occasion ne fut plus favorable, & j'espère que la Représentation de ce Drame produira l'effet qu'on en doit attendre en faveur de ces victimes de l'ambition.

Le costume ajoute de moitié à l'intérêt de cette Piece. Elle émouvera la plume & le cœur de nos meilleurs Ecrivains. Mon but sera rempli, mon ambition satisfaite, & la Comédie s'élevera au lieu de s'avilir par la couleur.

Mon bonheur sans doute seroit trop grand, si je voyois la Représentation de ma Pièce, comme je la desire. Cette foible esquisse de manderait un tableau touchant pour la Postérité. Les Peintres qui auroient l'ambition d'y exercer leurs pinceaux, pourroient être considérés comme les Fondateurs de l'Humanité la plus sage & la plus utile, & je suis sûre d'avance que leur opinion soutiendra la foiblesse de ce Drame, en faveur du sujet.

Jouez donc ma Pièce, Mesdames & Messieurs, elle a attendu assez longtemps son tour, si dans toute la droiture il n'est pas déjà venu plusieurs fois. La voilà imprimée, vous l'avez voulu ; mais toutes les Nations avec moi vous en demandent la représentation, persuadée qu'ils ne me démentiront pas. Cette sensibilité qui ressembleroit à l'amour-propre chez tout autre que chez moi n'est que l'effet que produisent sur mon cœur toutes les clameurs publiques en faveur des hommes Nègres. Tout Lecteur qui m'a bien appréciée fera convaincu de cette verité. [...]

Tenho apenas um conselho a dar aos *comédiens* franceses, e é o único favor que lhes pedirei na minha vida: adotar a cor e os trajes dos negros. Nunca houve ocasião mais favorável, e espero que a encenação desse drama produza o efeito que se espera em favor dessas vítimas da ambição.

Os trajes acrescentam a metade do interesse dessa peça. Eles tocarão a pluma e o coração dos nossos melhores escritores. Meu objetivo estará cumprido, minha ambição, satisfeita, e a comédia se elevará ao invés de se rebaixar, pela questão da cor.

Minha felicidade, sem dúvida, seria muito grande se eu visse minha peça encenada como a desejei. Esse fraco esboço exigiria um quadro tocante para a posteridade. Os pintores que teriam a ambição de exercitar ali seus pincéis poderiam ser considerados os fundadores da mais sábia e mais útil humanidade, e estou certa, de antemão, que a opinião deles apoiará a fragilidade desse drama, em favor do seu assunto.

Senhoras e senhores, encenem, então, minha peça; ela esperou tempos demais pela sua vez, pois, por direito, ela já deveria ter sido encenada várias vezes. Ei-la aqui impressa, vós a desejustes; mas todas as nações comigo vos pedem sua encenação, persuadida de que elas não me desmentirão. Essa sensibilidade, que, para qualquer outra pessoa, se assemelharia ao amor próprio, para mim é apenas o efeito produzido em meu coração de todos os clamores públicos em favor dos homens negros. Qualquer leitor que me tenha apreciado estará convencido dessa verdade. [...]

Tradução para o português: Luciana Calado Deplagne

Germaine de Staël (1766-1817)



Portrait d'Anne-Louise-Germaine Necker, baronne de Staël-Holstein, connue sous le nom de Madame de Staël, par Pierre-Louis Bouvier. National Portrait Gallery, Londres.

Retrato de Anne-Louise-Germaine Necker, Baronesa de Staël-Holstein, conhecida pelo nome de Madame de Staël, de Pierre-Louis Bouvier. National Portrait Gallery, Londres.

Germaine de Staël : une femme dans l'institution littéraire¹

Marie Helene Catherine Torres
Univesité Fédérale de Santa Catarina

Sheila Maria dos Santos
Univesité Fédérale de Santa Catarina

Fille de Jacques Necker, ministre des Finances du roi Louis XVI, et de Suzanne Curchod Necker, figure centrale des salons parisiens, les penchants de Germaine de Staël (1766-1817) pour la Révolution française et son opposition à Napoléon l'obligèrent à s'exiler fréquemment. Ses voyages ont souvent inspiré ses écrits, dont beaucoup sont considérés comme les premiers romans romantiques. Bien qu'elle soit le plus souvent étudiée par des spécialistes en philosophie, en politique ou même en droit, Germaine de Staël a élaboré un vaste programme de réflexion liant la littérature, la traduction et la traduction de la littérature, et les théories de la littérature et de la traduction, montrant comment les relations interculturelles permettent le dialogue entre les cultures et les littératures.

L'esthétique littéraire s'est métamorphosée au XVIII^e siècle, principalement avec les philosophes des Lumières et la Révolution française. À Paris, le salon de Germaine de Staël réunit des personnes de diverses tendances politiques et culturelles, de grandes personnalités telles que La Fayette, Condorcet, Narbonne, Talleyrand, Benjamin Constant, Sismondi, Bonstetten, Schlegel, entre autres. Germaine de Staël a renouvelé les courants littéraires, s'inspirant principalement des littératures anglaise et allemande. La plupart des théoriciens du romantisme français ont puisé dans ses œuvres la base de leurs principes littéraires. En proposant, selon Otto Maria Carpeaux (2008), une société libérale

Germaine de Staël: uma mulher na instituição literária¹¹

Marie Helene Catherine Torres
Universidade Federal de Santa Catarina

Sheila Maria dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Filha de Jacques Necker, ministro de finanças do rei Luís XVI, e de Suzanne Curchod Necker, figura central dos salões de Paris, as simpatias de Germaine de Staël (1766-1817) com a Revolução Francesa e sua oposição a Napoleão a forçaram ao exílio frequentemente. Suas viagens muitas vezes inspiraram seus escritos, muitos dos quais são considerados os primeiros romances românticos. Embora seja mais estudada pelos especialistas em filosofia, política ou ainda direito, Germaine de Staël elaborou um vasto programa de pensamentos interligando a literatura, a tradução e a tradução da literatura, além das teorias da literatura e da tradução, mostrando como as relações interculturais permitem o diálogo entre as culturas e literaturas.

A estética literária metamorfoseou-se no século XVIII, principalmente com os filósofos do Iluminismo e a Revolução Francesa. Em Paris, o salão de Germaine de Staël reunia pessoas de várias tendências políticas e culturais, grandes personalidades como La Fayette, Condorcet, Narbonne, Talleyrand, Benjamin Constant, Sismondi, Bonstetten, Schlegel, entre outros. Germaine de Staël renovou as tendências literárias, inspirando-se principalmente das literaturas inglesa e alemã. A maioria dos teóricos do Romantismo francês foi buscar nas suas obras a base dos seus princípios literários. Propondo, segundo Otto Maria Carpeaux (2008), uma sociedade liberal na qual o escritor se

dans laquelle l'écrivain prend en charge l'expression de la perfectibilité, de l'âme et de la sensibilité nationales, Germaine de Staël a permis aux esprits modernes de s'ouvrir aux nouvelles idées cosmopolites qu'elle propageait à la fin du XVIII^e siècle et au début du XIX^e.

En ce sens, les œuvres de Germaine de Staël ont joué un rôle fondamental dans l'élaboration des cultures contemporaines car elles ont transmis des valeurs et des visions du monde qui ont contribué à la formation de canons littéraires et de cultures modernes. Selon Simone Balayé (1992), Germaine de Staël ouvrit de nouveaux horizons de réflexion sur le statut de la littérature dans le système national. Sans réduire la littérature aux œuvres qu'elle appelait « œuvres d'imagination » (poésie, théâtre, roman), Germaine de Staël y inclut la philosophie, la politique, la morale, les sciences et la religion. En effet, à partir des années 1980, et ce, grâce aux activités de la Société des Études Staéliennes et aux recherches de la critique et biographe Simone Balayé, notamment, la masse critique des études sur Germaine de Staël a considérablement augmenté. Elle a exercé une grande influence sur la critique, la littérature, la politique et l'histoire de son temps. Ses écrits sur les littératures étrangères (allemande, italienne et anglaise) et surtout ses principes préromantiques ont favorisé le développement du cosmopolitisme, liés aux auteurs allemands qui lui ouvrirent le monde germanique (Humboldt, Schlegel, Goethe), aux Italiens (Monti) et aux Anglais (Byron).

La politique libérale de Germaine de Staël, redoutée par Napoléon, ses interventions en faveur de la liberté et son combat contre la dictature de l'Empereur ont marqué l'histoire et la société françaises. Convaincue de son droit à l'égalité avec les écrivains et les politiques masculins, Germaine de Staël a influencé directement les affaires de l'État. Elle donnait le ton littéraire et politique. Elle luta contre la misogynie dans la Monarchie, la République et l'Empire français.

encarrega da expressão de perfectibilidade, da alma nacional e da sensibilidade, Germaine de Staël permitiu que os espíritos modernos se abrissem às novas ideias cosmopolitas que ela propagava no final do século XVIII e início do XIX.

Nesse sentido, as obras de Germaine de Staël desenvolveram um papel fundamental na elaboração das culturas contemporâneas porque transmitiram valores e visões de mundo que contribuíram com a formação dos cânones literários e das culturas modernas. Conforme Simone Balayé (1992), Germaine de Staël abriu novos horizontes para a reflexão sobre o estatuto da literatura no sistema nacional. Sem reduzir a literatura às obras que ela chamava de "obras de imaginação" (poesia, teatro, romance), Germaine de Staël incluiu a filosofia, a política, a moral, as ciências e a religião. De fato, a partir da década de 1980, e isso graças às atividades da Sociedade de Estudos Staëlianos e às pesquisas da crítica e biógrafa, Simone Balayé, em particular, a massa crítica de estudos sobre Germaine de Staël aumentou consideravelmente. Ela teve uma grande influência sobre a crítica, a literatura, a política e a história do seu tempo. Seus escritos sobre as literaturas estrangeiras (alemã, italiana e inglesa) e, principalmente, seus princípios pré-românticos favoreceram o desenvolvimento do cosmopolitismo, por estarem ligados aos alemães, que lhe abriram o mundo germânico (Humboldt, Schlegel, Goethe), aos italianos (Monti) e aos ingleses (Byron).

A política liberal de Germaine de Staël, temida por Napoleão, suas intervenções a favor da liberdade e sua luta contra a ditadura do imperador marcaram a história e a sociedade francesas. Convencida de seu direito à igualdade com os escritores e políticos masculinos, Germaine de Staël influenciou diretamente os assuntos de Estado. Ela era quem dava o tom literário e político. Lutou contra a misoginia na Monarquia, na República e no Império francês.

Biobibliographie de Germaine de Staël

1766 : Le 22 avril, naissance à Paris d'Anne-Louise-Germaine Necker, fille de Jacques Necker, ministre des Finances de Louis XVI, et de Suzanne Curchod, écrivaine et salonnière.

1786 : Le 17 janvier, Germaine Necker épouse Éric Magnus de Staël-Holstein, ambassadeur de Suède en France, et devient Germaine de Staël. Elle écrit une première pièce de théâtre, *Sophie ou les sentiments secrets* (1790), trois nouvelles ('Adélaïde et Théodore', 'Histoire de Pauline', 'Mirza') publiées en 1795.

1788 : Publication en 20 exemplaires des *Lettres sur les écrits et le caractère de Jean-Jacques Rousseau*.

1790 : Germaine de Staël publie *Jane Gray*, tragédie en cinq actes et en vers, et écrit *L'Éloge de M. de Guibert* et deux tragédies en cinq actes et en vers, *Montmorency* et *Rosamonde*.

Le 31 août, son fils Auguste naît.

1791 : Elle ouvre un salon politique qui devient *le* lieu de la pensée modérée.

1792 : Le 20 novembre, son fils Albert est né en Suisse.

1793 : Elle publie, sans nom d'auteur, *Réflexions sur le procès de la reine*.

1794 : Elle publie *Zulma* avec ses initiales comme auteur et *Réflexions sur la paix adressées à M. Pitt et aux Français*.

1795 : Retour à Paris avec Benjamin Constant. Impression de *Réflexions sur la paix intérieure*, qui est imprimé(e), mais non mis(e) en vente. Exilée par le Comité de Salut Public, Germaine de Staël restera en Suisse jusqu'en 1796.

Biobibliografia de Germaine de Staël

1766: 22 de abril, nascimento em Paris de Anne-Louise-Germaine Necker, filha de Jacques Necker, diretor de Finanças de Luís XVI, e Suzanne Curchod, escritora e dona de um salão literário.

1786: 17 de janeiro, Germaine Necker se casa com Eric Magnus de Staël-Holstein, embaixador da Suécia na França, e se torna Germaine de Staël. Ela escreve uma primeira peça, *Sophie ou os sentimentos secretos* (1790), e três contos: “Adélaïde e Théodore”, “História de Pauline” e “Mirza”, publicados em 1795.

1788: São publicadas 20 cópias de *Cartas sobre os escritos e o caráter de Jean-Jacques Rousseau*.

1790: Germaine de Staël publica *Jane Gray*, tragédia em cinco atos e versos, e escreve o *Elogio de M. de Guibert* e duas tragédias em cinco atos e em verso, *Montmorency* e *Rosamonde*.

Em 31 de agosto, nasce seu filho Auguste.

1791: Ela abre um salão político que se tornou o lugar do pensamento moderado.

1792: 20 de novembro, nasce seu filho Albert, na Suíça.

1793: Publica, sem o nome do autor, *Reflexões sobre o julgamento da rainha*.

1794: Publica *Zulma* com suas iniciais como autora, e *Reflexões sobre a paz dirigida a M. Pitt e aos franceses*.

1795: Volta para Paris com Benjamin Constant. Impressão de *Reflexões sobre a paz interior* é impressa, mas não colocada à venda. Exilada pelo Comitê de Salvação Pública, Germaine de Staël ficará na Suíça até 1796.

1796 : Elle publie à Lausanne *De l'Influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*.

1797 : Le 8 juin, sa fille Albertine naît à Paris. Rencontre avec Bonaparte.

1798 : Elle écrit *Des Circonstances actuelles qui peuvent achever la Révolution*.

1800 : Les 25 et 26 avril, elle publie *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*.

1802 : Mort d'Éric de Staël. Germaine de Staël publie *Delphine*, à Lausanne et à Paris.

1803 : En raison de la publication de *Delphine*, et de sa préface, Germaine de Staël reçoit un ordre définitif d'exil. Le 23 octobre, elle se rend en Allemagne avec Constant. Elle y rencontre Schiller, Goethe, Wieland.

1804 : August Wilhelm Schlegel l'accompagne dans son château de Coppet en Suisse.

Le 9 avril : Mort de Necker. Germaine de Staël retourne à Coppet en mai.

Le 11 décembre : Elle part en Italie et arrive à Milan le 29 décembre, où elle rencontre le poète V. Monti. Elle voyage à Naples, Rome, Florence, Venise.

1807 : Le 30 avril, elle publie *Corinne ou l'Italie*.

1810 : Le 24 septembre, sur ordre de Napoléon, le ministre de la Police, Rovigo, lui notifie son exil et interdit la publication de *De l'Allemagne*.

1811 : Germaine de Staël écrit *Sapho*, un drame en cinq actes e commence à écrire *Dix années d'exil*.

1796: Publica, em Lausanne, *A influência das paixões sobre a felicidade dos indivíduos e das nações*.

1797: 8 de junho, nasce em Paris sua filha Albertine. Encontro com Bonaparte.

1798: Escreve *Das circunstâncias atuais que podem acabar com a Revolução*.

1800: 25-26 de abril, publica *Da literatura considerada na sua relação com as instituições sociais*.

1802: Morre Eric de Staël. Germaine de Staël publica *Delphine*, em Lausanne e Paris.

1803: Por causa da publicação de *Delphine*, e do seu prefácio, Germaine de Staël recebe uma ordem definitiva de exílio. Em 23 de outubro, viaja para a Alemanha com Constant. Conhece Schiller, Goethe e Wieland.

1804: August Wilhelm Schlegel a acompanha no seu castelo de Coppet na Suíça.

9 de abril: Falecimento de Necker. Germaine de Staël retorna a Coppet em maio.

11 de dezembro: Viaja para a Itália, chega a Milão em 29 de dezembro, onde encontra o poeta V. Monti. Viaja para Nápoles, Roma, Florença e Veneza.

1807: 30 de abril, publica *Corina ou a Itália*.

1810: 24 de setembro, por ordem de Napoleão, o ministro da Polícia, Rovigo, a notifica de seu exílio e proíbe a publicação de *Da Alemanha*.

1811: Germaine de Staël escreve *Sapho*, um drama em cinco atos, e começa a escrever *Dez anos de exílio*.

1812 : Le 7 avril, son fils Louis-Alphonse Rocca naît. Le 23 mai, elle quitte Coppet pour Londres, se cachant de la police napoléonienne. Elle arrive à Moscou le 1^{er} août, à Saint-Pétersbourg le 7, et en septembre à Stockholm. Elle écrit *Réflexions sur le suicide* et commence ses *Considérations sur la Révolution française*.

1813 : En septembre, *De l'Allemagne* est publié par J. Murray à Londres.

1814 : Le 12 mai, Germaine de Staël rentre à Paris après douze ans d'exil. Elle rouvre son salon littéraire où elle reçoit des généraux et des modérés.

1816 : En janvier, Germaine de Staël publie *De l'esprit des traductions* à Milan.

Printemps à Firenze et retour à Coppet, où elle reçoit plusieurs fois la visite de Byron.

1817 : Le 21 février, Germaine de Staël a une attaque qui la laisse paralysée.

Le 14 juillet: Germaine de Staël meurt à Paris.

1818 : Publication posthume de *Considérations sur la Révolution française*.

Traduction en français : Marie Helene Catherine Torres
et Sheila Maria dos Santos

1812: 7 de abril, nasce seu filho Louis-Alphonse Rocca. Em 23 de maio, sai de Coppet para Londres, escondida da polícia napoleônica. Chega a Moscou em 1º de agosto, em São Petersburgo no dia 7 e em Estocolmo em setembro. Escreve *Reflexões sobre o suicídio* e começa suas *Considerações sobre a Revolução Francesa*.

1813: Em setembro, J. Murray publica *Da Alemanha* em Londres.

1814: 12 de maio, Germaine de Staël retorna a Paris após doze anos de exílio. Reabre seu salão literário onde recebe generais e moderados.

1816: Em janeiro, Germaine de Staël publica em Milão *Do espírito das traduções*.

Primavera em Florença e retorno a Coppet, onde é visitada várias vezes por Byron.

1817: 21 de fevereiro, Germaine de Staël tem um ataque que a deixa paralisada.

14 de julho: Germaine de Staël morre em Paris.

1818: Publicação póstuma de *Considerações sobre a Revolução Francesa*.

Des femmes qui cultivent les Lettres

Le malheur est comme la montagne noire de Bember, aux extrémités du royaume brûlant de Lahor. Tant que vous la montez, vous ne voyez devant vous que de stériles rochers ; mais quand vous êtes au sommet, le ciel est sur votre tête, et à vos pieds le royaume de Cachemire.

La Chaumière indienne, par Bernardin de Saint-Pierre

L'existence des femmes en société est encore incertaine sous beaucoup de rapports. Le désir de plaire excite leur esprit ; la raison leur conseille l'obscurité ; et tout est arbitraire dans leurs succès comme dans leurs revers.

Il arrivera, je le crois, une époque quelconque, où des législateurs philosophes donneront une attention sérieuse à l'éducation que les femmes doivent recevoir, aux lois civiles qui les protègent, aux devoirs qu'il faut leur imposer, au bonheur qui peut leur être garanti ; mais, dans l'état actuel, elles ne sont, pour la plupart, ni dans l'ordre de la nature, ni dans l'ordre de la société. Ce qui réussit aux unes perd les autres ; les qualités leur nuisent quelquefois, quelquefois les défauts leur servent ; tantôt elles sont tout, tantôt elles ne sont rien. Leur destinée ressemble, à quelques égards, à celle des affranchis chez les empereurs ; si elles veulent acquérir de l'ascendant, on leur fait un crime d'un pouvoir que les lois ne leur ont pas donné ; si elles restent esclaves, on opprime leur destinée.

Certainement il vaut beaucoup mieux, en général, que les femmes se consacrent uniquement aux vertus domestiques ; mais ce qu'il y a de bizarre dans les jugements des hommes à leur égard, c'est qu'ils leur pardonnent plutôt de manquer à leurs devoirs que d'attirer l'attention par des talents distingués. Ils tolèrent en elles la dégradation du cœur

Das mulheres que cultivam as Letras

A desgraça é como a montanha negra de Bember, nas extremidades do reino ardente de Laore. Enquanto subir, só vê penhascos estéreis na sua frente; mas, quando chegar ao topo, o céu estará sobre a sua cabeça, e aos seus pés o reino da Caxemira.

A choupana indiana, de Bernardin de Saint-Pierre

A existência das mulheres na sociedade é ainda incerta em muitos aspectos. O desejo de agradar excita suas mentes. A razão lhes aconselha a escuridão. E tudo é arbitrário tanto em seus sucessos quanto em seus contratempos.

Haverá, acredito, um tempo em que os legisladores filosóficos darão grande atenção à educação que as mulheres devem receber, às leis civis que as protegem, aos deveres que lhes devem ser impostos, à felicidade que lhes pode ser garantida. Mas, no estado atual, a maioria delas não estão nem na ordem da natureza nem na ordem da sociedade. O que faz o triunfo de umas causa o infortúnio de outras; as qualidades às vezes as prejudicam, às vezes os defeitos lhes servem; ora são tudo, ora não são nada. Seu destino assemelha-se, de alguma forma, ao dos emancipados nos impérios. Se quiserem adquirir ascendência, acusam-nas de crime por um poder que as leis não lhes deram; se permanecerem escravas, seu destino é oprimido.

É certamente muito melhor, em geral, que as mulheres se dediquem exclusivamente às virtudes domésticas. Mas o que há de estranho no julgamento dos homens em relação a elas é que as perdoem mais por faltarem aos seus deveres do que por atraírem a atenção através de talentos notáveis. Toleram nelas a degradação do coração em favor da mediocridade

en faveur de la médiocrité de l'esprit ; tandis que l'honnêteté la plus parfaite pourrait à peine obtenir grâce pour une supériorité véritable.

Je développerai les diverses causes de cette singularité. Je commence d'abord par examiner quel est le sort des femmes qui cultivent les lettres dans les monarchies, et quel est aussi leur sort dans les républiques. Je m'attache à caractériser les principales différences que ces deux situations politiques doivent produire dans la destinée des femmes qui aspirent à la célébrité littéraire, et je considère ensuite d'une manière générale quel bonheur la gloire peut promettre aux femmes qui veulent y prétendre.

Dans les monarchies, elles ont à craindre le ridicule, et dans les républiques la haine.

Il est dans la nature des choses, que, dans une monarchie où le tact des convenances est si finement saisi, toute action extraordinaire, tout mouvement pour sortir de sa place, paraisse d'abord ridicule. Ce que vous êtes forcé de faire par votre état, par votre position, trouve mille approbateurs ; ce que vous inventez sans nécessité, sans obligation, est d'avance jugé sévèrement. La jalousie naturelle à tous les hommes ne s'apaise que si vous pouvez vous excuser, pour ainsi dire, d'un succès par un devoir ; mais si vous ne couvrez pas la gloire même du prétexte de votre situation et de votre intérêt, si l'on vous croit pour unique motif le besoin de vous distinguer, vous importunerez ceux que l'ambition amène sur la même route que vous.

En effet, les hommes peuvent toujours cacher leur amour-propre et le désir qu'ils ont d'être applaudis sous l'apparence ou la réalité de passions plus fortes et plus nobles ; mais quand les femmes écrivent, comme on leur suppose en général pour premier motif le désir de montrer de l'esprit, le public leur accorde difficilement son suffrage. Il sent qu'elles ne peuvent s'en passer, et cette idée fait naître en lui la tentation de le

de espírito, enquanto a mais perfeita honestidade dificilmente poderia obter a graça da verdadeira superioridade.

Vou desenvolver as várias causas dessa singularidade. Começo por examinar qual é o destino das mulheres que cultivam as Letras nas monarquias, e também qual é seu destino nas repúblicas. Dedico-me a caracterizar as principais diferenças que essas duas situações políticas devem produzir no destino das mulheres que aspiram à notoriedade literária, e considero, depois, de forma geral, que felicidade a glória pode prometer às mulheres que quiserem ter tal aspiração.

Nas monarquias, elas têm de temer o ridículo e, nas repúblicas, o ódio.

É na natureza das coisas que, numa monarquia em que o tato das conveniências é tão bem apreendido, qualquer ação extraordinária, qualquer movimento para sair do lugar, pareça, de início, ridículo. O que se é obrigado a fazer pela sua qualidade, pela sua posição, encontra mil aprovadores; o que se inventa sem necessidade, sem obrigação, é pré-julgado com severidade. O ciúme natural a todos os homens só diminuirá quando puder desculpar-se, por assim dizer, de um sucesso por um dever; mas, se não cobrir a própria glória do pretexto da sua situação e interesse, se acreditarem que agiu só pela necessidade de se destacar, importunará aqueles a quem a ambição conduz no mesmo caminho que o seu.

Com efeito, os homens sempre podem esconder seu amor-próprio e o desejo de serem aplaudidos sob a aparência ou a realidade de paixões mais fortes e nobres; mas, quando as mulheres escrevem, como em geral se pressupõe que o fazem, principalmente pelo desejo de mostrar seu espírito, o público dificilmente as aprova. Ele sente que elas não podem ficar sem, e essa ideia suscita a tentação de recusá-las. Em todas as situações da vida, nota-se que, assim que um homem percebe que é eminentemente necessário, quase sempre lhe demonstra frieza. Quando

refuser. Dans toutes les situations de la vie, l'on peut remarquer que dès qu'un homme s'aperçoit que vous avez éminemment besoin de lui, presque toujours il se refroidit pour vous. Quand une femme publie un livre, elle se met tellement dans la dépendance de l'opinion, que les dispensateurs de cette opinion lui font sentir durement leur empire.

À ces causes générales, qui agissent presque également dans tous les pays, se joignent diverses circonstances particulières à la monarchie française. L'esprit de chevalerie qui subsistait encore s'opposait, sous quelques rapports, à ce que les hommes même cultivassent trop assidûment les lettres. Ce même esprit devait inspirer plus d'éloignement encore pour les femmes qui s'occupaient trop exclusivement de ce genre d'étude, et détournaient ainsi leurs pensées de leur premier intérêt, les sentiments du cœur. La délicatesse du point d'honneur pouvait inspirer aux hommes quelque répugnance à se soumettre eux-mêmes à tous les genres de critique que la publicité doit attirer : à plus forte raison pouvait-il leur déplaire de voir les êtres qu'ils étaient chargés de protéger, leurs femmes, leurs sœurs ou leurs filles, courir les hasards des jugements du public, ou lui donner seulement le droit de parler d'elles habituellement.

Un grand talent triomphait de toutes ces considérations ; mais il était néanmoins difficile aux femmes de porter noblement la réputation d'auteur, de la concilier avec l'indépendance d'un rang élevé, et de ne perdre rien, par cette réputation, de la dignité, de la grâce, de l'aisance et du naturel qui devaient caractériser leur ton et leurs manières habituelles.

On permettait bien aux femmes de sacrifier les occupations de leur intérieur au goût du monde et de ses amusements ; mais on accusait de pédantisme toute étude sérieuse ; et si l'on ne s'élevait pas, dès les premiers pas, au-dessus des plaisanteries qui assaillaient de toutes parts, ces plaisanteries parvenaient à décourager le talent, à tarir la source même de la confiance et de l'exaltation.

uma mulher publica um livro, ela fica tão dependente da opinião que os que dispensam essa opinião fazem com que ela sinta com dureza a sua dominação.

A essas causas gerais, que atuam de forma quase igual em todos os países, vêm juntar-se diversas circunstâncias especiais da monarquia francesa. O espírito de cavalheirismo que ainda prevalecia era, em alguns aspectos, contrário a que os próprios homens cultivassem as Letras com demasiada assiduidade. Esse mesmo espírito devia inspirar um afastamento ainda maior para as mulheres que se ocupavam quase exclusivamente desse tipo de estudo, desviando, assim, os pensamentos do seu interesse primário, os sentimentos do coração. A delicadeza do ponto de honra podia inspirar aos homens alguma relutância em submeter-se a todo tipo de críticas que a publicidade deve atrair. Mais ainda, poderia desagradar-lhes ver os seres que deviam proteger suas mulheres, irmãs ou filhas, correr os riscos do julgamento do público ou dar-lhes apenas o direito de falar delas habitualmente.

O grande talento triunfava sobre todas essas considerações, mas era difícil para as mulheres carregar nobremente a reputação de autora, de conciliá-la com a independência de uma posição alta e não perder, por essa reputação, a dignidade, a graça, a facilidade e a naturalidade que deveriam caracterizar seus tons e modos habituais.

As mulheres eram autorizadas a sacrificar suas atividades domésticas em prol do gosto pelo mundo e suas diversões. No entanto, qualquer estudo sério era tachado de pedantismo. E, se elas não se elevassem desde os primeiros passos, acima das piadas que surgiam por toda parte, essas piadas conseguiam desencorajar o talento e secar a própria fonte da confiança e da exaltação.

Une partie de ces inconvénients ne peut se retrouver dans les républiques, et surtout dans une république qui aurait pour but l'avancement des lumières. Peut-être serait-il naturel que, dans un tel état, la littérature proprement dite devînt le partage des femmes, et que les hommes se consacraient uniquement à la haute philosophie.

On a dirigé l'éducation des femmes, dans tous les pays libres, selon l'esprit de la constitution qui y était établie. À Sparte, on les accoutumait aux exercices de la guerre ; à Rome, on exigeait d'elles des vertus austères et patriotiques. Si l'on voulait que le principal mobile de la république française fût l'émulation des lumières et de la philosophie, il serait très raisonnable d'encourager les femmes à cultiver leur esprit, afin que les hommes pussent s'entretenir avec elles des idées qui captiveraient leur intérêt.

Néanmoins, depuis la révolution, les hommes ont pensé qu'il était politiquement et moralement utile de réduire les femmes à la plus absurde médiocrité ; ils ne leur ont adressé qu'un misérable langage sans délicatesse comme sans esprit ; elles n'ont plus eu de motifs pour développer leur raison : les mœurs n'en sont pas devenues meilleures. En bornant l'étendue des idées, on n'a pu ramener la simplicité des premiers âges ; il en est seulement résulté que moins d'esprit a conduit à moins de délicatesse, à moins de respect pour l'estime publique, à moins de moyens de supporter la solitude. Il est arrivé ce qui s'applique à tout dans la disposition actuelle des esprits : on croit toujours que ce sont les lumières qui font le mal, et l'on veut le réparer en faisant rétrograder la raison. Le mal des lumières ne peut se corriger qu'en acquérant plus de lumières encore. Ou la morale serait une idée fausse, ou il est vrai que plus on s'éclaire, plus on s'y attache.

Si les Français pouvaient donner à leurs femmes toutes les vertus des Anglaises, leurs mœurs retirées, leur goût pour la solitude, ils feraient très bien de préférer de telles qualités à tous les dons d'un esprit éclatant ;

Parte desses inconvenientes não podem ser encontrados nas repúblicas, especialmente numa república cujo objetivo seria o avanço das luzes. Talvez fosse natural que, em tal estado, a literatura propriamente dita se tornasse o domínio das mulheres e que os homens se dedicassem exclusivamente à alta filosofia.

A educação das mulheres sempre foi dirigida, em todos os países livres, de acordo com o espírito da constituição estabelecida. Em Esparta, acostumavam-nas aos exercícios da guerra; em Roma, exigia-se delas virtudes austeras e patrióticas. Se o principal motivo da República Francesa fosse o da emulação das luzes e da filosofia, seria muito sensato encorajar as mulheres a cultivar a mente, para que os homens pudessem discutir com elas as ideias que cativassem seus interesses.

No entanto, desde a revolução, os homens consideram política e moralmente útil reduzir as mulheres à mediocridade mais absurda. Só se dirigiram a elas numa linguagem miserável, sem delicadeza nem espírito. Elas não tiveram mais motivos para desenvolver suas razões: os costumes não se tornaram melhores. Ao restringir o leque de ideias, não se pôde trazer de volta a simplicidade das primeiras idades. O resultado foi que ter menos espírito levou a menos delicadeza, menos respeito pela estima pública e menos meios de aguentar a solidão. Aconteceu o que se aplica a tudo na disposição atual dos espíritos, ou seja, que ainda se acredita que são as luzes que fazem o mal, e se deseja repará-lo ao retroceder a razão. O mal das luzes só pode ser corrigido através da aquisição de mais luzes. Ou a moral é uma ideia falsa ou é verdade que, quanto mais luz se adquire, mais se apega nela.

Se os franceses pudessem dar às suas mulheres todas as virtudes das mulheres inglesas, seus costumes retraídos, seus gostos pela solidão, melhor seria para eles preferir tais qualidades a todos os dons de um espírito brilhante. Porém, o que poderiam obter de suas mulheres seria que

mais ce qu'ils pourraient obtenir de leurs femmes, ce serait de ne rien lire, de ne rien savoir, de n'avoir jamais dans la conversation ni une idée intéressante, ni une expression heureuse, ni un langage relevé ; loin que cette bienheureuse ignorance les fixât dans leur intérieur, leurs enfants leur deviendraient moins chers lorsqu'elles seraient hors d'état de diriger leur éducation. Le monde leur deviendrait à la fois plus nécessaire et plus dangereux ; car on ne pourrait jamais leur parler que d'amour, et cet amour n'aurait pas même la délicatesse qui peut tenir lieu de moralité.

Plusieurs avantages d'une grande importance pour la morale et le bonheur d'un pays, se trouveraient perdus si l'on parvenait à rendre les femmes tout à fait insipides ou frivoles. Elles auraient beaucoup moins de moyens pour adoucir les passions furieuses des hommes ; elles n'auraient plus, comme autrefois, un utile ascendant sur l'opinion : ce sont elles qui l'animaient dans tout ce qui tient à l'humanité, à la générosité, à la délicatesse. Il n'y a que ces êtres en dehors des intérêts politiques et de la carrière de l'ambition, qui versent le mépris sur toutes les actions basses, signalent l'ingratitude, et savent honorer la disgrâce quand de nobles sentiments l'ont causée. S'il n'existait plus en France de femmes assez éclairées pour que leur jugement pût compter, assez nobles dans leurs manières pour inspirer un respect véritable, l'opinion de la société n'aurait plus aucun pouvoir sur les actions des hommes.

Je crois fermement que dans l'ancien régime, où l'opinion exerçait un si salutaire empire, cet empire était l'ouvrage des femmes distinguées par leur esprit et leur caractère : on citait souvent leur éloquence quand un dessein généreux les inspirait, quand elles avaient à défendre la cause du malheur, quand l'expression d'un sentiment exigeait du courage et déplaisait au pouvoir.

Durant le cours de la révolution, ce sont ces mêmes femmes qui ont encore donné le plus de preuves de dévouement et d'énergie.

não lessem nada, não soubessem nada, nunca tivessem nem uma ideia interessante nas conversas, nem uma expressão feliz, nem uma linguagem rebuscada. Não que essa ignorância abençoada as fizesse ficar em casa; seus filhos se tornariam menos caros uma vez que elas estariam privadas de orientar sua educação. O mundo, para elas, se tornaria ao mesmo tempo mais necessário e mais perigoso, pois só poderiam lhes falar de amor, e esse amor nem sequer teria a delicadeza que teria a moralidade.

Perder-se-iam muitas vantagens de grande importância para a moral e a felicidade de um país se as mulheres se tornassem completamente insípidas ou frívolas. Teriam muito menos meios para suavizar as paixões furiosas dos homens e deixariam de ter, como no passado, uma influência útil na opinião pública, pois elas que animavam em tudo o que diz respeito à humanidade, generosidade e delicadeza. Só esses seres, fora dos interesses políticos e da carreira de ambição, são capazes de desprezar todas as ações baixas, apontar a ingratidão e saber honrar a desgraça quando nobres sentimentos a causaram. Se não houvesse mais, na França, mulheres suficientemente esclarecidas para fazer valer seus julgamentos, suficientemente nobres nos seus modos para inspirar um verdadeiro respeito, a opinião da sociedade já não teria qualquer poder sobre as ações dos homens.

Acredito firmemente que no antigo regime, em que a opinião exercia uma dominação tão salutar, essa dominação era obra de mulheres que se destacavam pelo seu espírito e caráter. Sua eloquência era frequentemente citada quando inspirada por um propósito generoso, quando tinha de defender a causa do infortúnio, quando a expressão de um sentimento exigia coragem e desagradava o poder.

No decorrer da revolução, foram essas mesmas mulheres que, mais uma vez, deram provas de devoção e energia.

Jamais les hommes, en France, ne peuvent être assez républicains pour se passer entièrement de l'indépendance et de la fierté naturelle aux femmes. Elles avaient sans doute, dans l'ancien régime, trop d'influence sur les affaires : mais elles ne sont pas moins dangereuses lorsqu'elles sont dépourvues de lumières, et par conséquent de raison ; leur ascendant se porte alors sur des goûts de fortune immodérés, sur des choix sans discernement, sur des recommandations sans délicatesse ; elles avilissent ceux qu'elles aiment au lieu de les exalter. L'état y gagne-t-il ? Le danger très rare de rencontrer une femme dont la supériorité soit en disproportion avec la destinée de son sexe, doit-il priver la république de la célébrité dont jouissait la France par l'art de plaire et de vivre en société ? Or, sans les femmes, la société ne peut être ni agréable ni piquante ; et les femmes privées d'esprit, ou de cette grâce de conversation qui suppose l'éducation la plus distinguée, gâtent la société au lieu de l'embellir ; elles y introduisent une sorte de niaiserie dans les discours et de médisance de coterie, une insipide gaieté qui doit finir par éloigner tous les hommes vraiment supérieurs, et réduirait les réunions brillantes de Paris aux jeunes gens qui n'ont rien à faire et aux jeunes femmes qui n'ont rien à dire.

On peut découvrir des inconvénients à tout dans les affaires humaines. Il y en a sans doute à la supériorité des femmes, à celle même des hommes, à l'amour-propre des gens d'esprit, à l'ambition des héros, à l'imprudence des âmes grandes, à l'irritabilité des caractères indépendants, à l'impétuosité du courage, etc. Faudrait-il pour cela combattre de tous ses efforts les qualités naturelles, et diriger toutes les institutions vers l'abaissement des facultés ! À peine est-il certain que cet abaissement favorisât les autorités de famille ou celle des gouvernements. Les femmes sans esprit de conversation ou de littérature, ont ordinairement plus d'art pour échapper à leurs devoirs ; et les nations sans lumières ne savent pas être libres, mais changent très souvent de maîtres.

Os homens, na França, jamais poderiam ser bastante republicanos para prescindir da independência e do orgulho natural das mulheres. No antigo regime, elas tinham, sem dúvida, demasiada influência nos negócios, mas não são menos perigosas quando são desprovidas de luzes e, conseqüentemente, de razão. Sua ascendência se volta, então, para gostos imoderados por fortuna, para escolhas sem discernimento, com recomendações sem delicadeza. Elas escravizam os que amam em vez de os exaltarem. O Estado se beneficia com isso? Será que o perigo muito raro de conhecer uma mulher cuja superioridade é desproporcional em relação ao destino do seu sexo privaria a República da fama de que a França gozava através da arte de agradar e viver em sociedade? Ora, sem as mulheres, a sociedade não pode ser nem agradável nem picante. Mulheres privadas de espírito, ou daquela graça da conversação que pressupõe uma educação mais distinta, estragam a sociedade em vez de embelezá-la. Introduzem uma espécie de tolice nos discursos e de calúnias arranjadas, uma insípida alegria que acabaria afastando todos os homens verdadeiramente superiores e reduziria os brilhantes encontros de Paris entre os jovens que nada têm a fazer e as jovens que nada têm a dizer.

Há desvantagens em tudo nos assuntos humanos; pode haver, sem dúvida, desvantagens na superioridade das mulheres, na superioridade dos homens, no amor próprio dos homens de espírito, na ambição dos heróis, na imprudência das grandes almas, na irritabilidade dos caracteres independentes, na impetuosidade da coragem, etc. Será necessário lutar com todos os esforços contra as qualidades naturais e orientar todas as instituições para a diminuição das faculdades! Dificilmente se pode ter a certeza de que essa diminuição favoreceria as autoridades de família ou dos governos. As mulheres sem espírito de conversação ou de literatura possuem geralmente mais arte para escapar aos seus deveres. E as nações sem luzes não sabem ser livres, mas mudam muitas vezes de mestres.

Éclairer, instruire, perfectionner les femmes comme les hommes, les nations comme les individus, c'est encore le meilleur secret pour tous les buts raisonnables, pour toutes les relations sociales et politiques auxquelles on veut assurer un fondement durable.

L'on ne pourrait craindre l'esprit des femmes que par une inquiétude délicate sur leur bonheur. Il est possible qu'en développant leur raison, on les éclaire sur les malheurs souvent attachés à leur destinée ; mais les mêmes raisonnements s'appliqueraient à l'effet des lumières en général sur le bonheur du genre humain, et cette question me paraît décidée.

Si la situation des femmes est très imparfaite dans l'ordre civil, c'est à l'amélioration de leur sort, et non à la dégradation de leur esprit, qu'il faut travailler. Il est utile aux lumières et au bonheur de la société que les femmes développent avec soin leur esprit et leur raison. Une seule chance véritablement malheureuse pourrait résulter de l'éducation cultivée qu'on doit leur donner : ce serait si quelques-unes d'entre elles acquerraient des facultés assez distinguées pour éprouver le besoin de la gloire ; mais ce hasard même ne porterait aucun préjudice à la société, et ne serait funeste qu'au très petit nombre de femmes que la nature dévouerait au tourment d'une importune supériorité.

S'il existait une femme séduite par la célébrité de l'esprit, et qui voulût chercher à l'obtenir, combien il serait aisé de l'en détourner s'il en était temps encore ! On lui montrerait à quelle affreuse destinée elle serait prête à se condamner. Examinez l'ordre social, lui dirait-on, et vous verrez bientôt qu'il est tout entier armé contre une femme qui veut s'élever à la hauteur de la réputation des hommes.

Dès qu'une femme est signalée comme une personne distinguée, le public en général est prévenu contre elle. Le vulgaire ne juge jamais que d'après certaines règles communes, auxquelles on peut se tenir sans s'aventurer. Tout ce qui sort de ce cours habituel, déplaît d'abord

O esclarecimento, a educação e o aperfeiçoamento das mulheres e dos homens, das nações e dos indivíduos continuam sendo o melhor segredo para todas as metas razoáveis, todas as relações sociais e políticas para as quais se quer um fundamento duradouro.

O espírito das mulheres só pode ser temido por uma delicada preocupação com sua felicidade. É possível que, desenvolvendo seu raciocínio, possam ser esclarecidas sobre os infortúnios normalmente ligados ao seu destino. Os mesmos raciocínios, no entanto, se aplicariam ao efeito das luzes, em geral sobre a felicidade do gênero humano, e essa questão me parece resolvida.

Se a situação das mulheres é muito imperfeita na ordem civil, é na melhoria do seu destino, e não na degradação do seu espírito, que se deve repensar. É útil para as luzes e a felicidade da sociedade que as mulheres desenvolvam com cuidado seu espírito e razão. Apenas uma oportunidade realmente infeliz poderia resultar da educação culta que lhes deveria ser dada. Seria como se algumas adquirissem faculdades bastante notáveis para sentir a necessidade de glória. Porém, mesmo esse acaso não prejudicaria a sociedade e seria fatal apenas para as pouquíssimas mulheres que a natureza consagraria ao tormento de uma superioridade inoportuna.

Se houvesse uma mulher que fosse seduzida pela notoriedade do espírito, e que tentasse obtê-la, como seria fácil afastá-la se ainda houvesse tempo! Logo lhe seria mostrado o destino terrível a que estaria condenada. Examine a ordem social, diriam-lhe, e logo perceberia que está totalmente armada contra a mulher que deseja elevar-se ao auge da reputação dos homens.

Assim que uma mulher é apontada como uma pessoa talentosa, o público, em geral, se posiciona contra ela. O homem vulgar só julga a partir de certas regras comuns, que podem ser cumpridas sem se aventurar. Tudo o que fugir do que é costumeiro desagradará àqueles

à ceux qui considèrent la routine de la vie comme la sauvegarde de la médiocrité. Un homme supérieur déjà les effarouche ; mais une femme supérieure, s'éloignant encore plus du chemin frayé, doit étonner, et par conséquent importuner davantage. Néanmoins un homme distingué ayant presque toujours une carrière importante à parcourir, ses talents peuvent devenir utiles aux intérêts de ceux mêmes qui attachent le moins de prix aux charmes de la pensée. L'homme de génie peut devenir un homme puissant, et sous ce rapport, les envieux et les sots le ménagent ; mais une femme spirituelle n'est appelée à leur offrir que ce qui les intéresse le moins, des idées nouvelles ou des sentiments élevés : sa célébrité n'est qu'un bruit fatigant pour eux.

La gloire même peut être reprochée à une femme, parce qu'il y a contraste entre la gloire et sa destinée naturelle. L'austère vertu condamne jusqu'à la célébrité de ce qui est bien en soi, comme portant une sorte d'atteinte à la perfection de la modestie. Les hommes d'esprit, étonnés de rencontrer des rivaux parmi les femmes, ne savent les juger, ni avec la générosité d'un adversaire, ni avec l'indulgence d'un protecteur ; et dans ce combat nouveau, ils ne suivent ni les lois de l'honneur, ni celles de la bonté.

Si, pour comble de malheur, c'était au milieu des dissensions politiques qu'une femme acquit une célébrité remarquable, on croirait son influence sans bornes alors même qu'elle n'en exercerait aucune ; on l'accuserait de toutes les actions de ses amis ; on la haïrait pour tout ce qu'elle aime, et l'on attaquerait d'abord l'objet sans défense avant d'arriver à ceux que l'on pourrait encore redouter.

Rien ne prête davantage aux suppositions vagues que l'incertaine existence d'une femme dont le nom est célèbre et la carrière obscure. Si l'esprit vain de tel homme excite la dérision, si le caractère vil de tel autre le fait succomber sous le poids du mépris, si l'homme médiocre est repoussé, tous aiment mieux s'en prendre à cette puissance inconnue qu'on

que consideram a rotina da vida como a garantia contra a mediocridade. Um homem superior já as assusta; mas uma mulher superior, afastando-se ainda mais do caminho que lhe foi imposto, deve espantar e, conseqüentemente, incomodar ainda mais. No entanto, um homem notável, tendo quase sempre uma carreira importante pela frente, tem talentos que podem se tornar úteis para os interesses daqueles que menos valorizam os encantos do pensamento. O homem de gênio pode tornar-se um homem poderoso e, nesse aspecto, é poupado pelos invejosos e tolos. Porém, uma mulher de espírito pode lhes oferecer apenas aquilo que menos lhes interessa; ideias novas ou sentimentos elevados. Sua notoriedade é apenas um barulho cansativo para eles.

Uma mulher pode ser censurada por ter glória, porque há um contraste entre a glória e seu destino natural. A austera virtude condena até a celebridade do que é bom por si só, como uma espécie de ataque à perfeição da modéstia. Os homens de espírito, espantados por encontrar rivais entre as mulheres, não sabem julgá-las, nem com a generosidade de um adversário, nem com a indulgência de um protetor. E, nesse novo combate, não seguem nem as leis da honra, nem as da bondade.

Se, além disso, uma mulher adquirisse uma celebridade notável no meio de conflitos políticos, poderia acreditar que tem uma influência sem limites, apesar de não exercer nenhuma. Seria acusada de todas as ações dos seus amigos; seria odiada por tudo que ama; e seria atacada primeiro por ser indefesa antes de chegar àqueles que ainda poderia temer.

Nada se presta mais a vagas suposições do que a existência incerta de uma mulher cujo nome é famoso e cuja carreira é obscura. Se o espírito vaidoso de um homem excita o escárnio, se o caráter vil de outro o faz sucumbir sob o peso do desprezo, se o homem medíocre é repellido, todos preferem atacar esse poder desconhecido chamado mulher. Os

appelle une femme. Les anciens se persuadaient que le sort avait traversé leurs desseins quand ils ne s'accomplissaient pas. L'amour-propre aussi de nos jours veut attribuer ses revers à des causes secrètes, et non à lui-même ; et ce serait l'empire supposé des femmes célèbres qui pourrait, au besoin, tenir lieu de fatalité.

Les femmes n'ont aucune manière de manifester la vérité ni d'éclairer leur vie. C'est le public qui entend la calomnie, c'est la société intime qui peut seule juger de la vérité. Quels moyens authentiques pourrait avoir une femme de démontrer la fausseté d'imputations mensongères ? L'homme calomnié répond par ses actions à l'univers ; il peut dire : « Ma vie est un témoin qu'il faut entendre aussi ».

Mais ce témoin, quel est-il pour une femme ? quelques vertus privées, quelques services obscurs, quelques sentiments renfermés dans le cercle étroit de sa destinée, quelques écrits qui la feront connaître dans les pays qu'elle n'habite pas, dans les années où elle n'existera plus.

Un homme peut, même dans ses ouvrages, réfuter les calomnies dont il est devenu l'objet : mais pour les femmes, se défendre est un désavantage de plus ; se justifier, un bruit nouveau. Les femmes sentent qu'il y a dans leur nature quelque chose de pur et de délicat, bientôt flétri par les regards même du public : l'esprit, les talents, une âme passionnée, peuvent les faire sortir du nuage qui devrait toujours les environner ; mais sans cesse elles le regrettent comme leur véritable asile.

L'aspect de la malveillance fait trembler les femmes, quelque distinguées qu'elles soient. Courageuses dans le malheur, elles sont timides contre l'inimitié ; la pensée les exalte, mais leur caractère reste faible et sensible. La plupart des femmes auxquelles des facultés supérieures ont inspiré le désir de la renommée, ressemblent à Herminie revêtue des armes du combat : les guerriers voient le casque, la lance, le panache étincelant ; ils croient rencontrer la force, ils attaquent avec violence, et dès les premiers coups, ils atteignent au cœur.

antigos estavam convencidos de que um feitiço havia atravessado seu destino quando não eram bem-sucedidos. O amor-próprio quer também, hoje em dia, atribuir seus contratempos a causas secretas, e não a si próprio. Seria, assim, o suposto império das mulheres famosas que poderia, se necessário, servir de fatalidade.

As mulheres não têm nenhuma maneira de manifestar a verdade ou iluminar sua vida. É o público que ouve calúnias, é a sociedade íntima que pode por si só julgar a verdade. Que meios autênticos poderia uma mulher ter para demonstrar a falsidade de imputações mentirosas? O homem caluniado responde pelas suas ações ao universo; ele pode dizer: “Minha vida é uma testemunha que deve ser ouvida também”.

Mas teria uma testemunha para uma mulher? Algumas virtudes privadas, alguns serviços obscuros, alguns sentimentos fechados no círculo estreito do seu destino, alguns escritos que torná-la-ão conhecida nos países onde não mora, nos anos em que já deixará de existir.

Um homem pode, mesmo em seus livros, refutar as calúnias de que se tornou objeto, mas, para as mulheres, defender-se é mais uma desvantagem, e justificar-se, um barulho novo. As mulheres sentem que há algo de puro e delicado na sua natureza, logo murchado pelo próprio olhar do público. O espírito, os talentos, uma alma apaixonada, podem fazê-las sair da nuvem que deveria sempre as envolver. Deploram-nos constantemente como seu verdadeiro asilo.

O aspecto da malevolência faz tremer as mulheres, por mais talentosas que sejam. Corajosas no infortúnio, são tímidas contra a inimizade. O pensamento as exalta, mas seu caráter continua fraco e sensível. A maioria das mulheres a quem as faculdades superiores inspiraram o desejo de notoriedade assemelha-se à Ermínia de Antioquia vestida com as armas de combate. Os guerreiros enxergam o elmo,

Non seulement les injustices peuvent altérer entièrement le bonheur et le repos d'une femme ; mais elles peuvent détacher d'elle jusqu'aux premiers objets des affections de son cœur. Qui sait si l'image offerte par la calomnie ne combat pas quelquefois contre la vérité des souvenirs ? Qui sait si les calomnieurs, après avoir déchiré la vie, ne dépouilleront pas jusqu'à la mort des regrets sensibles qui doivent accompagner la mémoire d'une femme aimée ?

Dans ce tableau, je n'ai encore parlé que de l'injustice des hommes envers les femmes distinguées : celle des femmes aussi n'est-elle point à craindre ? N'excitent-elles pas en secret la malveillance des hommes ? Font-elles jamais alliance avec une femme célèbre pour la soutenir, pour la défendre, pour appuyer ses pas chancelants ?

Ce n'est pas tout encore : l'opinion semble dégager les hommes de tous les devoirs envers une femme à laquelle un esprit supérieur serait reconnu : on peut être ingrat, perfide, méchant envers elle, sans que l'opinion se charge de la venger. N'est-elle pas une femme extraordinaire ? Tout est dit alors ; on l'abandonne à ses propres forces, on la laisse se débattre avec la douleur. L'intérêt qu'inspire une femme, la puissance qui garantit un homme, tout lui manque souvent à la fois : elle promène sa singulière existence, comme les Parias de l'Inde, entre toutes les classes dont elle ne peut être, toutes les classes qui la considèrent comme devant exister par elle seule, objet de la curiosité, peut-être de l'envie, et ne méritant en effet que la pitié.

a lança, o penacho cintilante e, acreditando ter encontrado a força, atacam com violência e, desde os primeiros golpes, atingem o coração.

A injustiça não somente pode alterar completamente a felicidade e a paz de uma mulher, mas também se livrar até dos primeiros objetos de afetos de seu coração. Quem sabe se a imagem oferecida pela calúnia não lute às vezes contra a verdade das lembranças? Quem sabe se os caluniadores, após terem dilacerado a vida, não despirão até a morte os arrependimentos sensíveis que devem acompanhar a memória de uma mulher amada?

Apenas falei até agora da injustiça dos homens com as mulheres ilustres. Não haveria também de temer a injustiça vinda das mulheres? Será que não excitam secretamente a malevolência dos homens? Será que alguma vez fizeram uma aliança com uma mulher famosa para encorajá-la, defendê-la, assegurar seus passos vacilantes?

Ainda há a opinião pública que parece aliviar os homens de todos os deveres para com uma mulher a quem seria reconhecido um espírito superior. Pode-se ser ingrato, pérfido, perverso com ela, sem que a opinião pública se dê o trabalho de vingá-la. Ela não é uma mulher extraordinária? Tudo está dito, portanto. Abandonam-na às suas próprias forças, deixando-a lutar com sua dor. O interesse que uma mulher inspira, o poder que garante um homem, muitas vezes tudo isso lhe falta ao mesmo tempo. Ela leva consigo sua singular existência, como os párias da Índia, entre todas as classes às quais não pertence, todas as classes que a consideram como tendo que existir sozinha, objeto de curiosidade, talvez de inveja, merecendo apenas a piedade.

Tradução para o português: Marie Helene Catherine Torres
e Sheila Maria dos Santos

Fanny Raoul (1771?-1833)



Illustration publiée dans le livre *Paul et Virginie* de Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (Paris: Victor Lecou, 1852).

Ilustração publicada no livro *Paul et Virginie*, de Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre (Paris: Victor Lecou, 1852).

Fanny Raoul : une femme de conviction

Amanda Bruno de Mello
Univesité Fédérale de Santa Catarina

Camila Macek
Univesité Fédérale de Minas Gerais

Marie Françoise Raoul, dite Fanny Raoul, nom sous lequel elle signait ses ouvrages, est née à Saint-Pol-de-Léon, en Bretagne, au nord-ouest de la France, très probablement en 1771, bien que d'autres sources indiquent 1778 comme son année de naissance (Dorignon, 2011).

Il y a peu d'informations disponibles à son sujet et la plupart de ce qui est dit sur sa vie sont des hypothèses reconstruites à partir d'interprétations de son œuvre et du recoupement d'informations historiques liées à la publication de ses livres et à sa famille. On imagine que, durant sa jeunesse, elle ait été préceptrice dans une famille de la noblesse, ce qui serait à la fois cohérent avec son appartenance à la bourgeoisie provinciale et lié à son oeuvre, puisque Flaminie, protagoniste de son roman épistolaire de 1813, exerce également ce Bastit-Lesourd métier. On suppose que la passion de Flaminie pour la musique soit autre élément autobiographique de son livre (Bastit-Lesourd, 2013).

Raoul a reçu une éducation ouverte et libérale ; a été en contact avec des partisans de la Révolution Française, amis de son père, qui était franc-maçon. Il est possible qu'elle ait aussi participé à la franc-maçonnerie, étant donné que les épouses, sœurs et filles des maçons pouvaient rejoindre l'institution, en suivant des rites initiatiques légèrement différents de ceux des hommes.

Apparemment, elle est allée vivre à Paris vers 1800, après le déménagement de son frère, qui a poursuivi d'abord une carrière d'avocat, ensuite de juge à la Cour de cassation. C'est à partir de ce moment que plus

Fanny Raoul: uma mulher de opinião

Amanda Bruno de Mello
Universidade Federal de Santa Catarina

Camila Macek
Universidade Federal de Minas Gerais

Marie Françoise Raoul, conhecida como Fanny Raoul, nome com o qual assinou suas obras, nasceu em Saint-Pol-de-Léon, na Bretanha, noroeste da França, muito provavelmente em 1771, embora outras fontes indiquem 1778 como seu ano de nascimento (Dorignon, 2011).

Há poucas informações disponíveis sobre ela, e muito do que se diz sobre sua vida são suposições reconstruídas a partir de interpretações da sua obra e de cruzamentos de informações históricas relacionadas à publicação de seus livros e à sua família. Imagina-se que, na juventude, ela tenha sido preceptora em uma família pertencente à nobreza, o que seria tanto condizente com o seu pertencimento à burguesia provincial quanto relacionado à sua obra, uma vez que Flaminie, protagonista de seu romance epistolar de 1813, também exerce essa profissão. Supõe-se que outro aspecto autobiográfico do livro seja a paixão de Flaminie pela música (Bastit-Lesourd, 2013).

Raoul recebeu uma educação aberta e liberal; conviveu com partidários da Revolução Francesa amigos de seu pai, que era maçom. É possível que ela também tenha participado da maçonaria, uma vez que esposas, irmãs e filhas de maçons podiam participar da instituição, seguindo ritos de iniciação um pouco diferentes dos masculinos.

Ela aparentemente foi morar em Paris por volta de 1800, após a mudança de seu irmão, que seguiu carreira primeiro como advogado, depois como juiz da corte de cassação. É a partir de então que se tem mais

d'informations sur sa vie nous parviennent. On sait qu'elle fréquentait les salons d'artistes et d'intellectuels favorables à la révolution résidants dans la capitale française, notamment parmi des bretons.

Comme le souligne Charlotte Denoël (*apud* Bastit-Lesourd, 2013), avant la révolution les femmes avaient le droit de travailler et d'être membres de clubs de lecture et de sociétés littéraires. Pendant la révolution, elles ont été autorisées à participer aux mouvements populaires et aux clubs, mais, à partir de 1793, les clubs féminins et la citoyenneté des femmes ont été interdits. Quelques lois leur sont toutefois restées favorables, comme l'égalité des droits de succession entre hommes et femmes et l'autorisation du divorce. C'est dans ce contexte que Raoul publie son premier livre, *Opinion d'une femme sur les femmes*, en 1801, avant que le code civil napoléonien, promulgué en mars 1804, ne rétablisse les pouvoirs du chef de famille. Le passage que nous avons traduit et que nous présentons ici correspond à un peu plus de la moitié de son opuscule sur les droits civils des femmes. Nous y reviendrons.

Il est possible qu'elle soit revenue vivre dans sa ville natale, mais il est certain qu'en 1813 elle était de retour à Paris, et c'est précisément de cette année à 1815 qu'elle a connu sa plus grande activité intellectuelle. Outre *Flaminie ou les erreurs d'une femme sensible*, elle publie en 1813 *Fragments philosophiques et littéraires*, ouvrage dans lequel elle accuse Alexandre Duval d'avoir plagié, dans *Le tyran domestique*, une pièce qu'elle avait écrite, mais qui n'avait jamais été mise en scène, *La tyrannomanie*. Elle n'a jamais réussi à prouver le plagiat et, avec cet épisode, elle s'est attirée l'hostilité d'une partie de la presse, qui lui a attribué le surnom ironique d'« amazone bretonne ». Elle a également publié deux textes sur la constitution, *De la charte constitutionnelle par une Française* et *Idées sur la constitution faite ou à faire*.

notícias de sua vida. Sabe-se que ela frequentou os salões de artistas e intelectuais favoráveis à revolução e ao bonapartismo residentes na capital francesa, principalmente entre bretões.

Como aponta Charlotte Denoël (*apud* Bastit-Lesourd, 2013), antes da revolução era permitido que as mulheres trabalhassem e que fossem membros de clubes de leitura e sociedades literárias. Durante a revolução, foi-lhes permitida a participação em movimentos populares e clubes, mas, a partir de 1793, os clubes femininos e a cidadania das mulheres foram proibidos. Algumas poucas leis, no entanto, continuaram a lhes ser benéficas, como a igualdade dos direitos de sucessão entre homens e mulheres e a permissão do divórcio. É nesse contexto que Raoul publica seu primeiro livro, *Opinião de uma mulher sobre as mulheres*, em 1801, antes que o código civil napoleônico, promulgado em março de 1804, restabelecesse os poderes do chefe da família. O trecho que traduzimos e apresentamos aqui corresponde a pouco mais da metade desse seu opúsculo sobre os direitos civis das mulheres. Voltaremos a falar sobre ele.

É possível que ela tenha voltado a morar em sua cidade natal, mas é certo que em 1813 ela estava de volta a Paris, e foi justamente desse ano até 1815 que viveu sua fase de maior atividade intelectual. Além de *Flaminie ou os erros de uma mulher sensível*, em 1813 ela publicou também *Fragmentos filosóficos e literários*, obra na qual acusa Alexandre Duval de ter plagiado, em *O tirano doméstico*, uma peça que ela havia escrito, mas que nunca fora representada, *A tiranomania*. Ela nunca conseguiu provar o plágio e, com esse episódio, ganhou a inimizade de parte da imprensa e o apelido irônico de “amazona bretã”. Publicou também dois textos sobre a constituição, *Da carta constitucional, por uma francesa* e *Ideias sobre a constituição feita ou por fazer*.

Fanny s'est également consacrée au journalisme et a lutté pour le droit à la liberté d'expression et de presse. Entre 1814 et 1815, elle édite un journal, *Le Véridique*, qui diffuse, en plus d'informations générales et d'actualités, des messages politiques, des critiques d'art et de littérature. Après la publication de 25 numéros, elle abandonna l'entreprise à cause de la censure. Elle écrit ensuite dans *Le Censeur ou Examen des Actes et ouvrages qui tendent à détruire ou à consolider la constitution de l'État*, un journal qui avait un plus grand nombre de pages comme stratégie pour échapper à la censure, puisque celle-ci contrôlait toute publication ayant moins de 20 pages. Dans ce journal, Raoul écrit surtout contre la censure, en différents genre.

On ne sait pas beaucoup sur ce qu'elle a fait dans les années suivantes, puisqu'elle s'est retirée de la vie publique et de l'activité d'écrivaine et de journaliste. Elle meurt à Paris en 1833, sans s'être jamais mariée.

Son nom apparaît dans quelques encyclopédies du XIX^e siècle et dans quelques dictionnaires bibliographiques, mais sa reconnaissance contemporaine passe surtout par la publication d'*Opinions de Femmes – de la veille au lendemain de la Révolution française*, un recueil d'auteurs organisé par Geneviève Fraisse, dont le texte final est *Opinion d'une femme sur les femmes*.

Ce texte met en avant le genre féminin à différents moments, à commencer par le titre, dans lequel les femmes apparaissent deux fois, individuellement comme sujet énonciateur et collectivement comme objet de réflexion. Raoul dédie sa publication aux femmes et se place dans la position d'une « femme sensible et rationnelle ». Bien que dans plusieurs passages l'auteure adresse ses critiques et réflexions aux hommes – maris, pères, mais aussi hommes publics et intellectuels de la société française –, elle est l'une des premières auteures à écrire sur les droits des femmes sans le faire en réponse à un homme, comme c'était le cas depuis le Moyen Âge jusqu'à la veille de la révolution.

Fanny também se dedicou ao jornalismo, lutando pelo direito à liberdade de expressão e de imprensa. Entre 1814 e 1815, editou o jornal *O Verídico*, que trazia, além de informações gerais e notícias, mensagens políticas, críticas de arte e literatura. Após 25 números publicados, Raoul desistiu da empreitada por causa da censura. Em seguida, passou a escrever no *O Censor, ou O Exame dos Atos e Obras que Tendem a Destruir ou a Consolidar a Constituição do Estado*, jornal que tinha maior número de páginas como tentativa de escapar à censura, já que esta verificava todas as publicações de menos de 20 páginas. Nele, Raoul escrevia principalmente contra a censura, em diversos gêneros.

Pouco se sabe sobre o que fez nos anos seguintes, uma vez que ela se recolheu da vida pública e da atividade de escritora e jornalista. Morreu em Paris, em 1833, sem nunca ter se casado.

Seu nome constava em algumas enciclopédias do século XIX e em dicionários bibliográficos, mas seu reconhecimento na contemporaneidade veio principalmente com a publicação de *Opiniões de mulheres: da véspera ao amanhã da Revolução Francesa*, coletânea de autoras organizada por Geneviève Fraisse, cujo texto final é *Opinião de uma mulher sobre as mulheres*.

Esse texto ressalta em diversos momentos o gênero feminino, a começar pelo título, no qual as mulheres aparecem duas vezes, no plano individual, como sujeito enunciador e, coletivamente, como objeto da reflexão. Na abertura, Raoul dedica sua publicação às mulheres e se coloca, ela mesma, na posição de “mulher sensível e racional”. Embora em diversos momentos a autora direcione suas críticas e reflexões aos homens – maridos, pais e também homens públicos e intelectuais da sociedade francesa –, ela é uma das primeiras autoras a escrever sobre os direitos das mulheres sem o fazer em resposta a um homem, como havia sido comum da Idade Média, às vésperas da revolução. Fraisse (1989, p. 17)

Fraisse (1989, p. 17) souligne ce moment comme une rupture historique fondamentale, puisque « la guerre des sexes' [...] passe alors de l'éternelle querelle à l'impossible procès ».

Il est également important de noter la présence du mot « opinion » dans le titre de la publication de Raoul. Comme le mentionne Fraisse dans la préface de l'édition française de 2011, le droit à l'opinion est la garantie minimale des droits démocratiques.

Les Lumières du siècle précédent avaient représenté pour les femmes les plus cultivées le début de la rupture d'un paradigme : auparavant, elles n'étaient soumises qu'aux conventions et opinions sociales dominantes, qui leur dictaient des règles, des comportements et des mœurs ; peu à peu, elles ont commencé à participer aux salons, à prendre part à la vie intellectuelle et à rompre avec la soi-disant *bienséance*, le décorum attendu de leur sexe, et à occuper la place de transmetteurs d'opinion.

Pour une femme de la fin du XVIII^e siècle, exprimer publiquement son opinion était une prise de risque – plus son écriture était critique et potentiellement subversive, plus elle aurait risqué sa réputation – mais les récompenses étaient alléchantes : l'accès à la parole et à l'autonomie intellectuelle, ainsi que la défense des mêmes droits pour les autres femmes.

Ainsi, en émettant publiquement son *Opinion*, Fanny Raoul a non seulement exprimé son point de vue sur les questions traitées, mais s'est également positionnée comme sujet pensant, réflexif et subversif de l'ordre moral dominant, rejoignant le chœur grandissant des voix féminines, précurseurs du féminisme, qui annoncent l'avènement d'une émancipation collective (Fraisse, 2011).

Le texte de Raoul est lucide, héritier de la raison des Lumières, et veut intervenir directement dans la société de son temps, en critiquant sa structure et en proposant que les hommes et les femmes aient accès à

aponta esse momento como uma ruptura histórica fundamental, pois “a ‘guerra dos sexos’ passa de eterna querela a um processo insolúvel”.

É importante ressaltar também a presença da palavra “opinião” no título da publicação de Raoul. Como mencionado por Fraisse no prefácio à edição francesa de 2011, o direito a uma opinião é a garantia mínima dos direitos democráticos.

O Iluminismo do século precedente representou, para as mulheres mais cultivadas, o início da ruptura de um paradigma: antes elas estavam apenas sujeitas às convenções e opiniões sociais dominantes, que ditavam regras, comportamentos e costumes; pouco a pouco, começaram a participar de salões, tomar parte da vida intelectual, romper com a dita *bien-séance*, o decoro esperado de seu gênero, e a ocupar o lugar de emissoras de opiniões.

Para uma mulher do fim do século XVIII, manifestar publicamente sua opinião era assumir um risco – quanto mais crítica e potencialmente subversiva sua escrita, mais arriscaria sua reputação – embora as recompensas fossem tentadoras: o acesso à voz e à autonomia intelectual, bem como à defesa dos mesmos direitos para outras mulheres.

Assim, ao emitir publicamente sua *Opinião*, Fanny Raoul não apenas expressou seu ponto de vista sobre os temas tratados, como também se posicionou como sujeito pensante, reflexivo e subversivo da ordem moral vigente, juntando-se ao crescente coro de vozes femininas, precursoras do feminismo, que anunciam a chegada de uma emancipação coletiva (Fraisse, 2011).

O texto de Raoul é lúcido, herdeiro da razão iluminista, e quer intervir diretamente na sociedade da sua época, criticando a sua estrutura e propondo que homens e mulheres tenham acesso à mesma educação e aos mesmos direitos civis. Ao contrário do que acontecia nas querelas,

la même éducation et aux mêmes droits civils. Contrairement aux querelles, pleines d'attaques et de défenses, Raoul argumente logiquement, plaidant pour les droits des femmes face au tribunal de la raison. Elle soutient, par exemple, que les faiblesses des femmes ne sont pas liées à la nature, mais à l'éducation. Comme il était impossible de le prouver, puisque cette éducation leur était refusée, elle suggère alors que l'expérience soit faite, et précise qu'il n'y aurait aucun inconvénient à accorder ce droit : ou il serait avéré, avec le test, que les femmes sont aussi capables que les hommes, ou, si elles ne l'étaient pas, du moins l'éducation servirait à pallier leurs défauts présumés. L'auteure part, ici, de l'hypothèse fondamentale de la pensée scientifique : on ne peut pas prendre un sens commun pour une vérité sans même le mettre à l'épreuve de l'expérience. Elle conclut, concernant le caractère des femmes, « qu'on regarde à tort comme leur essence, ce qui n'est qu'une suite nécessaire de leur situation ».

En plus de dialoguer avec les intellectuels de son temps, Fanny met en relation son expérience du monde et celle des femmes de son entourage avec la situation des femmes en général. Sa mère, sa grand-mère maternelle et sa belle-sœur sont décédées des suites d'un accouchement. L'une des critiques qu'elle adresse à la situation des femmes à l'époque est le fait qu'elles sont souvent reléguées à la fonction de reproduction dans la société, une fonction fondamentale pour le maintien des nations, mais peu reconnue, ce qui leur fait souvent perdre la vie. En outre, elle dénonce les violences et les abus conjugaux et l'absence de sanctions pour les hommes qui maltraitent leurs épouses.

L'expérience des femmes d'autres régions du monde n'est pas non plus ignorée lorsque Raoul établit des parallèles avec différents peuples, cultures et classes sociales. Dans son texte, on trouve des exemples concrets et anecdotiques qui vont de la reine de Suède aux victimes chinoises du pied de lotus, en passant par les femmes romaines, spartiates et africaines. E plus, elle établit un lien entre la soumission des

cheias de ataques e defesas, Raoul argumenta logicamente, fazendo um apelo pelos direitos das mulheres no tribunal da razão. Ela defende, por exemplo, que as fraquezas das mulheres não são ligadas à natureza, mas à educação. Como era impossível prová-lo, uma vez que essa educação lhes era negada, ela sugere, então, que se faça a experiência e aponta que não haveria desvantagens na concessão desse direito: ou se provaria, com o teste, que as mulheres são tão capazes quanto os homens, ou, caso não o fossem, pelo menos a educação serviria para atenuar seus defeitos presumidos. A autora parte, aqui, do pressuposto fundamental do pensamento científico: não se pode tomar um senso comum como verdade sem sequer colocá-lo à prova pela experiência. Conclui que, em relação ao caráter das mulheres, “o que é considerado erroneamente como sua essência é apenas uma consequência necessária de sua situação”.

Além de dialogar com a intelectualidade de sua época, Fanny também relaciona sua experiência de mundo e a de mulheres próximas à situação geral feminina. Sua mãe, sua avó materna e sua cunhada morreram por complicação no parto, e uma das críticas que ela faz à situação das mulheres na época é o fato de serem frequentemente relegadas à função reprodutora na sociedade, uma função fundamental para a manutenção das nações, mas pouco reconhecida, que as faz, muitas vezes, perder a vida. Além disso, ela também denuncia a violência e o abuso conjugais e a falta de punição para os homens que maltratam as próprias esposas.

A experiência de mulheres de outras partes do mundo também não é ignorada quando Raoul estabelece paralelos com diversos povos, culturas e classes sociais. Em seu texto, há exemplos concretos e anedóticos em que estão presentes desde a rainha da Suécia até as chinesas vítimas do pé de lótus, passando pelas romanas, espartanas e africanas. Ademais, ela relaciona a submissão das mulheres à opressão dos povos negros escravizados, utilizando-se de exemplos para estabelecer paralelos entre

femmes et l'oppression des peuples Noirs réduits en esclavage, en utilisant des exemples pour établir des parallèles entre les pratiques esclavagistes et la situation des femmes par rapport au mariage, comme l'achat et la vente de personnes, l'enlèvement de leur patrie et l'impératif de la fuite comme seul moyen d'échapper à leur malheureux destin.

Bien que ces exemples paraissent aujourd'hui exotisants et relèvent sans doute d'une logique eurocentrée (et il serait anachronique de notre part de s'attendre à autre chose), ils ont le mérite de mettre en évidence l'universalité de l'assujettissement des femmes et, par conséquent, de laisser entendre que leur émancipation ne doit pas être locale, mais globale. Le parallèle établi entre la soumission des femmes et l'esclavage montre que la conquête de l'égalité des droits et de la liberté n'est pas suffisante lorsqu'elle est restreinte à un seul groupe, anticipant les idéaux centraux qui justifieront le suffrage universel et qui guident encore aujourd'hui les luttes politiques : tant qu'il existe des discours et des pratiques qui soutiennent l'oppression de tout individu, l'égalité entre les êtres humains ne sera pas garantie.

S'il ne faut pas s'attendre à ce que ce texte traite des questions de genre et de race, ni d'autres questions politiques et sociales, avec une approche qui nous soit contemporaine, nous pouvons toutefois le reconnaître comme l'un des précurseurs des débats qui ont eu lieu et qui continuent de s'approfondir. Un texte avant la lettre, comme l'avait prédit son propre auteure et comme l'a décrit Geneviève Fraisse (2011), qui aurait traversé comme une météorite deux siècles dans le temps et l'espace, intact, jusqu'à ce qu'il soit récupéré et que, maintenant, ait cet extrait traduit en portugais.

Profondément provocateur au XIX^e siècle, ce texte résonne encore aujourd'hui, dans la mesure où il nous montre l'évolution des réalisations des femmes, tout en soulignant l'importance d'un regard critique sur tous les débats, y compris les débats contemporains, qui risquent toujours de devenir obsolètes. L'un des enjeux centraux défendus par

práticas escravagistas e a situação das mulheres em relação ao matrimônio, como compra e venda de pessoas, o sequestro de sua terra natal e necessidade de fuga como único meio de escapar de seu destino infeliz.

Embora esses exemplos, nos dias de hoje, pareçam exotizantes e partam, sem dúvida, de uma lógica eurocêntrica (e seria anacrônico da nossa parte esperar algo diferente), eles têm o valor de ressaltar a universalidade do assujeitamento das mulheres e, portanto, de insinuar que sua emancipação não deve ser local, mas global. O paralelo estabelecido entre a submissão das mulheres e a escravização aponta que a conquista de direitos iguais e de liberdade não é suficiente quando se restringe a apenas um grupo, antecipando ideais centrais que justificarão o sufrágio universal e que ainda hoje guiam as lutas políticas: enquanto houver discursos e práticas que sustentem a opressão de um indivíduo que seja, a igualdade entre os seres humanos não estará garantida.

Ainda que não devamos esperar que esse texto trate dos assuntos de gênero e raça, nem das demais questões políticas e sociais, com uma abordagem que nos é contemporânea, podemos, entretanto, reconhecê-lo como um dos precursores dos debates que foram e que continuam se aprofundando. Um texto *avant la lettre*, como sua própria autora previu, e Geneviève Fraisse (2011) descreveu, que atravessaria como um meteoro dois séculos no tempo e no espaço, intacto, até ser recuperado e que, agora, tem esse trecho traduzido ao português.

Profundamente provocativo no século XIX, reverbera ainda nos dias de hoje, na medida em que nos mostra a evolução das conquistas das mulheres, enquanto também aponta para a importância do olhar crítico sobre todo e qualquer debate, inclusive o contemporâneo, que corre sempre o risco de se tornar ultrapassado. Uma das questões centrais defendidas pela autora, e fundamental ainda nos dias de hoje, é a percepção e o combate aos preconceitos – sejam eles individuais, sejam

Fanny Raoul (1771?-1833)

l'auteur, et fondamental encore aujourd'hui, est la perception et la lutte contre les préjugés – qu'ils soient individuels ou sociaux. Comme l'affirme Condillac dans le passage choisi comme épigraphe du livre de Raoul : « Les préjugés qui supposent en nous ce qui n'y est pas, ou qui dissimulent ce qui est sont un obstacle aux découvertes et une source d'erreurs ».

Traduction en français :
Amanda Bruno de Mello et Camila Macek

sociais. Como alega Condillac, no trecho escolhido como epígrafe para o livro de Raoul: “Os preconceitos que supõem em nós o que não somos, ou que dissimulam o que somos, são um obstáculo às descobertas e uma fonte de erros”.

Opinion d'une femme sur les femmes

On m'observera peut être, que l'importance des services rendus à l'état par chacun de ses membres, est la mesure des droits qu'il y peut exercer, et que les femmes n'y ont rien à prétendre, puisqu'étant hors de la société, elles ne font rien pour elle.

Mais pourquoi sont-elles hors de cette société?¹² Sûrement elles ne s'en sont pas exclues. M'alléguera-t-on leur incapacité pour motif de leur exclusion ? Je cherche vainement des preuves de cette incapacité prétendue, je n'en trouve aucune ; seulement je vois que de ce qu'on les a toujours écartées des affaires on en a conclu qu'elles n'étoient pas propres aux affaires. Singulière façon de juger et d'établir des principes ! Il me semble, à moi, que ces principes devroient être basés sur des faits, seul moyen d'asseoir un jugement certain. Or, ces faits n'existent point, les femmes n'ayant rempli les charges civiles et politiques chez aucun peuple du monde.¹³ On ne peut donc avoir la mesure exacte de leur habileté ou de leur incapacité à cet égard. On ne les a donc écartées de ces charges que par préjugé, et non par raison ; on ne les a donc bannies de la société que par la loi du plus fort, qui toujours entraîne avec elle la violation de tous les droits. Admettons un instant la solidité de l'objection que je suppose ici ; je prouverai, par cette objection même, que les femmes ont droit à certains avantages et je prouverai aussi que si elle étoit établie en principe, les hommes mêmes ne pourroient plus prétendre à l'égalité entr'eux, puisqu'il est de fait que tous ne travaillent pas également pour l'état, et que les services des uns ne lui sont pas si essentiellement importants que ceux des autres. Par exemple, il est évident que différentes classes d'artisans ne le servent point d'une manière aussi utile, aussi importante que le magistrat intègre, que le médecin éclairé et sensible, que le négociant honnête et

Opinião de uma mulher sobre as mulheres

Talvez me apontem que a medida dos direitos que cada cidadão pode exercer é correspondente à dimensão dos serviços prestados por ele ao Estado, e que as mulheres não podem exigir nada, pois, estando fora da sociedade, não fazem nada por ela.

Mas por que elas estão fora da sociedade?¹² Certamente não foram elas que se excluíram. Podem alegar que sua incapacidade seria o motivo de sua exclusão? Eu busco em vão as provas dessa dita incapacidade e não encontro nenhuma; vejo somente que, pelo fato de serem sempre descartadas das questões públicas, concluiu-se que elas não eram aptas às questões públicas. Que forma singular de julgar e de estabelecer os princípios! Parece-me que esses princípios deveriam ser baseados em fatos, de maneira a estabelecer um julgamento correto. Ora, esses fatos não existem, uma vez que as mulheres não ocupam cargos civis nem políticos em lugar nenhum do mundo.¹³ Não se pode, portanto, calcular a medida exata de sua habilidade ou incapacidade a esse respeito. Elas foram, portanto, excluídas desses cargos apenas por preconceito, e não pela razão; foram banidas da sociedade apenas pela lei do mais forte, que sempre traz consigo a violação de todos os direitos. Admitamos por um momento a solidez do argumento que eu defendo aqui; eu provarei, com esse mesmo argumento, que as mulheres têm direito a certos benefícios, e provarei também que, se eles fossem estabelecidos como princípio, os próprios homens não poderiam mais reivindicar igualdade entre si, pois é fato que nem todos prestam igualmente serviços ao Estado, e que os serviços de uns não são tão essencialmente importantes como os de outros. Por exemplo, é evidente que diversas classes de artesãos não servem ao Estado de maneira tão útil, tão importante quanto o magistrado íntegro, quanto o médico esclarecido e sensível, quanto o negociante

habile, que le vrai philosophe. Il est évident encore que dans certains cas, les services du guerrier l'emportent sur tous. Si donc il leur disoit :

Comme vous me devez la conservation de vos propriétés, de vos personnes, de vos femmes et de vos enfans, pour lesquels j'expose, je sacrifie le bien le plus précieux (si la liberté n'existoit pas), la vie ; aucun de vous n'aura la même latitude de pouvoirs, la même portion de liberté dont je jouirai ; aucun de vous ne sera mon égale, parce que les avantages que je retire de la société doivent être proportionnés à ce que je fais pour elle ; et c'est tout faire que d'empêcher ou de prévenir sa destruction.

Les hommes se rendroient'ils à ce langage ?

J'ai dit que par l'objection supposée, je prouverois que les femmes peuvent prétendre à certains avantages dans t'état, et je le prouve. En effet, si c'est par cela seul qu'on travaille pour lui, qu'on a lieu aussi d'en attendre quelque chose, je demande si les femmes n'ont pas droit à ce retour, et si ce n'est rien faire pour l'état que de lui donner des défenseurs ? Si ce n'est rien faire pour l'état que d'élever et de former ses citoyens ? Si ce n'est rien faire pour l'état que d'être les créateurs de cet état même ? Et si un service acquiert de l'importance en raison directe du danger auquel il expose celui qui le rend, n'est-il pas juste que les femmes ayent un dédommagement proportionné aux risques qu'elles courent ? Quel homme paye de sa santé, de sa vie même l'avantage de se reproduire ? Et combien de femmes sont victimes de cette reproduction ! Combien ne donnent l'existence qu'au dépend de la leur ! Et pour prix du sacrifice qu'elles en font à l'état, elles sont bannies, chassées de l'état ! Il n'existeroit pas sans elles, et elles n'y ont pas même une place au dernier rang ! Elles y ont des fils, des époux, des concitoyens, et elles ne sont ni mères, ni épouses, ni citoyennes. Etrangères dans leurs familles et au sein de leur patrie, esclaves dans celles-là

honesto e hábil, quanto o verdadeiro filósofo. É evidente também que, em alguns casos, os serviços do guerreiro prevalecem sobre todos os outros. Se então ele vos dissesse:

Como deveis a mim a conservação de vossas propriedades, de vosso pessoal, de vossas mulheres e de vossas crianças, pelos quais eu me arrisco, eu sacrifico meu bem mais precioso (se a liberdade não existisse), a vida; nenhum de vós terá a mesma amplitude de poderes, a mesma porção de liberdade da qual usufruirei; nenhum de vós será meu igual, pois as vantagens que obtenho da sociedade devem ser proporcionais ao que faço por ela; e impedir ou evitar sua destruição é fazer tudo.

Os homens acatariam esse discurso?

Eu disse que, pelo argumento que proponho, provaria que as mulheres podem reivindicar alguns benefícios ao Estado, e posso provar. De fato, se é pelo único motivo de trabalharmos para o Estado que nós poderíamos esperar algo dele, eu questiono por que as mulheres não têm direito a esse retorno, e se fornecer defensores é não fazer nada pelo Estado? Se gerar e criar seus cidadãos é não fazer nada pelo Estado? Se sermos as criadoras desse próprio Estado é não fazer nada por ele? Se um trabalho adquire maior importância na medida em que aquele que o oferece se expõe ao perigo, não é justo que as mulheres recebam uma compensação proporcional aos riscos que elas correm? Quantos homens pagam com sua saúde, ou mesmo com sua vida, pelo privilégio de se reproduzir? E quantas mulheres são vítimas dessa reprodução! Quantas não oferecem a vida à custa da própria? E, como prêmio pelo sacrifício que fazem pelo Estado, são banidas, expulsas do Estado! Ele não existiria sem elas, e elas não têm um lugar sequer em sua última fileira. Elas geram os filhos, os maridos, os concidadãos e elas não são nem mães, nem esposas, nem cidadãs. Estrangeiras em suas famílias e no seio de sua pátria, escravas na primeira e insignificantes na segunda, elas têm apenas o triste

nulles dans celle-ci, elles n'ont que le triste avantage... Ma plume se refuse à cette expression de leur avilissement.¹⁴ Par quelle fatalité les femmes ont-elles été malheureuses chez tous les peuples du monde ? Les uns, au plus affreux esclavage, joignent des mutilations cruelles; les autres en exigent des travaux si rudes, qu'elles succombent sous leur poids ; ici, espèce dégradée, on les vend à vil prix comme les animaux les moins estimés ; là, pères, époux, ont sur elles droit de vie et de mort : par-tout enfin les législateurs complices, provocateurs même de la barbare des nations, semblent leur avoir dit : « Vos femmes sont des êtres si peu importants, si nuls, que ce n'est pas manquer de morale encore, que de manquer envers elles de tout sentiment de justice et d'humanité ».

Mais, me dira-t-on, en Europe elles ne sont pas traitées de la sorte. De quoi vous plaignez-vous donc ?

Il est vrai qu'on ne les y renferme point qu'on ne leur y écrase point les pieds, que leurs pères ne peuvent les vendre, et que leurs maris n'y ont pas tout-à-fait droit de vie et de mort sur elles.

Je dis tout-à-fait : peu s'en faut qu'ils ne l'aient, puisque les loix ne sévissent pas contre ceux qui maltraitent leurs femmes.

Combien de ces malheureuses ont été et sont encore victimes de la barbarie d'un époux ! Combien ! dont les mânes gémissans réclament une juste vengeance ! Consolez-vous, ombres plaintives, si les loix n'ont pu atteindre vos bourreaux, ou plutôt s'il n'en est pas qui les punisse, l'opinion plus juste qu'elles, les a du moins châtiés, flétris ; et il en est peut-être qui en lisant ce passage rougissent de s'y reconnoître, et pâlisent de désespoir : que cette honte soit leur supplice. Il est remarquable de voir des philosophes s'attendrir sur le sort d'individus dont un espace immense les sépare, tandis qu'ils ne daignent pas s'apercevoir des maux de ceux qu'ils ont sous les yeux ; proclamer la liberté des nègres, et river les chaînes de leurs Femmes, dont l'esclavage est

privilégio... Minha pena se recusa a expressar essa degradação.¹⁴ Por qual fatalidade as mulheres foram infelizes em todos os povos do mundo? Alguns, à mais atroz escravidão, acrescentam mutilações cruéis; outros lhes exigem trabalhos tão duros que elas sucumbem sob seu peso; aqui, espécie degradada, são vendidas a preço vil como os animais menos estimados; lá, pais, maridos, têm sobre elas direito de vida e de morte: em toda parte, enfim, os legisladores cúmplices, os próprios causadores da barbárie das nações, parecem ter dito: “Vossas mulheres são seres tão pouco importantes, tão insignificantes, que não é ausência de moralidade faltar para com elas de todo e qualquer senso de justiça e de humanidade”.

“Mas”, dir-me-ão, “na Europa elas não são tratadas dessa maneira. Do que vocês reclamam, então?”

É verdade que elas não são trancafiadas, que não têm seus pés esmagados, que seus pais não podem vendê-las, e que seus maridos não têm totalmente direito de vida e morte sobre elas.

Eu digo “totalmente”: eles não estão longe de tê-lo, porque as leis não servem contra aqueles que maltratam suas mulheres.

Quantas infelizes foram e ainda são vítimas da barbárie de um marido! Quantas! Cujas almas lamuriosas reclamam uma justa vingança! Consolem-se, sombras queixosas, se as leis não puderam alcançar seus algozes, ou melhor, se não houve quem os punisse, uma opinião mais justa que elas ao menos os castigou, os estigmatizou; e é possível que alguns, lendo este trecho, se ruborizem ao se reconhecer e empalideçam de desespero: que essa vergonha seja seu suplício. É impressionante observar os filósofos sentirem pena da situação de indivíduos dos quais estão separados por um espaço imenso, enquanto não se dignam a perceber os males de quem está diante de seus olhos: proclamar a liberdade dos negros e apertar as correntes de suas mulheres, cuja escravidão é tão injusta quanto a daqueles infelizes; não se dignam

pourtant aussi injuste que celui de ces malheureux ; reconnoître ce dont on n'eût jamais dû douter, que les uns sont ainsi qu'eux, sortis des mains de la nature, lorsqu'ils semblent oublier que les autres soient son ouvrage.

L'idée d'assimiler les femmes aux noirs pourra paroître étrange; mais si cette comparaison est singulière, elle n'est au moins pas dénuée de justesse. Les femmes ne sont-elles pas, comme ces infortunés, vendues par des pères avarés à des tyrans souvent inhumains; comme eux, ne se voyent-elles point, malgré leurs inclinations, arracher à leurs familles, à leur patrie, pour aller végéter sur un sol étranger ; comme eux, elles n'ont souvent que la fuite ou la mort pour se soustraire à l'horreur de leur situation. Naguère, et tout récemment encore, un mari pouvoit renfermer sa femme, la séquestrer pour jamais de toute société, sans que la malheureuse victime d'un despotisme horrible pût invoquer une loi protectrice de ses droits et vengeresse de leur violation. Et il existe des loix et une justice humaines ! ah! oui humaines, sans doute.

On cite aujourd'hui le divorce comme favorable aux femmes : à cela je répons qu'il ne fût pas établi pour leur bonheur, et que si l'intérêt des hommes ne l'avoit pas sollicité il n'existeroit pas.

En effet, pour donner la preuve que cette loi ou telle autre qui les peut concerner, fût rendue pour les femmes, il faudroit qu'elles seules en tirassent avantage, comme il en est d'exclusives pour les hommes. Jusques-là, je dirai qu'on ne s'est nullement occupé de leur sort, et qu'elles n'en jouissent que par cas fortuit : c'est une graine que le vent enlève des mains du laboureur, et fait germer dans une terre qui ne lui étoit pas destinée. De quelle utilité le divorce est-il pour elles d'ailleurs ? Elles n'y trouvent que la faculté de changer de maîtres, puisqu'en se mariant elles perdent tous leurs droits, même celui de propriété. A la vérité, elles ont un moyen d'annuler des loix oppressives et violatrices du droit des gens ; c'est de se marier séparées de biens.

a reconhecer aquilo de que não se deveria nunca ter duvidado, que os negros, assim como os filósofos, saíram das mãos da natureza, ainda que eles pareçam esquecer que as mulheres também são obra dela.

A ideia de equiparar as mulheres aos negros poderá parecer estranha; mas, se essa comparação é singular, ela não é desprovida de exatidão. As mulheres não são, como esses infortunados, vendidas por pais avaros a tiranos frequentemente desumanos? Como eles, elas não se veem, apesar da sua vontade, arrancadas de suas famílias, de sua pátria, para irem definhar em solo estrangeiro? Como eles, elas têm muitas vezes a fuga ou a morte como única saída para o horror de sua situação? Outrora, e há não muito tempo, um marido poderia trancafiar sua mulher, enclausurá-la para sempre longe da sociedade, sem que a infeliz vítima de um horrível despotismo pudesse invocar uma lei protetora de seus direitos e vingadora de sua violação. E justiça e leis humanas existem! Ah, sim! Humanas, sem dúvidas.

Mencionam hoje em dia o divórcio como favorável às mulheres: a isso eu respondo que ele não foi estabelecido para sua felicidade, e que se o interesse dos homens não o houvesse solicitado, ele não existiria.

Na verdade, para provar que essa lei, ou qualquer outra que possa lhes dizer respeito, foi pensada para as mulheres, seria necessário que apenas elas fossem beneficiadas, como acontece com aquelas exclusivas para os homens. Até aqui, eu diria que ninguém se ocupou de sua situação, e que elas se beneficiam apenas em casos fortuitos: é como uma semente que o vento tira das mãos do camponês e faz germinar em uma terra que não lhe tinha sido destinada. Aliás, qual a utilidade do divórcio para elas? Elas obtêm com ele apenas a possibilidade de trocar de senhor, uma vez que, ao se casarem, perdem todos os direitos, até o de propriedade. Na verdade, elas têm um meio de anular as leis opressivas e violadoras do direito dos cidadãos: se casarem com separação de bens.

Non seulement leur liberté, mais leur bonheur même, si tant est que l'un puisse exister sans l'autre, dépend de cette séparation d'intérêts. Beaucoup ne doivent la recherche des hommes qu'à leur fortune. Quand ils n'en pourront jouir que du consentement de leurs épouses, des considérations sordides ne détermineront plus leur choix ; il sera la preuve du sentiment ou de l'estime. Combien ne gagneront-elles pas à cela !

Vous n'y pensez pas, me dira-t-on. Mettre ainsi les hommes sous la dépendance des femmes ! des femmes qui naturellement ont tant de propension à gouverner ! Que sera-ce donc lorsqu'elles auront l'exercice de leurs droits ?

D'abord, je ne vois pas en quoi leurs maris dépendroient d'elles, parce qu'elles ne dépendront pas d'eux. Il en résultera seulement une indépendance réciproque, et c'est ce qui doit être. Quant au penchant à gouverner, qu'on prétend un trait caractéristique de leur sexe, je dirai qu'on est dans l'erreur à cet égard comme en tout ce qui les touche, et qu'on regarde à tort comme leur essence, ce qui n'est qu'une suite nécessaire de leur situation.

C'est parce qu'elles n'ont aucun pouvoir, qu'elles veulent envahir tous les pouvoirs ; et à ce sujet, je remarquerai que l'autorité sans bornes et l'impuissance absolue, produisent le même effet, quoique causes différentes. Celle-là tente tout, parce qu'elle peut tout ; celle-ci, parce qu'elle ne peut rien, tente tout encore. Toutes deux suivent le cours naturel des choses. Ce sont les indigens qui deviennent, voleurs et les puissans qui usurent. Si les loix pouvoient contenir les uns, et s'il ne manquoit rien aux autres, chaque chose resteroit à sa place. De même, si les femmes avoient une autorité raisonnable, elles ne chercheroient pas à en acquérir une illimitée ; et contentes d'exercer leurs droits, elles n'usurperoient pas ceux de leurs époux. D'ailleurs, si par cette suite ordinaire du pouvoir, qui tend toujours à s'accroître, elles vouloient passer les bornes

Não apenas sua liberdade, mas também sua própria felicidade, se é que uma pode existir sem a outra, depende dessa separação de interesses. Muitas devem o interesse dos homens apenas à sua fortuna. Quando eles só puderem usufruir da riqueza com o consentimento de suas esposas, essas considerações sórdidas não determinarão mais sua escolha; será essa a prova do sentimento ou da estima. Quanto elas ganharão com isso!

“Nem pense nisso!”, me dirão. “Colocar dessa maneira os homens sob a dependência das mulheres! Das mulheres, que naturalmente têm tanta propensão a governar! Como será quando elas puderem exercer seus direitos?”

Primeiramente, eu não vejo como seus maridos dependeriam delas, porque elas não dependerão mais deles. Isso resultaria apenas em uma independência recíproca, e é assim que deve ser. Quanto à propensão a governar, que se presume ser um traço característico do sexo feminino, eu direi que essa visão é errônea, como tudo o que lhes diz respeito, e que o que é considerado erroneamente como sua essência é apenas uma consequência necessária de sua situação.

É porque elas não têm nenhum poder que querem todos os poderes; e, sobre esse assunto, eu ressaltarei que a autoridade sem limites e a impotência absoluta produzem o mesmo efeito, apesar de terem causas diferentes. Uma pretende tudo porque pode tudo; outra, porque não pode nada, também pretende tudo. Todas as duas seguem o curso natural das coisas. Assim como os indigentes se tornam ladrões e os poderosos usurpam. Se as leis pudessem conter os últimos, e se nada faltasse aos primeiros, cada coisa ficaria em seu lugar. Da mesma forma, se as mulheres tivessem uma autoridade razoável, elas não tentariam obter uma ilimitada e, contentes de exercer os seus direitos, elas não usurpariam aquela de seus esposos. Além disso, se, por esse andamento ordinário do poder, que tende sempre a crescer, elas quisessem ultrapassar os limites

du leur, la loi ne seroit-elle pas là pour les y faire rentrer ? Mais c'est ce qui n'arrivera pas, si elles sont éclairées des lumières de la raison ; car c'est un des malheurs de l'ignorance de tout confondre ; et plus elles s'en éloigneront, plus aussi elles seront loin de la volonté de tout faire, hors de proposer des mesures.

Rien n'est peut-être plus nuisible à la société, que la différence établie dans la condition des hommes et des femmes. Rendre l'un des sexes un objet de mépris pour l'autre, c'est détruire le bonheur de tous deux ; car si l'opprimé perd sa considération, l'oppresseur perd aussi les avantages et les charmes d'une confiance qui ne peut naître que de l'égalité, et le prix le plus flatteur du mérite, l'estime d'une ame libre. Ne résultât-il de cet état de choses d'autre inconvénient que l'impossibilité du perfectionnement de l'opprimé, ce seroit un très-grand mal encore. Or, ce perfectionnement est, non-seulement impossible, mais le contraire est inévitable ; car le moyen le plus sûr d'avilir un ou plusieurs individus, même à leurs yeux, c'est de dire qu'ils doivent être avilis, et de les traiter comme tels. Or, voilà la triste dégradation que les préjugés ont opérée dans les femmes.

En les condamnant à la dépendance, on les a nécessairement rendu dissimulées ; car il ne peut pas y avoir franchise là où il n'y a pas liberté. Ayant affaire à des tyrans barbares, que l'apparence du mécontentement pouvoit irriter encore, elles ont dû paroître satisfaites de leur sort, afin de ne le pas aggraver par des murmures. Il a donc fallu qu'elles eussent le rire sur les lèvres, quand leurs ames se brisoient par la douleur, et la fausseté leur a été, non-seulement utile mais même nécessaire.

A force de leur dire qu'elles étoient faites pour l'esclavage, on est parvenu à le leur faire croire, et à éteindre conséquemment en elles toute énergie et tout sentiment d'élévation ; à force de les traiter comme si elles n'avoient pas de raison, on les a conduites à douter de leur raison ; à

do seu próprio poder, a lei não estaria lá para fazê-las retroceder? Mas isso não acontecerá se elas forem esclarecidas pelas luzes da razão; porque tudo é um dos males da ignorância; e, à medida que as mulheres se distanciarem dela, mais elas se afastarão da vontade de fazer tudo, exceto oferecer conselhos.

Talvez nada seja mais prejudicial à sociedade que a diferença estabelecida entre a condição dos homens e a das mulheres. Tornar um dos sexos objeto de menosprezo do outro é destruir a felicidade de ambos; se o oprimido perde sua consideração, o opressor perde também as vantagens e os encantos de uma confiança que só pode nascer da igualdade, e o prêmio mais lisonjeiro do mérito é a estima de um espírito livre. Se, desse estado de coisas, resultasse apenas a desvantagem da impossibilidade de aperfeiçoamento do oprimido, ainda assim seria um enorme mal. Ora, não apenas esse aperfeiçoamento é impossível, como seu contrário é inevitável, pois o meio mais certo de corromper um ou mais indivíduos, mesmo a seus próprios olhos, é dizer que eles devem ser corrompidos, ou tratá-los como tais. Ora, eis a triste degradação que os preconceitos operaram nas mulheres.

Condená-las à dependência necessariamente as torna dissimuladas; pois não pode haver franqueza onde não há liberdade. Relacionando-se com tiranos bárbaros, a quem a manifestação de descontentamento poderia irritar ainda mais, elas precisaram parecer satisfeitas de seu destino, a fim de não o agravar com suas queixas. Foi necessário, então, que mantivessem um sorriso no rosto enquanto sua alma se partia de dor, e a falsidade foi, para elas, não apenas útil, como também necessária.

De tanto lhes dizer que foram feitas para a escravidão, convenceram-nas disso e conseqüentemente fizeram com que apagassem em si toda a energia e todo o sentimento de elevação; de tanto tratá-las como se não tivessem razão, levaram-nas a duvidar de sua razão; de tanto lhes proibir

force de leur interdire tous les moyens de la fortifier et d'en faire usage, on les a réduites à n'en point avoir ; et lorsqu'on les a eu façonnées de la sorte, oubliant qu'elles ne peuvent être que ce qu'on les a faites, on a dit : « Les femmes sont fausses, dissimulées, foibles, pussillanimes; elles n'ont ni lumières, ni jugement ni raison ; par conséquent, elles sont inhabiles à toutes les fonctions qui en exigent, incapables des occupations de l'esprit, etc ».¹⁵ Ces imputations et la conclusion qui en est la suite, sont-elles justes ? J'aimerois autant qu'on reprochât aux Chinoises de n'être pas propres à la course, ou à des Africains, auxquels on a aplati la tête, de ne l'avoir pas dans la forme ordinaire ; comme s'il dépendoit des uns et des autres d'être autrement ! comme si l'on ignoroit l'influence de l'éducation ! comme si l'on ne savoit pas que les préjugés peuvent altérer, défigurer la nature, au point de la rendre méconnaissable à ses propres yeux !

Eh ! bon Dieu ! les hommes eux-mêmes n'en sont-ils pas la preuve ? Qu'ont-ils été, que sont-ils encore sur les différens points du globe, où les sciences et les arts n'ont pas pénétrés ? Sauvages dans les uns, esclaves dans les autres, ils n'offrent qu'une nature brute ou dégradée ; et si dans les peuple policés, où les lumières sont le plus répandues, on voit encore tant de sots et d'ignorans, malgré le soin qu'on prend de l'éducation des hommes, faut-il s'étonner de ne trouver dans les femmes, pour lesquelles on ne fait rien, qu'un petit nombre de celles que les dispensateurs de l'opinion disent être de très-petites exceptions à la règle générale établie de leur foiblesse, et de leur incapacité dans tous les genres ? Mais il y a souvent loin de l'idée qu'on a d'une chose, à ce qu'est cette chose en effet, et je crois les femmes dans ce cas ; elles n'ont été jugées que par la sottise, la tyrannie, la prévention ou l'intérêt.

Il est vrai, peut-être, qu'elles ont peu prouvé, jusqu'ici, une certaine supériorité ; mais est-ce bien leur faute ? Sans patrie, sans existence morale, privées de l'exercice des droits les plus naturels et les plus légitimes,

todos os meios de fortalecê-la e de usá-la, fizeram com que a perdessem completamente; e, quando as moldaram assim, esquecendo que elas não podem ser nada além do que fazem delas, disseram-lhes: “As mulheres são falsas, dissimuladas, fracas, pusilânimes; elas não têm nem luzes, nem discernimento, nem razão; conseqüentemente, elas são inaptas a todas as funções que exigem tais faculdades, incapazes das ocupações do intelecto, etc.”.¹⁵ Essas imputações e a conclusão que se segue são justas? Seria equivalente a criticar as chinesas por não serem adequadas à corrida, ou as africanas, que tiveram a cabeça achatada, por não a terem na forma natural; como se ser de outro modo dependesse delas! Como se a influência da educação pudesse ser ignorada! Como se não se soubesse que os preconceitos podem alterar, desfigurar a natureza a ponto de torná-la irreconhecível a seus próprios olhos!

Ó meu Deus! Os homens não são, eles mesmos, a prova? O que eles foram, o que ainda são nos diferentes lugares do mundo onde as ciências e as artes ainda não foram introduzidas? Selvagens em alguns lugares, escravos em outros, eles só apresentam um caráter bruto ou corrompido; e se, nos povos educados, onde as luzes estão mais disseminadas, existem ainda tantos tolos e ignorantes, apesar do cuidado com a educação dos homens, por que seria surpreendente encontrar, entre as mulheres, pelas quais não se faz nada, apenas um pequeno número daquelas que os dispensadores da opinião dizem ser muito raras exceções à regra geral que determina sua fraqueza e sua incapacidade em todos os aspectos? Mas a ideia que se tem de uma coisa é frequentemente distante do que é de fato, e acredito que as mulheres, nesse caso, tenham sido julgadas apenas pela insensatez, pela tirania, pelo preconceito ou pelo interesse.

Talvez seja verdade que, até aqui, elas demonstraram poucas vezes alguma primazia; mas é mesmo culpa delas? Sem pátria, sem existência moral, privadas do exercício dos direitos mais naturais e mais legítimos,

quels moyens ont-elles de s'illustrer ? Ce sont les grands intérêts qui engendrent les grandes conceptions ; et l'on est convenu, depuis long-tems, que le mérite a souvent besoin de l'occasion pour se développer ; que tel qui fut un grand homme, parce que les circonstances le favorisèrent, eût été obscur sans ces mêmes circonstances ; et que tel autre qui l'eût égalé ou surpassé, fut ignoré, parce que le sort ne le mit pas en évidence. Voilà précisément le cas où se trouvent les femmes. Il est donc injuste et inepte de rechercher en elles une infériorité qui prend sa source dans leur inertie ; c'est juger sur l'effet, quand il faudroit remonter à la cause.

Veut-on connoître si la foiblesse morale, je dirois presque l'ineptie qu'on reproche aux femmes, est réelle ou seulement occasionnée ? Qu'on donne la même éducation aux deux sexes ;¹⁶ si, comme je le crois, cette foiblesse n'existe pas en elles, elle disparaîtra avec les causes qui l'ont produite : avantage incalculable. Si elle est innée, l'éducation pourra la corriger, la modifier encore ; dans l'un et l'autre cas, il n'y a qu'à gagner à tenter cette épreuve ; et s'il est d'un gouvernement éclairé d'utiliser tous ses membres et d'en tirer le parti le plus avantageux, on ne balancera pas ; on ne balancera pas sur-tout si l'on est convaincu que le dernier degré de civilisation et de perfectibilité auquel un peuple puisse atteindre, c'est d'appeler les femmes au rang qu'elles doivent tenir dans l'état. Vérité incontestable : plus elles y auront de considération, plus on les y respectera ; plus aussi le caractère national acquerra de force et de grandeur. Qu'on ne traite point cette assertion de sophisme ingénieux ; des faits en prouvent la justesse.

Que l'on compare aux nations de l'Europe toutes celles de l'Asie et des autres parties du monde, où les femmes sont réduites au plus dur comme au plus vil esclavage. Quelle différence, sous tous les rapports sociaux, politiques et moraux ! Si nous tirons de cette similitude la preuve de la supériorité de l'Europe ; et si, comparant entr'eux les peuples de ce continent, on reconnoît celle des Français, on aura la conviction de ce que

que meios elas têm de se ilustrar? São os grandes interesses que geram grandes ideias; e se estabeleceu, já há muito tempo, que o mérito comumente necessita de oportunidade para se desenvolver; que aquele que foi um grande homem porque as circunstâncias o favoreceram teria sido desconhecido sem essas mesmas circunstâncias; e que aquele outro, que o teria igualado ou superado, foi ignorado porque o destino não o colocou em evidência. É exatamente este o caso das mulheres. É, portanto, injusto e improdutivo identificar na sua inércia a origem de uma inferioridade; é julgar a partir do efeito, quando seria necessário remontar à causa.

Querem saber se a fraqueza moral, eu diria, quase a inépcia que criticam nas mulheres, é real ou apenas provocada? Que deem, então, a mesma educação aos dois sexos;¹⁶ se, como acredito, essa fraqueza não existe, ela desaparecerá com as causas que a produziram: vantagem incalculável. Se ela é inata, a educação há de poder corrigi-la, modificá-la; em ambos os casos, só há ganhos a obter com essa experiência; e se um governo esclarecido utiliza todos os seus membros e tira deles o máximo proveito, não haverá hesitações; não haverá hesitações principalmente se houver convicção de que o último grau de civilização e de perfeição que um povo pode atingir é o de convocar as mulheres para a posição que elas devem ocupar no Estado. Verdade incontestável: quanto mais consideração elas tiverem, mais serão respeitadas; igualmente o caráter nacional ganhará força e grandeza. Não tratem essa afirmação como um sofismo engenhoso; fatos provam sua exatidão.

Comparem às nações da Europa todas aquelas da Ásia ou de outras partes do mundo onde as mulheres estão reduzidas à mais dura e à mais vil escravidão. Quanta diferença em todas as relações sociais, políticas e morais! Se tirarmos dessa comparação a prova da superioridade da Europa; e se, comparando entre si os povos deste continente, reconhecermos a superioridade dos franceses, teremos convicção do que estou

j'avance, puisque c'est celui qui vit le plus avec les femmes et qui les traite le moins mal. On conviendra donc qu'il faut moins attribuer la différence qui règne entre les Européens et les autres nations continentales à l'influence des climats, qu'au manque de ce principe vivifiant et moteur des actions des hommes, l'amour et l'estime des femmes.

Par tout où l'on n'attachera aucun prix à ces sentimens précieux et flatteurs, les hommes seront sans force, sans courage, sans élévation, parre qu'ils ne connoîtront ni la honte de rougir aux yeux d'un sexe dont on recherche l'estime, ni la douceur de mériter ses éloges et son attention. Ils seront sans génie, parce que rien n'allumera en eux la flamme du génie ; ils seront sans délicatesse, sans humanité même, parce que les hommes ont une férocité naturelle, que le commerce des femmes peut seul adoucir. En un mot, abandonnés à eux-mêmes, ils ne seront rien ou seront fort peu de chose. Pour valoir beaucoup, ils doivent donc respecter les femmes. Mais osons le dire, il faut que les femmes commandent ce respect ; ce qu'elles ne peuvent dans l'état d'ignorance où elles vivent : ignorance qu'une bonne éducation corrigerait. Leur considération n'est pas le seul fruit de ce système ; il étendrait encore l'empire de la raison.

Car un moyen certain de propager les lumières, seroit de les rendre communes aux deux sexes ; et si les progrès en ont été si lents, c'est sans doute parce qu'un absurde préjugé les a interdites à l'un. Plus répandues dans celui-ci, elles auroient nécessairement augmentées dans celui-là. C'est un fleuve qui, en se grossissant, doit se déborder ou refluer vers sa source.

Mais on ne se souciera peut-être point de cet accroissement.

Des observations exactes et souvent réitérées m'ont prouvé que les hommes, en général, n'aiment point les femmes d'esprit, et cela probablement par la même raison que les prêtres et les tyrans haïssent les philosophes.¹⁷ Un instinct secret avertit les uns et les autres que le règne

afirmando, já que é o país que mais convive com as mulheres e que as trata de forma menos ruim. Concordaremos, portanto, que é necessário atribuir a diferença que reina entre os europeus e as outras nações continentais menos à influência dos climas que à falta deste princípio vivificante e motor das ações dos homens: o amor e a estima das mulheres.

Em todos os lugares onde não for atribuído nenhum valor a esses sentimentos preciosos e lisonjeiros, os homens ficarão sem força, sem coragem, sem elevação, porque não conhecerão nem a vergonha de enrubescer aos olhos de um sexo cuja estima buscam, nem a doçura de merecer seus elogios e sua atenção. Eles ficarão sem gênio, porque nada acenderá neles a chama do gênio; ficarão sem delicadeza, até mesmo sem humanidade, porque os homens têm uma ferocidade natural, que apenas a convivência com as mulheres pode amenizar. Em suma, abandonados a si mesmos, não serão nada, ou serão bem pouca coisa. Para terem valor, devem, portanto, respeitar as mulheres. Mas ousemos dizê-lo: é preciso que as mulheres reivindiquem esse respeito; o que elas não podem fazer na situação de ignorância na qual vivem: ignorância que uma boa educação corrigiria. Sua valorização não é o único fruto desse sistema; ele também expandiria o império da razão.

Isso porque um meio certo de propagar as luzes seria torná-las comuns aos dois sexos; e, se os progressos nessa direção foram tão lentos, é sem dúvida porque um absurdo preconceito as negou para um deles. Se fossem mais disseminadas em um, também teriam necessariamente aumentado no outro. É como um rio que, se avolumando, deve transbordar ou fluir de volta para a fonte.

Mas talvez não se importem com esse crescimento.

Observações minuciosas e amiúde reiteradas me provaram que os homens, em geral, não gostam das mulheres intelectuais, e isto provavelmente pelo mesmo motivo pelo qual os padres e os tiranos odeiam os filósofos.¹⁷ Um instinto secreto os alerta de que o reino dos preconceitos está acabando, enquanto o da razão está se estabelecendo; e é

des préjugées cesse, quand celui de la raison s'établit ; et c'est à celui-là que les femmes ont dû leur avilissement. On pourra quelque tems encore reculer pour elles celui-ci ; mais il arrivera par la force même des choses ; et dans un demi-siècle au plus tard, elles auront recouvré leurs droits, ou l'Europe sera retombée dans la barbarie. Qu'on ne s'imagine pas que je confonde ce qui ne doit pas être confondu ; qu'on ne s'imagine pas que je veuille faire les femmes hommes, et leur ôter le caractère distinctif de leur sexe, la douceur et la bonté : non. Que ceux ci gardent le rang suprême ; qu'ils soient guerriers, héros ; on ne leur disputera point le pouvoir de s'entr'égorger, de s'abreuver des larmes et du sang des nations ; qu'on ne s'imagine pas non plus que je veuille établir la domination des femmes, et rendre les hommes dépendans d'elles. Rien ne prouve cette absurdité, qui n'entra jamais dans ma pensée ; mais par la même raison que je ne veux pas que les femmes dominant, je ne veux pas non plus qu'elles soient dominées ; par la même raison que je ne veux pas qu'elles asservissent, je ne veux pas non plus qu'elles soient asservies. En un mot, liberté et égalité civiles ; voilà ce que je réclame pour elles. N'est-il pas un milieu entre l'autorité souveraine et la nullité absolue ?

Un état bien constitué doit assurer un moyen d'existence à tous ses membres, et il n'en est point pour les femmes non mariées dans l'ordre de choses actuel. Leur exclusion de toute profession civile, exclusion qui, comme je l'ai démontré, n'est fondée que sur des préjugés, ne leur laisse d'autre ressource que le travail des mains.¹⁸ Mais outre que cette ressource ne suffit pas aux besoins qu'imposent certains rangs de la société, elle ne convient pas également à toutes ; et de même que parmi les hommes, tous ne sont pas faits pour manier le rabot, la truelle, la bêche, etc. ; de même aussi, toutes les femmes ne sont pas nées pour ne se servir que de l'aiguille. Il en est qui sont trop au-dessus de cette occupation pour ne la pas dédaigner.¹⁹ Qu'est-il donc pour celles-ci ? les sciences ?

ao primeiro que as mulheres devem sua degradação. O segundo ainda poderia ser adiado, por algum tempo, para elas; mas ele chegará pela própria força das coisas; e, no máximo dentro de meio século, elas encontrarão seus direitos, ou a Europa recairá na barbárie. Não pensem que eu estou misturando o que não deve ser misturado; não pensem que eu quero transformar as mulheres em homens e lhes privar da característica distintiva de seu sexo, a doçura e a bondade: não. Que eles mantenham o posto supremo; que sejam guerreiros, heróis; definitivamente não disputaremos com eles o poder de se degolarem uns aos outros, de se embeberem das lágrimas e do sangue das nações; tampouco pensem que eu quero estabelecer a dominação das mulheres e tornar os homens dependentes delas. Nada comprova esse absurdo, que nunca esteve no meu pensamento; mas, pela mesma razão pela qual eu não quero que as mulheres dominem, eu também não quero que elas sejam dominadas; pelo mesmo motivo pelo qual eu não quero que elas subjuguem, eu também não quero que sejam subjugadas. Em suma, liberdade e igualdade civis: eis o que eu reivindico para elas. Não existe um meio-termo entre a autoridade soberana e a insignificância absoluta?

Um Estado bem constituído deve garantir um meio de existência a todos os seus membros, o que absolutamente não existe para as mulheres não casadas na atual ordem das coisas. Sua exclusão de toda profissão civil, exclusão que, como demonstrei, está fundada apenas sobre preconceitos, lhes deixa apenas o recurso ao trabalho manual.¹⁸ Mas, para além do fato de que esse recurso não é suficiente para as necessidades impostas por certos níveis da sociedade, ele não convém igualmente a todas; e, bem como entre os homens nem todos são feitos para manusear a plaina, a trolha, a pá, etc., nem todas as mulheres nasceram para recorrer apenas à agulha. Há algumas que estão muito acima dessa ocupação para não a desprezarem.¹⁹ O que há então para elas? A ciência? Ela não lhes será de nenhuma utilidade, já que elas não são admitidas nas sociedades que a cultivam às custas do governo.

Elles ne leur seront d'aucune utilité puisqu'elles ne sont point admises dans les sociétés qui les cultivent aux frais du gouvernement. Les arts ?²⁰ Quelques-uns sont avilis par le préjugé, quelques autres exigent une étude si continue, si opiniâtre, que des parens se décident difficilement à les faire étudier à leurs filles ; les uns par manque de moyens, les autres par insouciance ; tous par la certitude qu'ils ne leur produiront aucun avantage réel. Comment donc remédier à cela ? – Ouvrir aux femmes la carrière des sciences et des arts ; les admettre à concourir avec les hommes aux distinctions et au lucre honorable qu'ils procurent. L'amélioration du sort d'un grand nombre d'entr'elles n'est pas le seul bien résultant de ce nouvel état de choses.

As artes?²⁰ Algumas estão corrompidas pelo preconceito, outras exigem um estudo tão contínuo, tão obstinado, que os pais dificilmente tomam a decisão de fazer com que suas filhas as estudem; uns, por falta de meios, outros, por negligência; todos pela certeza de que elas não lhes concederão nenhuma vantagem real. Então, como remediar isto? Abrir às mulheres a carreira das ciências e das artes; admiti-las para que concorram com os homens ao reconhecimento honroso e às vantagens que eles obtêm. A melhora do destino de uma grande parte delas não é o único bem decorrente desse novo estado de coisas.

Tradução para o português:
Amanda Bruno de Mello e Camila Macek

Flora Tristan (1803-1844)



Portrait de Flora Tristan (1847), par Jules Laure.

Retrato de Flora Tristan (1847), de Jules Laure.

Flora Tristan : une trajectoire consacrée à la défense des femmes et de la classe ouvrière

Lavínia Teixeira Gomes
Univesité Fédérale de Paraíba

Marta Pragana Dantas
Univesité Fédérale de Paraíba

Il y a un peu plus de deux siècles naissait à Paris, le 7 avril 1803, Flore Celestine Therèse Henriette Tristán y Moscoso, précurseuse du socialisme et du féminisme français, pionnière des luttes sociales, écrivaine et journaliste. Fille bâtarde d'Anne-Pierre Laisnay, bourgeoise parisienne qui a quitté la France pour vivre en Espagne après la Révolution de 1789, et de Don Mariano de Tristan Moscoso, diplomate issu d'une famille de l'aristocratie péruvienne, qui était au service du gouvernement espagnol. Militante de gauche, elle porte dès son plus jeune âge les marques de l'oppression, de la différence et de l'exclusion. Son enfance est marquée par sa situation financière précaire suite au décès inattendu de son père en 1807, alors qu'elle n'a que quatre ans. Le mariage de ses parents est célébré en 1802 à Bilbao, mais alors que le couple s'installe à Paris, il ne sera jamais régularisé en France. Cette situation privera la veuve du droit à l'héritage, y compris la maison que son mari avait achetée en 1806 à Vaugirard, dans la banlieue parisienne, un an avant sa mort. Les années à venir seront marquées par de grandes épreuves.

Entre 1808 et 1817, Anne-Pierre Laisnay et ses deux enfants habitent près de Paris. Après le décès du fils cadet en 1817, mère et fille s'installent à Paris, où Flora, encore adolescente, commence à travailler dans l'atelier du peintre et lithographe André-François Chazal. Peu de temps après, en 1821, les difficultés financières vont la pousser à accepter le mariage avec son employeur. Si, au début, elle croit possible le bonheur conjugal,

Flora Tristan: uma trajetória em defesa da mulher e da classe operária

Lavínia Teixeira Gomes
Universidade Federal da Paraíba

Marta Pragana Dantas
Universidade Federal da Paraíba

Há pouco mais de dois séculos nascia em Paris, no dia 7 de abril de 1803, Flore Celestine Therèse Henriette Tristán y Moscoso, precursora do socialismo e do feminismo francês, pioneira das lutas sociais, escritora e jornalista. É filha bastarda de Anne-Pierre Laisnay, parisiense que deixara a França para viver na Espanha após a Revolução de 1789, e de Don Mariano de Tristan Moscoso, diplomata pertencente a uma família da aristocracia peruana, que se encontrava a serviço do governo espanhol. Militante de esquerda, desde cedo carregou consigo as marcas da opressão, da diferença e da exclusão. Sua infância foi marcada pela situação financeiramente precária após a morte repentina do pai em 1807, quando ela tinha apenas quatro anos. O casamento dos pais fora celebrado em 1802 em Bilbao, sem jamais ter sido regularizado na França quando o casal se instala em Paris. Essa situação privou a viúva do direito à herança, inclusive à casa que o marido comprara em 1806 em Vaugirard, nos arredores de Paris, um ano antes de morrer. Os anos que se seguiram foram marcados por grandes privações.

Entre 1808 e 1817, Anne-Pierre Laisnay e os dois filhos passaram a morar nas proximidades de Paris. Após a morte do caçula em 1817, mãe e filha se instalaram em Paris, onde Flora, ainda adolescente, passou a trabalhar no ateliê do pintor e litógrafo André-François Chazal. Pouco depois, em 1821, as dificuldades financeiras a levaram a aceitar o casamento com seu patrão. Se, no início, acreditava ser possível a felicidade

la violence d'un mari jaloux va vite transformer la vie de couple en cauchemar. Quatre ans plus tard, enceinte de son troisième enfant, elle retourne vivre chez sa mère.

Au cours des dix années suivantes, pendant lesquelles Flora fait plusieurs voyages (Suisse, Italie et Angleterre) en tant qu'accompagnatrice de dames anglaises, on sait peu de choses sur sa vie. En 1833, après avoir échangé plusieurs lettres avec son oncle péruvien Pio de Tristan, politicien influent et conservateur, partisan de l'ordre colonial, elle décide de se rendre au Pérou afin de connaître la famille aisée de son père et de se faire reconnaître le droit à une partie de l'héritage. Elle part laissant sa fille dans un pensionnat et quant aux deux autres enfants, l'aîné est décédé l'année précédente, et le second est confié à son père. Ainsi, le 7 avril, jour de ses 30 ans, Flora monte à bord du *Mexicain* en se déclarant célibataire. Elle est la seule femme à bord, au cours de cette traversée qui durera trois mois. En arrivant à Arequipa, où elle est restée jusqu'en avril de l'année suivante, elle est accueillie par la famille de son père, mais ne parviendra jamais à faire reconnaître son droit à l'héritage. Tous ses efforts pour se faire accueillir par la famille dans le but de parvenir à une situation financière stable s'avèrent vains, son statut de fille illégitime prévaut aux yeux de la famille.

En avril elle part pour Lima et, en janvier 1835, elle rentre à Paris, désormais sans illusions sur la place que sa condition de fille bâtarde et de femme séparée lui réserve dans la société : celle de paria.

Il ne serait pas insensé de dire que Flora, comme Harriet Martineau (1802-1876), est considérée comme une pionnière de la sociologie. Observatrice remarquable des coutumes de l'époque, de la vie privée et des relations de pouvoir, elle a pu côtoyer lors de son voyage au Pérou des gens de différents milieux sociaux, elle a été témoin de l'oppression subie par les femmes dans la société péruvienne, l'esclavage ainsi que le rôle autoritaire joué par son oncle, homme politique riche

conjugal, a violência de um marido ciumento logo transformou o convívio em pesadelo. Quatro anos depois, grávida do terceiro filho, ela voltou para a casa da mãe.

Pouco se sabe sobre o que aconteceu nos dez anos seguintes, durante os quais Flora fez várias viagens (Suíça, Itália e Inglaterra) como dama de companhia de senhoras inglesas. Em 1833, após trocar várias cartas com seu tio Pio de Tristan, influente político conservador peruano alinhado à ordem colonial, decidiu ir até o Peru a fim de conhecer a abastada família de seu pai e ter reconhecido seu direito a uma parte da herança. Deixou a filha em um internato; quanto aos dois outros filhos, o primogênito morrera no ano anterior e o segundo estava sob a guarda do pai. Assim, em 7 de abril, dia em que completava 30 anos, Flora embarcou no *Mexicain* declarando-se solteira, tendo sido a única mulher a bordo em uma travessia que duraria três meses. Ao chegar em Arequipa, onde permaneceu até abril do ano seguinte, é recebida pela família do pai, mas não logrou êxito quanto ao reconhecimento de seu direito à herança. Todo o esforço para ser acolhida pela família e conseguir uma situação financeira estável revelou-se inútil, sua condição de filha ilegítima prevalecendo aos olhos da família.

Em abril, partiu para Lima e, em janeiro de 1835, retornou a Paris, agora sem ilusões quanto ao lugar que sua condição de filha bastarda e mulher separada lhe reservava na sociedade: o de pária.

Não seria exagero dizer que Flora, assim como Harriet Martineau (1802-1876), passou a ser considerada pioneira da sociologia. Exímia observadora dos costumes da época, da vida privada e das relações de poder, durante a viagem ao Peru pôde circular em diferentes meios sociais e viu de perto a opressão da mulher na sociedade peruana, a escravidão e o papel autoritário representado por seu tio, político rico e poderoso. Assim, não lhe poupa críticas quando escreve *Peregrinações de uma pária* (Tristan, 2000), obra publicada em 1838 e considerada

et puissant. Voilà pourquoi elle n'épargne aucune critique à son oncle, lorsqu'elle écrit *Pérégrinations d'une paria* (Tristan, 1838), ouvrage publié en 1838 et considéré comme une « sorte d'autobiographie et de manifeste politique » (Varikas, 2015, p. 8), dans lequel elle expose ses impressions à propos de la société péruvienne, et dénonce les inégalités et les injustices. Il n'est pas difficile d'imaginer l'accueil du livre au Pérou, où il sera même brûlé sur les places publiques de Lima et d'Arequipa. L'expérience en Amérique latine sera également source de deux autres publications. Dans le traité publié en 1835, intitulé *Nécessité de faire un bon accueil aux femmes étrangères* (Tristan, 1835), Flora dénonce les difficultés rencontrées par les femmes étrangères qui arrivaient à Paris. De pensée avant-gardiste comme le soulignent Daflon et Campos (2020, p. 433) elle « est capable de percevoir l'intersection entre plusieurs catégories, ainsi que les impacts de différences de genre, de classe et de nationalité dans les parcours personnels et dans les différentes formes d'accueil réservées aux femmes en déplacement ». En ce sens, elle défend la nécessité d'une organisation dédiée à l'accueil des femmes et à la dénonciation des injustices commises contre elles. Dans le roman *Méphis, le prolétaire* (1838), sa première et unique expérience dans la fiction, sans grand succès, les personnages ont une histoire de vie très proche des expériences de l'auteure. Maréquita, divorcée de Hazcal (anagramme du nom de son mari, Chazal) et d'origine étrangère, rencontre Méphis, marié et séparé. Lui, prêche un « nouvel évangile » d'inspiration très proche du sansimonisme.²¹ Malgré la frustration du voyage par rapport au but initial, l'expérience acquise pendant cette période marquera profondément la pensée de Flora, à tel point que nous pouvons affirmer que la femme qui revient du Pérou n'est plus du tout celle qui était partie de France 21 mois plus tôt (Konder, 1994, p. 47). Elle devient une militante politique obstinée, en participant au débat socialiste de l'époque et en collaborant aux journaux et revues du mouvement progressiste qui ont laissé un espace à sa lueur : *L'Artiste*, *Le Voleur*, *La Revue de Paris*, *La phalange*, *Le journal*

uma “espécie de autobiografia e manifesto político” (Varikas, 2015, p. 8), na qual expõe suas impressões sobre a sociedade peruana, mostrando as desigualdades e injustiças. Não é difícil imaginar a acolhida que será dada ao livro no Peru, onde chegou a ser queimado em praça pública em Lima e Arequipa. A experiência na América Latina deu ainda origem a duas outras publicações. No panfleto *Necessidade de acolher bem as mulheres estrangeiras* (Tristan, 2021), publicado em 1835, Flora denuncia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres estrangeiras que chegavam a Paris. Com o pensamento à frente do seu tempo, conforme destacam Daflon e Campos (2020, p. 433) “é capaz de perceber a interseção entre várias categorias, bem como os impactos das diferenças de gênero, classe e nacionalidade nas trajetórias individuais e nas distintas formas de acolhimento reservadas às mulheres em deslocamento”. Assim, defende a necessidade de uma organização voltada para o acolhimento das mulheres, que possa igualmente servir de porta-voz para denunciar as injustiças cometidas contra elas. E no romance *Méphis, o proletário* (em tradução livre; obra não publicada no Brasil), publicado em 1838, sua primeira e única experiência publicada na ficção, sem muito sucesso, os personagens têm uma história de vida bastante próxima das experiências da autora. Maréquita, divorciada de Hazcal (anagrama do nome de seu marido, Chazal) e de origem estrangeira, encontra Méphis, casado e separado da mulher, o qual prega um “novo evangelho” de inspiração bastante próxima do sansimonismo.²¹ Em que pese a frustração da viagem em relação ao intuito inicial, a experiência que obteve durante esse período marcou profundamente o pensamento de Flora, a ponto de se poder afirmar que a mulher que retorna do Peru não era mais a mesma que deixara a França 21 meses antes (Konder, 1994, p. 47). Tristan tornou-se uma obstinada ativista política, participando do debate socialista da época e contribuindo para jornais e revistas do campo progressista que abriram espaço para sua pena: *L'Artiste*, *Le Voleur*, *La Revue de Paris*, *La Phalange*, *Le Journal du Peuple*, *Le Bon Sens*, entre outros. Assim foi que, em dezembro de

du peuple, *Le bon sens*, entre autres. C'est ainsi qu'en décembre 1837, sa demande de rétablissement de divorce, adressée à la Chambre des Députés, est publiée dans la revue de Louis Blanc, *Le bon sens* et, un an plus tard, *Le Journal du peuple*, de Michel Dupoty, publie une autre requête, celle-ci en faveur de l'abolition de la peine de mort.

Les déplacements et les voyages sont un stimulant dans sa vie. Pendant ses quatre séjours en Angleterre (1826, 1831, 1835 et 1839) et « toujours dans le but d'étudier les mœurs et l'esprit » du peuple anglais, Flora profite de son sens de l'observation pour écrire sur la société anglaise, ses travers et ses injustices. Lors de la période d'industrialisation et de modernisation qui donnera lieu à la constitution de grandes fortunes, les importantes villes anglaises, Londres en particulier, rejettent dans leurs rues un contingent considérable de pauvres, d'exclus et de malades. L'impact, sur Flora, de cette réalité sera répertorié dans *Promenades dans Londres*, sorte de récit de voyage publié en 1840. Assumant une posture que l'on pourrait qualifier aujourd'hui de sociologue menant des recherches de terrain, elle indique, déjà dans la préface de l'ouvrage, sa préoccupation de se tenir à distance de la réalité observée : « Mon livre est un livre de faits, d'observations recueillies avec toute l'exactitude dont je suis capable ; je me suis garantie, autant qu'il a dépendu de moi, de l'entraînement de l'enthousiasme ou de l'indignation » (Tristan, 1840, p. vi). Et, peu de temps avant, elle déclare également : « Je ne me suis pas laissé éblouir 'ar l'apparence » je n'ai pas été séduite par les brillantes et riches décorations de la scène anglaise ; j'ai pénétré dans les coulisses, j'ai vu le fard des acteurs, le cuivre de leurs galons, et entendu leur propre langage » (Tristan, 1840, p. vi). Cet effort de compréhension de la société anglaise apparaît déjà au lecteur à partir du sommaire de l'ouvrage avec des titres tel que : « la ville monstre », « du climat », « du caractère des Londoniens », « ouvriers des manufactures », « filles publiques ». Au chapitre XIX, elle se consacre à la diffusion des idées du socialiste utopique Robert Owen, non sans affirmer sa liberté de pensée en commençant le texte par cette

1837, sua petição pelo restabelecimento do divórcio, endereçada à Câmara dos Deputados, foi publicada na revista de Louis Blanc, *Le Bon Sens*, e, um ano depois, *Le Journal du Peuple*, de Michel Dupoty, publicou outra petição, desta vez em favor da abolição da pena de morte.

Os deslocamentos e as viagens são uma tônica em sua vida. Nas quatro vezes que esteve na Inglaterra (1826, 1831, 1835 e 1839) e “sempre com o objetivo de estudar os modos e o espírito” do povo inglês, Flora se valeu de sua capacidade de observação para escrever sobre a sociedade inglesa, suas mazelas e injustiças. Em pleno processo de industrialização e modernização que dará origem à formação de grandes fortunas, os importantes centros urbanos ingleses, sobretudo Londres, secretavam nas ruas um considerável contingente de pobres, excluídos e enfermos. O impacto dessa realidade em Flora ficou registrado em *Passeios em Londres* (em tradução livre; obra não publicada no Brasil), espécie de relato de viagem publicado em 1840. Assumindo uma postura que poderíamos hoje qualificar como de uma cientista social conduzindo uma pesquisa de campo, ela deixa clara, já no prefácio da obra, sua preocupação em manter o distanciamento em relação à realidade observada: “Meu livro é um livro de fatos, de observações reunidas com toda a precisão de que sou capaz; protegi-me, tanto quanto possível, do ímpeto do entusiasmo ou da indignação” (Tristan, 1840, p. vi, tradução nossa). E, pouco antes, já afirmara: “Não me deixei comover pela aparência; não fui seduzida pelas decorações brilhantes e ricas da cena inglesa; penetrei nos bastidores, vi a maquiagem dos atores, o cobre dos seus galões, e ouvi a própria língua deles. Em face da realidade, avalei as coisas pelo que elas eram” (Tristan, 1840, p. vi, tradução nossa). Esse esforço de compreensão da sociedade inglesa delineou-se para o leitor desde o sumário da obra, que traz títulos como: “a cidade-monstro”, “sobre o clima”, “sobre o caráter das pessoas de Londres”, “operárias e operários das manufaturas”, “mulheres públicas”. No capítulo XIX, ela se

déclaration : « Afin d'éviter toute fausse interprétation, je déclare que je ne suis ni saint-simonienne, ni fouriériste, ni owéniste » (Tristan, 1840, p. 355).

Promenades dans Londres est composé de deux parties : « Coup d'œil 'ur l'Angleterre » et « Crayonnages ». Le texte que nous avons traduit pour composer ce recueil a été extrait du chapitre XVII, « Les femmes anglaises » qui intègre la première partie de l'œuvre. Dans ce chapitre, Flora émet de dures critiques relatives à la condition des femmes dans la société anglaise, à leur isolement et à leur éducation « propre à hébéter l'enfant le plus intelligent » (Tristan, 1840, p. 304). En même temps elle ne se prive pas de faire l'éloge des écrivaines anglaises en déclarant qu'« [i]l y a en Angleterre beaucoup plus de femmes auteurs qu'en France, parce que les Françaises ont une vie plus active et sont moins exclues que les Anglaises du mouvement social » (Tristan, 1840, p. 314). C'est ainsi que Flora Tristan dédie une bonne partie du chapitre à l'auteure de *A vindication of the rights of woman*, Mary Wollstonecraft (1759-1797), contribuant ainsi, à faire connaître en France une des plus importantes intellectuelles qui a problématisé l'oppression des femmes au XVIII^e siècle. Flora écrit son œuvre la plus importante, *Union ouvrière* (1843), dans laquelle, bien avant « prolétaires de tous les pays, unissez vous ! » de Marx et Engels (1848), elle cherchait déjà à attribuer une dimension internationale à la lutte de la classe ouvrière. Elle exprime dans cet ouvrage toute son inquiétude relative au sort de la classe ouvrière, dont l'émancipation est, dit-elle, indissociable de l'émancipation des femmes, étant toutes deux également parias de la société. Elle estimait que seule une action organisée collectivement aurait la capacité de faire sortir la classe ouvrière de l'isolement social. Il est flagrant, dès le début de l'œuvre, de voir apparaître le genre féminin des mots afin de reconnaître l'espace de la femme et de lui donner de la visibilité en tant qu'agent social. Ainsi, elle s'adresse aux « hommes et aux femmes » et plus loin, aux « travailleurs et travailleuses », déclarant :

dedica à divulgação das ideias do socialista utópico Robert Owen, mas fazendo questão de deixar clara a sua independência de pensamento ao iniciar o texto com a seguinte declaração: “a fim de evitar qualquer falsa interpretação, declaro que não sou nem sansimonista, nem fourierista, nem owenista” (Tristan, 1840, p. 355, tradução nossa).

Passeios em Londres é composto de duas partes: “Olhar sobre a Inglaterra” e “Esboços”. O texto que traduzimos para compor esta coletânea foi extraído do capítulo XVII, “As mulheres inglesas”, que integra a primeira parte da obra. Nesse capítulo, Flora tece duras críticas à condição da mulher na sociedade inglesa, ao seu isolamento e à educação que recebe, “própria para emburrecer a criança mais inteligente” (Tristan, 1840, p. 304, tradução nossa). Ao mesmo tempo, não poupa elogios às mulheres escritoras inglesas, ao afirmar que “há na Inglaterra muito mais mulheres autoras do que na França, porque as francesas têm uma vida mais ativa e são menos excluídas do movimento social do que as inglesas” (Tristan, 1840, p. 314, tradução nossa). Assim é que Flora Tristan dedica boa parte do capítulo a Mary Wollstonecraft (1759-1797), autora de *Uma reivindicação pelos direitos da mulher*, contribuindo para a divulgação na França de uma das mais importantes pensadoras que problematizou a opressão da mulher no século XVIII. Flora escreveu sua obra mais importante, *União operária* (1843),²² na qual, bem antes do “proletários de todo o mundo, uni-vos!”, de Marx e Engels (1848), já buscava conferir uma dimensão internacional à luta da classe operária. Ela imprime nessa obra toda a sua inquietação pela classe operária, cuja emancipação é, afirma, indissociável da própria emancipação das mulheres, ambos sendo igualmente párias da sociedade. Acreditava que somente uma ação de organização coletiva seria capaz de tirar a classe operária do isolamento social. Chama atenção o fato de, desde o início da obra, ela fazer questão de marcar o gênero das palavras para, dessa forma, dar espaço e visibilidade à mulher como agente social. Assim, dirige-se “aos homens e às mulheres” e, mais adiante, “aos operários e às operárias”, afirmando:

Je viens vous proposer une *union générale* entre les ouvriers et ouvrières, sans distinction de métiers, habitant le même royaume ; union qui aurait pour but de CONSTITUER LA CLASSE OUVRIÈRE et d'élever plusieurs établissements (Palais de l'UNION OUVRIÈRE), répartis également dans toute la France. (Tristan, 1843, p. 5, souligné dans l'original)

Flora parvient courageusement à publier, en livre de poche, quatre mille exemplaires dans la 1^{ère} édition, grâce à sa campagne de collecte de fonds effectuée au porte-à-porte. En effet, comme elle le dit dans la préface de la première édition, elle a reçu plusieurs refus d'éditeurs, y compris du seul éditeur « populaire », « l'éditeur des lions de la démocratie » M. Pagnerre. Dans les 2^e et 3^e éditions, elle parvient à publier dix mille exemplaires de chaque édition. Ce qui attire l'attention dans *Union ouvrière*, c'est le troisième chapitre – « Pourquoi je mentionne les femmes » – entièrement consacré à la condition féminine.

Victime de tentative de féminicide en 1838 de la part de son mari qui la poursuivait et qui n'acceptait pas leur séparation, les balles resteront dans son corps pour le reste de sa vie occasionnant de fortes douleurs et lui laissant de profondes séquelles. Ainsi, lorsqu'elle part en tournée en 1844, dans le but de faire connaître les idées soutenues dans son livre récemment paru et de construire une véritable union ouvrière nationale, sa santé déjà précaire s'affaiblit encore plus. Au cours de ce voyage, qui sera connu comme son Tour de France, elle visite 13 villes en tout. Elle commence par Auxerre, puis Avallon et Semur, Dijon, Chalon-sur-Saône, Mâcon, Lyon, en passant par Marseille pour arriver à Bordeaux le 24 septembre, d'où elle comptait rentrer à Paris. Cependant son état de santé s'aggrave. Ainsi, l'une des pionnières de la Théorie Sociale, comme elle est actuellement reconnue dans le milieu universitaire, décède prématurément, à 41 ans, chez des amis à Bordeaux, le 14 novembre 1844.

Venho propor-vos uma *união geral* entre operários e operárias, sem distinção de ofícios, vivendo no mesmo reino; união que visaria CONSTITUIR A CLASSE TRABALHADORA e erguer vários estabelecimentos (*Palais de l'UNION OUVRIÈRE*), distribuídos igualmente por toda a França. (Tristan, 1843, p. 5, grifos do original)

Flora conseguiu bravamente publicar, em formato de livro de bolso, 4 mil exemplares na primeira edição, graças a sua campanha porta a porta para recolher fundos. Isso porque, conforme relata no prefácio, recebera várias recusas de editores, inclusive do único editor “popular”, o “editor dos leões da democracia”, o Sr. Pagnerre. Na segunda e na terceira edições, conseguiu publicar 10 mil exemplares de cada. O que mais chama a atenção na *União operária* é que a autora dedica todo o terceiro capítulo – “Por que eu menciono as mulheres” – à condição da mulher.

Vítima de tentativa de feminicídio em 1838 por parte de um marido que a perseguiu e não aceitava a separação, as balas que ficaram alojadas em seu corpo lhe causaram dores pelo resto da vida, deixando profundas sequelas. Assim, quando partiu em turnê em 1844, com a finalidade de divulgar as ideias defendidas em seu recém-lançado livro e construir uma verdadeira união operária nacional, sua já precária saúde fragilizou-se ainda mais. Na viagem, que ficou conhecida como seu *Tour de France*, visitou ao todo 13 cidades. Começou com Auxerre, seguida de Avallon e Semur, Dijon, Chalon-sur-Saône, Mâcon, Lyon, passando por Marselha até chegar a Bordeaux em 24 de setembro, de onde pretendia retornar para Paris. Mas seu estado de saúde se agravou. Uma das pioneiras da Teoria Social, como vem sendo atualmente reconhecida pelo meio acadêmico, faleceu prematuramente, aos 41 anos, na casa de amigos em Bordeaux, em 14 de novembro de 1844.

Dois anos após sua morte, foi publicado *Emancipação da mulher ou o testamento da pária*, que tem como subtítulo “Obra póstuma de Mme Flora

Deux ans après sa mort, *Émancipation de la femme ou Le testament de la paria* est publié ayant comme sous-titre « Ouvrage posthume de Mme Flora Tristan complété d'après ses notes et publié par A. Constant » (Tristan, 1846). Le livre, indissociable de la condition de paria qui afflige la vie de Flora, devient ainsi un outil de réflexion sur la condition des femmes et de la classe ouvrière dans la société. « Pauvres femmes, pauvres parias » : avec cette déclaration, elle commence, de façon implacable le premier chapitre pour finalement proférer : « Mes sœurs, ne soyez plus des esclaves dont on vend la chair et dont on étouffe le cœur. Faites comme moi plutôt, protestez et mourez » (Tristan, 1846, p. 20). Après le chapitre XV, qui reste inachevé, Alphonse-Louis Constant, ancien abbé et ami de l'auteure, ajoute une postface en expliquant les conditions dans lesquelles l'œuvre a été écrite : « Ici s'arrêtait le manuscrit dicté par Mme Flora Tristan » (Tristan, 1846, p. 115).

Il existe également un autre livre posthume de l'auteure, celui-ci publié seulement en 1973, plus d'un siècle après sa disparition. Il s'agit de l'œuvre *Le tour de France*, qui rassemble les notes de voyage de Flora entre 1843 et 1844, ayant comme sous-titre « État actuel de la classe ouvrière sous l'aspect moral, intellectuel, matériel ». Selon Michel Collinet, dans sa préface, le manuscrit a été donné par Flora, sur son lit de mort à Éléonore Blanc, une blanchisseuse qu'elle avait connue à Lyon et qu'elle considérait comme sa fille adoptive et sa meilleure disciple. Dans le chapitre où elle raconte la mauvaise expérience vécue dans la ville de Nîmes où elle n'a réussi à mettre en œuvre aucun de ses projets, elle fait la promesse suivante aux « malheureuses blanchisseuses » : « Mes sœurs, je vous jure que je vous délivrerai ! » (Tristan, 1973, p. 216). Dans l'édition, se trouvent également des notes de Jules Puech, décédé en 1957, qui, selon Collinet, avait reçu le manuscrit des mains du fils d'Éléonore.

Après sa mort, Flora tombe dans un certain oubli, son nom étant rarement mentionné. Il existe cependant un consensus parmi les spécialistes de son œuvre autour de la thèse de doctorat de Jules Puech

Tristan completada a partir de suas notas por A. Constant” (Tristan, 1846). O livro é indissociável da condição de pária que marcou a vida de Flora e se converteu em categoria de reflexão para a autora pensar a condição da mulher e da classe operária na sociedade. “Pobres mulheres, pobres párias”: com essa afirmação abre de forma contundente o primeiro capítulo para, perto do final, cravejar: “Minhas irmãs, não sejam mais escravas cuja carne é vendida e cujo coração é sufocado. Em vez disso, façam como eu, protestem e morram” (Tristan, 1846, p. 20, tradução nossa). Após o capítulo XV, inacabado, Alphonse-Louis Constant, ex-abade e amigo da autora, acrescenta um posfácio que informa as condições em que a obra foi escrita: “[a]qui terminava o manuscrito ditado por Mme Flora Tristan” (Tristan, 1846, p. 115, tradução nossa).

Há, ainda, outro livro póstumo da autora, publicado apenas em 1973, mais de um século após sua morte. Trata-se de *Le tour de France*, que traz as notas de viagem de Flora entre 1843 e 1844, tendo, como subtítulo, “Estado atual da classe operária sob o aspecto moral, intelectual, material”. Conforme relata Michel Collinet em seu prefácio, o manuscrito fora entregue por Flora, no leito de morte, a Éléonore Blanc, lavadeira que conhecera em Lyon e a quem considerava uma filha adotiva e melhor discípula. No capítulo em que narra a frustrante experiência que teve na cidade de Nîmes, onde não conseguiu implementar nenhum de seus projetos, faz a seguinte promessa às “infelizes lavadeiras”: “Minhas irmãs, juro que as libertarei!” (Tristan, 1973, p. 216, tradução nossa). A edição traz ainda notas de Jules Puech, falecido em 1957, o qual, de acordo com Collinet, recebera o manuscrito das mãos do filho de Éléonore.

Após sua morte, Flora Tristan caiu em relativo esquecimento, seu nome sendo raramente evocado. Há um consenso entre os estudiosos de sua obra que aponta a tese de doutorado de Jules Puech (1925), intitulada *A vida e obra de Flora Tristan*, como marco no resgate da

(1925), intitulée *La vie et l'œuvre de Flora Tristan*, considérée comme un jalon de la mémoire et des écrits de l'auteure. Dès lors, Tristan est de plus en plus reconnue dans le milieu académique de certains pays à travers des thèses, des articles, des colloques et des groupes de recherche qui mettent à l'honneur son œuvre et l'importance de son rôle dans le soutien des idées socialistes des années 1840. De plus, en différents lieux, des hommages lui sont rendus en attribuant son nom à des institutions, des rues, des établissements d'enseignement et des foyers d'accueil pour femmes en danger. Nous constatons donc, que les efforts pour la faire sortir de l'oubli portent bien leurs fruits. Ci-dessous, nous répertorions les principales mentions faites à son nom que nous avons pu identifier lors d'une brève recherche. En France, il existe des établissements d'enseignement portant le nom de l'auteure, comme le Collège Flora Tristan (Paris), l'École Élémentaire Publique Flora Tristan (Toulouse), ainsi qu'un Lycée Flora Tristan à Montereau-Fault-Yonne et à Noisy-le-Grand. On trouve également son nom pour désigner des bibliothèques, des rues et des places dans des villes.

Au Pérou, existe le *Colegio Flora Tristán* et le *Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán*, créés en 1979. Ce dernier est une institution féministe axée sur l'émancipation féminine, l'équité et la justice. À Arequipa, en 2008, a été apposé une plaque officielle sur la façade de la maison où vivait Flora.

Au Brésil, en 2019, est créé le *Núcleo de Pesquisa Flora Tristán*. Il s'agit d'un groupe de chercheurs de l'Université de Brasília qui étudie les asymétries de genre, de race et de classe dans les sociétés capitalistes contemporaines.

Ces exemples sont représentatifs de la reconnaissance légitime de Flora Tristan pour sa trajectoire militante en faveur des causes féministes et ouvrières, mais aussi comme précurseuse de la pensée socialiste. Peut-être un des hommages les plus significatifs de son héritage, est

memória e da produção da autora. Desde então, Tristan vem ganhando reconhecimento no meio acadêmico de alguns países por meio de teses, artigos, colóquios e grupos de pesquisa que têm dado visibilidade à sua obra e ao importante papel que desempenhou no embate das ideias socialistas dos anos 1840. Além disso, em diferentes lugares o nome de Flora Tristan é atribuído a instituições, ruas, estabelecimentos de ensino e abrigos para mulheres em situação de risco, prova de que os esforços empreendidos para retirá-la do esquecimento vêm surtindo efeito. A seguir, citamos as principais menções feitas ao seu nome no breve levantamento que realizamos. Na França, encontram-se instituições educativas com o nome da autora, tais como o Collège Flora Tristan (Paris), a École Élémentaire Publique Flora Tristan (Toulouse), bem como um Lycée Flora Tristan em Montereau-Fault-Yonne e em Noisy-le-Grand. Seu nome também aparece designando bibliotecas, ruas e praças de algumas cidades.

No Peru, destacam-se o Colegio Flora Tristán e o Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán (criado em 1979). Trata-se, este último, de uma instituição feminista que desenvolve um trabalho voltado para o empoderamento feminino, a equidade e a justiça. Em Arequipa, uma placa da prefeitura foi colocada em 2008 na fachada da casa onde morou Flora.

No Brasil, em 2019, foi criado o Núcleo de Pesquisa Flora Tristán, coletivo de pesquisadoras da Universidade de Brasília que investiga as assimetrias de gênero, raça e classe das sociedades capitalistas contemporâneas.

Esses exemplos são bastante ilustrativos do reconhecimento que Flora Tristan vem recebendo pela sua trajetória como militante das causas feminista e operária e como precursora do pensamento socialista. Em talvez uma das mais significativas homenagens ao seu legado, a cada 1º de maio, no cemitério Chartreuse, onde se encontra enterrada em Bordeaux,

Flora Tristan (1803-1844)

la cérémonie qui a lieu chaque 1^{er} mai, au cimetière de la Chartreuse où elle est enterrée à Bordeaux, organisée devant sa tombe par la Fédération du Parti Socialiste de la Gironde.

Traduction en français : Ana Cristina Cardoso

uma cerimônia é realizada diante do seu túmulo pela Federação do Partido Socialista da Gironda.

Les femmes anglaises

[...]

Les femmes auteures s'occupent aussi en Angleterre, des sujets les plus graves. – Miss Martineau²² a écrit des ouvrages très remarquables sur l'économie politique ; mistress Trollope²³ a publié un voyage dans l'Amérique du Nord, qui a eu beaucoup de succès ; mistress Gore²⁴ a écrit de très jolies nouvelles sur les mœurs et l'histoire polonaises²⁵ ; mistress Shilly²⁶ fait des vers pleins de mélodie et de sentiment. – Beaucoup de ces dames écrivent dans les revues et journaux ; mais je vois avec une profonde affliction qu'aucune encore n'a embrassé la cause de la liberté de la femme, de cette liberté sans laquelle toutes les autres sont d'une si courte durée, de cette liberté pour laquelle spécialement il convient à des femmes auteurs de combattre. Les femmes auteurs en France ont, sous ce rapport, devancé les Anglaises. – Cependant une voix de femme se fit entendre en Angleterre il y a un demi-siècle, voix qui prit, dans cette vérité dont Dieu a mis l'empreinte en notre âme, une puissance irrésistible et une éclatante énergie ; voix qui n'a pas craint d'attaquer un à un tous les préjugés et d'en démontrer le mensonge et l'iniquité. – Mary Wollstonecraft²⁷ a intitulé son livre : *A vindication of the rights of woman* [Défense des droits de la femme] ; il parut en 1792.

Ce livre fut étouffé dès son apparition, ce qui n'épargna pas à son auteur le supplice de la calomnie. – Il n'y eut que le premier volume de publié, et il est devenu extrêmement rare. – Je ne pus trouver à l'acheter, et sans un ami qui voulut bien me le prêter il m'eût été impossible de me le procurer. – La réputation de ce livre inspire un tel effroi que, si vous en parlez même aux femmes *dites du progrès*, elles vous répondront avec un mouvement d'horreur : – Oh ! c'est un très mauvais livre ! – Ah ! la calomnie l'emporte souvent sur la renommée la mieux méritée ;

As mulheres inglesas

[...]

As mulheres autoras tratam também, na Inglaterra, dos mais sérios dos assuntos. Martineau²³ escreveu obras deveras notáveis sobre a economia política; Trollope²⁴ publicou uma viagem na América do Norte, que obteve muito sucesso; Gore²⁵ escreveu belíssimos contos sobre os costumes e a história poloneses;²⁶ Shilly²⁷ fez versos cheios de melodia e sentimento. Muitas dessas senhoras escrevem em revistas e jornais; mas vejo com uma profunda aflição que nenhuma tenha ainda abraçado a causa da liberdade da mulher, dessa liberdade sem a qual todas as outras têm tão curta duração, dessa liberdade pela qual particularmente convém às mulheres autoras lutar. As mulheres autoras na França, a esse respeito, ultrapassaram as inglesas. No entanto, uma voz de mulher fez-se ouvir na Inglaterra há meio século, uma voz cuja marca Deus pôs em nossa alma e que, nessa verdade, assumiu um poder irresistível e uma ofuscante energia; uma voz que não temeu atacar, um por um, todos os preconceitos, expondo a mentira e a iniquidade deles. Mary Wollstonecraft²⁸ intitulou seu livro *Reivindicação dos direitos das mulheres*, publicado em 1792.

Esse livro foi abafado desde sua publicação, o que não poupou sua autora do suplício da calúnia. Apenas o primeiro volume foi publicado e tornou-se extremamente raro; não consegui encontrá-lo para comprar, e, se não fosse um amigo disposto a me emprestar, ter-me-ia sido impossível obtê-lo. A reputação desse livro inspira tamanho pavor, que se dele falardes, mesmo às mulheres *ditas de progresso*, elas vos responderão com um gesto de horror: “Oh! É um péssimo livro!”. Ah! A calúnia geralmente se sobrepõe à mais merecida reputação; ela transmite seu

elle transmet ses haines de génération en génération, ne respecte pas la tombe, la gloire même ne l'arrête pas.

Mary Wollstonecraft dédia son livre à M. de Talleyrand-Périgord. Écoutez cette femme, cette femme anglaise qui, la première, ose dire que les droits civils et politiques appartiennent *également aux deux sexes*, et qui en appelle à une opinion professée par M. de Talleyrand à la tribune pour lui démontrer qu'il est de son *devoir*, d'homme d'État, d'agir conformément à cette opinion, d'en faire triompher les conséquences et d'établir la complète émancipation de la femme.

Voici quelques passages de cette dédicace :

Réclamant pour les droits de la femme, mon principal argument, pour en démontrer l'utilité, est fondé sur cette raison bien simple, que, si l'éducation ne prépare pas la femme à devenir la compagne de l'homme, elle arrêtera le progrès ; car, si les connaissances humaines demeurent le partage exclusif de l'homme, leur influence sera sans efficacité sur la masse de la société. [...]

Si vous voulez que vos enfants apprennent à comprendre le vrai patriotisme, il faut que leur mère soit une patriote éclairée ; et l'amour de l'humanité, source de toute vertu, ne saurait se développer en eux que par l'appréciation de l'intérêt moral et politique du genre humain ; mais l'éducation actuelle de la femme l'exclut de telles investigations. [...]

Je m'adresse à vous, monsieur, comme à un législateur, et je vous demande si, quand les hommes combattent pour leur liberté et pour qu'on les laisse décider eux-mêmes de ce qui convient à leur propre bonheur, il n'est pas inconséquent et injuste d'assujettir les femmes à des lois qu'elles n'ont pas concouru à faire ? Qui a constitué l'homme juge exclusif pour décider si la femme est, comme lui, douée de raison ?

ódio de geração a geração, não respeita a sepultura, e mesmo a glória não a detém.

Mary Wollstonecraft dedicou seu livro ao Sr. Talleyrand-Périgord. Escutai essa mulher, essa mulher inglesa, a primeira a ousar dizer que os direitos civis e políticos pertencem *igualmente a ambos os sexos*, e a recorrer a uma opinião professada pelo Sr. de Talleyrand na tribuna, demonstrando-lhe que é seu *dever* de estadista agir conforme essa opinião, dela tirar as consequências levando-as ao êxito e estabelecer a emancipação completa da mulher.

Eis aqui algumas passagens dessa dedicatória.²⁹

Na luta pelos direitos da mulher, meu principal argumento baseia-se neste simples princípio: se a mulher não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela interromperá o progresso do conhecimento e da virtude; pois a verdade deve ser comum a todos ou será ineficaz no que diz respeito a sua influência na conduta geral. [...]

Se as crianças têm de ser educadas para entender o verdadeiro princípio do patriotismo, suas mães devem ser patriotas; e o amor à humanidade, do qual surge naturalmente uma série de virtudes, só pode nascer caso seja considerado o interesse moral e civil da humanidade; mas, hoje, a educação e a situação da mulher deixam-na fora de tais indagações. [...]

Considere – dirijo-me ao senhor enquanto legislador – se, no momento em que os homens lutam por sua liberdade e pelo direito de julgar por si mesmos sua própria felicidade, não é inconsistente e injusto subjugar as mulheres, ainda que o senhor creia firmemente estar agindo da melhor maneira para lhes promover bem-estar. Quem fez do homem o juiz exclusivo, se a mulher compartilha com ele o dom da razão?

Les tyrans de toutes les dénominations, depuis les rois jusqu'aux pères de famille, agissent et raisonnent de même ; ils s'empres- sent d'écraser la raison, en usurpent les droits, et affirment que c'est pour l'utilité générale qu'ils étouffent la voix de tous. — Votre conduite n'est-elle pas semblable à celle des tyrans lorsque vous déniez aux femmes les droits civils et politiques, et les forcez à rester murées dans leurs familles et à se mouvoir au milieu des ténèbres ? [...]

Si la femme doit continuer à être exclue de la participation aux droits naturels de l'humanité, vous devez d'abord prouver, afin de repous- ser l'accusation d'injustice et d'inconséquence, qu'elle manque de raison, autrement votre nouvelle constitution portera toujours l'em- preinte de l'iniquité, et témoignera que l'homme, en s'affranchissant du despotisme, est lui-même resté tyran ; et vous le savez, monsieur, la tyrannie, en quelque partie de la société qu'elle se montre, anéantit toute morale. [...]

[...]

Si l'on ne permet pas aux femmes de jouir de droits légitimes, elles pervertiront les hommes et elles-mêmes pour obtenir d'illi- cites privilèges.

Maintenant voici comment elle parle aux femmes :

J'espère que les femmes m'excuseront si je les traite comme des êtres rationnels, au lieu de les entretenir de leurs grâces enchan- teresses, et de les considérer comme si elles étaient dans un état perpétuel d'enfance, incapables d'agir pour elles-mêmes. — Je dé- sire ardemment leur indiquer en quoi la vraie dignité et le bonheur consistent ; je désire les persuader de la nécessité de développer leurs forces intellectuelles et physiques ; je désire les convaincre que ces douces expressions, susceptibilité de cœur, délicatesse de sentiment et raffinement de goût, sont presque synonymes de fai- blesse ; et que ces créatures faibles, qui sont l'objet de la pitié, ou de cette espèce d'amour que la pitié fait naître, sont bientôt délais- sées par l'homme, et deviennent l'objet de son mépris.

Esse é o tipo de argumentação dos tiranos de qualquer espécie, do fraco rei ao fraco pai de família; estão todos ávidos por esmagar a razão, no entanto sempre afirmam usurpar seu trono somente para ser úteis. Não agem vocês de maneira similar quando forcem todas as mulheres, ao negar-lhes os direitos civis e políticos, a permanecer confinadas na família, tateando no escuro? [...]

Mas, se as mulheres devem ser excluídas, sem voz, da participação dos direitos naturais da humanidade, prove antes, para afastar a acusação de injustiça e inconsistência, que elas são desprovidas de razão; de outro modo, essa falha em sua nova constituição sempre mostrará que o homem deve de alguma forma agir como um tirano, e a tirania, quando mostra sua face despudorada em qualquer parte da sociedade, sempre solapa a moralidade. [...]

[...]

Se não for permitido às mulheres desfrutar de direitos legítimos, elas tornarão viciosos não só os homens, mas elas mesmas, a fim de obter privilégios ilícitos.

Eis agora como ela fala às mulheres:

Espero que meu próprio sexo me desculpe caso eu trate as mulheres como criaturas racionais, em vez de adular suas graças fascinantes e considerá-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas. Sinceramente, desejo mostrar em que consistem as verdadeiras dignidade e felicidade humanas. Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força tanto da mente quanto do corpo e convencê-las de que as frases suaves, a susceptibilidade do coração, a delicadeza dos sentimentos e o gosto refinado são quase sinônimos de epítetos de fraqueza, e de que os seres que são apenas objeto de piedade e daquela espécie de amor que, por definição, lhe é próxima logo se tornarão alvo de desprezo.

Repoussant donc ces phrases gentilles à *l'usage des dames*, dont la condescendance des hommes veut bien se servir pour adoucir le joug de notre dépendance, et méprisant cette élégance d'esprit, cette sensibilité exquise et cette moelleuse docilité de manières, qu'on suppose les traits caractéristiques de notre sexe, je désire montrer que l'élégance est inférieure à la vérité morale, je désire montrer que le premier objet d'une ambition louable doit être pour tous, sans distinction de sexes, d'être utile à ses semblables ; que le bien qui résulte pour le prochain des actions des hommes est la pierre de touche du mérite de ces actions.

Mary Wollstonecraft réclame la liberté de la femme comme un *droit*, au nom du principe sur lequel les sociétés fondent le juste et l'injuste ; elle la réclame parce que sans la liberté il ne peut exister d'obligation morale d'aucune espèce, comme elle démontre également que sans l'égalité de ces obligations, pour l'un et l'autre sexe, la morale manque de base, cesse d'être vraie.

Mary Wollstonecraft dit qu'elle considère les femmes sous le point de vue élevé de créatures qui sont, de même que les hommes, placées sur cette terre pour développer leurs facultés intellectuelles. – La femme n'est ni inférieure, ni supérieure à l'homme ; ces deux êtres ne diffèrent, sous le rapport de l'esprit et de la forme, que pour s'harmoniser, et leurs facultés morales étant destinées à se compléter par l'union, ils doivent recevoir le même degré de développement. – Mary Wollstonecraft s'élève contre les écrivains qui considèrent la femme comme un être d'une nature subordonnée et destinée aux plaisirs de l'homme. À ce sujet, elle fait une critique très juste de Rousseau, qui établit que la femme doit être *faible* et *passive*, l'homme actif et fort ; que la femme a été formée pour être assujettie à l'homme, et enfin que la femme doit se rendre agréable et obéir à *son maître*, et que tel est le but de son existence. – Mary Wollstonecraft démontre que d'après ces principes-là les femmes sont élevées à la ruse, à la duplicité et à

Dispensando, então, aquelas belas frases femininas que os homens usam com condescendência para suavizar nossa dependência servil e desdenhando a débil elegância da mente, a sensibilidade notável e a suave docilidade dos modos, que são supostamente características do sexo mais frágil, desejo mostrar que a elegância é inferior à virtude, que o primeiro objetivo de uma ambição louvável é obter caráter enquanto ser humano, independentemente da distinção de sexo, e que as considerações secundárias devem conduzir a essa simples pedra de toque.

Mary Wollstonecraft reivindica a liberdade da mulher como um *direito*, em nome do princípio a partir do qual as sociedades estabelecem o justo e o injusto; ela a reivindica porque, sem a liberdade, não pode existir obrigação moral de espécie alguma, como ela igualmente demonstra que, sem a igualdade dessas obrigações para ambos os sexos, a moral carece de base, deixa de ser verdadeira.

Mary Wollstonecraft diz considerar as mulheres, do ponto de vista elevado de criaturas que são, assim como os homens, colocadas nesta terra para desenvolver suas faculdades intelectuais. A mulher não é nem inferior nem superior ao homem; esses dois seres se distinguem, no que diz respeito ao espírito e à forma, somente para se harmonizarem, e como suas faculdades morais estão destinadas a se completarem pela união, ambos devem receber o mesmo grau de desenvolvimento. Mary Wollstonecraft insurge-se contra os escritores que consideram a mulher como um ser de natureza subordinada e destinada aos prazeres do homem. A esse respeito, ela faz uma crítica bastante justa a Rousseau, que estabelece que a mulher deve ser *fraca e passiva*, o homem ativo e forte; que a mulher foi formada para ser submissa ao homem, e por fim que a mulher deve mostrar-se agradável e obedecer a *seu mestre*, e que tal é o objetivo de sua existência. Mary Wollstonecraft demonstra que, segundo aqueles princípios, as mulheres são educadas para a artimanha, a dissimulação e o galanteio, ao passo que seu espírito, ficando

la galanterie, tandis que leur esprit restant sans culture, et la surexcitation de leur sensibilité les laissant sans défense, elles deviennent victimes de toutes les oppressions. L'auteur prouve que le renversement de toute morale est la conséquence rigoureuse de ces principes. La tendance pernicieuse de ces livres, ajoute-t-elle, dans lesquels les écrivains dégradent insidieusement les femmes, alors même qu'ils sont prosternés devant leurs charmes, ne saurait être trop souvent signalée ni trop sévèrement censurée.

[...] *Curs'd vassalage*

First idoliz'd till love's hot fire be o'er

Then slaves to those who courted us before.

Dryden.²⁸

Mary Wollstonecraft (1792, p. 368) s'élève avec courage et énergie contre toute espèce d'abus. – « C'est du respect qu'on a pour la propriété, surtout de celle qui s'élève jusqu'à la richesse, que découlent, comme d'une source empoisonnée, la plupart des maux et des vices qui font de ce monde, une scène si effrayante pour l'œil du contemplateur ».

[...] parce qu'elles visent toutes à se faire rendre du respect, à cause des propriétés qu'elles possèdent : et malheureusement cette propriété, lorsqu'on a réussi à se la procurer, attire la considération qu'on ne doit qu'aux vertus et aux talents. Des hommes osent négliger les devoirs les plus sacrés de l'homme, ils n'en sont pas moins traités comme des demi-Dieux. Un voile, tissu de vaines cérémonies, sépare la religion de la morale, et l'on est encore étonné que ce monde ne soit, à peu de chose près, qu'une caverne de brigands.

Mary Wollstonecraft publiait, en 1792, les mêmes principes que Saint-Simon a répandus plus tard, et qui se propagèrent avec tant de rapidité à la suite de la révolution de 1830. Sa critique est admirable ;

sem cultura, e a grande excitação de sua sensibilidade deixando-as sem defesa, elas se tornam vítimas de todas as opressões. A autora prova que a derrocada de toda moral é a consequência rigorosa desses princípios. A tendência perniciosa desses livros, nos quais, acrescenta ela, os escritores degradam insidiosamente as mulheres, mesmo quando estão subjugados diante do charme delas, jamais seria excessivamente denunciada nem censurada com demasiada severidade.

Curs. vassalage

First idoliz'd till love's bet fire be o'er

Then slaves to those who courted us before.

Dryden.³⁰

Mary Wollstonecraft (2016, p. 180) insurge-se com coragem e energia contra toda espécie de abuso: “Do respeito que se presta à propriedade brota, como de uma fonte envenenada, a maioria dos males e dos vícios que fazem deste mundo uma cena tão melancólica para a mente contemplativa”.

[...] pois todos almejam obter respeito em razão de sua propriedade; e a propriedade, uma vez obtida, garantirá o respeito que seria devido somente a talentos e virtudes. Os homens negligenciam os deveres que são sua incumbência e, ainda assim, são tratados como semideuses. A religião é também separada da moralidade por um véu cerimonial; contudo, os homens se admiram que o mundo seja quase, literalmente, um antro de vigaristas ou opressores.

Mary Wollstonecraft publicara, em 1792, os mesmos princípios que São Simão disseminou mais tarde, e que se propagaram com tanta rapidez após a revolução de 1830. Sua crítica é admirável; ela traz à tona em toda sua verdade os males provenientes da organização atual da família, e a força de sua lógica deixa os oponentes sem réplica. Ela mina corajosamente esse conjunto de preconceitos que envolvem o mundo;

elle fait ressortir dans toutes leurs vérités les maux provenant de l'organisation actuelle de la famille ; et la force de sa logique laisse les contradicteurs sans réplique. Elle s'aperçoit hardiment cette foule de préjugés dont le monde est enveloppé ; elle veut, pour les deux sexes, *l'égalité des droits civils et politiques*, leur *égale admission aux emplois*, l'éducation professionnelle *pour tous*, et le divorce à la volonté des parties. – « Hors de ces bases, dit-elle, toute organisation sociale qui promettra le bonheur public, mentira à ses promesses » (Tristan, 1840, p. 323).

Le livre de Mary Wollstonecraft est une *œuvre impérissable* ! – Il est impérissable, parce que le bonheur du genre humain est attaché au triomphe de la cause que défend *the vindication of the rights of woman*. – Cependant il existe depuis un demi-siècle, et personne ne le connaît !...

ela quer, para os dois sexos, *igualdade dos direitos civis e políticos, paridade na admissão aos empregos, educação profissional para todos, e divórcio conforme a vontade das partes*. “Fora dessas bases, diz ela, toda organização social que prometer a felicidade pública trairá suas promessas” (Tristan, 1840, p. 323).

O livro de Mary Wollstonecraft é uma *obra imperecível!* É imperecível porque a felicidade do gênero humano é vinculada ao triunfo da causa que defende *the vindication of rights of woman*. No entanto, ele existe há meio século e ninguém o conhece!...

Tradução para o português:
Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas

Julie-Victoire Daubié (1824-1874)



*Portrait de Julie-Victoire Daubié (1861), par Pierre Petit.
Bibliothèque Marguerite Durand, Paris.*

*Retrato de Julie-Victoire Daubié (1861), de Pierre Petit.
Biblioteca Marguerite Durand, Paris.*

La femme pauvre au XIX^e siècle et l'éducation à domicile

Cláudia Grijó Vilarouca
Univesité Fédérale de Pará

Émilie Audigier
Univesité Fédérale de Maranhão

En France au XIX^e siècle, rien n'interdisait les femmes à tenter leur chance à l'examen d'entrée pour la Licence. Pourtant, aucune ne se présentait à l'épreuve. Ceci jusqu'en 1861, le 17 août, lorsque Julie-Victoire Daubié, alors âgée de 37 ans, devienne la première femme à l'obtenir à l'Académie de Lyon, institution à la réputation progressiste. Dans un pays où l'école est obligatoire, depuis 1833, mais seulement pour les hommes, Julie-Victoire accomplit un acte historique et un pas déterminant dans la lutte pour les droits égaux entre femmes et hommes.

Au milieu de la première révolution industrielle, les femmes qui travaillaient à l'extérieur étaient couturières, lavandières, femmes de chambre ou ouvrières dans des usines de textile, parmi les rares choix, dans des conditions précaires et salaires minimes. Pour la mentalité de l'époque, il n'était pas nécessaire que la femme soit instruite comme les hommes. En accord avec les rôles sociaux qui lui étaient attribués, il suffisait qu'elle connaisse un minimum d'éducation primaire des enfants, puisqu'en fin de compte, la femme était considérée, avant tout comme celle qui s'occupait de la famille dont elle était la responsable. Pourtant, de nombreuses femmes sans famille, soit parce qu'elles étaient très jeunes, ou orphelines ou veuves, soit à cause de problèmes familiaux, se voyaient obligées de travailler. Et les travaux qu'elles réussissaient à pratiquer étaient, évidemment, extrêmement dévalorisés et mal rémunérés. Le seul moyen d'obtenir de meilleures rémunérations venait de l'éducation, d'une formation qui leur permettaient d'accéder à des travaux plus

A mulher pobre no século XIX e a educação domiciliar

Cláudia Grijó Vilarouca
Universidade Federal do Pará

Émilie Audigier
Universidade Federal do Maranhão

Na França do século XIX, não havia proibição alguma para que as mulheres tentassem passar pelas provas a fim de obter o grau de bacharel. No entanto, nenhuma se candidatava. Até que em 1861, no dia 17 de agosto, aos 37 anos, Julie-Victoire Daubié se tornou a primeira mulher a obtê-lo pela academia de Lyon, instituição de reputação progressista. Num país em que a escola é obrigatória desde 1833, mas apenas para o sexo masculino, Julie-Victoire realizou um grande feito e um passo determinante na luta por direitos iguais para homens e mulheres.

Em meio à primeira revolução industrial, as mulheres que trabalhavam fora se ocupavam, sobretudo, dos serviços de bordados, lavanderia, camararia ou eram operárias em fábricas de roupas, entre outras poucas opções, em condições precárias e salários pífios. Para o pensamento da época, não era necessário que a mulher fosse instruída como os homens. De acordo com os papéis sociais que lhes foram atribuídos, bastava que ela soubesse o mínimo para a educação primeira dos filhos, afinal, a mulher era considerada, acima de tudo, a cuidadora e responsável pela família. Porém, muitas mulheres sem família, ou por serem muito jovens, ou órfãs ou viúvas, ou por uma situação de penúria familiar, se viam obrigadas a trabalhar. E os trabalhos que conseguiam eram, obviamente, extremamente desvalorizados e mal remunerados. O único meio de conseguir melhores remunerações era por meio da educação, de uma

valorisés, comme celui de bibliothécaire, docteur, avocate, entre autres professions. D'où l'immense importance de Julie-Victoire Daubié qui ouvre la voie à de nombreuses femmes, pas seulement grâce à l'obtention de sa licence. Grâce à ses questionnements, exposés et publiés, liés à la condition cruelle des femmes dans la Société, elle va – non sans résistance de la part des hommes, des institutions et même d'autres femmes – à planter une graine pour que fleurisse une nouvelle mentalité, et pour provoquer remise en question et rééquilibrer les injustices. Douée d'une mentalité pragmatique, Daubié fait tout pour révéler tout ce que l'on perd face à la situation implacable et inclémente dans laquelle vit une grande partie des femmes.

Julie-Victoire Daubié est née dans le département des Vosges, dans la région de Lorraine, dans le Nord de la France, le 26 mars 1824. Malgré le fait d'être née dans un petit bourg, assez modeste, depuis très tôt elle est en contact la misère de la classe ouvrière féminine. Son père, décédé après sa naissance, avait occupé une fonction importante dans une usine de feuilles de Flandres dans sa région. Pourtant, dû à une période perturbée, l'usine passe par de grandes difficultés, et par conséquent, la condition ouvrière se dégrade. Après l'enseignement primaire, elle continue à apprendre grâce à l'un de ses frères, qui lui apprend le latin, le grec, l'histoire et la géographie. C'est ainsi qu'à 20 ans elle réussit le seul certificat qui permet aux femmes d'enseigner. Pourvue d'un tel diplôme, elle devient préceptrice dans de riches familles à Docelles et Fribourg, où elle apprend la langue allemande, et enseigne aussi en Allemagne. Avec un fort appétit et une curiosité intellectuelle, elle continue à s'instruire et commence à donner des cours au Musée d'Histoire Naturelle, à Paris.

En 1859, l'Académie Impériale des Sciences et des Beaux-Arts de Lyon lance un concours assez osé pour l'époque, dans lequel on propose aux candidats de réfléchir sur les mesures pratiques ou les moyens mis en œuvre pour élever le salaire des femmes, quand il existe une inégalité

formação que lhes permitisse ascender a trabalhos mais valorizados, como bibliotecária, médica, advogada, entre outras profissões. Daí a imensa importância de Julie-Victoire Daubié, que abriu os caminhos de muitas mulheres e não foi unicamente pela obtenção do grau de bacharel. Graças a seus questionamentos, expostos e publicados, relativos à condição cruel das mulheres na sociedade, ela – não sem resistência de homens, instituições e até mesmo de outras mulheres – lançou a semente para que florescesse uma nova mentalidade, fazendo repensar e corrigindo injustiças. Com uma mente pragmática, Daubié fez questão de revelar que todos perdiam com a situação implacável e inclemente na qual grande parte das mulheres vivia.

Julie-Victoire Daubié nasceu no departamento de Vosges, na região da Lorena, no norte da França, em 26 de março de 1824. Apesar de nascida num meio pequeno burguês, bastante modesto, desde cedo teve contato com a miséria da classe operária feminina. Seu pai, falecido logo após seu nascimento, tinha ocupado uma função importante numa fábrica de folha de flandres em sua região. Porém, devido a um período conturbado, a fábrica passou por grandes dificuldades e, conseqüentemente, a condição operária se degradou. Após o ensino primário, ela continuou a aprender graças a um de seus irmãos, que lhe ensinou latim, grego, história e geografia. Assim, aos 20 anos, ela conseguiu a única certificação permitida às mulheres e que as autorizava a ensinar. Com tal diploma, ela se tornou preceptora em famílias ricas em Docelles e Friburgo, onde aprendeu a língua alemã, bem como na Alemanha. Com forte apetite e curiosidade intelectuais, continuou a se instruir e passou a ter aulas no Museu de História Natural, em Paris.

Em 1859, a Academia Imperial de Ciências e Belas Artes de Lyon lançou um concurso bastante ousado para a época, no qual propõe que os candidatos reflitam sobre quais medidas práticas ou quais seriam os meios

fonctionnelle, afin de leur ouvrir la voie de nouvelles carrières. Daubié s'inscrit présentant la recherche *La Femme pauvre par un une Femme pauvre* grâce à laquelle elle emporte le premier prix. Elle combat, sans répit, et nie la supposée « infériorité naturelle » de la femme. Plus tard, auteur de 1866, cette œuvre sera reformulée et publiée sous le titre *La femme pauvre au XIX^e siècle*, d'où est extrait le chapitre traduit que le lecteur ou la lectrice trouvera ce qui suit:

Dotée d'un esprit brillant et persévérant dans la lutte pour les droits des femmes, elle se voue à dépasser ses limites et réussit à entrer dans l'ancienne Sorbonne et à être la première femme à obtenir un diplôme en lettres, en 1871, même si on ne l'autorisa pas à fréquenter les cours ! Elle contribuera encore auprès de nombreux journaux, militant toujours pour l'émancipation progressive des femmes. Selon l'historienne Christine Bard (2017), dans son *Dictionnaire des Féministes*, Daubié est la « première propagandiste de l'égalité civile ». Sa lutte pour le suffrage féminin est notable et a attiré la sympathie de divers intellectuels et politiques progressistes de son époque, même ne faisant pas partie d'une majorité...

Au début des années 1870, elle commence à écrire sa thèse de doctorat auteur de la condition de la femme dans la société romaine, qui demeura inachevée. Julie-Victoire Daubié meurt le 26 août 1874, de tuberculose, à 50 ans seulement, à Fontenoy-le-Château, dans les Vosges.

Le chapitre ici traduit, de l'œuvre *Femme pauvre au XIX^e siècle*, aborde l'inégalité patente entre hommes et femmes en ce qui concerne l'enseignement. L'auteur détaille comment l'enseignement à domicile était une espèce de table de salvation pour la Femme, surtout pour celles dont la situation économique était totalement défavorable. Tu veux dire que l'enseignement à domicile lui permettait le minimum : manger.

L'auteure révèle comment la Femme était considérée et traitée et combien de telles habitudes étaient nocives pour la Société. Malgré les débats

para elevar o salário das mulheres quando há igualdade de função e lhes permitir novas carreiras. Daubié se inscreve, com uma dissertação intitulada *A mulher pobre por uma mulher pobre*, com a qual consegue o primeiro lugar, combatendo, sem trégua, e negando a suposta “inferioridade natural” da mulher. Mais tarde, por volta de 1866, essa obra foi reformulada e publicada sob o título *A mulher pobre no século XIX*, de onde foi extraído o capítulo traduzido que o leitor ou a leitora encontrará logo a seguir.

Com um espírito brilhante e perseverante na luta pelos direitos das mulheres, Daubié resolveu ir além e conseguiu ingressar na antiga Sorbonne e ser a primeira mulher a se formar em Letras, em 1871, embora não tivesse sido autorizada a frequentar as aulas! Ela ainda contribuiu para vários jornais, sempre militando pela emancipação progressiva das mulheres. Segundo a historiadora Christine Bard (2017), em seu *Dictionnaire des Féministes* [Dicionário das feministas], Daubié é a “primeira propagandista da igualdade civil”. Sua luta pelo sufrágio feminino é notável e atraiu a simpatia de vários intelectuais e políticos progressistas de sua época, embora não a da maioria...

No início dos anos 1870, ela começou a escrever sua tese de doutorado acerca da condição da mulher na sociedade romana, que ficou inacabada. Julie-Victoire Daubié morreu em 26 de agosto de 1874, de tuberculose, com apenas 50 anos, em Fontenoy-le-Château, em Vosges.

O capítulo aqui traduzido, da obra *A mulher pobre no século XIX*, aborda a desigualdade patente entre homens e mulheres no que tange ao ensino. A autora detalha como o ensino domiciliar era uma espécie de tábua de salvação para a mulher, sobretudo para aquelas cuja situação econômica era totalmente desfavorável. Isso quer dizer que o ensino domiciliar lhe permitia o mínimo: comer.

de l'époque qui pointaient pour une inégalité terrible, rien n'était gagné. En cela, dans les entrelignes, elle brosse le portrait de la société française du XIX^e siècle et comment cette dernière, de manière erronée, profitait de la vulnérabilité des femmes.

Elle commence le chapitre posant une réflexion autour de la signification de l'enseignement à domicile pour la femme et expose, sans détour, leur travail exténuant, les conditions précaires dans lesquelles elles vivaient et l'exploitation à laquelle elles étaient soumises pour réussir ce travail. Elle réalise, en même temps, un parallèle sur comment se passe l'enseignement à domicile pour un homme. Dans ce cas, elle révèle que rien n'est plus qu'un complément, et un complément qui lui offre d'excellents salaires, le contraire de ce qui se passe avec les femmes. En règle générale, ils ont une autre activité avec le salaire et le temps libre qui lui sont possibles, leur permettant de donner des cours particuliers, même si elles ne possèdent pas de diplômes ou de certificats en tant que tel. Étant passé par des épreuves et possédant des diplômes, les femmes sont dévalorisées, de façon sommaire elles sont considérées moins compétentes et plus fragiles. En même temps, se demande Daubié, comment peuvent-elle travailler jusqu'à 15 heures par jour, réalisant bien plus que ces leçons en question ? L'auteur pointe du doigt avec précision et objectivité de telles contradictions sociales.

La cruelle concurrence entre les femmes qui cherchaient cette voie pour vivre de manière concomitante à l'instabilité de l'emploi et à la dévalorisation de leurs compétences, étant de sexe féminin, cela entraînait encore une réduction de salaire, empirant la situation et faisant en sorte que de nombreuses personnes acceptent de travailler dans des conditions que ni même les hommes acceptaient, comme l'auteure l'indiquait. Ces dernières qui possédaient des protecteurs ou plusieurs caractéristiques vraiment exceptionnelles parvenaient à une meilleure position, tandis que d'autres sans ces éléments vivaient rarement dans

A autora revela como a mulher era vista e tratada e o quanto tal costume era nocivo para a própria sociedade. Apesar dos debates da própria época que apontavam para tal desigualdade terrível, nada era feito. Com isso, nas entrelinhas, está o retrato da sociedade francesa do século XIX, que, supostamente e equivocadamente, se beneficiava da vulnerabilidade das mulheres.

Ela inicia o capítulo com a reflexão acerca do significado do ensino domiciliar para a mulher e expõe, sem rodeios, o trabalho extenuante, as condições precárias em que vivem e a exploração a qual são submetidas para conseguir trabalho. Realiza, ao mesmo tempo, um paralelo de como é para o homem o ensino domiciliar. Neste caso, revela que nada mais é do que um complemento, e um complemento que lhe oferece ótimos rendimentos, o contrário do que acontece com as mulheres. Geralmente, eles têm alguma outra ocupação com o salário e o tempo livre que esta lhe possibilita, permite que ministrem aulas particulares, ainda que não possuam diplomas ou certificações para tal. Mesmo tendo passado por provas e sendo diplomadas, as mulheres são desvalorizadas sumariamente enquanto menos capazes e frágeis. Ao mesmo tempo, pergunta-se Daubié, como podem querer que trabalhem até 15 horas num dia, realizando muito mais do que as referidas lições? A autora aponta com precisão e objetividade tais contradições sociais.

A concorrência cruel entre mulheres que buscavam essa via para seu sustento, concomitantemente à instabilidade do emprego e desvalorização de sua competência por ser do sexo feminino, acarretava ainda diminuição de salário, piorando a situação e fazendo com que muitas aceitassem trabalhar em condições que nem mesmo os homens aceitariam, conforme a autora indica. Aquelas que possuíam protetores ou alguma característica realmente excepcional conseguiam melhor posição, enquanto outras sem esses itens não raramente viviam em situação

des situations misérables, soumises à la précarité dans le travail... quand elles trouvaient du travail.

Dans ce panorama, l'enseignement dans les lycées et les universités était interdite aux femmes, même celles qui étaient diplômées et tout à fait capables de justifier leurs connaissances. D'un autre côté, les hommes étaient autorisés à enseigner dans des institutions pour les jeunes femmes, sans avoir besoin de faire preuve de prérequis qui, selon Daubié, seraient au minimum juste. Comment est-il permis qu'un homme enseigne dans une institution pour les jeunes filles, célibataire, sans attestation sur sa « moralité » et sans diplôme ? Il y eut des tentatives de propositions au Conseil municipal de Paris pour que l'on commence à exiger de tels prérequis, entre autres, mais rien n'eut lieu, rien de plus décidé. C'est-à-dire qu'on empêchait que la femme travaille dans de telles institutions d'enseignement parce qu'il existait une pensée tacite (ou pas tant que ça) que les femmes doivent se « protéger ». Pourtant, les filles apprennent et sont exposées aux hommes quand elles sont encore très jeunes, comme si elles avaient dû « attester de sainteté » pour enseigner. L'auteure ne l'énonce pas explicitement en ces termes, mais c'est ce que nous pouvons déduire de son exposition et de sa recherche autour de l'inégalité du traitement accordé entre hommes et femmes.

Des débats ont retenti, sans quoi, pourtant, on fit un pas en avant pour la modification d'une situation en vigueur. L'auteure pointe du doigt le cercle vicieux qui fait en sorte que l'on maintienne tout comme avant. Même si les directrices d'institutions d'éducation ne sont pas obligées d'embaucher des professeurs de sexe masculin, c'était eux qui attiraient le plus d'étudiants, vue qu'ils étaient plus dignes de confiance, surtout dans les domaines scientifiques, et aux vues de la position sociale supérieure qu'ils occupaient.

miserável, submetidas à precariedade no trabalho... quando conseguiam ter trabalho.

Nesse panorama, o ensino nos liceus e universidades era interdito à mulher, ainda que diplomada e plenamente capaz de comprovar seus conhecimentos. Por outro lado, aos homens, era-lhes permitido ensinar em instituições para moças jovens, sem necessidade de cumprir requisitos que, segundo Daubié, seriam, no mínimo, justos. Como se permite que um homem ensine numa instituição para jovens moças sendo solteiro, sem atestar sua “moralidade”, sem diploma? Houve tentativas de propostas no conselho municipal de Paris para que passassem a exigir tais requisitos, entre outros, mas nada aconteceu, nada foi decidido. Ou seja, impedia-se que a mulher trabalhasse em tais instituições de ensino porque havia um pensamento tácito (ou nem tanto) de que a mulher deve se “resguardar”. Porém, as moças aprendem e estão expostas aos homens quando ainda muito jovens, como se eles tivessem “atestado de santidade” apenas por ensinarem. A autora não diz isso explicitamente nesses termos, mas é o que podemos deduzir de sua exposição de casos e de sua pesquisa acerca da desigualdade de tratamento dado a homens e mulheres.

Houve debates, sem que, no entanto, tenham dado um passo adiante para modificar a situação vigente. A autora aponta para um círculo vicioso que faz com que se mantenha tudo como estava. Embora as diretoras de instituições educacionais não fossem obrigadas a contratar professores homens, eram eles que atraíam mais alunos, visto que tinham maior confiabilidade, sobretudo nas áreas científicas, e pela própria posição social de superioridade que ocupavam.

Les femmes étaient exclues, surtout des principaux établissements directement liés à l'université. Il leur fallait toujours l'instruction élémentaire et elles étaient souvent traitées au même niveau que les femmes de ménage, ce qui n'arrivait pas aux hommes. L'auteure mentionne également que, dans une tentative de réussir une vie meilleure, elles partirent très souvent à l'étranger, pleines d'illusion, croyant y gagner un meilleur salaire. Loin de leur famille, solitaires, vulnérables, elles devenaient les proies à des personnes mal intentionnées et certaines finissaient dans des maisons « immorales ». Le cas des femmes orphelines était encore pire, sans doute, faisant face à des situations encore plus désespérantes et misérables, livrées à leur propre sort, même si elles faisaient partie d'une Société aux principes chrétiens, comme le rappelle l'auteure.

Daubié finit son chapitre insistant sur le fait que l'état social et la propre législation permettent de vraies aberrations et la vie misérable de ces femmes qui n'ont pour autre choix que celui de travailler dans les pires conditions possibles, même malades, même victime des pires harcèlements, sans réussir à vivre suffisamment bien. Daubié, malgré tout, fait quelques concessions en mentionnant qu'il existe un certain nombre d'institutions et de maisons qui ne profitent pas de situation défavorable pour réduire le salaire d'une femme. Pourtant, de façon générale, se souvenant qu'il existe un état de choses inaltérable et impositif, les femmes qui avaient besoin de travailler n'avaient peu de chances de trouver un gagne-pain digne et une vie un tant soit peu confortable. Ce qui, hélas, demeure d'actualité.

Traduction en français :
Cláudia Grijó Vilarouca et Émilie Audigier

As mulheres eram excluídas, principalmente, dos estabelecimentos ligados diretamente à universidade. Cabiá-lhes quase sempre a instrução elementar, e elas frequentemente eram tratadas no mesmo nível dos funcionários domésticos, sendo que o mesmo não ocorria com os homens. A autora menciona ainda que, na tentativa de conseguir uma vida melhor, muitas partiam para o estrangeiro, cheias de ilusão, acreditando ter um ganho maior. Longe da família, sozinhas e vulneráveis, acabavam se tornando presas de pessoas mal-intencionadas e não poucas acabavam terminando em casas “amorais”. O caso das moças órfãs era ainda muito pior, sem dúvida, em situação ainda mais desesperadora e miserável, jogadas à própria sorte, embora estivessem numa sociedade de princípios cristãos, conforme lembra a autora.

Daubié finaliza o capítulo insistindo no fato de que o estado social e a própria legislação permitem verdadeiras aberrações e a vida miserável dessas mulheres, que não têm outro recurso a não ser trabalhar em condições as piores possíveis, mesmo estando doentes, mesmo sofrendo assédios, mesmo sem conseguir seu sustento suficiente. A autora, entretanto, faz algumas concessões ao mencionar que há certo número de instituições e casas que não se aproveitam da situação desfavorável para reduzir o salário de uma mulher. Porém, de modo geral, lembrando que há um estado de coisas inalterável e impositivo, a mulher que necessitava trabalhar poucas chances encontrava para ter seu sustento digno e uma vida minimamente confortável. O que, infelizmente, ainda é atual.

Professorat à domicile

Qu'est, dans l'enseignement, considéré comme moyen de subsistance, l'éducation particulière pour l'homme ? *Rien.*

Qu'est-elle pour la femme ? *Tout.*

Cependant, le professorat à domicile est la spécialité d'instruction la plus fatigante pour la jeune fille, la moins en rapport avec sa constitution physique et avec nos mœurs ; celle qui laisse, en dépit des intempéries des saisons, des femmes délicates et malades battre, du matin au soir, le pavé de nos villes ; elles marchent, parlent et s'épuisent quelquefois douze et quinze heures chaque jour, sans trêve ni relâche, sans même réparer leurs forces par une nourriture suffisante.

Le professorat à domicile est devenu une tâche si rude pour ces jeunes filles, frêles et délicates, que très peu d'hommes voudraient l'accepter dans les mêmes conditions qu'elles ; car, pour les hommes, les leçons particulières ne sont souvent qu'un complément de salaire, laissé par les loisirs d'une charge à traitement fixe qui assure leur subsistance.

Des jeunes gens studieux et pauvres prennent aussi quelquefois des élèves en terminant les études qui les conduiront à un but déterminé, à un avenir certain ; et, par là même que l'éducation particulière n'est qu'un accessoire pour l'homme, il ne sera jamais obligé, comme la femme, à se donner au rabais, quand il n'aurait pas la supériorité relative de son instruction, ou la supériorité préjugée de son sexe.

On le préférera aussi en raison de son indépendance ; la charge honorable qu'il occupe dans tel et tel collège sera une présomption favorable pour lui et une attestation de talent qui motivera la confiance des intéressés.

Ensino domiciliar

O que é, no ensino, considerado como meio de subsistência, a aula particular para o homem? *Nada.*

O que é para uma mulher? *Tudo.*

Porém, o ensino domiciliar é a especialidade de instrução mais cansativa para a moça e a que tem menos relação com sua constituição física e nossos costumes; a que deixa, apesar dos rigores das estações, mulheres delicadas e doentes andarem para lá e para cá, da manhã à noite, em busca de trabalho nas ruas de nossas cidades; elas andam, falam e se esgotam, algumas vezes doze ou quinze horas por dia, sem trégua nem pausa, sem mesmo poder repor suas forças com alimento suficiente.

O ensino domiciliar se tornou uma tarefa tão rude para essas moças frágeis e delicadas, que muitos poucos homens gostariam de aceitá-las nas mesmas condições que elas a aceitam, porque, para eles, as lições particulares são apenas um complemento de salário, permitido graças ao tempo livre de uma função com remuneração fixa que assegura sua subsistência.

Jovens estudiosos e pobres às vezes também aceitam alunos enquanto terminam os estudos que os levarão a um objetivo determinado, a um futuro certo; e, pelo fato de que a educação particular é apenas secundária para o homem, ele nunca se obrigará, como a mulher, a ser mal pago, se não fosse pela superioridade relativa de sua instrução, ou a superioridade preestabelecida de seu sexo.

Prefere-se o homem também em razão de sua independência; a função honorável que ocupa em um e outro colégio será uma presunção favorável para ele e um atestado de talento que motivará a confiança dos interessados.

Par une raison contraire, l'éducation particulière étant, en théorie, tout pour la femme, se réduit à rien dans la pratique ; c'est de la position générale et précaire de l'institutrice dans l'enseignement qu'est résulté, là comme ailleurs, une très grande dépression de salaire, suite d'une concurrence effrayante et d'une supériorité réelle ou supposée de capacité chez l'homme, subissant des examens jugés, jusqu'à présent, inaccessibles à l'intelligence féminine.

C'est aussi parce que la femme n'a aucune position fixe dans l'enseignement public que l'instruction privée est toujours restée pour elle l'éventualité du gain devant la certitude de la dépense, puisque, dans cette profession aléatoire, son existence repose sur une santé assez vigoureuse pour soutenir cette vie de fatigues lorsqu'elle a de l'occupation, ou sur des ressources étrangères à son travail quand elle ne trouve pas l'emploi de son temps.

Son avenir dépend en outre du milieu où elle vit, bien plus que de sa valeur personnelle, qu'elle ne peut faire connaître directement. En présence de la concurrence de toutes les jeunes filles qui cherchent un salaire dans cette voie, il ne faut pas s'étonner que des femmes de mérite soient si souvent dans la gêne, pour cette branche d'enseignement où, les rangs étant trop serrés, les places restent au premier occupant, qui a des relations capables de le faire valoir. J'ai cherché, par de nombreuses données particulières, à préciser la position relative de l'homme et de la femme dans un emploi qui, par son instabilité, ne permet pas de recherches générales, et j'ai pu établir que la rétribution moyenne de la femme est, à Paris, quatre fois moindre que celle de l'homme ; il y a absorbé toute l'éducation particulière de son sexe et la majeure partie de celle du nôtre, soit par des leçons à domicile, soit par des cours publics ; c'est ainsi la seule question de bon marché qui laisse quelque occupation aux institutrices pour les études élémentaires ; la position d'un grand nombre d'entre elles est devenue déplorable depuis quelques années

Por motivo contrário, sendo, em teoria, a educação particular tudo para a mulher, se reduz a nada, na prática; é a posição geral e precária da professora no ensino que ocasionou, tanto aqui como no exterior, uma grande deterioração de salário, resultado de uma concorrência assustadora e de uma superioridade real ou suposta de capacidade do homem, que realiza exames considerados, até então inacessíveis para a inteligência feminina.

É também pelo fato de a mulher não ter nenhuma posição fixa no ensino público que a instrução privada sempre acabou sendo para ela uma eventualidade de ganho frente à certeza da despesa, visto que, nessa profissão aleatória, sua existência tem, por base, uma saúde bastante vigorosa para sustentar essa vida de fadigas quando ela tem alguma ocupação ou, em fontes externas a seu trabalho, quando ela não sabe o que fazer com o tempo de que dispõe.

Seu futuro depende, além disso, do meio onde ela vive, bem mais que de seu valor pessoal, que ela não pode dar a conhecer diretamente. Na presença da concorrência de todas as jovens moças que procuram um salário nessa via, não é de se espantar que mulheres de mérito se encontrem muitas vezes na miséria, por causa desse ramo de ensino, cujos lugares, sendo muito disputados, permanecem com o primeiro da fila, que tem relações capazes de fazê-lo valer. Procurei, por muitos dados específicos, detalhar a posição relativa entre o homem e a mulher num emprego que, por sua instabilidade, não permite pesquisas gerais, e pude estabelecer que a remuneração média da mulher é, em Paris, quatro vezes menor que a do homem; ele absorveu toda a educação própria de seu sexo e a maior parte da nossa, seja por educação domiciliar, seja por aulas públicas; assim, é por uma questão de baixo custo que se deixa alguma ocupação às professoras para o do ensino básico: a posição de um grande número delas se tornou deplorável, sobretudo há alguns anos; o aumento excessivo dos aluguéis na região central de Paris as fez

surtout ; la hausse excessive des loyers du Paris central les a distancées souvent à plus d'une heure de marche de leurs travaux ; elles se refusent un omnibus qu'elles regardent comme un objet de luxe, mangent à la hâte un pain, en guise de déjeuner, et, après douze heures de fatigues et de privations, comptent quelquefois un gain de 4 à 5 francs.

J'ai déterminé ma moyenne de rétribution d'après les leçons qui se rattachent directement au programme universitaire ; je ne parle ici ni des arts, ni des leçons de langues vivantes. Ces langues sont, dans nos grandes villes, offertes au rabais par une foule d'étrangers qui enseignent leur idiome maternel en s'instruisant dans le nôtre.

Pour les leçons d'art, du reste, les rangs sont aussi serrés que dans toutes les autres carrières accessibles aux femmes ; il suffit, pour l'attester, de dire que la seule ville de Paris compte plus de 3.000 femmes professeurs de piano qui se font une concurrence parfois insoutenable.

L'une d'elles fut présentée dans une famille très riche qui lui demanda ses conditions de paiement. La jeune fille répondit : « Je prends d'ordinaire 2 francs par cachet. – Oh ! nous sommes fort loin de compte, je donne 50 cent., répartit madame N. ... ».

J'ai connu plusieurs institutrices cherchant en vain des leçons à tout prix ; elles eussent été heureuses, me disaient-elles, de donner pour 15 fr. les 25 leçons de français, géographie, histoire, etc., payées en moyenne 100 fr. aux professeurs masculins.

Il n'est pas rare non plus de rencontrer des familles opulentes qui, payant de 10 à 15 fr. une leçon de professeurs connus, retiennent quelques heures une institutrice externe, près de jeunes enfants, sans estimer son temps à plus haut prix que celui d'une femme de chambre ; ces familles, très scrupuleuses sur la probité, dérogent-elles à la loi de la justice en agissant ainsi ?

se distanciar, frequentemente, a um local que leva mais de uma hora de caminhada até o trabalho; elas se recusam a ir de ônibus porque o veem como objeto de luxo, comem um pão rapidamente como almoço e, depois de doze horas de cansaço e privação, contabilizam algumas vezes um ganho de quatro a cinco francos.

Determinei minha média de remuneração conforme as lições que se ligam diretamente ao programa universitário: eu não falo aqui nem de artes nem de aulas de línguas estrangeiras. As aulas de língua são, em nossas grandes cidades, oferecidas por um preço medíocre a uma multidão de estrangeiros que ensinam seu idioma materno aprendendo com o nosso.

Para as aulas de arte, ao final, os lugares são tão disputados quanto em todas as outras carreiras acessíveis às mulheres; para atestá-lo, basta dizer que somente na cidade de Paris contamos com mais de 3 mil mulheres professoras de piano que disputam entre si uma concorrência muitas vezes insuportável.

Uma delas se apresentou em uma família muito rica e que lhe pediu suas condições de pagamento. A jovem moça respondeu: “Eu costumo cobrar dois francos”. “Ah! Está muito longe do que deve ser, eu dou 50 centavos”, retrucou a Senhora N...!

Eu conheci várias professoras de escola buscando, em vão, dar aulas a qualquer preço; elas ficavam felizes, diziam-me, de ministrar, por 15 francos, 25 aulas de francês, geografia, história, etc., pelas quais os professores homens recebiam, em média, 100 francos.

Tampouco não é raro encontrar famílias opulentas que, pagando de 10 a 15 francos por uma aula de professores conhecidos, retêm por algumas horas uma professora externa, junto de jovens crianças, sem contabilizar seu tempo com um valor mais alto que o de uma empregada doméstica; essas famílias, muito escrupulosas na probidade, derrogam à lei da

Non, car si elles cotent femme d'après son cours social, elles la rétribueront toujours beaucoup plus qu'elle ne vaut. A Lyon, le salaire des institutrices est tombé, si possible, plus bas encore qu'à Paris ; dans cette première ville, elles donnent quelquefois pour 25 cent, une leçon d'une heure au dehors.

Une personne, dont la bienfaisance est ingénieuse, a pour protégée une veuve âgée et sourde, courant le cachet d'un bout à l'autre de Paris pour 1 fr. l'heure. Cette femme, dans sa plus grande prospérité, avait son temps rempli en donnant vingt leçons par semaine. Ces 20 fr. de recette hebdomadaire devaient suffire à son entretien, à celui de deux enfants et à sa caisse d'épargne, pour les moments de chômage et de maladie.

La personne bienfaisante qui s'intéressait à la veuve me disait : « Je ne sais comment secourir cette institutrice qui a la noble fierté de s'obstiner à vivre de son travail dans une société où les femmes en meurent, et je n'ai pu lui procurer encore d'occupations plus lucratives ».

Si l'on me cite quelques femmes professeurs qui, avec des talents exceptionnels ou avec des protections extraordinaires, ont pu se créer une position dans l'enseignement privé, leur sort ne fait que me rendre plus regrettable la position des autres, en me montrant qu'une femme vit quelquefois, par exception, dans cette carrière, au détriment de mille autres moins connues, moins protégées ou moins capables.

Je félicite, du reste, très sincèrement, ces privilégiées de la fortune, et la question de subsistance dans notre instruction particulière n'en demeure pas moins, pour moi, une énigme indéchiffrable.

Quelques personnes antipathiques aux innovations regardent comme *plaisants* et *originaux* les vœux exprimés en faveur de l'admission des femmes au professorat des collèges. Pourquoi alors ces mêmes personnes ne trouvent-elles pas *plaisante* et *originale* l'admission des hommes dans les écoles de femmes ?

justiça agindo assim? Não, porque, se elas cotam a mulher a partir de seu círculo social, remunerarão sempre muito mais do que elas valem. Em Lyon, o salário das professoras caiu, como se isso fosse possível, mais ainda do que em Paris; nessa primeira cidade, às vezes elas ministram aula por 25 centavos, por fora.

Uma pessoa, cuja benevolência é prática, tem, por protegida, uma viúva idosa e surda, que persegue seu ganho de um lugar a outro de Paris por um franco a hora. Essa mulher, em sua maior prosperidade, tinha seu tempo cheio, dando vinte aulas por semana. Esses 20 francos de receita semanal deveriam ser suficientes para a subsistência dela e de seus dois filhos, bem como para a poupança, para os momentos de desemprego e de doença.

A pessoa benevolente que se interessava pela viúva me dizia: “Eu não sei como socorrer essa professora que tem um nobre orgulho em insistir em viver de seu trabalho numa sociedade onde as mulheres morrem, e não pude lhe fornecer outras ocupações mais lucrativas”.

Se me citam algumas mulheres professoras que, com talentos excepcionais ou proteções extraordinárias, conseguiram se colocar no ensino privado, seu destino faz com que, para mim, seja mais lamentável ainda a posição das outras, mostrando-me que uma mulher vive, às vezes, por exceção, nessa carreira, em detrimento de mil outras menos conhecidas, menos protegidas ou menos capazes.

Aliás, eu felicito, muito sinceramente, essas privilegiadas da sorte, e a questão da subsistência em nossa instrução particular não deixa de ser, para mim, um enigma indecifrável.

Algumas pessoas antipáticas às inovações consideram *divertidos* e *estranhos* os desejos expressos a favor da admissão das mulheres para serem professoras do ensino básico. Por que, então, as mesmas pessoas não acham *divertida* e *estranha* a admissão dos homens em escola de mulheres?

La femme devrait, il me semble, enseigner dans le collège tant que l'homme professera dans le pensionnat ; elle doit avoir plus particulièrement son franc arbitre, tant qu'elle ne sera pas inscrite au budget universitaire. Les collèges, les lycées cependant sont fermés aux femmes, quoique les professeurs hommes soient beaucoup plus nombreux que les femmes dans les pensions parisiennes. Le rapport publié en 1846 par les inspectrices de la ville de Paris atteste que 1.000 hommes et 300 femmes seulement étaient alors reçus dans les pensionnats parisiens comme professeurs externes. Je ne mentionne que des pensionnats séculiers, car les inspectrices n'ont aucune juridiction sur le pensionnat conventuel, non recensé ici, et où les hommes professent presque exclusivement. Le rapport précité constate aussi que ces professeurs masculins n'ont presque jamais de diplôme, brevet ou titre universitaire pour l'enseignement classique, tandis que les femmes ont subi leurs examens.

Il y eut autrefois à cet égard de vifs débats dans le conseil municipal de Paris. M. de Rambuteau proposa d'interdire aux hommes l'entrée de nos pensionnats, ou tout au moins de ne les y tolérer qu'après avoir exigé d'eux des conditions d'âge, un état civil, des certificats d'aptitude, de moralité, une position sociale et l'exclusion des célibataires. Le conseil supérieur de l'instruction publique, reprenant en 1851 cette discussion, trouva injuste que la jeune sous-maîtresse fût tenue à donner des preuves de capacité à l'Hôtel-de-Ville, pendant que le professeur en était dispensé, mais aucune décision ne fut prise ; toutes les réformes semblent ici indéfiniment ajournées, et les hommes se réservant sans condition aucune le droit de professer dans nos institutions, ne veulent à aucun titre nous admettre dans les leurs.

On voit que si cette question est, comme toutes les autres, restée dans son *statu quo*, ce ne sont pas les débats qui lui ont manqué ; par quelle aberration étrange cependant certaines personnes semblent-elles croire

A mulher deveria, parece-me, ensinar em colégio enquanto o homem for docente no pensionato; ela deve ter, mais particularmente, seu livre-arbítrio, enquanto não estiver inscrita no quadro universitário. Os colégios e liceus estão, no entanto, fechados para as mulheres, embora os professores homens sejam muito mais numerosos do que as mulheres em pensões parisienses. O relatório publicado em 1846 pelas inspetoras da cidade de Paris atesta que, na época, somente 1 mil homens e 300 mulheres eram aceitos em internatos parisienses como professores externos. Eu menciono apenas os internatos seculares, pois as inspetoras não possuem nenhuma jurisdição nos internatos conventuais, não recenseados aqui, e onde os homens ensinam quase exclusivamente. O relatório supracitado constata também que esses professores homens quase nunca têm diploma, licença ou título universitário para o ensino clássico, enquanto as mulheres tiveram que passar por provas.

Uma vez houve, a esse respeito, grandes debates no conselho municipal de Paris. O Sr. Rambuteau propôs a proibição da entrada dos homens em nossos internatos ou, pelo menos, de permiti-la somente depois de lhes ter exigido os pré-requisitos de idade, de estado civil, certificados de aptidão, de moralidade, uma posição social e a exclusão dos solteiros. O conselho superior da instrução pública, retomando essa discussão, em 1851, achou injusto que a jovem preceptora tivesse que dar provas de capacitação na prefeitura, enquanto o professor era dispensado, porém, nenhuma decisão foi tomada; todas as reformas parecem aqui indefinidamente adiadas, e os homens se reservam incondicionalmente o direito de serem docentes em nossas instituições e não querem, de maneira alguma, nos admitir nas deles.

Nota-se que, se essa questão ficou, como todas as outras, em seu *status quo*, não foi por falta de debates; no entanto, por qual estranha aberração algumas pessoas parecem acreditar que tudo está resolvido com

que tout est résolu pour l'enseignement des femmes, lorsque, sur tous les points en litige, on n'a fait que des marches rétrogrades ?

Cet aperçu montre ce qui nous reste pour l'éducation de notre sexe même, car les hommes sont admis ainsi dans tous nos pensionnats provinciaux, et la même exclusion frappe partout les femmes dans les collèges.

Rien ne force, dit-on, les directrices de pensionnats à choisir des hommes pour professer chez elles ; on oublie sans doute en parlant ainsi la puissante loi des choses.

Ces directrices prennent des hommes pour professeurs, afin de tâcher de se traîner à la remorque du cloître qui, n'ayant d'ordinaire aucun sujet breveté, et ne craignant pas la dépense, appelle les professeurs les plus distingués pour donner du relief à son enseignement.

Certains couvents, tels que celui des Dames de Sainte-Clotilde, dans le département de la Seine, offrent, disent-ils dans leurs réclames, des garanties intellectuelles pour le niveau de leurs études, parce qu'ils confient la partie scientifique à des hommes.

Si le professeur donne du reflet au cloître, le cloître, à son tour, lui renvoie une auréole de sainteté fort utile à l'extension de sa clientèle ; pour certaines mères, il conjurera, comme s'il sortait d'un bénitier, toutes les tentations présentes et futures de leurs filles, et nous verrons tel maître d'écriture énumérer tous les couvents où il enseigne, et sur les cahiers qu'il vend au public, s'intituler professeur de calligraphie dans quatorze principales maisons religieuses de Paris, aussi fièrement qu'on se déclarait autrefois roi par la grâce de Dieu.

Malgré cette invasion universelle de l'homme dans le pensionnat congréganiste, le couvent seul, peut-on dire, sait utiliser l'intelligence féminine ; s'il rencontre parfois un sujet hors ligne, une capacité artistique parmi ces sous-maîtresses séculières qui complètent leur salaire

relação ao ensino das mulheres, quando, em todos os pontos em litígio, fizemos apenas retrocessos?

Essa visão geral mostra o que nos sobra para a educação de nosso próprio sexo, visto que os homens são admitidos da mesma maneira em todos os nossos pensionatos provincianos e a mesma exclusão atinge, em todo lugar, as mulheres nos colégios.

Nada obriga, diz-se, as diretoras de pensionatos a escolherem homens para serem docentes em suas instituições; falando assim, esquece-se, sem dúvida, da poderosa lei das coisas.

Essas diretoras escolhem homens para serem professores a fim de tentar se manter nas dependências do claustro que, não tendo habitualmente ninguém diplomado, e não temendo a despesa, chama os professores mais distintos para dar destaque a seu ensino.

Certos conventos, tais como o das Damas de Santa Clotilde, no departamento do Sena, oferecem, nos seus anúncios, garantias intelectuais do nível de seus estudos porque a parte científica é confiada a homens.

Se o professor dá destaque ao claustro, este, por sua vez, lhe concede uma áurea de santidade útil para o aumento de sua clientela; para algumas mães, ele esconjurará, como se saísse de uma pia de água benta, todas as tentações presentes e futuras de suas filhas; veremos certo mestre de escrita enumerar todos os conventos onde ensina e, nos cadernos que ele vende para o público, se intitular professor de caligrafia nas 14 principais casas religiosas de Paris, tão orgulhosamente quanto outrora alguém se declarava rei pela graça de Deus.

Apesar dessa invasão universal do homem na escola congreganista, pode-se dizer que somente o convento sabe utilizar a inteligência feminina. Se ele, às vezes, se depara com alguém extraordinário, uma capacidade artística entre essas instrutoras seculares que completam

par des travaux d'aiguille ou cherchent de l'emploi dans un magasin, il lui fait voir que l'industrie et le monde sont indignes d'elle ; il s'empare ainsi d'un talent qu'il cultive et développe, quand il a engagé la novice par des vœux ; la religieuse donne alors aux pensionnaires des leçons très lucratives pour le couvent.

Les directrices d'institutions séculières sont donc forcées de faire professer par des hommes, pour donner au moins par la supériorité du paletot sur la robe, un titre apparent à la confiance des familles ; on comprend que des établissements s'intitulant encore secondaires, ne peuvent mériter autrement cette confiance depuis que la loi a aboli tout enseignement supérieur pour notre sexe.

Cette liberté qu'on invoque pour l'homme, c'est moi qui la revendique ici pour la femme, car je prendrai toujours pour mesure de nos droits celle que j'accorderai à ceux d'autrui. Pourquoi le professeur homme, ne subissant aucune entrave, donne-t-il, non seulement les leçons publiques, mais encore les leçons particulières de nos pensionnats ? Pourquoi nous refuse-t-on le droit de donner des leçons publiques ou privées dans les institutions universitaires ?²⁹ Il paraît assez naturel que le mari d'une directrice de pension soit admis à professer dans son établissement, mais alors pourquoi le même droit serait-il refusé à la femme du professeur universitaire ou non ?

Si l'on prétend que des hommes instruits sont indispensables pour enseigner certaines sciences exactes ou abstraites dans nos pensions, pourquoi, dirai-je, initier notre sexe à des études ardues, puisque la législation le juge trop borné pour les comprendre ?

Ou la femme profitera de ces savantes leçons de chimie, d'astronomie, de géométrie, de physique, etc., ou elle n'en profitera pas : si elle en profite, pourquoi ne pourrait-elle point devenir professeur elle-même après avoir prouvé sa capacité en se faisant agréger à l'Université ? Sinon, que

seu salário por meio de trabalhos com agulha ou que procuram o emprego numa loja, ele lhe faz ver que a indústria e o mundo são indignos dela; assim, toma conta de um talento que ele mesmo cultiva e desenvolve, a partir do momento em que compromete a noviça pelos votos; a religiosa, então, oferece às internas lições muito lucrativas para o convento.

As diretoras de instituições seculares são então forçadas a conceder o ensino a homens para atestar, ao menos pela superioridade do paletó sobre o vestido, a qualidade aparente para dar garantia às famílias; compreende-se que estabelecimentos que se intitulam secundários não podem requerer essa confiança de outra maneira desde que a lei aboliu todo o ensino superior para nosso sexo.

Essa liberdade que se invoca para o homem, sou eu quem a reivindica aqui para a mulher, pois tomarei sempre como medida de nossos direitos a que concederei para os outros. Por que o professor homem, não tendo nenhum obstáculo, oferece não apenas as aulas públicas, mas também as aulas particulares de nossos internatos? Por que nos recusam o direito de dar as aulas públicas ou privadas em instituições universitárias?³¹ Parece bastante natural que o marido de uma diretora de pensão seja admitido como docente no seu estabelecimento, mas então por que o mesmo direito seria recusado para a mulher do professor universitário ou não?

Se afirmarmos que os homens instruídos são indispensáveis para ensinar algumas ciências exatas ou abstratas em nossas instituições, por que iniciar nosso sexo nos estudos árduos, já que a legislação nos julga limitadas demais para os entenderem?

Ou a mulher aproveitará essas lições eruditas de química, astronomia, geometria, física, etc., ou ela não as aproveitará; e, se aproveita, por que ela própria não poderia se tornar professora depois de ter provado sua capacidade em ser contratada pela universidade? Do contrário, o que o

va faire le maître chez elle ? Il perd son temps et sa peine, et elle gaspille son argent.

La liberté accordée récemment par M. le ministre de L'Instruction publique aux professeurs universitaires, leur a fait ouvrir déjà des cours spéciaux pour les jeunes filles ; on comprend que l'institutrice ne doit pas rester seule en dehors de mesures libérales qui deviennent ainsi oppressives à son égard.

Outre les entraves législatives que je viens de signaler, la position impossible des femmes dans la société a dû faire tomber fort bas sous tous les rapports, la réputation scientifique de la femme professeur.

L'éducation particulière n'est-elle pas devenue, par la force des choses, le refuge de toute femme tombée dans la gêne ou la misère, et cherchant à végéter par une occupation avouable ? État de choses regrettable, que j'ai signalé déjà à propos de la sous-maîtresse.

Telle femme vivait dans l'aisance, partageant son temps entre sa famille, ses plaisirs et les travaux de son sexe (c'est-à-dire les occupations improductives) ; elle n'avait eu que la déplorable et triste éducation donnée encore à un si grand nombre de jeunes filles ; elle perd sa fortune ; la voilà d'emblée institutrice, et institutrice particulière, parce que nos mœurs exigent souvent un diplôme de la sous-maîtresse.

Cette autre femme dirigeait avec le pharmacien, son mari, l'établissement où, depuis de longues années, elle se faisait remarquer par son habileté et ses connaissances pratiques ; n'importe, la loi lui a dénié et lui dénie le droit d'aller justifier de son aptitude dans cette branche d'études qui lui est familière et où elle a passé la plus grande partie de sa vie : qu'elle étudie sa grammaire, nous dit-on, pour avoir une petite chaîne de gagner un petit lot à la loterie où nous avons mis le droit de vivre dans l'enseignement des femmes. Nous aimons

professor vai fazer na casa dela? Ele perde seu tempo e sua labuta, e ela joga seu dinheiro fora.

A liberdade concedida recentemente, pelo ministro da Instrução Pública, aos professores universitários, fez com que já se abrissem cursos especiais para as moças; compreende-se que a instrutora não deve ficar sozinha de fora das medidas liberais que se tornam, dessa maneira, opressivas no que lhe diz respeito.

Além dos obstáculos legislativos que acabei de assinalar, a posição impossível das mulheres na sociedade fez com que a reputação científica da mulher professora caísse enormemente, sob todos os aspectos.

A educação particular não acabou se tornando, pela força das circunstâncias, o refúgio de toda mulher em dificuldade ou na miséria, que procura sobreviver por uma ocupação honesta? Esse é um estado de coisas lamentável que eu já assinalei com relação à instrutora.

Certa mulher vivia muito confortavelmente, compartilhando seu tempo entre a família, seus prazeres e os trabalhos de seu sexo (isto é, as ocupações improdutivas); ela tivera apenas a deplorável e triste educação ainda dada para um grande número de jovens moças; ela perde sua fortuna: ei-la logo professora e professora particular, porque nossos costumes sociais exigem muitas vezes um diploma da preceptora/instrutora.

Outra mulher administrava com o farmacêutico, seu marido, o estabelecimento onde, durante longos anos, foi notada por sua habilidade e seus conhecimentos práticos; não importa, a lei lhe negou e lhe nega o direito de ir provar sua aptidão nesse ramo de estudos que lhe é familiar, e no qual ela passou a maior parte de sua vida: que ela estude gramática, dizem-nos, para ter uma pequena chance de ganhar uma porçãozinha na loteria onde colocamos o direito de viver no ensino das mulheres.

mille fois mieux voir une mauvaise institutrice sans élèves et sans pain, que de nous rendre complices de la liberté monstrueuse qui nous donnerait une femme pharmacien.

Et celle-ci ? Elle était femme du monde, et rien autre chose, si je ne me trompe ; elle savait admirablement babiller et faisait à ravir les honneurs de son salon.

Qu'elle enseigne ! vous dis-je.

Mais celle-là, elle est mère de famille ; je la trouve encore abîmée dans la douleur, et attérée de la chute sociale qu'elle vient de faire en perdant le père de ses enfants ; avec le culte chevaleresque que vous affichez si haut pour la famille et le foyer domestique, vous ne pouvez l'arracher constamment soin de ses affaires.

Qu'elle enseigne ! vous ai-je dit.

Mais... elle ne trouve pas d'occupations ; toutes les connaissances s'emploient à surfaire ses qualités ; on la met en scène comme un animal à vendre, car le physique compte au moins pour moitié partout dans le succès d'une femme qui ne peut avoir de position fixe ; elle n'a trouvé hier qu'une occupation incertaine déjà aujourd'hui ; cessant peut-être demain, insuffisante toujours. Pour elle, l'avenir est plus sombre encore que le présent.

Qu'elle enseigne, qu'elle enseigne : n'avez-vous pas assez débité de sophismes sur son compte ? elle est institutrice née, pourquoi ne s'en doutait-elle point ? Si elle ne trouve pas d'emploi, qui l'empêche d'aller civiliser les rochers et les étourneaux ?

L'application de ce raisonnement admirable se fait tous les jours, et, quand même la femme pourrait subsister honorablement dans l'instruction privée, un tel état de choses serait encore mortel pour l'enseignement séculier, ne devant point se recruter parmi tous les sujets

Nós gostamos mil vezes mais de ver uma professora ruim sem alunos e sem pão do que nos tornar cúmplices da liberdade monstruosa que nos daria uma mulher farmacêutica.

E aquela outra ali? Aquela era mulher do mundo, e nada mais, se não me engano. Ela sabia conversar e fazia admiravelmente as honras de seu salão.

Que ela ensine!, eu lhe digo.

Mas aquela outra é mãe de família; eu a encontro ainda destruída na dor e arrasada pela queda social que acaba de sofrer perdendo o pai de seus filhos; com o culto nobre que vocês exibem tão orgulhosamente pela família e pelo lar doméstico, vocês não podem arrancá-la constantemente do cuidado de suas coisas.

Que ela ensine!, eu lhe disse.

Mas... ela não encontra ocupações: todos os seus conhecimentos se utilizam para exagerar suas qualidades; colocam-na em cena como um animal para vender, visto que o físico conta ao menos metade em todo lugar no sucesso de uma mulher que não pode ter posição fixa; ontem ela achou somente uma ocupação que hoje já é incerta; que talvez acabe amanhã, sempre vulnerável. Para ela, o futuro é ainda mais sombrio que o presente.

Que ensine, que ensine: você já não proferiu sofismas o bastante para a conta? Ela é professora nata, por que não suspeitava? Se não encontra emprego, quem a impede de ir civilizar as rochas e os estorninhos?

A aplicação desse raciocínio admirável se faz todos os dias, e até quando a mulher pudesse subsistir honradamente na instrução privada, tal estado das coisas seria, no entanto, mortal para o ensino secular, que não deve contratar, entre todos, os sujeitos que a miséria lhe

que lui livre la misère, fruit de l'individualisme étroit d'une société qui n'a pas encore fait la part des faibles.

L'enseignement encombré par toutes ces femmes qui y cherchent des conditions si aléatoires d'existence, ne reprendra sa dignité première que lorsqu'il assurera une position aux sujets d'une vocation éprouvée ; qu'il les mettra à même de lutter contre les maisons conventuelles qui les écrasent sous le poids de leurs privilèges législatifs, de leur influence sociale et de leurs richesses exorbitantes. Pour arriver à ce but, il faut tout d'abord laisser accession à la femme dans l'instruction secondaire, car ce sont les familles aisées, les hautes classes, qui donnent, en général, l'éducation particulière à leurs filles, et aucune d'elles ne se borne au programme de l'instruction primaire. Elles attachent souvent une égale importance à l'éducation de leurs enfants, sans acception de sexe.

La femme aura, comme l'homme et d'après son talent personnel, ses droits dans l'enseignement privé, lorsqu'elle fournira les mêmes conditions de capacité que lui, après des examens identiques. Dans certaines circonstances, elle se trouvera même sans concurrent pour l'éducation particulière des jeunes garçons.

L'admission des hommes pour professeurs dans nos pensionnats nous sera funeste encore sous beaucoup d'autres rapports, tant que nous n'aurons pas conquis le droit de concurrence par les diplômes universitaires.

Les élèves, dont l'œil est si clairvoyant, ont moins de considération pour la femme qui n'est point admise à leur donner les leçons supérieures, et achèvent de perdre toute déférence pour une personne si déconsidérée déjà par le rôle subalterne qu'elle joue près d'elles.

Quelles que soient la valeur personnelle, les connaissances particulières et la capacité respective des individus, le professeur homme sera toujours, en théorie, dans l'état actuel des choses, préjugé supérieur à la femme. Dès que l'institutrice brevetée se voit contrainte de se retirer,

entrega, fruto do individualismo estrito de uma sociedade que ainda não leva em consideração as pessoas vulneráveis.

O ensino, congestionado por todas essas mulheres que procuram nele condições tão aleatórias de existência, retomará sua dignidade primeira somente quando assegurar uma posição aos sujeitos com uma vocação comprovada; somente quando as colocar em condições de lutar contra as casas religiosas que as esmagam sob o peso de seus privilégios legislativos, de sua influência social e de suas riquezas exorbitantes. Para chegar a esse objetivo, é preciso, primeiramente, permitir a adesão da mulher na instrução secundária, pois são as famílias abastadas, as classes altas, que oferecem, em geral, a educação particular para suas filhas, e nenhuma delas se limita ao programa de instrução primária. Muitas vezes, elas dão uma importância igual à educação de seus filhos, sem preferência de sexo.

A mulher terá, como o homem e conforme seu talento pessoal, seus direitos no ensino privado quando mostrar as mesmas condições de capacidade que ele, após exames idênticos. Em algumas circunstâncias, ela se achará até mesmo sem concorrência para a educação particular dos jovens moços.

A admissão dos homens como professores nos pensionatos nos será, além disso, péssima, sob muitos outros aspectos, enquanto não tivermos conquistado o direito de concorrência pelos diplomas universitários.

Os alunos, cujo olhar é tão perspicaz, têm menos consideração pela mulher que não foi admitida para lhe dar aulas de nível superior e acabam perdendo toda a deferência com uma pessoa que já é tão desconsiderada pelo papel subalterno que ela desempenha junto a elas.

Quaisquer que sejam o valor pessoal, os conhecimentos particulares e a respectiva capacidade dos indivíduos, o professor homem sempre será, em teoria, no estado atual das coisas, considerado superior à mulher.

même pour l'enseignement des jeunes filles, devant l'homme sans diplômes, on peut inférer de là toute la supériorité effective que notre ordre social donne au sexe masculin en lui accordant d'injustes privilèges.

Cette usurpation est, du reste, l'attestation la plus irréfragable du désaccord complet des lois et des mœurs pour l'instruction des jeunes filles.

Il suffit, en attirant l'attention de M. le ministre de l'Instruction publique sur cet envahissement des hommes dans nos pensionnats, de lui signaler une injustice qu'il ne peut patroniser ni comme homme, ni comme administrateur. Je démontrerai nos droits à l'enseignement universitaire à titre d'élèves et de professeur, et l'on verra combien la centralisation est un désaccord avec l'opinion publique, car la bienveillante confiance des familles nous appelle dans les collèges qui nous ferment nos portes, et nous ne sommes exclues que des établissements qui se rattachent directement à l'Université; les ordres religieux mêmes admettent des femmes dans leurs institutions de jeunes gens, surtout pour le professorat des arts et des langues vivantes.

Afin de préciser la marche de l'empiétement masculin, nous devons faire observer que cette invasion de l'homme dans les couvents et dans les pensionnats séculiers date de notre siècle encore, et qu'il a pour conséquence l'introduction de la femme comme professeur dans nos collèges. Y a-t-il des inconvénients à lui ouvrir les lycées pour le professorat, ou n'y en a-t-il pas ?

Je n'apporte aucune raison ni pour, ni contre les opinions contradictoires émises à ce sujet ; mais je vois la même convenance ou la même inconvenance à l'admission des hommes pour des fonctions semblables dans nos pensionnats.

Dans le premier cas, les femmes doivent de toute évidence être reçues aussi dans les collèges.

A partir do momento em que a professora diplomada se vê obrigada a se retirar, até mesmo do ensino das jovens moças, frente ao homem sem diplomas, pode-se inferir disso toda a sua superioridade efetiva que nossa ordem social oferece ao sexo masculino, concedendo-lhe injustos privilégios.

Essa usurpação é, aliás, o atestado mais incontestável do desacordo completo entre as leis e os hábitos da sociedade com relação à instrução das jovens moças.

Basta, ao chamar a atenção do senhor ministro da instrução pública sobre essa invasão dos homens em nossos pensionatos, assinalar uma injustiça que ele não pode apadrinhar nem como homem nem como administrador. Eu demonstrarei nossos direitos no ensino universitário, na qualidade de alunos e professores, e veremos o quanto a centralização é um desacordo com a opinião pública, pois a confiança benevolente das famílias nos chama justamente nos colégios que nos fecham as portas e somos excluídas apenas dos estabelecimentos vinculados diretamente à universidade; mesmo as ordens religiosas admitem mulheres em suas instituições de jovens, sobretudo para a docência das artes e das línguas estrangeiras.

Para definir melhor o movimento da intrusão masculina, devemos deixar claro que essa invasão do homem nos conventos e nos pensionatos seculares data de nosso século ainda e que tem, por consequência, a abertura à docência para a mulher em nossos colégios. Será que existem desvantagens em abrir-lhes os liceus para a docência, ou não há?

Eu não dou nenhuma razão nem a favor nem contra as opiniões contraditórias emitidas quanto a esse assunto; mas eu vejo a mesma conveniência ou a mesma inconveniência na admissão dos homens para funções parecidas em nossos pensionatos.

No primeiro caso, as mulheres devem, evidentemente, ser recebidas também em colégios.

Dans le second, les hommes doivent être exclus de toute institution pour les jeunes filles.

On ne peut sortir de là sans avoir donné réponse à la justice et à ce gros bon sens si vulgaire, qu'on l'a appelé le sens commun.

Je demande donc encore une fois des poids égaux pour équilibrer la balance de la justice.

On peut aussi, à propos de l'usurpation masculine, mentionner les associations particulières de secours pour instituteurs et institutrices. Tous apportent la même cotisation ; cependant, les femmes qui souscrivent sont exclues des comités où se prennent les délibérations relatives à la prospérité de l'œuvre et aux pensions à accorder à ses membres. Il est étonnant que des hommes supérieurs procèdent ainsi et ne comprennent pas que l'éviction de la femme ne leur laisse voir qu'un côté des choses ; qu'il est injuste de refuser les appréciations des femmes et de rejeter leur vote. Les souscripteurs hommes devraient aussi tenir à honneur de se décharger de la moitié de leur responsabilité, en la partageant avec les femmes souscripteurs ; les plus simples convenances leur ordonnent de ne pas les tenir en dehors du droit commun.

Si de la femme professeur nous allons à l'institutrice particulière, nous trouvons souvent la même position précaire sous un autre nom ; cependant, cette injustice apparente qui déprécie les services de la femme pour des fonctions paraissant si identiquement semblables à celles de l'homme, s'expliquera tant que, dans la famille, comme dans l'enseignement public, l'institutrice ne représentera que l'instruction primaire.

Si un magister était appelé à donner l'instruction privée, je doute que ses soins et son temps fussent plus appréciés que ceux de l'institutrice. Quand la femme pourra justifier des mêmes connaissances que l'homme dans l'éducation domestique, elle lui sera souvent préférée pour la direction et l'éducation première des jeunes garçons ; mais

No segundo, os homens devem ser excluídos de toda instituição para jovens moças.

Não podemos sair disso sem ter respondido à justiça e a esse grande bom senso tão vulgar, que chamamos de senso comum.

Peço, então, mais uma vez, pesos iguais para equilibrar a balança da justiça.

Pode-se, também, com relação à usurpação masculina, mencionar as associações particulares de apoio aos docentes homens e mulheres. Todos fazem a mesma contribuição; porém, as mulheres que aderem são excluídas dos comitês onde se deliberam questões acerca da prosperidade da obra e das pensões a conceder para seus membros. É surpreendente que os homens superiores procedam assim e não compreendam que a evicção das mulheres os deixa ver apenas um lado das coisas: que é injusto recusar as apreciações das mulheres e rejeitar seu voto. Os homens-membros deveriam também fazer questão de se liberar da metade de sua responsabilidade, compartilhando com as mulheres-membros; as mais amplas conveniências ordenam-lhes a não as manter fora de seu direito comum.

Se da mulher docente passamos à instrutora particular, encontramos muitas vezes a mesma posição precária sob outro nome; porém, essa injustiça aparente, que deprecia os serviços da mulher por funções que se mostram tão identicamente semelhantes àquelas do homem, se explicará contanto que em sua família, tanto quanto no ensino público, a instrutora represente apenas a educação primária.

Se um mestre fosse chamado para dar a instrução privada, eu duvido que seus cuidados e seu tempo fossem mais apreciados que os da professora. Quando a mulher puder justificar os mesmos conhecimentos que os do homem na educação doméstica, ela será muitas vezes preferida para a orientação e para a educação primeira dos jovens moços; mas,

subissant la loi de dépréciation de son sexe, elle vaut relativement beaucoup moins que l'homme lorsqu'elle aurait la même valeur individuelle, car le précepteur peut toujours se charger de l'éducation plénière des filles, tandis que l'institutrice ne peut préparer ni accompagner les jeunes gens à aucun cours universitaire. D'un autre côté l'affluence des sujets et l'encombrement d'une carrière n'offrant aucun traitement fixe, devaient forcer l'institutrice à se mettre partout au rabais.

Les journaux ont indiqué plusieurs fois des jeunes filles qui, sans ressource, s'offraient à enseigner dans les familles, et à donner tous leurs instants pour leur nourriture. D'autres reçoivent la même rétribution que les femmes de chambre, et, il y a peu de temps encore, on put me citer une jeune personne fort instruite, possédant très bien quatre langues, qui, après s'être engagée pour 500 fr. par an, hésita beaucoup en apprenant qu'elle devait partager à la cuisine la table des domestiques ; comme les négociations traînaient en longueur, la faim apprit à l'infortunée à se rendre à discrétion. Une haute famille donnait 5.000 fr. à un précepteur qui, ayant moitié de son temps libre, se faisait une somme considérable en professant au dehors. L'institutrice, dans la même maison, accompagnant partout les élèves qu'elle soignait nuit et jour, recevait 1.000 fr. Cette position inférieure est cependant, vu notre état actuel dans la société, une générosité plutôt qu'une injustice, dès qu'un grand nombre de femmes, heureuses de recevoir leur pain quotidien, acceptent ces places, où elles n'auront aucun salaire, et épuiseront souvent leurs forces. Une jeune fille, souffrant de la poitrine, cherchait de l'occupation à Paris ; un jour elle vint, toute rayonnante de joie, m'annoncer qu'elle avait enfin trouvé une place où elle serait occupée le jour à instruire un enfant, et le soir à faire des lectures à la maîtresse de la maison. Ne craignez-vous pas, lui dis-je, d'empirer votre mal par un excès de fatigue, et n'avez-vous fait aucune réserve pour votre santé ? – Loin de là, me répondit-elle, j'appréhendais beaucoup qu'on n'eût connaissance de mon état maladif, qui aurait sans doute

submetida à lei de depreciação de seu sexo, ela vale relativamente muito menos que o homem, quando, na verdade, teria o mesmo valor individual, pois o preceptor pode sempre se encarregar da educação completa das moças, enquanto a professora não pode preparar nem acompanhar as jovens em nenhum curso universitário. Por outro lado, a concorrência dos sujeitos e a profusão de uma carreira que não oferece nenhuma remuneração fixa acabavam por forçar a professora a diminuir seu valor.

Os jornais mostraram, várias vezes, moças sem recurso que se ofereciam para ensinar nas famílias e davam todo seu tempo para ter o que comer. Outras recebem a mesma remuneração que as empregadas domésticas e, ainda faz pouco tempo, citaram-me uma jovem muito instruída, falando muito bem quatro línguas, que, depois de ter sido contratada por 500 francos por ano, hesitou muito ao saber que deveria compartilhar a mesa dos domésticos na cozinha; como as negociações se arrastavam, a fome ensinou à desafortunada a se render sem condição. Uma família de elite dava 5 mil francos para um preceptor que, tendo metade de seu tempo livre, juntava uma soma considerável dando aulas por fora. A professora, na mesma casa, acompanhando em todos os lugares as alunas de que cuidava noite e dia, recebia 1 mil francos. Essa posição inferior é, porém, vista, em nosso estado atual na sociedade, como uma generosidade mais que uma injustiça, já que um grande número de mulheres, felizes em receber seu pão cotidiano, aceitam esses lugares, onde não terão nenhum salário e esgotarão frequentemente suas forças. Uma jovem moça, sofrendo de problemas respiratórios, procurava uma ocupação em Paris; um dia ela vem, toda radiante de alegria, me anunciar que teria finalmente achado um trabalho no qual se ocuparia de dia em instruir uma criança e, à noite, em dar lições para a dona da casa. “Você não tem medo”, falei-lhe, “de piorar seu mal por um excesso de fadiga e você não fez nenhuma menção do estado de sua saúde?”. “De jeito nenhum”, respondeu ela, “eu tinha muito medo de que soubessem

motivé un refus, et je dois travailler quand même, n'ayant pas d'autre ressource.

Dans l'énumération des hasards de la vie de l'institutrice, je ne mentionne point ces jeunes orphelines, recherchées comme une proie facile par des hommes sans principes et sans mœurs ; attirées quelquefois même par des mères cherchant, par un procédé économique, tout à la fois des gouvernantes pour leurs filles et des maîtresses pour leurs fils, qui pourront, disent-elles, perdre ces jeunes filles *sans que cela tire à conséquence*. Ces infamies, corollaire de notre législation, feront l'objet d'une étude spéciale. La position, trop souvent précaire, quelquefois impossible, que nous faisons aux institutrices, les contraint d'aller en foule chercher de l'emploi à l'étranger, où elles trouvent des places très inférieures à celles qu'elles auront un jour en France, sans quitter leur famille, quand la capacité de la femme deviendra un gagne-pain pour elle. Nos institutrices sont si répandues en Allemagne, que les institutrices allemandes disent leur salaire sensiblement réduit par cette concurrence. Autrefois une maison spéciale recevait à Vienne les Françaises qui accouraient dans l'espoir lointain d'être désignées à tour de rôle aux personnes qui y demandaient des sujets.

Nos institutrices sillonnent toute l'Europe ; des jeunes filles se rendent seules dans des contrées lointaines, pour s'asseoir à des foyers inconnus. L'une d'elles, allant en Turquie, eut à subir les insultes d'hommes immoraux qui, ayant remarqué son isolement dans un hôtel, la poursuivirent plusieurs jours. Les frimas de la Russie et de la Suède n'effrayent point ces femmes que l'intolérance suédoise force d'ordinaire à abjurer le catholicisme. Quelques-unes reviennent sans avoir trouvé de position ; d'autres tombent dans des maisons immorales où l'on cherche à exploiter leur abandon.

de meu estado doentio, que teria, sem dúvida, provocado uma recusa, e devo trabalhar mesmo assim, não tendo outro recurso”.

Na lista das incertezas da vida da professora, eu não menciono as jovens órfãs, procuradas como uma presa fácil por homens sem princípios e sem moral; atraídas, às vezes, até mesmo por mães que as procuram, por uma questão econômica, tanto para serem governantas para suas filhas quanto para serem amantes de seus filhos, que poderão, dizem elas, fazer essas jovens moças se perderem *sem que isso tenha consequências graves*. Essas infâmias, corolário de nossa legislação, merecerão um estudo especial. A função, muito frequentemente precária, às vezes impossível, que damos às professoras, obriga-as a ir em multidão buscar um emprego no exterior, onde acham colocações muito inferiores àquelas que terão um dia na França, sem deixar suas famílias, quando a capacidade da mulher se tornar um sustento para ela. Nossas professoras são tão comuns na Alemanha, que as professoras alemãs dizem que seus salários foram sensivelmente reduzidos pela concorrência. Antigamente, uma casa especial em Viena recebia as francesas que chegavam, na esperança longínqua de serem designadas para a função, à medida que a demanda surgia.

Nossas professoras percorrem toda a Europa; as jovens moças vão sozinhas a países longínquos, para se assentarem em lares desconhecidos. Uma delas, indo para a Turquia, teve que sofrer os insultos de homens imorais que, reparando em seu isolamento em um hotel, a perseguiram por vários dias. As geadas da Rússia e da Suécia não assustaram essas mulheres, cuja intolerância sueca força normalmente a abjurar o catolicismo. Algumas voltam sem ter achado emprego; outras caem em casas imorais onde se procura explorar seu abandono.

Une de ces Françaises, institutrice en Angleterre, y fut attaquée de la fièvre typhoïde ; par crainte de la contagion, la famille dans laquelle elle se trouvait, l'arracha à son lit de douleur, et l'envoya mourir en France. L'infortunée jeune fille partit seule, dans un tel état de faiblesse que la traversée ayant épuisé le reste de ses forces, elle arriva sans connaissance à Boulogne, où elle mourut dans un hôtel du port.³⁰ Le sacrifice chrétien et volontaire, considéré dans son acception la plus pure et la plus sublime, la libre immolation de soi-même, a-t-elle quelque chose qui approche de la rude existence faite à ces femmes dépossédées par notre état social, nos privilèges conventuels et notre monopole universitaire ?

Je n'ai pas à parler ici des maisons plus ou moins nombreuses qui ont des égards pour l'institutrice, et rougiraient de profiter de sa situation pour réduire son salaire ; ce généreux arbitraire, par cela même qu'il est étranger à la condition générale de la femme dans l'enseignement, ne fait point partie de mon sujet.

Uma dessas francesas, professora na Inglaterra, foi acometida pela febre tifoide; por medo do contágio, a família na qual ficava hospedada tirou-a de seu leito de sofrimento e a enviou para morrer na França. A desafortunada jovem moça partiu só, em um estado de fraqueza tão grande que a travessia, tendo esgotado o resto de suas forças, levou-a à inconsciência ao chegar a Bolonha, onde morreu, em um hotel do porto.³² O sacrifício cristão e voluntário, considerado, em sua acepção mais pura e sublime, a livre imolação de si mesmo, possui alguma coisa que se aproxima da dura existência imposta às mulheres desprovidas por nosso estado social, nossos privilégios consensuais e nosso monopólio universitário?

Não vou falar aqui das casas mais ou menos numerosas que têm respeito pela professora e se envergonhariam de se aproveitar de sua situação para reduzir seu salário; esse comportamento generoso arbitrário, por isso mesmo estranho à condição geral da mulher no ensino, não faz parte de meu assunto.

Tradução para o português:
Cláudia Grijó Vilarouca e Émilie Audigier

**André Léo, Victoire Léodile Béra
(1824-1900)**



Portrait d'André Léo (vers 1860).
Fond Lucien Descaves, Institut International
d'Histoire Sociale, Amsterdam.

Retrato de André Léo (c. 1860).
Fundo Lucien Descaves, Instituto Internacional
de História Social, Amsterdam.

André Léo – Victoire Léodile Béra (1824-1900) : défendre la république de la liberté et fonder la république de l'égalité

Amanda Bruno de Mello
Université Fédérale de Santa Catarina

André Léo, pseudonyme de Victoire Léodile Béra, était une importante journaliste, romancière, socialiste et militante des droits des femmes. Elle est née en 1824 à Lusignan, dans l'ouest de la France, qui appartient aujourd'hui à la région Nouvelle-Aquitaine. Issue d'une famille bourgeoise et cultivée, fille d'un notaire devenu juge de paix et petite-fille d'un révolutionnaire, Léo voit son autonomie intellectuelle encouragée dans ses années de formation. En 1851, elle épouse Grégoire Champseix, un socialiste républicain qui s'était exilé à Lausanne, en Suisse, après le coup d'État perpétré en 1848 par Louis Napoléon Bonaparte. Les fils jumeaux du couple, André et Léo, dont les prénoms forment le pseudonyme utilisé par leur mère à partir de 1862, y sont nés en 1853. C'est également là qu'elle commence à écrire ses premiers romans, sous le pseudonyme de Léo : *Un divorce* et *Un mariage scandaleux*, qu'elle publie au retour du couple en France, en 1859, après l'amnistie. En 1863, après le décès du mari et le besoin de maintenir sa maison et d'élever ses deux enfants, elle passe à vivre de sa plume, connaissant beaucoup de succès, notamment dans les années 1860 et 1870, et étant comparée à Georges Sand (Musnik, 2020).

Ses romans de mœurs critiquent la morale et la structure sociale en vigueur, en particulier en ce qui concerne la hiérarchie existante entre les genres. Dans comme en dehors de la fiction, ses écrits sont une manière d'inciter à la réflexion et de lutter pour la transformation

André Léo – Victoire Léodile Béra (1824-1900): defender a república da liberdade e fundar a república da igualdade

Amanda Bruno de Mello
Universidade Federal de Santa Catarina

André Léo, pseudônimo de Victoire Léodile Béra, foi uma importante jornalista, romancista, militante socialista e pelos direitos da mulher. Nasceu em 1824 em Lusignan, no oeste da França, hoje pertencente à região administrativa da Nova Aquitânia. De família burguesa e culta, filha de um notário que se tornou juiz de paz e neta de um revolucionário, Léo teve sua autonomia intelectual incentivada nos anos de formação. Casou-se em 1851 com Grégoire Champseix, socialista republicano que havia se exilado em Lausanne, na Suíça, após o golpe de estado perpetrado por Napoleão Bonaparte, em 1848. Lá, nasceram, em 1853, os filhos gêmeos do casal, André e Léo, cujos nomes formam o pseudônimo que a mãe passou a usar de 1862 em diante. Também foi lá que ela começou a escrever seus primeiros romances, ainda sob o pseudônimo de Léo: *Um divórcio*³³ e *Um casamento escandaloso*, publicados na volta do casal para a França, em 1859, após a anistia. Em 1863, com a morte do marido e a necessidade de arcar com os custos da casa e a criação dos dois filhos, passou a viver do seu trabalho como jornalista e escritora, encontrando bastante sucesso, especialmente nas décadas de 1860 e 1870, e sendo comparada a Georges Sand (Musnik, 2020).

Seus romances de costumes criticam a moral e a estrutura social vigentes, especialmente no que diz respeito à hierarquia existente entre os gêneros. Tanto na ficção como fora dela, seus escritos são uma forma de instigar à reflexão e de batalhar pela transformação do mundo, ou

du monde, c'est-à dire qu'ils font partie de son action militante (notamment pour l'émancipation des femmes), plus large que son activité littéraire. Après l'expérience de la Révolution Française et de la République, qui ont assuré, en quelque sorte, la liberté, il restait à conquérir l'égalité, revendication que Léo soutiendra tout au long de sa vie. Dans sa maison à Paris, une sorte de salon se forme, où circulent des intellectuels et des militants socialistes, et elle-même fait partie de l'Association internationale des travailleurs, connue aujourd'hui sous le nom de Première internationale. Elle collabore au journal *Le droit des femmes*; fonde, en 1866, l'Association pour l'amélioration de l'enseignement des femmes et, en 1869, la Société de revendication des droits de la femme, avec Maria Deraismes, Noémie et Elysée Reclus. Dans cette période d'effervescence des premiers mouvements pour les droits des femmes, elle publie son ouvrage le plus important, *La Femme et les mœurs : Liberté ou Monarchie*, dont nous parlerons plus loin, et dont fait partie le chapitre ici traduit par Sabine Gorovitz, « La maternité ». La même année, elle publie également le roman *Aline-Ali*.

Elle participe activement de la Commune de Paris, la défendant dans le journal qu'elle fonde avec Benoit Malon et les frères Reclus, intitulé *La République des Travailleurs*, et prenant soin de la diffuser dans les campagnes comme un moyen de contribuer pour la formation politique des travailleurs ruraux et de les rapprocher des ouvriers urbains. À cette époque, elle fait également partie de plusieurs associations féminines, dont *L'Union des femmes pour la défense de Paris*. Ses revendications sont : « salaire égal, autogestion du travail, reconnaissance des unions libres et séparation de l'Église et de l'État dans l'enseignement et les hôpitaux » (Musnik, 2020). Elle prépare une école libre laïque, dont le projet est pourtant interrompu par le siège de Paris. Même en étant une grande partisane de la Commune, à laquelle elle se réfère comme « la grande, la vraie, la seule révolution sérieuse de ce siècle » (Léo, 1871 *apud* Cosset et Malandain, 2016), elle la critique aussi fortement, surtout quand elle

seja, são parte da sua atuação militante (especialmente pela emancipação da mulher), mais extensa do que sua atividade como literata. Após a experiência da Revolução Francesa e da República, que garantiram, em alguma medida, a liberdade, faltava conquistar a igualdade, reivindicação que Léo sustentou ao longo de toda a sua vida. Em sua casa em Paris, formou-se uma espécie de salão no qual circulavam intelectuais e militantes socialistas, sendo que ela mesma fez parte da Associação Internacional dos Trabalhadores, hoje conhecida como Primeira Internacional. Contribuiu com o jornal *O Direito das Mulheres*; fundou, em 1866, a Associação para a Melhoria da Educação das Mulheres, e, em 1869, a Sociedade de Reivindicação dos Direitos da Mulher, junto com Maria Deraismes, Noémie e Elysée Reclus. Nesse período de efervescência dos primeiros movimentos pelos direitos das mulheres, publicou sua obra mais importante, *A mulher e a moral, liberdade ou monarquia*, sobre a qual falaremos mais adiante, e da qual faz parte o capítulo aqui traduzido por Sabine Gorovitz, “A maternidade”. No mesmo ano, publicou também o romance *Aline-Ali*.

Participou ativamente da Comuna de Paris, defendendo-a no jornal que fundou com Benoit Malon e as irmãs Reclus, intitulado *A República dos Trabalhadores*, e se preocupando em divulgá-la no interior, como forma de contribuir para a formação política dos trabalhadores rurais e aproximá-los dos operários urbanos. Nessa época, também fez parte de diversas associações femininas, dentre as quais a União das Mulheres pela Defesa de Paris, cujas reivindicações são: “salário igual, autogestão do trabalho, reconhecimento das uniões livres e separação da Igreja e do Estado no ensino e nos hospitais” (Musnik, 2020). Preparou uma escola livre laica, cujo projeto foi interrompido, porém, pelo cerco de Paris. Ainda que grande apoiadora da Comuna, à qual se referia como “a grande, a verdadeira, a única revolução séria deste século” (Léo, 1871, *apud* Cosset e Malandain, 2016), também a criticava com veemência, especialmente quando se uniu a um grupo de mulheres para oferecer

rejoint un groupe de femmes pour offrir de l'aide aux combattants, mais se voit systématiquement refuser la participation en raison d'une discrimination fondée sur le genre. Avec la défaite de l'expérience socialiste en 1871, elle s'exile de nouveau en Suisse, où elle vit avec Benoît Malon, avec qui elle entretient une relation jusqu'en 1878. Elle voyage beaucoup dans les décennies de 1870 et 1880, alternant des périodes en Italie, en Suisse et en France, presque toujours en compagnie de ses enfants. Sa carrière de journaliste se ralentit, tandis que celle de romancier s'intensifie. Elle publie les romans *Marianne* (1877), *Grazia* (1880), *L'épouse du bandit* (1880), *La justice des choses* (1891) et *La famille Androit* (1899), mais ne retrouve plus le succès des décennies précédentes, puisque « les classes aisées ne lui pardonnent pas sa participation à la Commune, ni les militants progressistes son individualisme et ses critiques contre les débordements révolutionnaires ». Ses deux fils meurent jeunes, Léo en 1885 et André en 1893. Son dernier ouvrage, *Coupons le câble*, est un texte militant contre l'Église qu'elle publie en 1899. André Léo s'éteint le 20 mai 1900.

La critique du XX^e siècle ne lui accorde de l'importance que dans les années 1980, lorsque son œuvre et son militantisme commencent à être redécouverts et que l'Association André Léo est fondée (Cosset et Malandain, 2016).³¹ Ce mouvement s'intensifie après les années 2000 et, aujourd'hui, nous pouvons mentionner la biographie de l'écrivaine d'Alain Dalotel (2004), *André Léo (1824-1900): La Junon de la Commune*, la biographie romancée *André Léo: une femme entre deux luttes, socialisme et féminisme*, de Françoise Tarrade (2020), l'ouvrage critique *Les vies d'André Léo*, dirigé par Chauvaud et al. (2015).

Dans le premier des six chapitres qui composent *La femme et les mœurs : liberté ou monarchie*, Léo revendique l'héritage de la pensée de Saint-Simon et analyse les positions contraires à la liberté des femmes qui hantent les milieux républicains voire révolutionnaires dans la

ajuda aos combatentes, mas teve sua participação sistematicamente negada por discriminação de gênero. Com a derrota da experiência socialista em 1871, ela se exilou novamente na Suíça, onde passou a viver com Benoît Malon, com quem manteve um relacionamento até 1878. Viajou muito nas décadas de 1870 e 1880, alternando períodos na Itália, na Suíça e na França, quase sempre na companhia dos filhos. Sua carreira de jornalista arrefeceu, ao passo que a de ficcionista se intensificou. Publicou os romances *Marianne* (1877), *Grazia* (1880), *A esposa do bandido* (1880), *A justiça das coisas* (1891) e *A família Androit* (1899), mas não encontrou mais o sucesso das décadas anteriores, uma vez que “as classes abastadas não perdoam sua participação na Comuna, nem as militantes progressistas, seu individualismo e suas críticas contra os excessos revolucionários” (Musnik, 2020). Seus dois filhos morreram jovens; Léo, em 1885, e André, em 1893. Sua última obra, *Cortemos o cabo*, é um texto militante contra a Igreja, publicado em 1899. André Léo morreu em 20 de maio de 1900.

A crítica do século XX não lhe deu importância até a década de 1980, quando sua obra e sua militância começaram a ser redescobertas e foi fundada a Associação André Léo (Cosset e Malandain, 2016).³⁴ Esse movimento se intensificou após os anos 2000 e, hoje, destacam-se a biografia da escritora por Alain Dalotel (2004), *André Léo: a Juno da Comuna*, a biografia romanceada *André Léo: uma mulher entre dois lutas, socialismo e feminismo*, de Françoise Tarrade (2020), e a obra crítica *As vidas de André Léo*, com organização de Chauvaud *et al.* (2015).

No primeiro dos seis capítulos que compõem *A mulher e a moral, liberdade ou monarquia*, Léo reivindica a herança do pensamento de Saint-Simon e analisa as posições contrárias à liberdade da mulher que assolam os meios republicanos e mesmo revolucionários da segunda metade do século XVIII, rebatendo posições de autores notórios, como Proudhon e Michelet (Tardif, 2016). Para Roger Musnik,

seconde moitié du XVIII^e siècle, réfutant les positions d'auteurs connus, comme Proudhon et Michelet (Tardif, 2016). Pour Roger Musnik,

Elle part du constat que la femme est subordonnée à l'homme. Or, la monarchie a pour principe la subordination, alors que celui de la République en est la liberté. Pour faire la révolution, il faut donc changer la place sociale de la femme, pour qu'elle devienne un être indépendant et libre. (Musnik, 2020)

La libération des femmes et le socialisme ne sont donc pas, pour André Léo, deux luttes distinctes, mais font partie d'un même projet de libération de l'humanité.

Un à un, elle déconstruit les arguments qui soutiennent la croyance que les femmes doivent rester subordonnées aux hommes, comme les idées fausses d'infériorité physique et d'infériorité intellectuelle, ou que la femme ne devrait pas participer à la vie publique parce qu'elle a la responsabilité d'être mère. Dans l'avant-dernier chapitre, elle fait une défense vigoureuse des droits des femmes, demandant qu'elles aient accès à une éducation scientifique et que, dans le postulat fondateur des droits humains, « Les hommes naissent libres et égaux en droits » (Léo, 1869, p. 136), le mot « homme » soit remplacé par « êtres humains ». Sa principale question est « comment la liberté pourrait-elle régner dans l'Etat, tant que le despotisme régnera dans la famille? » (Léo, 1869, p. 134). Dans le dernier chapitre, elle présente une vue d'ensemble de la question des droits des femmes dans différents pays, pour la plupart européens, mais elle mentionne également la Russie et traite plus largement des États-Unis, en rendant justice à sa propre tradition internationaliste.

Dans le quatrième chapitre, « La maternité », présenté ici en traduction de Sabine Gorovitz et Germana Henriques Pereira l'auteure identifie dans la maternité le mécanisme central de la soumission des femmes au fil des siècles. Cependant, elle ne rejette pas la vision de la maternité comme un acte sublime; en effet, elle la renforce en disant que

Ela parte da constatação de que a mulher é subordinada ao homem. Ora, a monarquia tem como princípio a subordinação, enquanto aquele da república é a liberdade. Para fazer a revolução, é preciso, portanto, mudar a posição social da mulher, para que ela se torne um ser independente e livre. (Musnik, 2020)

A liberação da mulher e o socialismo não são, portanto, para André Léo, duas lutas separadas, mas parte do mesmo projeto de liberação da humanidade.

Um a um, ela desconstrói os argumentos que sustentam a crença de que a mulher deve continuar subordinada ao homem, como as falácias da inferioridade física e da inferioridade intelectual, ou de que a mulher não deveria participar da vida pública por ter a responsabilidade de ser mãe. No penúltimo capítulo, faz uma forte defesa dos direitos da mulher, reivindicando que tenha acesso a uma educação científica e que, no postulado fundador dos direitos humanos, “os homens nascem livres e iguais em direitos” (Léo, 1869, p. 136), a palavra “homens” seja substituída por “seres humanos”. Sua interrogação principal é “como a liberdade poderia reinar no Estado, enquanto o despotismo reinar na família?” (Léo, 1869, p. 134). No último capítulo, apresenta um panorama da questão dos direitos das mulheres em diversos países, a maioria deles europeus, mas menciona também a Rússia e trata mais longamente dos Estados Unidos, fazendo jus à tradição internacionalista.

No quarto capítulo, “A maternidade”, aqui apresentado em tradução de Sabine Gorovitz e Germana Henriques Pereira a autora identifica na maternidade o mecanismo central da submissão das mulheres ao longo dos séculos. Não rechaça, porém, a visão da maternidade como um ato sublime; aliás, a reforça, dizendo que é graças à maternidade que a humanidade é renovada, com seres inocentes que podem ser moldados

c'est grâce à la maternité que l'humanité se renouvelle, avec des êtres innocents qui peuvent être façonnés « de lumière, d'amour et de justice » (Léo, 1869, p. 101). Elle nous amène à réfléchir, néanmoins, sur la contradiction qui consiste à maintenir les femmes – protagonistes de la maternité, cette œuvre sublime, comparé par Léo à la propre création – dans l'ignorance.

Elle souligne également l'exigence illogique d'un dévouement intégral des femmes à la maternité lorsque, même si elles se consacrent pleinement à l'éducation des enfants, cela ne remplit pas toutes les années de leur vie. De plus, il était socialement acceptable, pour les femmes en situation d'extrême pauvreté, d'abandonner les enfants pour travailler; à l'extrême opposé, de les abandonner pour le plaisir. L'auteure se demande pourquoi ses abandons étaient moins combattus que l'éducation scientifique des femmes. Pour elle, on nie la connaissance parce que c'est de celle-ci que dérive la volonté, menace pour le pouvoir des despotes ; on refuse le travail parce que de celui-ci découle l'indépendance.

Le texte d'André Léo est un portrait perspicace de la société de son époque et des discussions qui donnent naissance à la première vague féministe. La mission qu'elle propose semble malheureusement encore inachevée, c'est pourquoi son texte nous semble toujours d'actualité: « Nous avons la République de la liberté à défendre, nous avons la République de l'égalité à fonder » (Léo, 1871 *apud* Musnik, 2020). Dans le chapitre présenté par la suite, l'auteure dit que « L'homme encore une fois ne respectera la femme que lorsqu'elle sera son égale en droit et en fait, armée des mêmes droits et des mêmes puissances » (Léo, 1869, p. 118). De 1869 à aujourd'hui, il y a certes eu des améliorations, mais il reste toujours beaucoup à conquérir.

Traduction en français : Amanda Bruno de Mello

“de luz, de amor e de justiça” (Léo, 1869, p. 101). Ela nos leva a refletir, porém, sobre a contradição que é manter as mulheres – protagonistas da maternidade, essa obra sublime, comparada por Léo à própria criação – na ignorância.

Também aponta para a ilógica exigência de dedicação integral das mulheres à maternidade quando, ainda que elas se dediquem integralmente à criação dos filhos, isso não preenche todos os anos de sua vida. Além disso, era socialmente aceito, para aquelas em situação de extrema pobreza, que se abandonassem os filhos para trabalhar; no extremo oposto, que fossem abandonados pelo prazer. A autora questiona por que esses abandonos eram menos combatidos do que a educação científica para a mulher. Para ela, nega-se o conhecimento porque é dele que deriva a vontade, uma ameaça ao poder dos déspotas; nega-se o trabalho porque dele deriva a independência.

O texto de André Léo é um retrato perspicaz da sociedade de sua época e das discussões que dão origem à primeira onda feminista. A missão proposta por ela parece, infelizmente, ainda inconclusa, motivo pelo qual seu texto nos parece ainda atual: “Nós temos a república da liberdade para defender, nós temos a república da igualdade para fundar” (Léo, 1871 *apud* Musnik, 2020). No capítulo apresentado a seguir, a autora diz que: “O homem, mais uma vez, só respeitará a mulher quando ela for sua igual de direito e de fato, armada com os mesmos direitos e os mesmos poderes” (Léo, 1869, p. 118). De 1869 até hoje, houve, certamente, melhoras, mas ainda há muito a conquistar.

La maternité

Voici le grand argument, le sceau de la chaîne, par laquelle on attachait de tout temps la femme à la case, au gynécée, et main tenant au foyer. On n'en saurait méconnaître l'importance. Il faut voir seulement si on ne l'a point exagérée, si même, d'un point de départ vrai, on n'est pas arrivé à de très fausses conséquences.

Qu'est-ce que la maternité ?

Le chœur des littérateurs et des poètes répond par des acclamations enthousiastes ; et même ailleurs, point de tête qui ne s'incline. La maternité, c'est le triomphe de la femme, sa grande et suprême fonction ! sa morale ! son génie ! la source inépuisable et sacrée des inspirations sublimes et fécondes ! L'océan d'amour ! Etc...

Bon ! Bon ! Mais en quoi consiste-t-elle ? Non pas seulement sans doute à concevoir l'enfant, le mettre au monde, l'allaiter ; c'est le fait de toutes les femmes, qui toutes soignent leur fruit avec amour. La mère humaine seule est ainsi divinisée. Pourquoi ? Pourquoi ? Parce qu'elle y met son âme, parce qu'elle s'élève de l'instinct à l'amour conscient, et que l'amour, en dépit des doutes, des blasphèmes, des sacrilèges, et surtout cet amour-là, si fidèle, si grand et si pur, est bien réellement ce qu'il y a de plus doux et de plus haut dans la vie.

La maternité est sublime, parce que sublime est son œuvre : le renouvellement de l'humanité par l'être neuf et naïf, pur de la fange des chemins déjà parcourus, libre de toute haine, de tout souvenir, de toute souillure, et que l'on peut, ainsi qu'une fleur dans un bon terrain, au soleil, soigneusement arrosée, pétrir de lumière, d'amour et de justice. La maternité, c'est la préparation de nos destinées ; c'est la réforme incessante de la création, ou plutôt la création même continuée, et perpétuellement

A maternidade

Eis o grande argumento, o laço da corrente, com a qual, em todos os tempos, se prendeu a mulher à choupana, ao gineceu, e, agora, ao lar. Não se pode ignorar a importância de tal feito. É preciso, entretanto, avaliar se foi exagerada, ou até, de um ponto de partida verídico, se não se chegou a falsas consequências.

O que é a maternidade?

O coro dos literatos e dos poetas responde com aplausos entusiásticos; e, mesmo alhures, toda cabeça se curva. A maternidade é o triunfo da mulher, sua grande e suprema função! Sua moral! Sua inteligência! A fonte inesgotável e sagrada das inspirações sublimes e fecundas! O oceano de amor! Etc...

Pois bem! Mas em que consiste? Certamente não apenas em conceber a criança, dar à luz, amamentá-la. Tal é o feito de toda fêmea, que cuida de seus frutos com amor. A mãe humana é a única a ser assim divinizada. Por quê? Porque nisso ela coloca sua alma, porque se eleva do instinto ao amor consciente, e que o amor, apesar das dúvidas, das blasfêmias, dos sacrilégios, e sobretudo esse amor, tão fiel, tão grande e tão puro, é realmente o que há de mais terno e mais elevado na vida.

A maternidade é sublime, porque sublime é sua obra: a renovação da humanidade pelo ser novo e inocente, puro da lama dos caminhos já percorridos, livre de todo ódio, de toda lembrança, de toda impureza; e porque é possível, tal como uma flor numa terra fértil, ao sol, cuidadosamente irrigada, moldar de luz, de amor e de justiça. A maternidade é a preparação de nossos destinos; é a reforma incessante da criação, ou melhor, a própria criação continuada, e perpetuamente aumentada; obra suprema, em que o conhecimento e o entusiasmo do belo

agrandie ; œuvre suprême, où la connaissance et l'enthousiasme du beau dans tous les ordres est nécessaire ; où le génie des grands sculpteurs appelle à son aide celui des grands philosophes, et la foi de ces moralistes, qui parmi les rires et les doutes de l'humanité, à travers les glaives monarchiques et les huées populaires, tracent nos chemins dans l'idéal.

Que doit être donc l'ouvrière de cette grande oeuvre, celle qui, plus particulièrement du moins, la fonde et la détermine ? détermine ?

Le même cheur de littérateurs et de poètes, et la foule qui les suit, répondent : Une ignorante !

C'est le fond de la doctrine, avec des variantes, du plus au moins. Mais enfin le système, non seulement décrété, mais pratiqué, depuis le commencement du monde, est bien celui-là – parce que la femme est mère, elle doit rester à part de la science et à part de la liberté ; la connaissance et la responsabilité lui sont inutiles, et bien plus, funestes ! N'est-ce pas, dites, quelque peu bizarre ?

Pensons-y bien: ce serait à cause de l'importance, de la sainteté, de la fonction maternelle que la femme devrait être privée d'une large culture intellectuelle ? – de cette dignité qui résulte de la possession de soi ? de la responsabilité de ses actes, qui seule constitue la moralité ?

C'est à cause de la maternité que lui seraient interdites les fortes études ? Ainsi que les grands bénéfices du travail sérieux ?

La femme serait d'autant plus mère, c'est-à-dire d'autant plus propre à élever ses enfants, à développer leur âme, à préserver leur santé, qu'elle prendrait moins de part et d'intérêt à la vie sociale ! qu'elle serait plus ignorante, plus atténuée comme personne morale et intellectuelle !

La grande fonction du renouvellement de l'humanité, serait le mieux remplie par un être privé de son développement normal, et atrophié dans une part de sa vie, la plus importante ?

são necessários em toda ordem; em que o gênio dos grandes escultores invoca o dos grandes filósofos, e a fé desses moralistas, que, entre os risos e as dúvidas da humanidade, em meio às espadas monárquicas e ao clamor popular, trilham nossos caminhos no ideal.

Quem deve ser então a obreira dessa grande obra, aquela que, pelo menos, mais particularmente, a funda e a determina?

O mesmo coro de literatos e poetas, e a multidão que os segue, respondem: “Uma ignorante!”.

É o fundo da doutrina, com variantes, do mais ao menos. Mas, enfim, o sistema, não somente decretado, mas praticado, desde os primórdios do mundo, é, de fato, esse mesmo – porque a mulher é mãe, deve manter-se à margem da ciência e à margem da liberdade; o conhecimento e a responsabilidade lhe são inúteis e, mais além, funestos! Diga, não seria um pouco estranho?

Pensemos bem: seria por causa da importância da santidade, da função materna que a mulher deveria ser privada de uma ampla cultura intelectual? Dessa dignidade que resulta da posse de si? Da responsabilidade de seus atos, que é a única a constituir a moralidade?

É por causa da maternidade que lhe seriam proibidos os altos estudos? Assim como os grandes benefícios do trabalho sério?

A mulher seria tanto mais mãe, isto é, tanto mais apta a criar seus filhos, a desenvolver sua alma, a preservar sua saúde, quanto menos teria parte na vida social e interesse por ela, quanto mais ignorante, mais atenuada como pessoa moral e intelectual!

A grande função da renovação da humanidade seria melhor exercida por um ser privado de seu desenvolvimento normal e atrofiado em uma parte de sua vida, a mais importante?

Ces choses-là se discutent-elles ? Il suffit de répéter le mot célèbre: qui trompe-t-on ici ?

Et pourtant il y a vraiment des naïfs qui sérieusement s'écrient : Que deviendront les enfants, si la femme abandonne le foyer pour les préoccupations de la vie publique ?

Voyons un peu – Mais d'abord constatons une chose dont on aurait pu s'apercevoir: c'est que la femme n'est pas toujours et perpétuellement occupée par la maternité.

D'abord, depuis sa naissance, jusqu'à son mariage, 18 à 20 ans (ce ne serait pas trop de 25) s'écoulent.

Pendant ce temps, dira-t-on, elle doit se préparer à son rôle de mère.

Mais n'est-il pas par trop sans façon de prétendre que la femme naisse uniquement pour la fonction maternelle, tandis que l'homme naîtrait, lui, tout bonnement pour la vie humaine, c'est-à-dire pour lui-même ?

La femme naît, aussi bien que l'homme, pour la vie, ainsi que ses diverses aptitudes le démontrent ; et, de même que pour tout être conscient, son devoir ne relève que de sa conscience, à elle ; il ne peut être antérieur à sa liberté.

C'est donc pour la vie qu'elle se prépare, et, comme toutes les justices se rencontrent, c'est em se préparant pour la vie qu'elle se prépare pour la maternité. L'a t-elle acceptée, oui, sans doute, elle s'y doit absorber, et rien, ni l'art, ni la science, ni la recherche, ni aucune autre réalisation, n'est plus absorbant, parce que la maternité est la somme et le summum de toutes choses humaines. Là il ne faut semer, sous forme d'impressions, que des idées justes; reconnaître em germe les déviations probables et tout diriger en haut vers la lumière ; il y faut en un mot la science suprême, celle de l'être, pour laquelle, si intelligente et

Essas coisas se discutem? Não; basta repetir a famosa expressão: a quem se está enganando aqui?

E, no entanto, há verdadeiramente pessoas ingênuas que clamam: o que acontecerá com as crianças se a mulher abandonar a casa em favor das preocupações da vida pública?

Vejam. Mas primeiro constatemos algo que poderíamos ter percebido: é que a mulher não está sempre e perpetuamente ocupada com a maternidade.

Primeiro, desde seu nascimento, até seu casamento, 18 a 20 anos (ou até 25) transcorreram.

Nesse tempo, dizem, ela precisa se preparar para o seu papel de mãe.

Mas não seria muito simplório pressupor que a mulher nasce apenas para a função materna, enquanto o homem nasce naturalmente para a vida humana, ou seja, para si mesmo?

A mulher nasce, tal como o homem, para a vida, assim como o demonstram suas diversas aptidões; e, como para todo ser consciente, seu dever é tributário apenas de sua própria consciência; não pode ser anterior à sua liberdade.

É, portanto, para a vida que ela se prepara, e, como todas as justças se encontram, é se preparando para a vida que ela se prepara para a maternidade. Ela aceitou essa condição sem dúvida, uma vez que nela deve se consumir, e nada, nem a arte, nem a ciência, nem a pesquisa, nem qualquer outra realização, a consumiria mais, porque a maternidade é a soma e o ápice de toda coisa humana. Aqui se deve semear, em forma de impressões, apenas ideias justas; reconhecer no nascedouro os desvios prováveis e tudo orientar para o alto em direção da luz; em uma palavra, deve haver a ciência suprema, a do ser, para a qual, por mais inteligente

si préparée qu'elle soit, la femme ne le sera jamais assez, et devra s'aider, avec intelligence et sincérité, des forces du père, de la famille, de la société.

Mais enfin, si grande et si noble que soit cette tâche, elle devient peu à peu moins absorbante, et quelque jour cesse, dans la liberté complète et l'amitié de l'enfant, devenu l'égal. Les soins maternels, dans leur période spéciale, ne demandent guère à chaque femme, en moyenne, qu'une dizaine d'années,³² disons: 15 ans, si l'on veut. La vie normale de chaque être est de 60 à 70 ans. Doit-elle être sacrifiée toute entière à cet espace de 10 ou de 15 années ? quinze ans, si l'on veut.

C'est dans ce point unique cependant qu'on veut absorber et fondre toute la destinée de la femme, Cest pour cela que dans les récentes discussions populaires à ce sujet on faisait abstraction de la nécessité même pour soutenir que la femme doit être affranchie de tout travail.

Comprend-on des travailleurs, dont la fonction ne pourrait s'exercer que pendant dix ou quinze années, et qui demanderaient pour ce fait à rester oisifs, et nourris du travail commun, tout le reste de leur vie ?

Mais ce n'est pas la femme qui réclame cette immunité. Et ce n'est pas non plus dans son intérêt qu'on la réclame.

Il faut ajouter que pour un nombre de femmes assez considérable: celles qui ne se marient pas, et celles qui, mariées, n'ont pas d'enfants, ce dévouement forcé aux inconvénients d'un système, dont elles ne récoltent pas les avantages, est par trop injuste. Celles-là, quel les raisons, quels prétextes alléguer pour leur interdire, aussi bien qu'à la mère devenue libre, l'accès de n'importe quelle carrière ou fonction choisie par elles ? Que ce soit la règle, l'exception, qu'importe ? Que ce soit la liberté !

Il n'est que trop accepté, aux deux extrémités des fortunes humaines, que la femme abandonne ses enfants, ici, pour le travail là, pour le plaisir. Pourquoi donc ceux qui s'écrient le plus haut que la maternité est la

e preparada que seja, a mulher nunca o será o suficiente e deverá dispor, com inteligência e sinceridade, das forças do pai, da família e da sociedade.

Mas, enfim, por maior e mais nobre que seja essa tarefa, ela se torna aos poucos menos absorvente e um dia cessa, na liberdade completa e na amizade do filho, que se torna seu igual. Os cuidados maternos, em seu período especial, solicitam de cada mulher apenas, em média, cerca de 10 anos,³⁵ digamos 15. A vida normal de cada ser é de 60 a 70 anos. Deve ela toda ser sacrificada em favor desse espaço de 10 ou 15 anos?

É nesse ponto único, entretanto, que se quer absorver e fundir todo o destino da mulher. É por isso que, nas recentes discussões populares sobre o tema, fazia-se abstração da própria necessidade econômica, para se defender que a mulher deve ser desobrigada de todo trabalho.

Imaginar-se-ia que o trabalhador, cuja função só poderia ser exercida durante 10 ou 15 anos, pudesse, por essa razão, reivindicar permanecer ocioso, e ser provido do trabalho em comum, pelo resto da vida?

Mas não é a mulher que pleiteia essa imunidade. E também não é em seu interesse que se pleiteia isso.

Acrescente-se que para uma quantidade considerável de mulheres – as que não se casam e aquelas que, casadas, não têm filhos – essa devoção forçada aos inconvenientes de um sistema, do qual elas não tiram proveito, é por demais injusta. Para essas mulheres, que razões, que pretextos alegar para lhes proibir, tal como à mãe liberta de suas obrigações maternas, o acesso a qualquer carreira ou função por ela escolhidas? Que seja a regra ou a exceção, o que importa? Que seja a liberdade!

É comumente aceito, nas duas extremidades da fortuna humana, que a mulher abandone seus filhos, ora para exercer um trabalho, ora por prazer. Por que então aqueles que clamam com mais vigor que a

seule vocation de la femme, combattent-ils ces deux grands fléaux de la famille : la misère et la coquetterie, avec bien moins d'ardeur qu'ils ne combattent l'éducation scientifique pour la femme ? Pourquoi ? si ce n'est qu'au fond ce respect affecté de la maternité n'est que le profond émoi d'une domination ébranlée ?

Pourquoi cette exagération d'égards, de tendresse, qui va jusqu'à refuser à la femme le travail, cette noble et nécessaire gymnastique ?

Parce que travail signifie indépendance.

Pourquoi cette peur insensée, illogique, de la connaissance, de la réflexion, du libre développement de l'être ?

Parce que de la connaissance dérive la volonté, comme de l'ignorance l'incertitude. Qui pense et qui sait veut; tous les despotes sentent cela.

Et l'analogie est si complète, qu'il n'est pas un argument fourni par les adversaires de la femme, qui ne soit tiré de l'arsenal des pouvoirs divin et temporel. Si la femme, trop adonnée aux choses de l'esprit, néglige ses devoirs maternels ? si la liberté chez elle devient licence ?...

Mais la liberté c'est la force ! Et la force est la santé ! C'est la faiblesse qui se livre et qui s'abat. Tristes incroyants, qui estiment que l'intelligence et la liberté conduisent au mal ! Et puis, quoi ? De ce que l'excès est possible, s'en suit-il que l'usage de tout bien doit être interdit ?

Jamais encore affamé n'a réclamé sa place au banquet social, qu'on ne l'ait écarté sous accusation d'insobriété probable. C'est trop de sollicitude. La vie a ses risques et périls, et la liberté les siens. Mais les prévenir par la mort ou par l'esclavage, dépasse les bornes de la prudence.

Tout ce creux système, si favorable à la tirade et à l'amplification, s'écroule dès qu'on y touche, et ne se compose que de phrases. On exalte

maternidade é a única vocação da mulher combatem essas duas calamidades da família – miséria e vaidade – com muito menos ardor do que combatem a educação científica para a mulher? Pergunta-se: se não for porque, no âmago da questão, esse respeito afetado pela maternidade não passa de um temor profundo de uma dominação ameaçada?

Por que esse exagero de reverência, de ternura, que chega ao ponto de negar às mulheres o trabalho, essa nobre e necessária ginástica?

Porque trabalho significa independência.

Por que esse medo insensato, ilógico, do conhecimento, da reflexão, do livre desenvolvimento do ser?

Porque do conhecimento deriva a vontade, tal como da ignorância, a incerteza. Quem pensa e quem sabe quer; todos os déspotas sentem isso.

E a analogia é tão completa, que não há argumento alegado pelos adversários da mulher que não seja extraído do arsenal dos poderes divino e temporal. E se a mulher, demasiado dedicada às coisas do espírito, negligenciar seus deveres maternos? E se a liberdade, nela, tornar-se abuso?...?

Mas liberdade é força! E força é saúde! É a fraqueza que submete e abate. Tristes incrédulos, que acreditam que inteligência e liberdade conduzem ao mal! Qual o quê? Pela possibilidade do excesso, conclui-se que o uso de todo o bem deveria ser proibido?

Não há esfomeado que, ao exigir assento no banquete social, não seja rechaçado sob acusação de provável embriaguez. Seria demasiada solicitude. A vida tem seus riscos e perigos, e a liberdade, os seus. Contudo, preveni-los pela morte ou pela escravidão ultrapassa os limites da prudência.

Todo esse raso sistema, tão propício ao sermão e ao exagero, desmorona ao ser tocado, e somente se compõe de frases. Cada um que exalte mais o papel da mãe e o gênio materno: a literatura explorou essa veia com

à l'envi le rôle de la mère et le génie maternel : la littérature a exploité cette veine avec enthousiasme ; le théâtre possède sur ce sujet les clichés les mieux sentis, que répètent volontiers dans les conversations, ou même en certaines occasions de la vie privée, les gens impressionnables. Mais, en réalité, dans la vie intime et de tous les jours, la mère n'en est pas plus respectée. Elle ne l'est pas, parce quelle ne saurait l'être ; parce qu'en dépit de la rhétorique la logique a ses droits, et que lorsque les faits contredisent les mots, les mots ont tort.

On ne respecte que ce qu'on estime. Et selon nos mœurs actuelles, qu'il faut voir telles qu'elles sont, ce qu'on estime le moins ce sont les vertus simples et passives, le désintéressement, la bonté, le devoir rempli, surtout lorsque les soins qu'entraîne ce devoir ont un caractère servile et en apparence futile, et quand à ces vertus s'allient beaucoup d'ignorance et de nombreuses incapacités. Ce qui commande l'estime, c'est la force intellectuelle ; ce qui commande l'estime, plus encore, hélas ! – la déférence du moins – aux temps où nous sommes, c'est le pouvoir.

Or, la mère est dépourvue, de par nos usages et de par la loi, de tout élément d'influence et d'autorité. Elle ne dispose librement de quoi que ce soit ; ni la satisfaction des besoins, ni celle des plaisirs ne dépendent d'elle. Qu'il s'agisse de l'éducation des enfants, de leur carrière, d'incidents graves de leur vie, de leur mariage, la mère ne tient au conseil que l'humble place d'un préopinant sans droits, dont l'avis peut être écarté sans cérémonie. En toute décision importante, la volonté du père importe seule, et les enfants le savent bien. Peut-être l'excès d'une telle injustice exciterait-il leur indignation ? Mais quoi ? Ne voient-ils pas la profonde incompetence de leur mère à l'égard de tous les sujets sérieux, et cette harmonie entre l'éducation et la loi ne doit-elle pas suffire à convaincre des esprits peu réfléchis que les choses sont comme elles doivent être ? On accorde donc à sa mère l'affection un peu dédaigneuse, dont le père lui-même donne l'exemple ; on accepte

entusiasmo; o teatro possui sobre o tema os clichês mais afetados, prontamente repetidos em conversas, ou mesmo em certas ocasiões da vida privada, por pessoas impressionáveis. Mas, na realidade, na vida íntima e cotidiana, a mãe não é por isso mais respeitada. Não é, porque não poderia ser; porque, a despeito da retórica, a lógica tem seus direitos, e, quando os fatos contradizem as palavras, essas perdem a razão.

Só se respeita o que se estima. E, de acordo com nossos atuais costumes, que devem ser vistos tal como são, o que menos se estima são as virtudes simples e passivas, o desprendimento, a bondade e o dever cumprido, sobretudo quando os cuidados que esse dever implica têm um caráter servil e aparentemente fútil, e, quando, a essas virtudes, alia-se muita ignorância e incapacidade. O que rege a estima é a força intelectual; o que rege a estima, mais ainda, lamentavelmente – ao menos por deferência –, nos tempos de hoje, é o poder.

Ora, a mãe é desprovida, por nossos costumes e pela lei, de qualquer elemento de influência e autoridade. Ela não dispõe livremente de nada; dela não dependem nem a satisfação das necessidades, nem a dos prazeres. Quer se trate da educação dos filhos, de sua carreira, de incidentes graves de suas vidas, de seu casamento; para o aconselhamento, a mãe ocupa apenas o lugar humilde de um preopinante sem direitos, cuja opinião pode ser desconsiderada sem cerimônia. Em qualquer decisão relevante, somente importa a vontade do pai, e os filhos sabem disso. O excesso de tamanha injustiça poderia despertar neles indignação? Não enxergam a profunda incompetência da mãe em relação a todos os assuntos sérios, e não deveria essa harmonia entre educação e lei bastar para convencer mentes desavisadas de que as coisas são como deveriam ser? Concede-se à mãe o afeto um tanto desdenhoso, do qual o próprio pai dá o exemplo; aceitam-se seus cuidados e seus mimos como algo devido, por pura bondade, pois a mulher tem necessidades

ses soins et ses gâteries comme chose due, par bonté pure, car la femme a des besoins de tendresse à satisfaire; on méprise ses avis ; on raille ses inquiétudes ; la mère entend le nom de femme tomber avec dédain de la bouche de son fils. Qu'à tout cela se joignent des déférences extérieures, ou même des adorations poétiques, cela n'y fait guère. Toujours illogique à l'égard de la femme, l'homme se plaît à se poser en ce qui la touche, des problèmes d'inconséquence, qu'il parvient à résoudre à sa propre satisfaction. On ne se réserve pas impunément la science à soi seul.

Quoi qu'on dise d'ailleurs, le fait est là, dans son écrasante réalité: la femme est subordonnée ; donc, inférieure pour tous ceux qui ne séparent pas le fait du droit, c'est-à-dire pour l'immense majorité des hommes, pour les fils aussi bien que pour les maris. Et puis, nous parlons toujours des classes élevées, c'est-à-dire du petit nombre. Mais qu'on aille visiter les intérieurs populaires. Aux yeux de l'homme du peuple, qui, lui, ne se pique pas de quintessence, le respect d'un être auquel on n'accorde pas le sens commun nécessaire pour se conduire lui-même, et faire ses propres affaires, ce respect là n'est qu'une simagrée des gens comme il faut ; et il ne se met nullement en peine de les imiter sur ce point, n'en croyant pas plus mal faire. Au village, le fils devenu chef de famille, c'est le maître ; sa vieille mère, aussi bien que sa femme, le nomment ainsi, et ce n'est pas la vieille mère qui sera le moins durement commandée, le moins grossièrement remontrée. Là, c'est-à-dire chez l'immense majorité se réalise encore dans toute sa splendeur, la maxime hindoue : la femme doit obéir, fille à son père, femme à son mari, mère à son fils.

Au fond, ce sentiment est partout le même, à part certaines familles, très-exceptionnelles, où le sentiment élevé de ce qui doit être impose aux enfants la sainte ignorance de la loi, il n'est pas un fils qui, dès l'âge où il peut comprendre l'état de choses régnant – dans la plupart des ménages il ne faut, pour cela qu'écouter et voir – ne respecte moins sa mère

de ternura para satisfazer; desprezam-se suas opiniões; zomba-se de suas preocupações; a mãe escuta o nome de mulher cair desdenhosamente da boca do filho. Ainda que somada a deferências externas, ou mesmo adorações poéticas, essa situação não muda. Sempre ilógico em relação à mulher, o homem se compraz em se impor em tudo que lhe diz respeito e a lhe atribuir problemas de inconseqüência, que ele consegue resolver para a própria satisfação. Não se confisca impunemente a ciência para si.

Não importa o que se diga, aliás, o fato está aí, em sua esmagadora realidade: a mulher é subordinada; portanto, inferior para todos aqueles que não separam o fato da lei, ou seja, para a imensa maioria dos homens, tanto para os filhos como para os maridos. E, ademais, estamos falando sempre das classes altas, ou seja, da minoria. Mas visitemos os lares populares. Aos olhos do homem do povo, desprovido de quintessência, o respeito por um ser a quem não se atribui o bom senso necessário para se autoconduzir e cuidar de suas próprias coisas, nada mais é que uma imitação das pessoas bem-comportadas; e esse homem não faz questão alguma de imitá-las, acreditando não fazer nada de mal. No lugarejo, o filho que se tornou o chefe da família é *o mestre*; sua velha mãe, assim como sua mulher, chama-no assim, e não é a velha mãe que será a menos duramente comandada, a menos rudemente repreendida. Aí, ou para a imensa maioria, a máxima hindu ainda se realiza em todo o seu esplendor: a mulher deve obedecer: a filha ao pai, a esposa ao marido, a mãe ao filho.

Na realidade, esse sentimento é o mesmo em todo lugar. E, mesmo em algumas famílias, muito excepcionais, onde o elevado sentimento do dever impõe aos filhos a santa ignorância da lei, não há um filho sequer que, desde a idade de compreender o estado prevalectente das coisas – na maioria dos lares, basta ouvir e ver para se perceber –, não respeite menos a mãe do que o pai. E não poderia ser diferente. E nem

que son père. Il n'en saurait être autrement; et tous les cris d'horreur et toutes les périodes de toute une légion de Prud'hommes n'y changeront rien. L'influence du fait, bienplus forte que celle du droit, impose ce sentiment au coeur des hommes – disons, si l'on veut, des hommes vulgaires ; mais je prie les autres de se bien sonder.

On peut donc éditer, et rééditer, les plus jolies phrases sur le divin rôle de la mère, de la femme, dans l'humanité. Aussi longtemps que la femme restera intellectuellement et légalement inférieure, elle restera méprisée. Le christianisme aussi a dit de fort belles choses sur l'égalité du pauvre et du riche, de l'esclave et du maître (non de la femme et de l'homme ; il faut lui rendre justice à cet égard). Comme il s'est contenté de les dire, et a renvoyé toute liquidation après cette vie, ses maximes sont restées lettres mortes, et l'on sait de quel air un dévot de haut parage fait l'aumône à son frère en Jésus-Christ, couvert de haillons.

Le premier sentiment de dédain à l'égard de la femme, qui naît du spectacle des choses, se complique admirablement, à l'âge des passions, de la différence des deux morales. Habitué déjà à se considérer comme suzerain, sûr de l'innpunité matérielle et morale, comment l'homme n'abuserait-il pas d'un être que lui abandonnent les lois et l'opinion; que lui livrent une insuffisance d'esprit soigneusement préparée, la coquetterie, l'ignorance et, tantôt l'oisiveté, tantôt la misère ? On invoquera la pitié, la justice... enfantillage ! l'homme encore une fois ne respectera la femme que lorsqu'elle sera son égale endroit et en fait, armée des mêmes droits et des mêmes puissances.

C'est, j'en conviens, une vérité dure, qui prête peu aux beaux sentiments et aux phrases sonores; mais c'est une vérité humaine, que prouvent à l'envi, et le spectacle du monde actuel et tous les enseignements de l'histoire. Non – pas encore du moins – un ordre de choses ne se change par de simples exhortations. Non, pas encore, dans le monde, la générosité n'est de taille à remplacer la justice. – Que penseraient les propriétaires

todos os gritos de horror e todos os mandamentos de uma legião de Prud'hommes nada mudarão nesse estado de coisas. A influência do fato, muito mais forte que a da lei, impõe esse sentimento no coração dos homens – digamos, dos homens vulgares; mas imploro aos outros que se perscrutem bem.

Pode-se editar, e reeditar, as frases mais belas sobre o divino papel da mãe e da mulher na humanidade. Enquanto a mulher permanecer intelectual e legalmente inferior, ela será desprezada. O cristianismo também disse coisas muito belas sobre a igualdade do pobre e do rico, do escravo e do mestre (não da mulher e do homem; justiça seja feita). Tendo apenas pronunciado tais palavras, despachando a quitação para além dessa vida, suas máximas permaneceram letra morta, e todos sabem como um devoto de alto nível dá esmola a seu irmão, em nome de Jesus Cristo, coberto de trapos.

O primeiro sentimento de desprezo pela mulher, que nasce do espetáculo das coisas, complica-se, admiravelmente, na idade das paixões, em razão da diferença entre as duas morais. Acostumado a se considerar suserano, certo da impunidade material e moral, como poderia o homem não abusar de um ser que as leis e a opinião abandonam aos seus cuidados; que uma insuficiência de espírito cuidadosamente preparada – vaidade, ignorância, ociosidade ou miséria – deixa à sua mercê? São invocadas piedade e justiça... tolices! O homem, mais uma vez, só respeitará a mulher quando ela for sua igual, de direito e de fato, armada com os mesmos direitos e os mesmos poderes.

Essa é, certamente, uma verdade dura, que pouco se presta aos belos sentimentos e às frases sonoras; mas é uma verdade humana, que o espetáculo do mundo de hoje e todos os ensinamentos da história fortemente comprovam. Não – pelo menos ainda não –, uma ordem de coisas não se muda por meio de meras exortações. Não, ainda não, no mundo, a generosidade não é capaz de substituir a justiça.

d'un législateur qui abolirait le code pénal, en se bornant à faire appel à la probité des citoyens ?

Enfin, s'il est reconnu en démocratie que droit et devoir s'impliquent et sont les deux faces du même fait moral, qu'on cesse de faire du devoir le plus étendu et le plus sacré, un titre d'esclavage. Qu'on cesse d'élever les devoirs de la femme contre ses droits.

O que pensariam os apoiadores de um parlamentar que abolisse o código penal, invocando insistentemente a proibidade dos cidadãos?

Enfim, se é reconhecido na democracia que direito e dever implicam um ao outro mutuamente, sendo as duas faces do mesmo fato moral, então, que se deixe de fazer do mais extenso e sagrado dever um título de escravidão; que se deixe de levantar os deveres da mulher contra os seus direitos.

Tradução para o português: Sabine Gorovitz
e Germana Henriques Pereira

Maria Deraismes (1828-1894)



Portrait de Maria Deraismes, anonyme.

Retrato de Maria Deraismes, autoria anônima.

Maria Deraismes : une grande oratrice féministe

Amanda Bruno de Mello
Univesité Fédérale de Santa Catarina

Marie Adélaïde Deraismes, plus connue sous le nom de Maria Deraismes, est née en 1828 à Paris. Issue d'une famille bourgeoise républicaine, d'inspiration voltairienne et riche, elle a eu accès à une éducation extrêmement savante (elle a étudié le grec, le latin, la philosophie, la peinture, l'histoire, entre autres disciplines), mais aussi engagée, ce qui était alors inhabituel pour les femmes. La prospérité de sa famille lui a permis de se consacrer entièrement à sa carrière d'intellectuelle, de conférencière et d'écrivaine, puisqu'elle n'avait pas à se soucier de travailler pour subvenir à ses besoins. Certes, sa position sociale était également importante pour qu'elle puisse soutenir sa décision de ne pas se marier et de ne pas avoir d'enfants.

Ses premiers écrits sont des pièces de théâtre, notamment des comédies de salon, qu'elle publie dans *Théâtre chez soi*. Dès 1865, elle publie des pamphlets, des textes journalistiques et, surtout, tient des conférences. Au début, elle s'est consacrée à des thèmes littéraires; puis elle commence à parler de plus en plus des droits des femmes (Krakovitch, 2009), mais elle a parlé aussi de morale, d'histoire, des droits des enfants, du rôle du clergé dans la société et du divorce, entre autres sujets. La plupart de ses conférences a lieu dans l'obédience maçonnique du Grand Orient. Seuls les hommes pouvaient être membres de l'institution. Pourtant, en tant qu'invitée, Deraismes attire un large public et gagne l'admiration de beaucoup. Elle reste proche de la maçonnerie, qu'elle considère comme un instrument important pour l'éducation des femmes.

En 1866, elle participe à la création de la Société pour la revendication des droits de la femme et, en 1869, du journal *Le droit des femmes*. Elle

Maria Deraismes: uma grande oradora feminista

Amanda Bruno de Mello

Universidade Federal de Santa Catarina

Marie Adélaïde Deraismes, mais conhecida como Maria Deraismes, nasceu em 1828 em Paris. De família burguesa republicana, de inspiração voltairiana e rica, teve acesso a uma educação não apenas extremamente erudita (estudou grego, latim, filosofia, pintura, história, entre outras disciplinas), mas também engajada, o que era então incomum para mulheres. A prosperidade de sua família permitiu que se dedicasse integralmente à carreira de intelectual, jornalista, conferencista e escritora, uma vez que não precisava se preocupar em trabalhar para se manter. Certamente, a posição social também foi importante para que sustentasse sua decisão de não se casar e não ter filhos.

Seus primeiros escritos são peças de teatro, principalmente comédias de salão, publicadas em *Teatro em Casa*. De 1865 em diante, publicou panfletos, textos jornalísticos e, principalmente, realizou conferências. Inicialmente, dedicou-se a temas de ordem literária; em seguida, passou a falar cada vez mais dos direitos da mulher (Krakovitch, 2009) e também de moral, história, direito da criança, do papel do clero na sociedade e do divórcio, entre outros temas. A maior parte de suas conferências tem lugar na obediência maçônica do Grande Oriente. Apenas homens podiam ser membros da instituição; mesmo assim, como convidada, Deraismes atraiu um público numeroso e ganhou a admiração de muitos. Ela se manteve próxima da maçonaria, que acreditava ser um importante instrumento para a educação da mulher.

Em 1866, participou da criação da Sociedade para a Reivindicação dos Direitos da Mulher e, em 1869, do jornal *O Direito das Mulheres*. Colaborou com jornais, como *O Grande Jornal* e *O Anão Amarelo*. O período

collabore avec des journaux tels que *Le Grand Journal* et *Le Nain Jaune*. La période 1870 à 1885 est marquée par son activité la plus intense. Elle revendique le droit à une éducation laïque pour les femmes, l'abolition de la prostitution, l'égalité juridique entre hommes et femmes et les droits des enfants (dénonçant, par exemple, le travail des enfants et l'abus de pouvoir paternel). Elle critique également les excès des partisans de la Commune de Paris et défend énergiquement la séparation de l'Église et de l'État (Hivert-Messeca, 2010).

En 1878, comme programmation parallèle à l'Exposition Universelle, elle organise, avec Léon Richer, le premier Congrès Féministe International, de caractère modéré, avec une plus grande présence d'hommes que de femmes, dont les revendications sont « éducation, égalité de salaire, ouverture à toutes les professions » (Krakovitch, 2009). Deraismes a des positions modérées et républicaines; elle ne pense pas, par exemple, contrairement aux saint-simoniennes et aux quarante-huitardes (Pierotti, 2016), que révolution et féminisme soient les deux faces d'une même médaille. La demande de droits politiques pour les femmes n'est même pas son principal programme, s'étant davantage consacrée à la revendication de droits économiques et civils, peut-être parce qu'elle craignait le moment d'incertitude et d'instabilité politique. Lors du premier congrès anticlérical français, qui a eu lieu en 1881 et dont elle a été vice-président, elle a revendiqué « mariage civil, divorce, droits égaux de l'homme et de la femme, enseignement laïc » (Krakovitch, 2009).

Ses critiques à l'égard des religions sont assez sévères, d'autant plus qu'elle considère qu'elles sont directement responsables de la soumission des femmes dans la société, soit par des croyances qui les infériorisent ; soit en leur offrant une éducation limitante. Dans son discours *Le suffrage universel*, qui date de 1879 et a été publié en 1891 dans le livre *Ève dans l'humanité*, elle soutient la thèse que le seul péché d'Ève a été la curiosité:

que vai de 1870 a 1885 foi marcado por sua atividade mais intensa. Reivindicou o direito a uma educação laica para as mulheres, a abolição da prostituição, a igualdade jurídica entre homens e mulheres e os direitos das crianças (denunciando, por exemplo, o trabalho infantil e o abuso do poder paterno). Também criticou os excessos dos apoiadores da Comuna de Paris e defendeu enfaticamente a separação entre Igreja e Estado (Hivert-Messeca, 2010).

Em 1878, em uma programação paralela à Exposição Universal, realizou, com Léon Richer, o primeiro Congresso Feminista Internacional, de caráter moderado, com presença maior de homens do que de mulheres, cujas reivindicações são “educação, igualdade de salários, abertura a todos as profissões” (Krakovitch, 2009). Com posições moderadas e republicanas, Deraismes não achava, por exemplo, ao contrário das saint-simonianas e das revolucionárias de 1848 (Pierotti, 2016), que revolução e feminismo fossem dois lados da mesma moeda. A reivindicação de direitos políticos para mulheres não era, inclusive, sua pauta principal, tendo se dedicado mais à reivindicação de direitos econômicos e civis, talvez por temer o momento de incerteza e instabilidade política. Já no primeiro congresso anticlerical da França, que ocorreu em 1881 e do qual foi vice-presidente, reivindicou “casamento civil, divórcio, direitos iguais do homem e da mulher, ensino laico” (Krakovitch, 2009).

Suas críticas às religiões eram bastante severas, especialmente porque considerava que eram diretamente responsáveis pela submissão feminina na sociedade, fosse com crenças que inferiorizam a mulher, fosse oferecendo a elas uma educação limitante. No discurso *O sufrágio universal*, que data de 1879 e foi publicado em 1891 no livro *Eva na humanidade*, sustenta a tese de que o único pecado de Eva foi a curiosidade:

[...] dans cette vieille légende de l'Eden, si mal interprétée, la femme, Eve, a pris l'initiative du progrès. A quelle tentation succombe-t-elle? A celle de savoir et de connaître. Elle cède à la curiosité scientifique. Bienheureuse curiosité, curiosité salutaire! Sans elle, que serions-nous aujourd'hui ? Tout bien réfléchi, nous devons à cette femme prototype beaucoup plus de remerciements que de reproches. (Deraismes, 1891, p. 241)

Dans une autre conférence publiée dans le même ouvrage, *La femme et le droit*, elle examine et critique la vision du genre féminin dans différentes religions, en affirmant qu'Eve, pour les Juifs, et Pandore, pour les Grecs, sont représentées comme l'origine même de la transgression; que quelque chose de semblable se passe avec les filles des géants pour les Celtes. Marie elle-même, « l'idéal de la femme dans le christianisme, est l'incarnation de la nullité, de l'effacement; elle est la négation de tout ce qui constitue l'individualité supérieure: la volonté, la liberté, le caractère » (Deraismes, 1891, p. 12).

En 1881, Maria Deraismes devient directrice du journal *Le Républicain de Seine-et-Oise*. En 1882, elle rejoint une loge maçonnique qui, cependant, est dissoute peu après en raison du scandale qui a été la violation de l'interdiction des femmes. En 1893, elle réunit un groupe de femmes et, avec George Martin, fonde la première loge maçonnique mixte que l'on connaît. Elle meurt d'emphysème en 1894 et son œuvre complète est publiée l'année suivante.

Deraismes est l'une des rares féministes à recevoir des hommages et des reconnaissances officiels peu après sa mort. En 1895, une des rues qui entourent le Square des Épinettes passe à porter son nom; en 1898, le square reçoit une statue de la conférencière. Comme l'explique Christel Sniter (2003), il s'agit d'un cas unique parmi les femmes honorées avec une statue entre 1870 et 1914: elle est représentée debout, dans une pose considérée comme masculine rappelant celle des empereurs romains,

[...] nessa velha lenda do Éden, tão mal interpretada, a mulher, Eva, tomou a iniciativa do progresso. A qual tentação ela sucumbe? Àquela de saber e de conhecer. Ela cede à curiosidade científica. Bendita curiosidade, curiosidade salutar! Sem ela, o que seríamos hoje? Pensando bem, nós devemos a essa mulher prototípica muito mais agradecimentos que reprovação. (Deraismes, 1891, p. 241)

Em outra conferência publicada no mesmo livro, *A mulher e o direito*, examina e critica a visão do gênero feminino em diversas religiões, afirmando que Eva, para os judeus, e Pandora, para os gregos, são representadas como a própria origem da transgressão; que algo similar acontece com as filhas dos gigantes para os celtas. Mesmo Maria, “o ideal de mulher no cristianismo, é a encarnação na nulidade, do apagamento: ela é a negação de tudo o que constitui a individualidade superior: a vontade, a liberdade, a personalidade” (Deraismes, 1891, p. 12).

Em 1881, Maria Deraismes passou a dirigir o jornal *O Republicano de Seine-et-Oise*. Em 1882, entrou para uma loja maçônica que, no entanto, foi dissolvida logo em seguida pelo escândalo que foi o não cumprimento da proibição de mulheres. Em 1893, reuniu um grupo de mulheres e, com George Martin, fundou a primeira loja maçônica mista de que se tem notícia. Morreu de enfisema em 1894 e teve sua obra completa publicada no ano seguinte.

Deraismes foi uma das poucas feministas a receber homenagens e reconhecimentos oficiais logo após a morte. Em 1895, uma das ruas que contornam a Square des Épinettes levou seu nome; em 1898, a praça recebeu uma estátua da conferencista. Como explica Christel Sniter (2003), trata-se de um caso único entre as mulheres homenageadas com estátuas entre 1870 e 1914: é representada de pé, numa pose considerada masculina, que lembra a de imperadores romanos, ao contrário de outras mulheres da época, representadas em poses consideradas femininas, normalmente sentadas. A comissão é feita em

contrairement aux autres femmes de l'époque, représentées dans des poses considérées comme féminines, généralement assises. La commission est réalisée en bronze, un honneur accordé uniquement à Jeanne d'Arc. En 1919, sa statue devient un lieu de manifestation des suffragettes. En 1929, à l'occasion du centenaire de sa naissance, elle donne son nom également à une rue d'Eaubonne, actuellement dans le département du Val d'Oise (à l'époque, dans celui de la Seine-et-Oise), au nord de Paris.

Aussi comme l'œuvre d'autres femmes féministes et protoféministes, l'œuvre de Deraismes commence à être récupérée dans les années 1980. Sa première réédition contemporaine a eu lieu précisément en 1980, avec la publication de *Ce que veulent les femmes: articles et discours de 1869 à 1894*. Suivent *Les droits de l'enfant : conférence de Maria Deraismes*, en 1999, et *Ève dans l'humanité*, en 2008. Il existe encore peu de matériel critique et biographique sur l'écrivaine. Citons notamment *Regards sur Maria Deraismes: la liberté de penser*, dirigé par Andrée Part (2010), et *Maria Deraismes: journaliste pontoisienne, une féministe et libre-penseuse au XIX siècle*, organisé par Claude Singer (2011). En 2015, a été publiée la biographie romancée *Maria Deraismes : riche, féministe et franc-maçonne*, de Fabienne Leloup.

La conférence traduite ici par Alice Maria de Araújo Ferreira e Germana Henriques Pereira, intitulée « La femme et les mœurs », a été publiée en 1891 dans *Ève dans l'humanité*, volume déjà cité qui rassemble conférences et discours sur la condition des femmes dans la société, ainsi que d'autres écrits. Dans la préface, Deraismes prévient que les premières conférences, dont celle déjà mentionnée, avaient été données plus de vingt ans auparavant. L'auteure, comme d'autres penseuses de son temps, est également attentive à la grande contradiction qui est de refuser aux femmes les droits civils et politiques alors que la constitution prêche les idéaux révolutionnaires d'égalité, de liberté et de fraternité.

bronze, honraria concedia apenas a Joana D'Arc. Em 1919, sua estátua se tornou um local de manifestação das sufragistas. Em 1929, ainda em comemoração ao centenário do seu nascimento, também deu nome a uma rua em Eaubonne, atualmente no departamento de Val d'Oise (à época, no de Seine-et-Oise), ao norte de Paris.

Assim como aconteceu com a obra de outras mulheres feministas e profeministas, sua obra começou a ser resgatada nos anos 1980. Sua primeira reedição contemporânea se deu justamente em 1980, com a publicação de *O que querem as mulheres: artigos e discursos de 1869 a 1894*. Seguiram-se *Os direitos da criança: conferência de Maria Deraismes*, publicado em 1999, e *Eva na humanidade*, em 2008. Ainda há pouco material crítico e biográfico sobre a autora. Destacam-se *Olhares sobre Maria Deraismes: a liberdade de pensar*, organizado por Andrée Part (2010), e *Maria Deraismes: jornalista de Pontoise, uma feminista e livre-pensadora no século XIX*, organizado por Claude Singer (2011). Em 2015, foi publicada a biografia romanceada *Maria Deraismes: rica, feminista e franco-maçônica*, de Fabienne Leloup.

A conferência aqui traduzida por Alice Maria de Araújo Ferreira e Germana Henriques Pereira, intitulada “A mulher e os costumes”, foi publicada em 1891 em *Eva na humanidade*, volume já citado, que reúne conferências e discursos sobre a condição da mulher na sociedade, além de outros escritos. No prefácio, Deraismes adverte que as primeiras conferências, entre as quais a já mencionada, haviam sido proferidas mais de vinte anos antes. A autora, como outras pensadoras de sua época, também se atenta à grande contradição que é negar direitos civis e políticos às mulheres, enquanto a constituição prega os ideais revolucionários de igualdade, liberdade e fraternidade.

Dans « La femme et les mœurs », elle déconstruit l'idée que les femmes sont moralement faibles et explique que l'origine du comportement immoral de certaines femmes – surtout les travailleuses – n'est pas dans leur nature, mais dans la contradiction qui sous-tend la morale de la société. En effet, on s'attend à ce que les hommes soient polygames (que ce soit de manière officielle, en Orient ; que ce soit de manière cachée, en Occident), mais que les femmes soient chastes. Or, si la polygamie masculine est approuvée, les femmes subiront des pressions pour céder à la morale masculine, qui est contraire à la féminine. Celles qui vivent dans la misère courent un risque sérieux si elles résistent aux pressions. Deraismes (1891, p. 36) conclut que « Si, dans ces conditions, une femme s'obstine à ne point quitter la ligne droite, si elle ne transige pas, elle peut se persuader, à l'avance, que, quels que soient son talent, son mérite, elle n'obtiendra que la dernière place, et encore si elle y arrive ».

L'auteure révèle une profonde connaissance de la société et, bien qu'elle ne soit pas socialiste, elle reconnaît à quel point les différentes conditions économiques ont un impact sur tous les domaines de la vie des femmes, y compris l'aspect moral. Détentriche d'une pensée scientifique qui se veut libre de tout préjugé, elle ne défend pas forcément que les hommes et les femmes doivent se soumettre également à la morale monogame – mais que la même morale s'applique aux deux. C'est un sujet encore très actuel, qui n'a été débattu en profondeur que très récemment.

Traduction en français : Amanda Bruno de Mello

Em “A mulher e os costumes”, desconstrói a ideia de que as mulheres sejam moralmente fracas e explica que a origem do comportamento imoral de certas mulheres – especialmente das trabalhadoras – não está na sua natureza, mas na contradição que funda a moral da sociedade. De fato, espera-se que os homens sejam polígamos (seja de forma oficial, no Oriente; seja de forma oculta, no Ocidente), mas que as mulheres sejam castas. Ora, se a poligamia masculina é aprovada, as mulheres serão pressionadas a cederem à moral masculina, que é contrária à feminina. Aquelas que estão em situação de miséria correm sérios riscos se resistem à pressão. Deraismes conclui: “Se, nessas condições, uma mulher insistir em não sair da linha reta, se não transigir, ela pode convencer-se, antecipadamente, de que, seja qual for seu talento, seu mérito, ela apenas conseguirá o último lugar, isso se chegar lá”.

A autora revela um conhecimento profundo da sociedade e, ainda que não seja socialista, reconhece como as diferentes condições econômicas impactam todos os campos da vida das mulheres, inclusive no aspecto moral. Detentora de um pensamento científico que se pretende livre de preconceitos, ela não defende necessariamente que homens e mulheres tenham que se submeter igualmente à moral monogâmica – mas que a mesma moral se aplique a ambos. Trata-se de um tema ainda muito atual e que vem sendo debatido com mais afinco só muito recentemente.

La femme et les mœurs

Messieurs, Mesdames,

Notre premier entretien n'a été qu'un exposé synthétique des motifs qui ont déterminé la subordination de la femme dans l'humanité.

Ces motifs, d'essence égoïste et brutale, se sont déguisés sous l'apparence du dogmatisme religieux, de la philosophie, voire même de la science ; car, pour être savant, on n'en est pas moins homme. Donc, ceux qui veulent pénétrer les lois de la nature, étant imbus de préjugés séculaires, préjugés qui flattent leur vanité, ont bien plutôt cherché, dans l'étude des organismes humains, à les légitimer qu'à les détruire.

C'est ainsi qu'ils ont décrété, *a priori*, la supériorité du principe mâle dans l'acte générateur, supériorité comprenant toutes les créations d'ordre moral et intellectuel. Cette conclusion hâtive et inexacte, faite par des esprits prévenus, a établi et consacré la hiérarchie dans les rapports des deux sexes. Or, de la nature hiérarchique ou égalitaire des rapports l'état des mœurs de l'individu, de la famille et de la société.

Les nécessités génésiques déterminent l'union des sexes, qui est elle-même la première manifestation de l'association sans laquelle rien ne se reproduit et rien ne dure.

C'est ce groupe initial et le prototype irréductible de toute collectivité organisée ; mais s'il n'y a pas entre les deux facteurs de l'humanité parité de droits, de devoirs, réciprocité d'obligations ; si leur attitude respective n'est pas conforme à la justice ; si l'un des deux empiète sur l'autre et impose sa suprématie, le privilège s'installe dès l'origine et se reproduit à tous les degrés de la mécanique sociale.

A mulher e os costumes

Senhores, senhoras,

Nosso primeiro encontro foi apenas uma exposição sintética dos motivos que determinaram a subordinação da mulher na humanidade.

Esses motivos, de essência egoísta e brutal, foram disfarçados sob a aparência do dogmatismo religioso, da filosofia e até mesmo da ciência; pois, por ser um estudioso, não se é menos homem. Portanto, aqueles que desejam penetrar as leis da natureza, estando imbuídos de preconceitos seculares, preconceitos que incensam sua vaidade, procuraram mais, no estudo dos organismos humanos, legitimá-los que os destruir.

Foi assim que decretaram, *a priori*, a superioridade do princípio masculino no ato procriador, uma superioridade que compreende todas as criações de ordem moral e intelectual. Essa conclusão apressada e inexacta, feita por mentes avisadas, estabeleceu e consagrou a hierarquia nas relações entre os dois sexos. No entanto, da natureza hierárquica ou igualitária das relações estabelecidas entre homem e mulher depende o estado moral do indivíduo, da família e da sociedade.

As necessidades reprodutivas determinam a união dos sexos, que é a primeira manifestação da associação sem a qual nada se reproduz e nada permanece.

Eis o grupo inicial e o protótipo irredutível de qualquer coletividade organizada; mas se não houver entre esses dois fatores da humanidade paridade de direitos, de deveres, reciprocidade de obrigações; se as respectivas atitudes não estiverem de acordo com a justiça; se um dos dois esmaga o outro e impõe sua supremacia, o privilégio se instala desde o início e se reproduz em todos os graus da mecânica social.

Qu'est ce qu'un privilège ?

La dispense d'un devoir ; en conséquence, une atteinte portée au droit d'autrui. Cet abaissement anormal et systématique de l'un des deux éléments constitutifs de l'humanité engendre deux morales qui se neutralisent l'une par l'autre.

L'homme s'étant attribué exclusivement le rôle de générateur et de créateur, s'est arrogé le droit de donner des lois, de rédiger des codes, des statuts, des règlements et de pratiquer, en raison de sa puissance prolifique, incessamment active et dont il dit être seul possesseur, des amours libres. De toutes les prérogatives qu'il s'est octroyées, celle-là lui est peut-être la plus chère. Mais comme l'homme, guidé par l'arbitraire de la passion et de la domination, est absolument illogique, il refuse la réciprocité à la femme qu'il contraint à rester vierge dans le célibat et chaste dans le mariage, sous peine d'être l'objet de la déconsidération, du mépris public et de la sévérité des lois ; l'homme, sans scrupule, laissant à la femme, en cas d'infraction commise de compte à demi avec lui, toute la responsabilité de la faute.

Les hommes se font même gloire d'afficher, à cet égard, jusqu'à l'intempérance. Leur semble que la réserve dans la conduite n'est qu'une preuve de pauvreté du sang et de débilité constitutionnelle. Comment alors l'homme professera-t-il des mœurs libres, si elles sont interdites aux femmes ?

Les mœurs libres n'existant que par le consentement mutuel des deux sexes et la concordance de leurs attractions, la chasteté des femmes ne pourra avoir pour garantie que la retenue des hommes. Il s'ensuit que si les hommes, vu l'ardeur de leur tempérament, se croient autorisés à satisfaire leur passion et à céder à l'entraînement de leurs sens, sans avoir cure des prescriptions de la loi, les femmes devront agir de même.

O que é um privilégio?

A isenção de um dever; por conseguinte, uma violação dos direitos de outrem. Esse rebaixamento anormal e sistemático de um dos dois elementos constitutivos da humanidade gera duas morais que se neutralizam.

O homem que se atribuiu exclusivamente o papel de reprodutor/progenitor e de criador arrogou-se o direito de criar leis, redigir códigos, estatutos, regulamentos e de praticar o amor livre, em razão de seu poder procriador/prolífico, incessantemente ativo e do qual se diz o único possuidor. De todas as prerrogativas que se concedeu, essa talvez seja a mais importante para ele. Mas, como o homem, guiado pela arbitrariedade da paixão e da dominação, é absolutamente ilógico, ele recusa a recíproca à mulher, a quem obriga a permanecer virgem no celibato e casta no casamento, sob pena de ser objeto de descrédito, do desprezo público e da severidade das leis; o homem, sem escrúpulos, deixa, assim, para a mulher, no caso de falta cometida a seu lado, toda a responsabilidade pelo erro.

Os homens se gabam de mostrar, a esse respeito, até mesmo intemperança. Parece-lhes que a reserva na conduta é apenas prova de fraqueza no sangue e impotência constitucional. Como, então, um homem pode professar costumes livres, se forem proibidos às mulheres?

Se os costumes livres apenas existem por consentimento mútuo de ambos os sexos e pela concordância de suas atrações, a castidade das mulheres só pode ser garantida pela moderação dos homens. De onde se conclui que se os homens, tendo em vista o ardor de seu temperamento, se acham autorizados a satisfazer suas paixões e a ceder a suas pulsões, sem respeitarem as prescrições da lei, as mulheres teriam que fazer o mesmo.

Si, au contraire, les femmes prennent en souci ce que le monde légal exige d'elles, et qu'elles restent pures étant jeunes filles et fidèles étant épouses, voici que les hommes seront réduits, bon gré, mal gré, à pratiquer la vertu.

Mais, réplique-t-on, la chasteté est impossible aux hommes : la plupart seraient poussés à la folie, même au crime.

Ainsi, dans cette singulière organisation, quelque parti que l'on prenne, l'un des deux sexes se trouve toujours frustré.

Tel est le dernier mot de notre société.

Peut-être pourrait-on éviter ces terribles extrémités en hâtant l'époque du mariage.

Non, répond-on, l'arrangement de notre société est contraire à cette mesure. D'autres ont l'aplomb d'affirmer que la monogamie est insuffisante pour t'homme.

En ce cas, il ne reaterait plus qu'à proclamer l'amour libre en même temps que l'égalité des deux sexes, et la responsablité des individus.

L'Orient s'est efforcé, à son détriment, de résoudre le problème en instituant la polygamie, autrement dit la pluralité des femmes, qu'il serait plus exact d'appeler polygynie, puisque celles-ci ne jouissent pas de l'avantage polygame. Cette polygynie s'obtient au moyen de la séquestration des femmes, regardées comme têtes de bétail, et de la mutilation de leurs gardiens. Ces procédés inouïs et sauvages sont autant de violations de la personne humaine.

Il résulte de cette promiscuité féminine, constamment exaspérée par une vaine attente, et de la compagnie de ces êtres dépouillés de leur caractère sexuel, des actes contre nature bien capables de soulever le dégoût, et des haines terribles engendrées par la rivalité.

Se, pelo contrário, as mulheres se preocuparem com o que exige delas o mundo jurídico e permanecerem puras quando moças e fiéis quando casadas/esposas, eis que os homens serão forçados, de uma forma ou de outra, a praticarem a virtude.

Mas, retruca-se, a castidade é impossível para os homens: a maioria seria levada à loucura, até mesmo ao crime.

Assim, nessa organização singular, não importando o partido que se tome, um dos dois sexos ficará sempre frustrado.

Tal é a última palavra da nossa sociedade.

Talvez pudéssemos evitar esses terríveis extremismos apressando a hora do casamento.

Não, responderão eles, o arranjo de nossa sociedade é contrário a essa medida. Outros terão a ousadia de afirmar que a monogamia é insuficiente para o homem.

Nesse caso, bastaria apenas proclamar o amor livre e, ao mesmo tempo, a igualdade dos dois sexos e a responsabilidade dos indivíduos.

O Oriente se esforçou em resolver o problema, em seu detrimento, instituindo a poligamia, ou seja, a pluralidade de mulheres, que seria mais correto chamar poliginia, uma vez que estas não gozam das vantagens da poligamia. Essa poliginia é obtida pelo sequestro de mulheres, encaradas como cabeças de gado, e pela mutilação de seus guardas. Esses procedimentos inimagináveis e selvagens são violações do ser humano.

Resultam dessa promiscuidade feminina, constantemente exasperada por uma expectativa vã, e da companhia desses seres despojados de sua característica sexual, atos contra a natureza capazes até de despertar o nojo e ódios terríveis gerados pela rivalidade.

Comme justification de cette législation barbare, on arguë que les femmes étant en plus grand nombre que les hommes, il est nécessaire que ceux-ci fassent multiple emploi. Cette assertion est absurde. S'il naît plus de femmes, c'est qu'il en meurt davantage, les fonctions de leur organisme étant ptus compliquées et provoquant des accidents morbides dont l'autre sexe est indemne. Du reste, cette natalité plus considérable soi-disant dans certaines contrées, a pour contre-poids le contraire ailleurs; de telle sorte que, s'il y a surabondance d'un côté, il y a chômage de l' autre. Dans quelques parties de l'Amérique, l'élément féminin fait défaut ; de sorte qu'on recourt à l'importation il arrive aussi que, pour les motifs les plus honteux, on organise la traite des blanches, et que de nombreux établissements, lèpre de notre civilisation et son éternel opprobre, cherchent, è des sources exotiques; des sujets variés, susceptibles de raviver les désirs et les possibilités de leur clientèle réduite au dernier degré de l'exténuation.

L'Occident, tout en pratiquant légalement et officiellement la monogamie, autorise néanmoins tout homme à user de la polygamie occulte et même ostensible, tout em méprisant les femmes qui s'y prêtent. Ainsi donc, depuis des temps immémoriaux, la société pivote sur deux règles qui s'excluent et deux codes qui s'annulent. La moitié de l'humaaité condamne d'une part ce qu'eue provoque de l'autre.

L'homme a établi une loi et il passe sa vie à la transgresser. Il impose aux femmes une vertu rigide, et, par mille moyens, il essaye de la leur faire perdre.

A cet effet, il organise tout un système de corruption et il y associe la loi et la police pour sa sécurité personnelle. De cette sorte, la prostitution est instituée autrement dit, la femme au service de tout homme, à toute heure.

La prostitution une fois admise et approuvée comme établissement d'utilité publique, force est bien d'accepter tout le personnel qu'elle comporte.

Como justificativa para essa legislação bárbara, argumenta-se que, estando as mulheres em maior número que os homens, é necessário que estas possam delas fazer múltiplos usos. Essa asserção é absurda. Se mais mulheres nascem, é porque mais mulheres morrem, sendo as funções de seu organismo mais complicadas e causando acidentes mórbidos dos quais o outro sexo é livre. Além disso, supostamente, essa maior natalidade em certas regiões tem o peso oposto em outros lugares; de modo que, se houver excesso de um lado, há escassez de outro. Em algumas partes da América, o elemento feminino faz falta; então, recorre-se à importação. Acontece também que, pelas razões mais vergonhosas, organiza-se o tráfico de brancas; além disso, muitos estabelecimentos, lepra de nossa civilização e seu eterno opróbrio, buscam, em fontes exóticas, tipos/sujeitos variados, suscetíveis de reacender os desejos e as possibilidades de seus clientes reduzidos ao último grau de exaustão.

O Ocidente, enquanto pratica legal e oficialmente a monogamia, autoriza, no entanto, qualquer homem a usar a poligamia oculta, e até ostensiva, desprezando as mulheres que se prestam a ela. Portanto, desde tempos imemoriais, a sociedade oscila em torno de duas regras que se excluem e de dois códigos que se anulam. Metade da humanidade condena, por um lado, o que provoca por outro.

O homem estabeleceu uma lei e passa a vida transgredindo-a. Impõe às mulheres uma virtude rígida que tenta, de mil maneiras, fazê-las perder.

Para esse fim, organiza todo um sistema de corrupção e associa a lei e a polícia para sua segurança pessoal. Desse modo, a prostituição é instituída, em outras palavras, a mulher a serviço de qualquer homem, a qualquer momento.

A prostituição, uma vez admitida e aprovada como estabelecimento de utilidade pública, obriga também a se aceitar todo o pessoal com ela envolvido.

L'Orient a ses eunuques, l'Occident ses souteneurs, deux spécimens dégradés. J'un physiquement, l'autre moralement, et qui se confondent dans la même indignité. Quel est donc l'état des mœurs? En réalité, il n'y a pas de mœurs il y a confusion, incohérence, contradiction.

Que doit-on entendre par mœurs ? L'usage de la vie, manière normale d'être envers les personnes et les choses, conformément aux lois de la nature et à certains principes supérieurs de justice. Malheureusement, ces principes supérieurs sont absolument noyés dans des préjugés transmis d'âge en âge, de génération en génération; préjugés invétérés que la science n'a pas encore fait disparaître, puisqu'elle a même essayé de les légitimer. La méthode expérimentale l'a empêchée de continuer dans cette voie. La société contient donc, sous une surface brillante, tous les germes de désordre et de décomposition.

Cette distribution anormale des rôles, cette répartition inique des fonctions et des responsabilités ne peut amener que le gâchis.

En résumé, la société n'a pas d'assise: rien ne peut s'édifier sur la contradiction. Et il se trouve que la règle n'est qu'un dérèglement.

Ce qu'il y a de curieux, c'est que, tout en ne cessant de répéter que la femme est un être faible en volonté, en caractère, en raison, qu'elle est toute de sensibilité, d'impressionnabilité et d'imagination, on lui impose l'exercice d'une vertu qui doit être le plus contraire à la nature qu'on lui prête. Cette vertu ayant pour objet de combattre les attractions les plus irrésistibles, exige, à l'inverse, une force militante des plus développées. C'est une contradiction de plus à enregistrer avec les autres.

Tel est donc le dilemme : ou les femmes déchues ou les hommes criminels. Pour en sortir, on s'est arrêté à une sorte de compromis.

On a imaginé que sur la totalité des femmes, une, notable partie, faute de surveillance, de protection dans l'enfance et dans la jeunesse, et faute de moyens d'existence, car la prétendue intériorité physique et morale de la femme ne lui vaut que des travaux subalternes et mal

O Oriente tem seus eunucos, o Ocidente, seus cafetões, dois espécimes degradados, um fisicamente, o outro moralmente, e que se confundem na mesma indignidade. Qual é, então, o estado da moral? Na realidade, não há moral; há confusão, incoerência, contradição.

O que devemos entender por moral? O uso da vida, o modo normal de ser para com as pessoas e as coisas, de acordo com as leis da natureza e com certos princípios superiores de justiça. Infelizmente, esses princípios superiores são absolutamente afogados em preconceitos transmitidos de uma época a outra, de geração em geração; preconceitos inveterados que a ciência ainda não eliminou, já que até tentou legitimá-los. O método experimental a impediu de continuar nesse caminho. A sociedade, portanto, contém, sob uma superfície brilhante, todas as sementes de desordem e decomposição.

Essa distribuição anormal de papéis, essa repartição iníqua das funções e das responsabilidades só pode levar ao desastre.

Em resumo, a sociedade não tem fundamento: nada pode ser edificado sobre a contradição. E acontece que a regra não passa de uma desregulamentação.

O mais curioso é que, ao repetir constantemente que a mulher é um ser fraco na vontade, no temperamento, na razão, no caráter, que ela é toda sensibilidade, impressionabilidade e imaginação, impõe-se a ela o exercício de uma virtude que deve ser contrária à natureza que lhe é atribuída. Essa virtude, tendo por objeto combater as atrações mais irresistíveis, exige, ao contrário, uma força militante das mais desenvolvidas. Trata-se de uma contradição a mais para a lista.

Eis então o dilema: mulheres decaídas ou homens criminosos. Para escapar disso, firmou-se uma espécie de compromisso.

Imaginou-se que, de todas as mulheres, uma parte notável – por falta de vigilância, de proteção na infância e na juventude, e por falta de meios de subsistência, pois a alegada inferioridade física e moral das mulheres

rétribués, cette notable partie, répétons-nous, abandonnée et poussée à bout par la misère, finirait par fournir un personnel suffisant à la dépravation masculine, de façon que l'autre partie serait exclusivement réservée à la vertu.

Voici donc une société si sagement et si savamment organisée que l'honneur des unes est fondé sur le déshonneur des autres!

D'après cet arrangement, la pureté des mœurs chez ta femme est de toutes les vertus celle qu'on ne peut généraliser; elle n'est que l'attribut d'une certaine classe ; elle est circonscrite et ne doit pas sortir de son cercle ; car si elle s'étendait de plus en plus, que deviendraient les hommes ? Qu'est-ce donc qu'une vertu qu'il est imprudent de généraliser ?

Nous ne doutons pas une minute qu'il n'y ait nécessité d'augmenter le chiffre des gens probes, loyaux, dévoués; nous certifions même qu'il y aurait là des garanties de progrès. A l'encontre, quand il s'agit d'augmenter indéfiniment le nombre des femmes vertueuses, on entrevoit tout de suite une perturbation et un trouble dans l'économie générale.

Il résulte de cet état de choses, scandaleusement contradictoire, que la généralité des femmes appartenant au prolétariat – cette classe étant la plus nombreuse – offre des proies faciles à saisir au vice éhonté. Qui osera soutenir, en effet, que des enfants, des fillettes, opprimées et déprimées par l'ignorance, la misère, les mauvais exemples et exposées à toute heure aux contacts de la rue, puissent opposer une résistance aux sollicitations de la dépravation expérimentée et professionnelle ?

Ces victimes, fatalement vouées à l'ignominie, se recrutent parmi les ouvrières des campagnes et surtout parmi celles des villes, employées dans les fabriques, les usines, les mines, les ateliers, parmi les domestiques, les employées de commerce, les demoiselles de magasin, les artistes musiciennes, peintres, chanteuses, actrices, les professeurs, les institutrices privées.

apenas lhes concede trabalhos subalternos e mal remunerados –, abandonada e levada ao limite pela miséria, acabaria por fornecer pessoal suficiente à depravação masculina, de modo que a outra parte seria reservada exclusivamente à virtude.

Eis, portanto, uma sociedade tão sabiamente e tão habilmente organizada, que a honra de algumas se baseia na desonra de outras!

De acordo com esse arranjo, a pureza moral nas mulheres é, de todas as virtudes, a que não pode ser generalizada; pois é apenas o atributo de determinada classe; é circunscrita e não deve sair de seu círculo; pois, se se espalhar cada vez mais, o que seria dos homens? O que é, então, uma virtude que é imprudente generalizar?

Não duvidamos nem por um minuto de que não seja necessário aumentar o número de pessoas probas, leais e dedicadas; até afirmamos que há garantias de progresso com relação a isso. Todavia, quando se trata de aumentar indefinidamente o número de mulheres virtuosas, percebe-se imediatamente uma perturbação e um distúrbio na economia geral.

Resulta desse estado de coisas, escandalosamente contraditório, que a maioria das mulheres pertencentes ao proletariado – sendo essa a classe mais numerosa – oferece presas fáceis ao vício desavergonhado. Quem se atreverá a sustentar, de fato, que crianças, meninas, oprimidas e deprimidas pela ignorância, pela miséria e pelos maus exemplos, além de expostas a todo momento ao contato da rua, podem se opor às solicitações da depravação experimentada e profissional?

Essas vítimas, fatalmente condenadas à ignomínia, são recrutadas entre as trabalhadoras do campo e, principalmente, das cidades, trabalhando em fábricas, usinas, minas, oficinas, entre as domésticas, empregadas do comércio, moças de loja, musicistas, pintoras, cantoras, atrizes, professoras e educadoras particulares.

Toutes, isolées, sans défense, elles sont livrées aux illusions du cœur, de l'imagination et tentées aussi par l'appât des plaisirs ; le spectacle d'un cynique dévergondage les rend, au fur et à mesure, sceptiques sur les mérites de la vertu. Peu, relativement, ne cèdent pas à l'entraînement, la loi naturelle les y poussant et bien souvent aussi leur intérêt ; car elles n'arrivent à rien sans concession de pudeur. Quand un chef d'atelier, un patron, un administrateur, un directeur de théâtre se sont mis en tête de posséder une femme, ils ne lui accorderont rien, l'évinceront même, si elle repousse leurs vœux. Si, dans ces conditions, une femme s'obstine à ne point quitter la ligne droite, si elle ne transige pas, elle peut se persuader, à l'avance, que, quels que soient son talent, son mérite, elle n'obtiendra que la dernière place, et encore si elle y arrive.

L'homme s'étant approprié les hautes positions, est maître ; et toute femme qui veut parvenir doit lui céder ou renoncer. J'aurais des milliers d'exemples à citer.

La femme qui doit vivre de son travail en est réduite à cette dure extrémité. Dans ce singulier milieu, les quatre cinquièmes ont forcément des irrégularités de conduite ; et, quand quelques-unes arrivent au mariage, elles l'ont presque toujours devancé. Dans tous les pays occidentaux les choses se passent ainsi. [...]

Todas elas, isoladas, indefesas, são entregues às ilusões do coração, da imaginação, e, também, tentadas pela sedução dos prazeres; o espetáculo de uma cínica desonra as torna gradualmente céticas quanto aos méritos da virtude. Poucas, relativamente, não cedem à prostituição, a lei natural as pressiona para isso e, muitas vezes, também seu interesse; porque elas não conseguem nada sem concessão de pudor. Quando um chefe de oficina, um patrão, um administrador, um diretor de teatro, decidem possuir uma mulher, eles não lhe concederão nada, até a desistirem se ela rejeitar seus votos. Se, nessas condições, uma mulher insistir em não sair da linha reta, se não transigir, ela pode convencer-se, antecipadamente, de que, seja qual for seu talento, seu mérito, ela apenas conseguirá o último lugar, isso se chegar lá.

O homem que se apropriou das altas posições é mestre; e qualquer mulher que deseje subir deve ceder ou renunciar. Eu teria milhares de exemplos para citar.

A mulher que tem que viver de seu trabalho é reduzida a essa dura extremidade. Nesse ambiente singular, quatro quintos necessariamente apresentam irregularidades de conduta; e, quando algumas chegam ao casamento, quase sempre o anteciparam. Em todos os países ocidentais, as coisas acontecem assim. [...]

Tradução para o português:
Alice Maria de Araújo Ferreira e Germana Henriques Pereira

Traductrices

Tradutoras

Traductrices

Luciana Calado Deplagne

Docteure en Théorie Littéraire à l'Université Fédérale de Pernambuco, stage doctoral à l'Université Blaise-Pascal (Clermont-Ferrand), stage post-doctoral à l'Université Nouvelle de Lisbonne (bourse Capes) et à l'Université de Poitiers (bourse CNPq). Professeur au Département de littérature classique et vernaculaire (DLCV) et au Programme de 3^e Cycle en Lettres (PPGL) à l'Université Fédérale de Paraíba (UFPB). Traductrice de *La Cité des Dames* (Pizan), *L'Esclavage des Nègres* (de Gouges), *Le Rire de la Méduse* (Cixous). Coordinatrice du Groupe Christine de Pizan (CNPq).

Marie Helene Catherine Torres

Docteure en Études de la Traduction de la Katholieke Universiteit Leuven (KUL) en Belgique. Professeure des Universités en Études de la Traduction à l'Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC). Chercheuse au Conseil National pour le Développement Scientifique et Technologique (CNPq) et traductrice d'ouvrages théoriques français/portugais (Berman, Casanova), de littérature pour enfants (Hugo, Leprince de Beaumont) et de littérature de voyage (Marie Octavie Coudreau).

Alice Maria de Araújo Ferreira

Docteure en Linguistique de l'Université de São Paulo (USP). Elle est actuellement professeure du Département de Langues Etrangère et Traduction (LET) et du 3^e Cycle en Etudes de la Traduction (Postrad) de l'Université de Brasília (UnB). Elle coordonne le groupe d'études Traduction Ethnographique et Poétiques du Devenir (CNPq-DPG/UnB) où elle développe des recherches dans le domaine de la Traduction,

Tradutoras

Luciana Calado Deplagne

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco, estágio doutoral na Universidade Blaise-Pascal (Clermont-Ferrand), estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa (bolsa Capes) e na Universidade de Poitiers (bolsa CNPq). Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernácula (DLCV) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tradutora de *A cidade das damas* (Pizan), *A escravidão dos negros* (de Gouges), *O riso da medusa* (Cixous). Coordenadora do Grupo Christine de Pizan (CNPq).

Marie Helene Catherine Torres

Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Católica de Lovaina (Katholieke Universiteit Leuven, KU Leuven, Bélgica). Professora titular em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e tradutora de obras teóricas do francês/português (Berman, Casanova), de literatura infanto-juvenil (Hugo, Leprince de Beaumont) e de literatura de viagem (Marie Octavie Coudreau).

Alice Maria de Araújo Ferreira

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP) Atualmente é professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), onde atua na graduação (Tradução-francês) e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Postrad), da Universidade de Brasília (UnB). Coordena o grupo de pesquisa Tradução Etnográfica e Poéticas do Devir (CNPq-DPG/UnB), no qual desenvolve trabalhos sobre as seguintes temáticas: crítica e tradução do exílio; tradução e migração; tradução etnográfica e etnoterminologia.

notamment : La traduction ethnographique et ethno-terminologie ; traduction et migration ; critique et traduction de l'Exil.

Amanda Bruno de Mello

Docteure en Lettres de l'Université Fédérale de Minas Gerais et professeure à l'UFSC. Elle concentre ses recherches dans les domaines de la traduction, de la traduction théâtrale et des études de genre. Elle a contribué à la traduction de la *Lettre à la femme qui voulait faire de sa fille une courtisane*, de Veronica Franco, et de quelques extraits des *Actes d'un procès pour viol* et des lettres d'Artemisia Gentileschi. Elle est également instructrice d'autodéfense pour les personnes LGBTQIA+ et les femmes cisgenre.

Ana Cristina Cardoso

Titulaire d'un master recherche en Littérature à l'UFPB et d'un doctorat en traductologie à l'UFSC. Professeure adjointe à l'UFPB, *campus* João Pessoa, au Département de Médiations Interculturelles est, surtout, attachée aux licences Traduction et Langues Étrangères Appliquées (LEA).

Ana Rieger Schmidt

Docteure en Histoire de la Philosophie Médiévale de l'Université Paris-Sorbonne IV. Professeure à l'Université Fédérale de Rio Grande do Sul. Son principal domaine de recherche est l'histoire de la philosophie médiévale et l'importance philosophique de la pensée de Christine de Pizan (1363-1430). Auteure de la traduction partielle du *Mutation de Fortune* (1403) de Christine de Pizan, faite du moyen français vers le portugais. Membre du Groupe Christine de Pizan (CNPq).

Amanda Bruno de Mello

Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e professora da UFSC. Concentra suas pesquisas nas áreas de tradução, tradução de teatro e estudos de gênero. Participou da tradução da *Carta à mulher que queria fazer da filha uma cortesã*, de Veronica Franco, e de trechos dos *Autos de um processo por estupro* e das cartas de Artemisia Gentileschi. É também instrutora de autodefesa para pessoas LGBTQIA+ e mulheres cisgênero.

Ana Cristina Cardoso

Mestre em Letras pela UFPB e doutora em Estudos da Tradução pela UFSC. É professora adjunta da UFPB, *campus* de João Pessoa, lotada no Departamento de Mediações Interculturais, onde atua, sobretudo, nos cursos de Tradução e de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais.

Ana Rieger Schmidt

Doutora em História da Filosofia Medieval pela Universidade de Paris-Sorbonne IV. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua principal área de investigação é a História da Filosofia Medieval e a importância filosófica do pensamento de Christine de Pizan (1363-1430). Fez a tradução parcial do *Mutação da fortuna* (1403), de Christine de Pizan, a partir do francês médio para o português. Membro do Grupo Christine de Pizan (CNPq).

Arina Alba

Traductrice et interprète, titulaire d'un master en Traduction à l'École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs (Esit) – Sorbonne Nouvelle et d'une licence ès Lettres à l'UFPB. Ses langues de sources sont l'anglais, le français, l'espagnol, l'italien, le portugais et l'hébreu. L'anglais, le français et le portugais sont ses langues cibles. Ses domaines d'expertise sont : les sciences humaines, le droit (contrats) et la traduction médico-pharmaceutique. En tant qu'interprète, elle travaille en anglais, français et portugais.

Camila Macek

Diplômée en Lettres portugais-français de l'Université de l'État de São Paulo, exerce les rôles de traductrice et réviseuse. Elle consacre ses études principalement à l'écriture de soi, à la traduction et à la trajectoire des femmes artistes.

Cláudia Grijó Vilarouca

Docteure en Littérature, dans le domaine de la théorie littéraire, de l'UFSC. Maîtresse de conférences (enseignante-chercheuse titulaire) en littératures francophones à l'Université Fédérale du Pará (UFPA), à la Faculté de Lettres Étrangères Modernes. Coordinatrice du groupe de recherche Études en littérature et philosophie (Nelif, CNPq) et traductrice (français/portugais).

Émilie Audigier

Docteure en Littérature de l'Université Aix-Marseille et Université Fédérale de Rio de Janeiro. Professeure de Lettres francophones à l'Université Fédérale du Maranhão, elle travaille pour le master et la licence en lettres de l'UFMA, au Brésil. Elle a dirigé le Bureau du livre de l'Ambassade de France au Brésil. Traductrice de littérature en France et au Brésil, elle dirige le Centre de Recherche en Traduction littéraire (Versa, CNPq).

Arina Alba

Tradutora e intérprete, mestre em Tradução pela Escola de Intérpretes e Tradutores (Esit) – Sorbonne Nouvelle, e graduada em Letras pela UFPB. Traduz do inglês, francês, espanhol, italiano, português e hebraico para inglês, francês e português. Suas áreas de especialidade são: ciências humanas, direito (contratos) e tradução médico-farmacêutica. Como intérprete, trabalha com os idiomas inglês, francês e português.

Camila Macek

Graduada em Letras português-francês pela Universidade Estadual de São Paulo, atua como tradutora e revisora. Dedicou seus estudos principalmente às escritas de si, à tradução e à trajetória de mulheres artistas.

Cláudia Grijó Vilarouca

Doutora em Literatura, na área de Teoria Literária, pela UFSC. Professora adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas. É líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Literatura e Filosofia (Nelif, CNPq) e tradutora (francês/português).

Émilie Audigier

Doutora em Letras na área de Tradução Literária pela Universidade de Aix-Marseille (França) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Letras na Universidade Federal do Maranhão, atuando na graduação e na pós-graduação. Foi responsável pelo Escritório do Livro Francês na Embaixada da França do Brasil. É tradutora de literatura na França e no Brasil, e dirige o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Tradução Literária (Versa, CNPq).

Germana Henriques Pereira

Master et doctorat en Littérature à l'UnB, Licence et Maîtrise en Français Lettres Modernes de l'Université de Rennes 2, en France. Professeure associée à l'Université de Brasília, où elle enseigne au Département des langues étrangères et de traduction. Elle a été coordinatrice du Postrad/UnB. Elle a suivi un stage post-doctoral junior à l'Université de Rennes 2 (bourse CNPq) et stage post-doctoral senior (bourse Capes) à l'UFSC et à l'Université de Montréal, Canada. Elle est directrice des Presses de l'Université de Brasilia.

Lavínia Teixeira Gomes

Professeure de langue française à l'UFPB. Docteur en Traductologie de l'UFSC. Master en Didactique des Langues et Cultures par l'Université Paris III Sorbonne-Nouvelle. Maîtrise de français langue étrangère à l'université de Poitiers. Diplômée en lettres, licence en portugais et français de l'UFPB. Parmi ses intérêts figurent : l'enseignement et l'apprentissage du français comme langue étrangère ; enseignement des langues étrangères dans la formation des traducteurs ; développement de matériel didactique avec des objectifs spécifiques.

Marta Pragana Dantas

Titulaire d'un master recherche en Théorie Littéraire à l'UFPE et d'un doctorat en littérature française à l'Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Professeure titulaire au Département de Lettres Étrangères Modernes et au Programme de 3^e cycle en Lettres de l'UFPB avec post-doctorat en Sociologie de la Traduction au Centre de Sociologie Européenne (France).

Germana Henriques Pereira

Mestre e doutora em Literatura pela UnB, licenciada em francês pela Universidade de Rennes 2, na França, professora associada na UnB, onde leciona no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Foi coordenadora do Postrad/UnB e é pós-doutora pela Universidade de Rennes 2 (bolsa CNPq) e pós-doutora sênior (bolsa Capes), pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e pela Universidade de Montréal, Canadá. É diretora da Editora UnB.

Lavínia Teixeira Gomes

Professora de Língua Francesa da UFPB. Doutora em Estudos da Tradução pela UFSC. Mestre em Didática de Línguas e Culturas pela Universidade Paris III Sorbonne-Nouvelle. Maîtrise em Francês Língua Estrangeira pela Universidade de Poitiers. Possui graduação em Letras, licenciatura em Português e Francês pela UFPB. Dentre os seus interesses destacam-se: ensino e aprendizagem do francês língua estrangeira; ensino de línguas estrangeiras na formação de tradutores; desenvolvimento de material didático com objetivos específicos.

Marta Pragana Dantas

Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco e doutora em Literatura Francesa pela Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. É professora titular do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, com pós-doutorado em Sociologia da Tradução pelo Centro Europeu de Sociologia (França).

Maysa Morais da Silva Vieira

Titulaire d'un Master et d'un Doctorat en Études Culturelles et de Genre, par le Programme d'Études Supérieures en Lettres de l'UFPB. Licenciée en Lettres – Langue Portugaise à l'UFPB. Membre du groupe de Recherche Christine de Pizan (CNPq). Développe des recherches dans le domaine des Littératures Africaines d'Auteurs Femmes, des Études Féministes et Décoloniales.

Ria Lemaire

Etudes de Lettres à l'Université de Leiden et thèse de doctorat sur les voix des femmes dans la poésie médiévale à l'Université de Utrecht aux Pays-Bas. Directrice du Département de Littératures Portugaise, Brésilienne et Luso-Africaines de cette université, avant de devenir directrice du Fonds Raymond Cantel de littérature de cordel brésilienne et son programme de recherche « Oralité et Écrit : études comparées en traditions orales » à l' Université de Poitiers en France. Membre du Groupe Christine de Pizan (CNPq).

Sabine Gorovitz

Professeure du Département de Langues Etrangères et de Traduction de l'Université de Brasília. Diplômée en Langues Etrangères Appliquées à l'Economie et aux Relations Internationales de l'Université Paul-Valéry – Montpellier III; master en Communication de l'Université de Brasília; et doctorat en Sociolinguistique de l'Université Paris Descartes – Sorbonne. Stage postdoctoral au Centre National de Recherche Scientifique (CNRS – laboratoire SEDYL-CELIA, Paris), et à la PUC-Rio.

Maysa Morais da Silva Vieira

Doutora e mestra em Estudos Culturais e de Gênero, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa Christine de Pizan (CNPq). Tem pesquisas desenvolvidas na área de Literaturas Africanas de Autoria Feminina, Estudos Feministas e Decoloniais.

Ria Lemaire

Formação em Letras na Universidade de Leiden e tese de doutorado sobre as vozes de mulheres na poesia medieval na Universidade de Utrecht, na Holanda. Dirigiu o Departamento de Literaturas Portuguesa, Brasileira e Luso-Africanas dessa universidade, antes de tornar-se diretora do Fundo Raymond Cantel de literatura de cordel brasileira e seu programa de pesquisa “Oralidade e escrita: estudos comparados em tradições orais” na Universidade de Poitiers (França). Membro do Grupo Christine de Pizan (CNPq).

Sabine Gorovitz

Professora associada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB. Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas à Economia e Relações Internacionais pela Universidade Paul-Valéry – Montpellier III, tem mestrado em Comunicação pela UnB e doutorado em Sociolinguística pela Universidade Paris Descartes – Sorbonne. Fez estágio pós-doutoral no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS – laboratório SEDYL-CELIA, Paris, França), e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Sheila Maria dos Santos

Professeure adjointe au Département de Langue et Littérature étrangères et au Programme d'études de la traduction (PGET) à l'UFSC. Master à l'Université Paris IV – Sorbonne, en Littérature Comparée et doctorat en Études de la Traduction (PGET/UFSC). Coordonne le groupe de recherche Traduction et Littérature Comparée et le projet Club du Livre.

Préfacière et auteure du texte des rabats du livre

Norma Telles

Historienne (USP), master et doctorat en Sciences Sociales à la PUC-SP où elle a enseigné entre 1978 et 2006 au Département d'Anthropologie et au Programme doctoral en Sciences Sociales. Chercheuse et spécialiste des écrivaines brésiliennes du XIX^e siècle et des femmes des arts. Traductrice et écrivaine, elle est l'auteure, entre autres, de *Cartographie Brasilis* ; *Enchantements* ; *Comptines minimales des vents d'automne* ; *Femmes voyageuses : sept voyages insolites* ; *Ronde des Sorcières*.

Constância Lima Duarte

Docteure en Littérature Brésilienne (USP). Professeure du Programme Doctoral en Lettres : Études Littéraires, à l'Université Fédérale de Minas Gerais, et coordinatrice du groupe de recherche « Femmes en Lettres ». Auteure de *Presse féminine et féministe au Brésil, siècle XIX*, *Dictionnaire d'écrivaines portugaises* et de plusieurs études sur la pionnière Nísia Floresta.

Sheila Maria dos Santos

Professora adjunta do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do PGET/UFSC. Mestre pela Universidade Paris IV – Sorbonne, com habilitação na área de Literatura Comparada e doutora em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC. Coordena o grupo de pesquisa “Tradução e Literatura Comparada” e o projeto “Clube do Livro”.

Prefaciadora e autora do texto de orelha

Norma Telles

Historiadora (USP), mestre e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde lecionou entre 1978-2006 junto ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pesquisadora e estudiosa de escritoras brasileiras dos séculos XIX, e de mulheres nas artes. Tradutora e escritora, é autora, entre outros, de *Cartografia brasilis*; *Encantações*; *Mínimas rimas dos ventos de outono*; *Mulheres viajantes: sete jornadas insólitas*; e *Ronda das feiticeiras*.

Constância Lima Duarte

Doutora em Literatura Brasileira pela USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenadora do grupo de pesquisa “Mulheres em Letras”. Autora do *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*, *Dicionário de escritoras portuguesas* e de vários estudos sobre a pioneira Nísia Floresta.

Referências

Referências

ALÓS, Anselmo. ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária Feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, n. 49, p. 15-31, jan.-jun. 2017.

ANTUNES, Luíza. Grandes Viajantes: Frances Trollope, a escritora esquecida. **360 meridianos**, 17 out. 2016. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/frances-trollope-escritora-esquecida>. Acesso em: 5 out. 2022.

ASSMANN, Selvino José. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã: por Marie Gouze, “Olympe de Gouges” (1791). **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 4, n. 1, Florianópolis, 2007.

BACHELARD, G. **L’Intuition de l’instant**. Paris: Édition Gonthier, 1971.

BALAYE, Simone. Comment peut-on être Germaine de Staël ? Une femme dans l’institution littéraire. **Revue Romantisme**, v. XXII, n. 77, p. 15-23, 1992.

BALAYE, Simone. **Germaine de Staël: écrire, lutter, vivre**. Geneva: Droz, 1994.

BARD, Christine. **Dictionnaire des féministes: France XVIII^e-XXI^e siècle**. Paris: Presses universitaires de France, 2017.

BASTIT-LESOURD, Marie-Françoise. Fanny Raoul: Journaliste, femme de lettres bretonne. **Les cahiers de l'Iroise**, n. 219, jan.-mar. 2015. Disponível em: <https://www.cahiersdeliroise.org/les-cahiers-de-l-iroise/ann%C3%A9es-2010/2015/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Referências

- BEACH, Cecilia *et al.* **Bibliographie d'André Léo**, s.d. Disponível em: http://www.andreleo.com/IMG/pdf/BibliographieAndreLeo_30_dec_2013_2.pdf. Acesso em: 23 out. 2022.
- BERMAN, Antoine Berman. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995.
- BIRULÉS, F. (comp.). **El genero de la memoria**. Espanha: Pamiela, 1995.
- BLENNERHASSET, Charlotte. **Germaine de Staël et son temps (1766-1817)**. Tradução de August Dietrich. Paris: Westhausser, 1890.
- BLOCH-DANO, Evelyne. **Flora Tristan: une femme libre**. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2001.
- BROWN-GRANT, Rosalind. **Christine de Pizan and the Moral Defence of Women: Reading beyond Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CARON, Jean-Claude. Maria DERAISMES, Ève dans l'humanité. **Revue d'histoire du XIX^e siècle**, n. 37, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rh19/3536>. Acesso em: 22 out. 2022.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (v. 3, O Romantismo: a época da classe média.)
- CHAUVAUD, Frédéric *et al.* (org.). **Les vies d'André Léo: Romancière, féministe et communarde**. Rennes: Pu De Rennes, 2015.
- COLLIN, Françoise. Histoire et mémoire ou la marque et la trace. **Recherches féministes**, v. 6, n. 1, p. 13-24, 1993.
- COLLIN, Françoise. Historia y memoria o la marca y la huella. In: BIRULÉS F. (Org.). **El genero de la memoria**. Barcelona: Editorial Pamiela, 1995. p. 155-171.

- COSSET, Charlotte; MALANDAIN, Gilles. André Léo journaliste: engagement et témoignage (1866-1871). **Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique**, n. 132, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chrhc/5402>. Acesso em: 22 out. 2022.
- CRISCENTI, Antonia. Sophie de Grouchy et Olympe de Gouges: la pensée au féminin à l'origine d'un modèle éthico-politique et pédagogique complexe. Tradução de Christel Taillibert. **Cahiers de Narratologie**, n. 40, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/narratologie/12830>. Acesso em: 14 ago. 2022.
- DAFLON, Verônica Toste; CAMPOS, Luna Ribeiro. Gênero e conhecimento: um diálogo entre o pensamento de Flora Tristan e Harriet Martineau. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 70, p. 424-443, 2020.
- DALOTEL, Alain. **André Léo (1824-1900)**: la Junon de la Commune. Chauvigny: Association des Publications Chauvinoises, 2004.
- D'ANGELO, Helô. Mary Wollstonecraft: autora de um dos primeiros textos feministas. **Revista Cult**, 5 set. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. O parto de Christine: O exercício do diálogo retórico como construção do conhecimento no livro *A cidade das damas* (1405), de Christine de Pizan. **Brathair**, v. 20, n. 1, p. 252-274, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2449/1703>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- DERAISMES, Marie. **Ève dans l'humanité**. Paris: L. Sauvaitre, 1891. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k629454>. Acesso em: 23 out. 2022.

Referências

- DEVINCENZO, Giovanna. Marie de Gournay: portrait d'une femme héroïque. **Œuvres & Critiques**, v. XXXV, n. 1, 2010, p. 20-27.
Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235191585.pdf>.
Acesso em: 27 fev. 2023.
- DIDIER, B. Les femmes et la diffusion des Lumières. **Man and Nature/ L'homme et la nature**, Editeur Canadian Society for Eighteenth-Century Studies/Société Canadienne D'Étude du Dix-Huitième Siècle, n. 7, p. 23-52, 1988.
- DORIGNON, Camille. Présentation. In: RAOUL, Fanny. **Opinion d'une femme sur les femmes**. Le Pré Saint-Gervais: Le Passager Clandestin, 2011.
- DULAC, Liliane. De l'art de la digression dans *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage Roy Charles V*. **Revue des Langues Romanes**, n. 1, p. 115-126, 1993.
- FRAISSE, Geneviève (org.). **Opinions des femmes**: de la veille au lendemain de la Révolution Française. Paris: Côté-Femmes Éditions, 1989.
- FRAISSE, Geneviève. Le sort des femmes. In: RAOUL, Fanny. **Opinion d'une femme sur les femmes**. Le Pré Saint-Gervais: Le Passager Clandestin, 2011.
- GARRETA, M-M. **Textos y espacios de mujeres**. Barcelona: Icaria Editorial, 1995.
- GOUGES, Olympe de. **Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne**. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/essentiels/anthologie/declaration-droits-femme-citoyenne-0>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- GOURNAY, Marie. A queixa das damas. Tradução de Cinelli Tardioli Mesquita e Martha Tremblay-Vilao. **Outra margem**: revista de filosofia, Belo Horizonte, n. 8, p. 332-336, 1º sem. 2018. Disponível em: <https://revistaoutramargem.files.wordpress.com/2018/12/22-N8-A-QUEIXA-DAS-DAMAS-Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

GOURNAY, Marie. Egalité entre hommes et femmes. Tradução de Pedro Muniz. In: ROVERE, Maxime (org.). **Arqueofeminismo**: mulheres filósofas e filósofos feministas, séculos XVII-XIII. São Paulo: N-1 Edições, 2019. p. 19-44.

HIVERT-MESSECA, Yves. Lumières sur la pionnière du Droit Humain. **La Chaîne d'Union**, n. 53, p. 5-7, 2010. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-chaine-d-union-2010-3-page-5.htm>. Acesso em: 22 out. 2022.

IRIGARAY, Luce. **Ce sexe qui n'en est pas un**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1977.

KELLY, Joan. Did Women have a Renaissance?. In: BRIDENTHAL Renate; KOONZ, Claudia (eds.). **Becoming Visible**: Women in European History. Boston: Houghton Mifflin Co., 1977.

KONDER, Leandro. **Flora Tristan**: uma vida de mulher, uma paixão social. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

KRAKOVITCH, Odile. Maria Deraismes. **Le Maitron**, 18 fev. 2009. Disponível em: <https://maitron.fr/spip.php?article24606>. Acesso em: 22 out. 2022.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência. Lisboa: Chiado, 2015.

LELOUP, Fabienne. **Maria Deraismes**: riche, féministe et franc-maçonne. Paris: Michel de Maule, 2015.

LÉO, André. **La femme et les mœurs**: liberté ou monarchie. Paris: Le Droit des Femmes, 1869. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3054845j/f13.item>. Acesso em: 23 out. 2022.

LERNER, Gerda. **La creacion de la consciencia feminista**: desde la Edad Media hasta 1870. Pamplona, Katakarak Liburuak: 2019.

Referências

LIMA, Claudia Costa. A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 579-586, maio-ago. 2013.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O senhor de Herbais**. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

MAGDA, R. M. R. **Mujereres em la Historia del Pensamiento**. Barcelona: Anthropos, 1997.

MARCHAND, Sophie. Être acteur à la Comédie-Française au XVIII^e siècle. In: BELLAVIA, Sonia; SANTIS, Vincenzo de; MARCHETTI, Marta. **Teatro è Storia**: Scritti in onore di Mara Fazio. Roma: Bulzoni Editore, 2018. p. 43-55.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifest der Kommunistischen Partei**. Londres: Office der “Bildungs-Gesellschaft für Arbeiter”, 1848.

MICHEL, Louse. **Mémoires de Loïuse Michel**: écrits par elle-même. Paris: F. Roy, 1886.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveria. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017.

MOERS, Ellen. **Literary Women**. New York: Oxford University Press, 1977.

MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica (ao livro *O martelo das feiticeiras*). **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 91, p. 177-187, jul.-dez. 2014, p. 177-187.

MUSNIK, Roger. André Léo, la communarde. **Le blog de Gallica**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/blog/14082020/andre-leo-la-communarde?mode=desktop>. Acesso em: 23 out. 2022.

NEWMAN, Barbara. **From Virile Woman to Woman Christ**. Philadelphia: Penn, 1995.

- NOISET, Marie-Thérèse. Marie de Gournay et le caprice des siècles. **Études françaises**, v. 29, n. 3, p. 193-205. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1994.
- ORR, Clarissa Campbell. Introduction: cross-channel perspectives. *In*: ORR, Clarissa Campbell (ed.). **Wollstonecraft's Daughters: Womanhood in England and France – 1780-1920**. Manchester; New York: Manchester University Press, 1996. p. 1-42.
- PART, Andrée (org.). **Regards sur Maria Deraismes: la liberté de penser**. Paris: Éd. Conform, 2010.
- PIEROTTI, Nadège. Une femme libre, une franc-maçonne. **La chaîne d'union**, n. 76, p. 13-15, 2016. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-chaine-d-union-2016-2-page-13.htm>. Acesso em: 22 out. 2022.
- PIUCCO, Nanceli. Germaine de Staël. *In*: TORRES, Marie Helene C.; SOUSA, Aída Cunha; SALLES, Kall (orgs.). **Antologia Mnemósine de escritoras francesas do século XVIII**. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas de História da Tradução, 2015.
- PIZAN, Christine. **A cidade das damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.
- PUECH, Jules. **La vie et l'œuvre de Flora Tristan, 1803-1844: l'union ouvrière**. Paris: Librairie Marcel Rivière, 1925.
- RAOUL, Fanny. **Opinion d'une femme sur les femmes**. Paris: Guiguet et cie., 1801. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k42671f/f3.texteImage>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- ROVERE, Maxime (org.). **Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas séculos XVII-XVIII**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

Referências

ROY, Maurice (ed.). **Oeuvres poetiques de Christine de Pisan**. Paris: Firmin Didot & cie., 1891.

SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan. **Mulheres na filosofia**, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SCHMIDT, Ana Rieger. O Livro da Transformação de Fortuna, de Christine de Pizan. **Revista Philia**, v. 2, n. 2, p.578-600, 2020.

SINGER, Claude (org.). **Maria Deraismes: journaliste pontoisienne, une féministe et libre-penseuse au XIX siècle**. Paris: Karthala, 2011.

SNITER, Christel. Maria Deraismes, une féministe monumentale. **Bulletin Archives du féminisme**, n. 5, jun. 2003. Disponível em: <https://www.archivesdufeminisme.fr/sommaires-des-bulletins/bulletin-05/sniter-c-maria-deraismes-feministe-monumentale/>. Acesso em: 22 out. 2022.

TARDIF, Marie-Pier. Du mariage bourgeois à l'émancipation des femmes: pour une critique libertaire du patriarcat chez André Léo. **Revue Postures**, n. 24, outono 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/49588122/Du_mariage_bourgeois_%C3%A0_l%C3%A9mancipation_des_femmes_pour_une_critique_libertaire_du_patriarcat_chez_Andr%C3%A9_L%C3%A9o. Acesso em: 23 out. 2022.

TELLES, Norma. **Roda das feiticeiras**. Minas Gerais: Editora Luas, 2021.

TARRADE, Françoise. **André Léo: une femme entre deux luttes, socialisme et féminisme**. Cœuvres-et-Valsery: Ressouvenances, 2020.

TORRÃO FILHO, Amilcar. As peregrinações de uma pária de Flora Tristan e a construção de uma feminista. **Revista Estudos feministas**, v. 26, n. 1, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n143809>. Acesso em: 27 fev. 2023.

TORRES, Marie Helene C. Por que ler e traduzir Germaine de Staël?. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 ago. 2005. DC Cultura, nº 133.

TRISTAN, Flora. **Émancipation de la femme ou le testament de la paria**. Paris: Bureau de la Direction de *La Vérité*, 1846.

TRISTAN, Flora. **Le Tour de France**. Paris: Éditions Tête de Feuilles, 1973.

TRISTAN, Flora. Necessidade de acolher bem as mulheres estrangeiras. Tradução de Lilian Villanova e Luna Ribeiro Campos. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 159-180, jul.-dez., 2021.

TRISTAN, Flora. **Nécessité de faire un bon accueil aux femmes étrangères**. Paris: Delaunay, 1835.

TRISTAN, Flora. **Peregrinações de uma pária**. Tradução de Maria Nilda Pessoa e Paula Berinson. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres; Edunisc, 2000.

TRISTAN, Flora. **Pérégrinations d'une paria**. Paris: Arthus Bertrand, Librairie-Éditeur, 1838.

TRISTAN, Flora. **Promenades dans Londres**. Paris: H.-L. Delloye éditeur; Londres: W. Jeffs libraire, 1840. p. 316-323.

TRISTAN, Flora. **União dos operários**. Tradução de Rosa Alice Mosimann. Florianópolis: Insular, 2017.

TRISTAN, Flora. **União operária**. Tradução de Miriam Nobre. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2015.

VARGAS MARTÍNEZ, Ana. **Marie de Gournay**: escritos sobre la igualdad y en defensa de las mujeres. Edição e notas de Montserrat Cabré i Pairet e Esther Rubio Herráez. Madrid: CSIC, 2014.

Referências

VARIKAS, Eleni. Prefácio. *In*: TRISTAN, Flora. **União operária**. Tradução de Miriam Nobre. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 2015.

WAGNER, Tamara S. The Silver Fork Novel. **The Victorian Web**, 12 dez. 2002. Disponível em: <https://victorianweb.org/genre/silverfork.html>. Acesso em: 5 out. 2022.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Défense des droits des femmes**. Paris: Chez Buisson, lib., rue Haute-Feuille, n^o 20; Lyon: Chez Bruyset, rue Saint-Dominique, 1792.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Tradução de Andreia reis do Carmo. São Paulo: Edipro, 2015.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Tradução de Ivania Pocinho Mota. São Paulo: Boitempo, 2016.

WÜNSCH, Ana Miriam. “O que Christine de Pizan nos faz pensar”. *In*: **Anais do II Seminários de Estudos Medievais da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba, 2012.

Notes

Notas

Notes

- 1 Actuellement désigné LGBTQIA+.
- 2 Les mémoires de leurs luttes ont été consignées dans le livre autobiographique de leur compagne anarchiste Louise Michel: « Quand nos amis furent condamnés à mort pour avoir voulu proclamer la République avant que Bonaparte eût achevé son œuvre, on nous chargea, André Léo, Adèle Esquiros et moi, de porter à Trochu une protestation couverte de milliers de signatures » (Michel, 1886, p. 164); « Les premiers groupements du Droit des femmes avec M^{mes} Jules Simon, André Léo, Maria Deraismes se réunissaient souvent à l'école professionnelle de la rue Thévenot » (Michel, 1886, p. 153).
- 3 Titre du livre *A Room of One's Own*, de Virginia Woolf, publiée en 1928.
- 4 Disponible à l'adresse suivante: <http://grupochristinedepizan.com.br>. Accès : 16 sept. 2022.
- 5 De Paris au Pérou, du Japon jusqu'à Rome, Le plus sot animal, à mon avis, c'est l'homme.
- 6 M. de Bernis, de la façon de madame de Pompadour.
- 7 Abraham eut des enfans très légitimes d'Agar, servante de sa femme.
- 8 Dans le souper magique de M. de Merville, Nino a demandé qu'elle est la maitresse de Louis XVI? On lui répond, c'est la Nation, cette maitresse corrompra le gouvernement si elle prend trop d'empire.
- 9 « Comédiens Français » désignent les acteurs de la Comédie Française. Au XVIII^e siècle, selon les règles de la Comédie Française,

les comédiens n'intervenaient pas seulement sur la scène, mais intervenaient aussi explicitement dans les décisions concernant l'institution, comme dans l'acceptation des pièces à monter, dans les textes reçus, dans les spectacles présentés et dans la programmation, incarnant l'institution et défendant ses intérêts économiques et politiques. (N. d. T.)

- 10 « Souffrir mille trépas » c'est une expression du vieux français qui veut dire souffrir des terribles tourments. Is s'agit d'une métaphore pour une souffrance extrême comparable au fait de mourir mille fois comme si la mort elle-même est assimilable à la pire des souffrances. (N. d. T.)
- 11 Titre emprunté à Simone Balayé (1925-2002), conservatrice à la Bibliothèque nationale de France.
- 12 Pourquoi ? Cela se sent de reste. Par sottise d'abord, parce que la sottise ne connoit d'autre mérite que la force physique, d'autre supériorité que celle qu'elle donne ; elle ne soupçonne pas même qu'il en puisse exister une morale. L'ignorance des premiers tems a donc produit cette exclusion. De demi-lumières ayant ensuite fait sentir que, moins un être a de moyens de suffire à ses besoins, plus il est dépendant de ceux qui y pourvoient, on a ôté aux femmes l'exercice de toute profession dont le lucre eût assuré leur indépendance afin qu'elles n'existassent qu'à l'appui de leurs pères et de leurs époux, et que l'autorité de ceux-ci s'accrût en raison du besoin qu'elles en auroient. C'est ainsi que l'ignorance et la tyrannie marchent de front, et se prêtent réciproquement la main.
- 13 On pourroit ici me reprocher une inexactitude historique, ou même une ignorance absolue de l'histoire, en ce que les femmes ont régné et règnent encore dans certaines contrées mais comme cela n'a lieu que dans la plus petite partie du monde, et encore à

défaut de mâles ; que, d'ailleurs, ce ne peut jamais être que pour la royauté héréditaire, et que les femmes sont exclues de toutes autres charges, je n'ai donc pas tort d'affirmer qu'elles ne les ont pas remplies. Et si, dans le petit nombre des règnes féminins, on trouvoit plus de bien que de mal, que répondroient les détracteurs des femmes ?

- 14 J'ai entendu des hommes citer et applaudir ce mot d'un roi de Suède à la reine, sa femme, qui lui disoit son avis touchant quelque affaire d'Etat : « Madame, nous vous avons prise pour faire des enfans, et non pour nous donner des conseils ». La grossière stupidité de ce mot est bien digne d'un barbare du Nord.
- 15 Dans ce siècle où, pour être philosophe, on en n'est pas plus juste, on a encore pensé ainsi. Rousseau, en parlant des femmes auteurs ou à talens, a dit : « On connoit toujours l'homme de lettres qui tient la plume, ou l'artiste qui tient le pinceau ». Ce grand homme ne fut pas exempt d'erreur, et celle-ci est pardonnable, en ce qu'il la partage avec ceux qui l'ont précédé ; mais on commence à croire qu'une femme peut elle-même écrire ses ouvrages, et que, pour se faire une réputation littéraire elle n'a pas besoin qu'on lui abandonne les lambeaux de la médiocrité. Pour preuve, je pourrais citer ici plusieurs femmes reconnues, malgré d'injustes et absurdes préventions, pour auteurs des écrits qu'elles ont publiés ; telles que les Graftni, les Riecoboni, les Beauhurnais, les Montanclos, les Bourdic, les Dufresnoy, les Genlis, les Staël, les Pipelet ; telles que beaucoup d'autres, sans doute, que j'ai le malheur d'ignorer, et auxquelles je paierois avec le même plaisir le juste tribut d'éloges qu'elles méritent. Femmes ! l'injustice et l'envie vous poursuivront peut-être encore, mais vous les forcerez enfin au silence.

- 16 Quelques hommes, du petit nombre de ceux qui rendent justice aux femmes, pensent comme moi à cet égard. J'ai lu avec plaisir dans un ouvrage assez récent : « Les femmes doivent recevoir la même éducation morale que les hommes, afin qu'elles obtiennent, sinon l'égalité de droits, au moins l'égalité des lumières ». Voilà donc un homme qui sent qu'elles peuvent justement prétendre cette égalité ! Je sais gré à l'auteur de l'avoir pensé ; mais je me permettrai de lui observer que son idée implique contradiction. Pourquoi l'égalité des lumières, si elle ne fait pas *obtenir* celle des droits ? Elle devient alors, non-seulement inutile, mais pénible et cruelle, puisqu'elle éclaire sur les horreurs d'une situation d'autant plus affreuse, qu'on n'y peut rien changer. L'esclave qui connoit et sent sa dépendance, est sans contredit mille fois plus à plaindre que celui qui lui ignore ; et il y auroit peut-être de l'humanité à lui ôter tout moyen d'acquérir cette connoissance. Au reste, je ne pense pas seulement que l'éducation morale doive être la même pour les deux sexes ; je maintiens encore que l'éducation physique doit l'être aussi, à bien des égards. « Mademoiselle, me dit un jour un homme d'esprit, auquel je développais mes idées à ce sujet ; qu'on nous exerce à la course, qu'on nous accoutume aux bains froids, rien de mieux ; nous devons être des Hercules : mais pour vous autres femmes, réduisez la mollesse en principe, et songez que vous devez être des Vénus. – Fort bien, lui répondis-je ; mais songez aussi que c'est au sein des Vénus que les Hercules puisent la vie ; et si celles-là sont foibles et débiles, le moyen que ceux-ci soient forts et robustes ? » Il ne répliqua rien à cela. Lycurgue, le plus sage des législateurs, sentit cette vérité ; il rendit l'éducation commune aux deux sexes : aussi les Spartiates furent-ils les plus forts comme les plus courageux des Grecs ; aussi furent-ils les derniers à subir un joug étranger. A cette cause physique de leur supériorité, se joignoit une cause morale non moins puissante ; la considération qu'ils avoient pour

les femmes : non qu'elles y fussent, politiquement parlant, mieux traitées qu'ailleurs ; mais elles y avoient du moins une existence civile ; et c'est le seul peuple civilisé où elles furent comptées pour quelque chose. Aussi cette réponse, tant admirée, d'une Spartiate à une Romaine, qui lui témoignoit sa surprise du crédit qu'elles avoient dans leur nation, eût-elle été plus juste, si au lieu de, « C'est que nous sommes les seules femmes qui mettent des hommes au monde », elle avoit dit : « C'est que nous sommes les seules femmes qu'il y ait au monde ; toutes les autres ne sont que des esclaves, et l'on ne respecte jamais ceux-ci ».

- 17 Peut-être aussi parce qu'ils ont en elles des rivaux, et sur-tout des juges éclairés ; ce qui déplaît toujours aux despotes.
- 18 Et elle est encore bien circonscrite par l'usage qu'en font des hommes mêmes qui ne rougissent pas de se dégrader à ce point. Les modistes, les coiffeurs, les brodeurs, tailleurs de femmes, sont si répandus aujourd'hui, que leur nombre égale presque celles qui exercent ces métiers. Que reste-t-il donc aux femmes qui voudroient y recourir ? La misère ou l'infamie. Ne seroit-il pas plus sage que les réquisitions frappassent cette race d'hommes dégénérés, que d'enlever à un père, à une mère surannés, l'unique soutien de leur vieillesse ?
- 19 Tant pis, diront ces homines ignorans et bornés, qui, n'étant eux-mêmes susceptibles d'aucune idée, ne voient dans les femmes que des êtres voués à un travail purement mécanique ; tant pis, diront aussi ceux plus éclairés, et conséquemment plus adroits, qui, les regardant comme des esclaves soumis à leurs caprices, sentent qu'il faut étrécir leur esprit pour les avilir. Un certain nombre pourra dire : Tant mieux ; mais ce sera le plus petit.

- 20 Pourquoi les femmes n'exerceraient-elles pas la médecine ? Sûrement elles professeraient aussi bien que les hommes, et nos mœurs, blessés dans bien des cas, y gagneraient peut-être. Que nos belles-dames ne jettent pas les hauts cris, je ne prétends pas les livrer à des mains inhabiles ; qu'elles ne contribuent pas non plus à avilir leur sexe, en pensant comme les hommes, et d'après-eux, qu'il ne peut réussir dans cette carrière.
- 21 On sait que Flora Tristan a écrit un deuxième roman, *La fille de Lima*, dont le manuscrit a été inventorié après son décès, ayant néanmoins disparu.
- 22 Harriet Martineau (1802-1876), écrivaine et journaliste anglaise, est considérée comme la première sociologue femme. Elle a reçu une éducation formelle, contrairement à la plupart des femmes de son époque. Elle est devenue célèbre en son temps pour ses écrits sur l'économie, la politique et la société, abordant des thèmes tels que la démocratie et l'esclavage. Elle a traduit en anglais, dans un langage accessible au grand public, la pensée d'Auguste Comte, et a également popularisé des classiques de l'économie tels que Thomas Robert Malthus et David Ricardo. Parmi les nombreux titres qu'elle a écrits, on peut citer *Illustrations of political economy* (1832), *Society in America* (1837) et *How to observe morals and manners* (1838). Selon Daflon et Campos (2020, p. 425), à la fois Martineau et Flora Tristan « ont présenté des réflexions originales sur cette époque et qui restent pertinentes dans les débats sociologiques contemporains sur l'intersectionnalité, la positionnalité, la connaissance et la méthode de recherche sociale ». (N. d. T.)
- 23 Frances Trollope (1779-1863), écrivaine anglaise, a commencé sa carrière à l'âge de 52 ans afin de subvenir aux besoins de sa famille après la faillite de son mari. En 1832, elle publie son premier livre,

- le controversé *Domestic manners of the Americans*, dans lequel elle y fait une critique satirique de la société américaine. Parmi ses plus de cent livres, on trouve des romans de critique sociale, tels que *Jonathan Jefferson Whitlaw* (1836), le premier roman antiesclavagiste qui influencera Harriet Beecher Stowe, l'auteure de *Uncle Tom's Cabin*, *The life and adventures of Michael Armstrong*, *The factory boy*, le premier roman industriel publié en Angleterre, *The vicar of Wrexhill*, qui traite de la corruption de l'Église d'Angleterre, ainsi que deux romans anticatholiques, *The abbess* et *Father Eustace* (Antunes, 2016). (N. d. T.)
- 24 Catherine Grace Frances Gore (1799-1861), romancière et dramaturge anglaise, s'est intéressée à la littérature depuis son enfance. Connue pour son esprit vif, elle a écrit près de 70 romans, parmi lesquels *Cecil: or Adventure of a coxcomb* (1841), son roman le plus populaire (Wagner, 2002). (N.d.T.)
- 25 Flora Tristan fait référence aux *Polish tales*, publiés en 1833. (N. d. T.)
- 26 Tout porte à croire qu'il s'agit de l'écrivaine anglaise Mary Shelley (1797-1851). À ce propos, voir Orr (1996). (N. d. T.)
- 27 Mary Wollstonecraft (1759-1797) est considérée comme l'une des fondatrices du féminisme. Issue d'une famille anglaise aisée qui a connu des difficultés financières au fil du temps, elle a travaillé en tant que gouvernante dans des familles riches, ce qui lui a sans doute permis d'observer de près l'éducation précaire des femmes de l'époque. En 1787, elle publie *Thoughts on the education of daughters* [Réflexions sur l'éducation des filles, en traduction libre ; œuvre non publiée au Brésil], un livre dans lequel elle dénonce l'oppression structurelle des femmes, considéré comme l'un des premiers écrits abordant la condition des femmes européennes. *A Vindication of the Rights of Woman* [Réclamation des droits de la femme,

en traduction libre] est son œuvre la plus connue, traduite dans de nombreuses langues. Au Brésil, nous pouvons mentionner les traductions d'Andreia Reis do Carmo (Wollstonecraft, 2015) et d'Ivania Pocinho Mota (Wollstonecraft, 2016). (N. d. T.)

- 28 Flora Tristan se réfère à un extrait du poème lyrique *The state of innocence: and fall of man* [L'état d'innocence : et la chute de l'homme] (1667) de John Dryden (1631-1700), une adaptation pour l'opéra, jamais mise en scène, du poème épique *Paradise Lost* [Le paradis perdu] de John Milton. (N. d. T.)
- 29 J'ai été plusieurs fois refusée dans les collèges, malgré l'instante prière des parents de mes élèves qui désiraient des répétitions particulières pour leur fils.
- 30 Ce fait est public ; les journaux l'ont mentionné en 1857.
- 31 L'Association André Léo dispose d'un site web avec des informations sur l'auteure. Disponible sur : <http://www.andreleo.com>. Consulté le 14 déc. 2022.
- 32 Sans doute, la surveillance maternelle aussi, bien que paternelle, doit s'exercer beaucoup plus longtemps ; mais dans les données ordinaires, dès que l'enfant reçoit l'instruction des écoles, cette surveillance est restreinte à un petit nombre d'heures par jour.

Notas

- 1 Atualmente designado LGBTQIA+.
- 2 Muitas das memórias de suas lutas foram registradas no livro autobiográfico da companheira anarquista Louise Michel: “Quando nossos amigos foram condenados à morte por terem tentado proclamar a República antes de Bonaparte concluir sua obra, fomos incumbidas, André Léo, Adèle Esquiros e eu, de levar a Trochu uma petição com milhares de assinaturas como protesto” (Michel, 1886, p. 164, tradução nossa); “Os primeiros grupos do ‘Direito das mulheres’, com as Sras. Jules Simon, André Léo e Maria Deraismes, costumavam se reunir na escola profissional da rua Thévenot” (Michel, 1886, p. 153, tradução nossa).
- 3 Título do livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, publicado em 1928.
- 4 Disponível em: <http://grupochristinedepizan.com.br>. Acesso em: 16 set. 2002.
- 5 De Paris ao Peru, do Japão a Roma, o animal mais estúpido, na minha opinião, é o homem.
- 6 Senhor de Bernis, à maneira de madame de Pompadour.
- 7 Abraão teve filhos legítimos de Agar, a serva de sua esposa.
- 8 Durante a ceia mágica de M. de Merville, Ninon pergunta se ela é amante de Luís XVI. Podemos respondê-lo: é a Nação, esta é a amante que corromperá o governo se ela tomar todo o império.
- 9 *Comédiens Français* designam os atores da *Comédie Française*. No século XVIII, pelo regulamento da *Comédie Française*, os comediantes não atuavam apenas no palco, mas também intervinham

explicitamente nas decisões relativas à instituição, como no aceite das peças a serem encenadas, nos textos recebidos, nas performances a serem apresentadas e na programação, encarnando a instituição e defendendo seus interesses econômicos e políticos (Marchand, 2018). (N. da T.)

- 10 “*Souffrir mille trépas*” é uma expressão do francês antigo que significa sofrer tormentos terríveis. Trata-se de uma metáfora que significa o sofrimento extremo comparável ao fato de morrer mil vezes como se a morte fosse o pior dos tormentos. (N. da T.)
- 11 Título emprestado a Simone Balayé (1925-2002), conservadora na Biblioteca Nacional em Paris, França.
- 12 Por quê? É bastante evidente. Por insensatez, a princípio, porque a insensatez não conhece outro mérito além da força física, outra superioridade além da que ela oferece; ela não desconfia sequer que possa existir uma moral. A ignorância dos tempos antigos produziu, então, essa exclusão. As meias-luzes que se seguiram fizeram sentir que, quanto menos um ser possui meios de atender às suas necessidades, mais ele se torna dependente daqueles que podem supri-las; foi negado às mulheres o exercício de qualquer profissão cujos proventos assegurassem sua independência, de modo que elas subsistissem apenas com o auxílio de seus pais e de seus maridos, e que a autoridade desses aumentasse em razão da dependência que deles elas têm. É assim que a ignorância e a tirania se dão as mãos e caminham lado a lado.
- 13 Poderiam me apontar aqui uma imprecisão histórica, ou mesmo uma ignorância absoluta da história, posto que as mulheres reinaram e reinam até hoje em alguns territórios, mas, como isso acontece apenas em uma parte muito pequena do mundo, e somente na ausência de homens, e isso, aliás, acontece apenas por realza

hereditária, e as mulheres são excluídas de todos os outros cargos, logo, não estou errada ao afirmar que as mulheres não os ocupam. E, se nos pouquíssimos reinos femininos houvesse mais sucesso do que fracasso, o que diriam os detratores das mulheres?

- 14 Eu ouvi alguns homens citarem e aplaudirem a fala de um rei da Suécia à rainha, sua esposa, quando esta lhe dizia sua opinião em relação a algum assunto do Estado: “A senhora é encarregada de fazer filhos, e não de dar conselhos”. A estupidez grosseira dessas palavras é digna de um bárbaro do Norte.
- 15 Neste século em que, para ser filósofo, não é mais preciso ser justo, ainda pensamos assim. Rousseau, falando das mulheres autoras ou talentosas, disse: “Nós sabemos sempre quem é o homem de letras que segura a pena, ou o artista que segura o pincel para elas”. Esse grande homem não foi isento de erros e é perdoável, na medida em que o compartilhou com aqueles que o precederam; mas se começa a acreditar que uma mulher pode, ela mesma, escrever suas obras e que, para construir uma reputação literária, não precisa que lhe reservem as migalhas da mediocridade. Como prova, eu poderia citar aqui várias mulheres reconhecidas, apesar dos injustos e absurdos preconceitos, como autoras dos escritos que publicaram, tais como Grafini, Riecoboni, Beauharnais, Montanclos, Bourdic, Dufresnoy, Genlis, Staël, Pipelet, assim como muitas outras, sem dúvida, que eu tenho a infelicidade de desconhecer e às quais eu pagaria com o mesmo prazer o justo tributo de elogios que elas merecem. Mulheres! A injustiça e a inveja talvez ainda vos persigam, mas as força-reis, por fim, ao silêncio.
- 16 Certos homens, dentre os poucos que fazem justiça às mulheres, pensam como eu a esse respeito. Eu li com prazer numa obra bastante recente: “As mulheres devem receber a mesma educação

moral que os homens, a fim de que obtenham, senão a igualdade de direitos, ao menos a igualdade das luzes”. Eis aqui um homem que sente que elas podem, justamente, aspirar a tal igualdade! Eu sou grata ao autor por tê-lo pensado; mas me permitirei observar que sua ideia implica uma contradição. Por que a igualdade das luzes, se ela não leva à *obtenção* da igualdade de direitos? Ela se torna, então, não apenas inútil, mas penosa e cruel, já que esclarece os horrores de uma situação ainda mais terrível, que não podemos mudar. O escravo que conhece e sente sua dependência é, inegavelmente, mil vezes mais digno de pena que aquele que a ignora; e talvez haja alguma humanidade em privá-lo de todo meio de adquirir esse conhecimento. De resto, eu não acredito apenas que a educação moral deva ser a mesma para os dois sexos; eu insisto, ainda, que a educação física também deve sê-lo, em muitos aspectos. “Senhorita”, me disse um dia um homem de espírito a quem estava detalhando minhas ideias sobre esse assunto; “para nós, nada melhor do que praticar a corrida, do que nos acostumar aos banhos frios; nós devemos ser Hércules: mas vocês, mulheres, devem começar reduzindo a própria apatia, e pensar que devem ser Vênus”. “Muito bem”, lhe respondi, “mas pensem também que é do seio das Vênus que os Hércules bebem a vida; e, se elas são fracas e débeis, que meio têm estes de serem fortes e robustos?”. Ele não respondeu nada. Licurgo, o mais sábio dos legisladores, percebeu essa verdade; ele tornou a educação comum aos dois sexos: foi assim que os espartanos se tornaram tanto os mais fortes como os mais corajosos dos gregos; foi assim que se tornaram os últimos a sofrerem o jugo estrangeiro. A essa causa física de sua superioridade se somava uma causa moral não menos poderosa, a consideração que eles tinham pelas mulheres: não que elas fossem, politicamente falando, melhor tratadas lá que alhures; mas lá tinham, ao menos, uma existência civil; e esse foi o único povo civilizado onde elas foram levadas em

consideração para alguma coisa. Assim, a resposta tão admirada de uma espartana a uma romana que se surpreendeu com o crédito que as primeiras tinham em sua nação teria sido mais justa se, no lugar de “É que nós somos as únicas mulheres que põem homens no mundo”, ela tivesse dito: “É que nós somos as únicas mulheres que há no mundo; todas as outras são apenas escravas, e estas nunca são respeitadas”.

- 17 Talvez também porque, nelas, eles vejam rivais e, principalmente, juizes esclarecidos; o que desagrada sempre aos déspotas.
- 18 E ele ainda é bem circunscrito, por causa do uso que dele fazem os próprios homens, que não sentem vergonha de se degradarem a tal ponto. Os chapeleiros, os cabeleireiros, os bordadeiros, os alfaiates de mulheres estão tão disseminados atualmente que sua quantidade quase iguala o número daquelas que exercem tais ofícios. O que resta, então, para as mulheres que gostariam de recorrer a eles? A miséria ou a infâmia. Não seria mais sensato que as acusações atingissem essa raça de homens degenerados que tirar de um pai, de uma mãe idosos, o único sustento de sua velhice?
- 19 “Não importa”, dirão esses homens ignorantes e limitados que, não sendo suscetíveis a nenhuma ideia, não veem nas mulheres outra coisa senão seres condenados a um trabalho puramente mecânico; “não importa”, dirão os mais esclarecidos – e, conseqüentemente, mais sensatos – que, olhando-as como escravas submetidas a seus caprichos, sentem que é preciso reduzir seu intelecto para corrompê-las. Alguns poderão dizer: “ainda bem”, mas essa será a menor parte.
- 20 Por que as mulheres não poderiam exercer a medicina? Certamente a exerceriam tão bem quanto os homens, e nossos costumes, muitas vezes feridos, talvez ganhassem com isso. Que nossas adoráveis

senhoras não se indignem, eu não pretendo entregá-las a mãos inábeis; que elas também não contribuam para a degradação de seu sexo, pensando que não podem ter sucesso nessa carreira, assim como o fazem os homens.

- 21 Sabe-se que Flora Tristan escreveu ainda um segundo romance, *A mulher de Lima*, cujo manuscrito foi inventariado após sua morte, tendo, no entanto, desaparecido.
- 22 Também traduzida por Rosa Alice Mosimann sob o título *União dos operários* (2017).
- 23 Harriet Martineau (1802-1876), escritora e jornalista inglesa, é considerada a primeira mulher socióloga. Recebeu uma educação formal, diferentemente da maioria das mulheres de seu tempo. Tornou-se célebre em sua época por seus escritos sobre economia, política e sociedade, tratando temas como democracia e escravidão. Traduziu para o inglês, em uma linguagem acessível para o grande público, o pensamento de Auguste Comte, tendo também popularizado clássicos da economia como Thomas Robert Malthus e David Ricardo. Entre os vários títulos de sua autoria, destacam-se *Illustrations of political economy* [Ilustrações de política econômica] (1832), *Society in America* [Sociedade na América] (1837), *How to observe morals and manners* [Como observar a moral e os bons costumes] (1838). Para Daflon e Campos (2020, p. 425), tanto Martineau quanto Flora Tristan “apresentaram reflexões originais à época que permanecem relevantes nos debates sociológicos contemporâneos sobre interseccionalidade, posicionalidade, conhecimento e método na pesquisa social”. (N. das T.)
- 24 Frances Trollope (1779-1863), escritora inglesa que, aos 52 anos, iniciou a carreira como forma de garantir o sustento da família após a falência do marido. Em 1832, publicou seu primeiro livro, o

polêmico *Domestic manners of the Americans* [Os modos domésticos dos americanos], no qual tece uma crítica satírica à sociedade estadunidense. Entre seus mais de cem livros, destacam-se romances de crítica social, tais como *Jonathan Jefferson Whitlaw* (1836), primeiro romance antiescavidão, que influenciará Harriet Beecher Stowe, autora de *Uncle Tom's cabin* [A cabana do Tio Tom], *The life and adventures of Michael Armstrong* [A vida e as aventuras de Michael Armstrong], *The factory boy* [O garoto da fábrica], primeiro romance industrial publicado na Inglaterra, *The vicar of Wrexhill* [O vigário de Wrexhill], que trata da corrupção da Igreja da Inglaterra, assim como dois romances anticatólicos, *The abbess* [A abadessa] e *Father Eustace* [Padre Eustace] (Antunes, 2016). (N. das T.)

- 25 Catherine Grace Frances Gore (1799-1861), romancista e dramaturga inglesa, interessou-se pelas Letras desde a infância. Conhecida por ser uma escritora espirituosa, escreveu aproximadamente 70 romances, entre eles *Cecil: or Adventure of a coxcomb* [Cecil: ou aventura de um dândi] (1841), seu romance mais popular (Wagner, 2002). (N. das T.)
- 26 Flora Tristan faz referência aos *Polish tales* [Contos poloneses], publicados em 1833. (N. das T.)
- 27 Tudo leva a crer que se trata da escritora inglesa Mary Shelley (1797-1851). A esse respeito, ver Orr (1996). (N. das T.)
- 28 Mary Wollstonecraft (1759-1797) é considerada uma das fundadoras do feminismo. Proveniente de uma família inglesa abastada, mas que empobreceu ao longo do tempo, trabalhou como governanta em casas de famílias ricas, o que provavelmente serviu como campo de observação sobre a educação precária das mulheres da época. Em 1787, publicou *Thoughts on the education of daughters* [Reflexões sobre a educação das meninas], livro em que denuncia a opressão

estrutural das mulheres, sendo considerado um dos primeiros escritos abordando a condição da mulher europeia. *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792) é sua obra mais conhecida, estando traduzida para vários idiomas. No Brasil, identificamos as traduções de Andreia Reis do Carmo (Wollstonecraft, 2015) e de Ivania Pocinho Mota (Wollstonecraft, 2016). (N. das T.)

- 29 Para as citações de *Reivindicação dos direitos da mulher*, adotamos a tradução de Ivania Pocinho Motta (Wollstonecraft, 2016). (N. das E.)
- 30 Flora Tristan faz referência a trecho do poema lírico *The state of innocence: and fall of man* [O estado de inocência: e a queda do homem] (1667), de John Dryden (1631-1700), adaptação para ópera, jamais encenada, do poema épico *Paradise Lost* [O paraíso perdido], de John Milton. (N. das T.)
- 31 Eu fui, várias vezes, recusada em colégios, apesar do pedido insistente dos pais dos meus alunos que desejavam aulas particulares para seus filhos.
- 32 Esse fato é público: os jornais o mencionaram em 1857.
- 33 Não conhecemos nenhuma tradução integral de obras de André Léo para o português. Os títulos indicados são traduções literais dos títulos em francês, não nomes de obras publicadas no Brasil.
- 34 A Associação André Léo mantém um site com informações sobre a autora. Disponível em: <http://www.andreleo.com>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- 35 Sem dúvida, a vigilância materna também, assim como a paterna, deve se exercer por muito mais tempo; mas, ordinariamente, assim que as crianças passam a receber instrução das escolas, essa vigilância restringe-se a poucas horas por dia.

FALE
FACULDADE
DE LETRAS

UFMG UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS

PGET
Pós-Graduação em
Estudos da Tradução



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

POET
Pós-Graduação em
Estudos da Tradução



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras UFPB



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA**



edições câmara
LEGADO



Cadeau des déesses ?

Cette publication n'est-elle pas un cadeau des déesses ? Qui aurait pu imaginer que nous aurions un jour, si magnifiquement traduits et accessibles, les textes des plus importantes féministes françaises ?

Et le cadeau est venu complet. Avec une grande compétence, Luciana Calado et Marie Hélène Torres ont réuni un groupe exquis de penseuses avec leurs textes les plus emblématiques, traduits et étudiés par des chercheuses sensibles et expérimentées.

Nous avons ici, de la remarquable poétesse et philosophe Christine de Pizan, qui dans la première moitié du XVe siècle a osé critiquer la misogynie ; Marie de Gournay, également philosophe et défenseuse de l'égalité entre les hommes et les femmes ; Olympe de Gouges, qui a interpellé ses contemporains en claironnant haut et fort une " Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne " !

Il y a aussi Germaine de Staël – l'intellectuelle et romancière de renom qui ne resta pas silencieuse face à la Révolution française et fut décisive dans l'écllosion du Romantisme en France. Et Fanny Raoul, éminente journaliste et essayiste ; Flora Tristan, militante socialiste franco-péruvienne qui a fait le rapprochement entre les droits des femmes et ceux de la classe ouvrière. Et plus encore : Julie-Victoire Daubié, André Léo et Maria Deraismes, dont les textes ont également dynamisé de manière décisive le féminisme, contribuant à la défense de l'égalité hommes-femmes.

Une publication comme celle-ci, j'ai envie de le croire, avec tant de noms apparus aux prémices des idéaux féministes, révèle à quel point est lointaine la sève qui nous nourrit et nous soutient dans la construction du temps présent.

Constância Lima Duarte

*Traduction:
Luciana Calado Deplagne*

Presente de deusas?

É ou não é um presente de deusas esta publicação? Quem poderia imaginar que teríamos um dia, assim, lindamente traduzidos e acessíveis, os textos das mais importantes feministas francesas?

E o presente veio completo. Com muita competência, Luciana Calado e Marie Helene Torres reuniram um primoroso conjunto de pensadoras com seus textos mais emblemáticos, traduzidos e estudados por pesquisadoras sensíveis e experientes.

Temos aí a notável poetisa e filósofa Christine de Pizan, que na primeira metade do século XV ousou criticar a misoginia; Marie de Gournay, também filósofa e defensora da igualdade entre homens e mulheres; Olympe de Gouges, que desafiou os contemporâneos ao alardear em alto e bom som uma Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã!

Temos também Germaine de Staël – a renomada intelectual e romancista que não se omitiu diante da Revolução Francesa e foi decisiva na eclosão do Romantismo na França –, além de Fanny Raoul, ilustre jornalista e ensaísta; Flora Tristan, ativista socialista franco-peruana que vinculou os direitos das mulheres aos da classe trabalhadora. E mais: Julie-Victoire Daubié, André Léo e Maria Deraismes, cujos textos também impulsionaram o feminismo de forma decisiva, contribuindo para a defesa da igualdade de gênero.

Uma publicação como esta, quero crer, com tantos nomes surgidos nos começos do ideário feminista, vem revelar quão longínqua é a seiva que nos nutre e sustenta na construção do tempo presente.

Constância Lima Duarte